

NAYARA DE AMORIM SALGADO

**TRAJETÓRIAS JUVENIS DELINQUENTES EM UMA
CIDADE PERIFÉRICA (RIBEIRÃO DAS NEVES, MINAS
GERAIS, BRASIL)**

BELO HORIZONTE

2023

NAYARA DE AMORIM SALGADO

**TRAJETÓRIAS JUVENIS DELINQUENTES EM UMA
CIDADE PERIFÉRICA (RIBEIRÃO DAS NEVES, MINAS
GERAIS, BRASIL)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Sociologia da Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Federal de
Minas Gerais, como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Orientador: Professor Dr. Bráulio Figueiredo
Alves da Silva

Área de Concentração: Sociologia da
Criminalidade

Belo Horizonte

2023

301	Salgado, Nayara de Amorim.
Att3t	Trajetórias juvenis delinquentes em uma cidade periférica
2023	[recurso eletrônico] : (Ribeirão das Neves, Minas Gerais, Brasil) / Nayara de Amorim Salgado . - 2023.
	1 recurso online (241f.): pdf.
	Orientador: Bráulio Figueiredo Alves da Silva.
	 Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	 1.Sociologia – Teses. 2. Criminalidade urbana – Teses. 3. Delinquentes juvenis – Teses . 4. Juventude – Teses. I. Silva, Bráulio Figueiredo Alves da. I. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ATA DE DEFESA DE TESE

Aos 21 (vinte e um) dias do mês de novembro de 2023 (dois mil e vinte e três), reuniu-se a Banca Examinadora de Defesa de Tese de Doutorado da discente **Nayara de Amorim Salgado**, intitulada: "**TRAJETÓRIAS JUVENIS DELINQUENTES EM UMA CIDADE PERIFÉRICA (RIBEIRÃO DAS NEVES, MINAS GERAIS, BRASIL)**". A banca foi composta pelos (as) professores (as) doutores (as): **Bráulio Figueiredo Alves da Silva** (Orientador - DSO/UFMG), **Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro** (DSO/UFMG), **Claudio Chaves Beato Filho** (DSO/UFMG), **Luis Flávio Sapori** (PUC Minas) e **José Luiz de Amorim Rattton Jr.** (UFPE). Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da Banca Examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação da Defesa (x)
Reprovação da Defesa()

Belo Horizonte, 21 de novembro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Luis Flavio Sapori, Usuário Externo**, em 17/11/2023, às 16:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Braulio Figueiredo Alves da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 21/11/2023, às 15:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ludmila Mendonca Lopes Ribeiro, Professora do Magistério Superior**, em 27/11/2023, às 17:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudio Chaves Beato Filho, Professor(a)**, em 28/11/2023, às 16:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2724470** e o código CRC **460F06F1**.

Referência: Processo nº 23072.263674/2023-70

SEI nº 2724470

 Documento assinado digitalmente
JOSE LUIZ DE AMORIM RATTON JUNIOR
Data: 15/03/2024 12:34:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

AGRADECIMENTOS

Finalizo o curso de doutorado com o coração cheio de gratidão a Deus por ter me proporcionado a oportunidade de realizar o sonho de estudar na UFMG e por ter me sustentado durante todo esse processo.

Agradeço ao meu orientador, Bráulio Figueiredo Alves da Silva, que assim como no curso do mestrado, me orientou com alegria e sabedoria, sempre demonstrando confiança no meu trabalho.

Agradeço aos professores avaliadores da banca de defesa de tese. Ao querido professor Luis Flávio Saporì que sempre me acompanhou nessa jornada acadêmica, desde a graduação. Ao atleticano feliz, o professor José Luiz de Amorim Ratton Junior que foi grande incentivador dessa pesquisa. A professora Ludmila Ribeiro e ao professor Cláudio Beato por suas contribuições teóricas, atenção e correções.

Agradeço aos professores do departamento de Sociologia que fizeram parte da minha formação, especialmente a Ana Marcela Ardila, Ludmila Ribeiro e Nina Rosas, por todos os bons exemplos como professoras e pesquisadoras.

Agradeço imensamente aos meus pais, João Humberto e Maria Lúcia, que são minhas fontes inesgotáveis de força, amor e determinação, e que com toda sua simplicidade sempre me incentivaram e cuidaram em todas as minhas empreitadas.

Agradeço aos meus amigos sociólogos que me ajudaram no curso do doutorado, na pesquisa e na vida, Bruna Hausemer, Marcos Antônio Silva, Daniel Azevedo e Roberto Raimundo. Aos meus amigos queridos que foram importantes também no curso do doutorado, principalmente Arthur Xavier, Gisele Colares, Marselha Rodolfo, Jessica Santos, Ana Carolina Cardoso, Marcos Castilho, Ana Flavia Borges, Fernanda Souza, Sara Neves e Fernando Bretas.

Agradeço também aos meus amigos da igreja Onda Dura que sempre intercederam em oração pelos meus estudos.

Agradeço aos meus entrevistados que gentilmente dividiram suas histórias comigo, sendo que muitas delas serviram para reafirmar a minha fé, de que só em Jesus Cristo há esperança.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pois, sem o apoio financeiro por meio da bolsa de Doutorado esta pesquisa e o curso não seria realizável.

Essa tese faz parte do projeto "Trajetórias e narrativas de adolescentes: efeitos deletérios no curso de vida e a resposta infracional", financiado pela FAPEMIG (APQ-02325-18).

“Nós até sem chuteira, é só gol do meio de campo. Os menino é mil grau, espírito livre, tipo que empina moto com dois pé no banco. Sou referência pros menor, vivência é com os camarada, conceito na minha área e ainda sou rei na sua quebrada... Ó, quem aprende a escrever conhece o peso da caneta, o poder, a dor, o prazer, o que for, o que sair dessa gaveta. Entre os milhares de olhares, são milhões de frustrações, todo orgulho e migalha engolidos em trilhões de prestações. E no trilho desse trem, que balança mas não cai, igualzin trabalhador dentro dele, equilibrei minhas emoções e compus o meu jardim, flor da pele. Pelo menos, se sentir, emane e, de peito aberto, encare, o tempo e suas artimanhas. Temos o mundo, a vida, quase nada ou tudo isso junto. O que se sabe sobre sonhos? Ei, deixa eu fazer diferente. Tentar trazer luz pra gente, ser mais luz daqui pra frente, além dos postes, faróis traçantes, estrela cadente. Cada linha, uma semente. (Djonga, O menino que queria ser Deus, 2018)

“Eu vou procurar, você não bota uma fé, mas eu vou atrás. Eu vou procurar e sei que vou encontrar... a fórmula mágica da paz.” (Racionais Mc’s, Sobrevivendo no Inferno, 1997)

TRAJETÓRIAS JUVENIS DELINQUENTES EM UMA CIDADE PERIFÉRICA (RIBEIRÃO DAS NEVES, MINAS GERAIS, BRASIL)

RESUMO

Buscou-se realizar nesse estudo uma investigação sobre a integração de dois pressupostos teóricos da criminologia, que são as teorias da desorganização social e eficácia coletiva com a criminologia desenvolvimental e do curso de vida para a explicação da trajetória de indivíduos delinquentes. Para tanto foram utilizados dados quantitativos e qualitativos, incluindo entrevistas narrativas biográficas. O objetivo foi identificar os pontos de virada, influências do lugar, assim como fatores de risco e de proteção associados a criminalidade, ocorridos nas trajetórias de doze homens jovens e adultos que residem em Ribeirão das Neves, cidade periférica da região metropolitana de Belo Horizonte (Minas Gerais, Brasil) e que estão associados à entrada e a consolidação de uma trajetória infracional.

Assim como em outros trabalhos empíricos realizados anteriormente para o Brasil, para os indivíduos estudados, observou-se uma significativa influência de fatores prevaleciam grupos de fatores contextuais/situacionais de risco, inicialmente relacionados à família e escola, pois juntamente com o contexto ambiental, os problemas familiares, o abandono paterno, a exposição a violências e o baixo controle informal marcaram suas trajetórias, influenciando para que seu desempenho escolar fosse fraco, e que tendeu a evasão escolar de forma muito precoce. Conectados a essa realidade, foram detectados fatores de risco ligados a conexão com pares negativos que levava ou impulsionava ao uso e/ou tráfico de drogas, também em idade precoce. Após isso, os entrevistados afirmaram sobre experimentar ganhos financeiros, bem como status e reconhecimento dentro do mundo do crime, o que retroalimentava suas carreiras criminais. As trajetórias de vida estudadas foram marcadas também por perda de pessoas importantes, passagens pela detenção, sofrimento de vários tipos de violência traumáticas sendo que então, a maioria dos entrevistados dessa pesquisa optaram pela desistência da carreira criminal. A conversão religiosa na igreja evangélica se mostrou fundamental nesse processo de mudança para esse grupo de entrevistados, e que tem como consequência marcante, o fortalecimento de laços com o casamento e família. Um ponto chave do estudo foi a análise da influência causal da desordem da vizinhança e da fraca capacidade de eficácia coletiva como elementos que influenciam a conformação desse tipo de trajetória.

Ademais, os resultados encontrados neste trabalho estão em consonância com os achados teóricos e empíricos tanto da literatura nacional, quanto internacional.

Palavras-chave: trajetórias de vida, desorganização social; eficácia coletiva; jovens delinquentes, fatores de risco.

DELINQUENT JUVENILE TRAJECTORIES IN A PERIPHERAL CITY (RIBEIRÃO DAS NEVES, MINAS GERAIS, BRAZIL)

SUMMARY

In this study, we sought to carry out an investigation into the integration of two theoretical assumptions of criminology, which are the theories of social disorganization and collective efficacy with developmental and life course criminology to explain the trajectory of delinquent individuals. To this end, quantitative and qualitative data were used, including biographical narrative interviews. The objective was to identify the turning points, influences of the place, as well as risk and protective factors associated with crime, occurring in the trajectories of twelve young and adult men who live in Ribeirão das Neves, a peripheral city in the metropolitan region of Belo Horizonte (Minas Gerais, Brazil) and which are associated with the entry and consolidation of an infraction trajectory. As in other empirical works previously carried out in Brazil, for the individuals studied, a significant influence of factors prevailed: groups of contextual/situational risk factors, initially related to family and school, as together with the environmental context, the family problems, paternal abandonment, exposure to violence and low informal control marked their trajectories, influencing their school performance to be poor, and which tended to drop out of school at a very early age. Connected to this reality, risk factors linked to connections with negative peers that led or encouraged the use and/or trafficking of drugs were detected, also at an early age. After this, the interviewees stated about experiencing financial gains, as well as status and recognition within the world of crime, which fed back into their criminal careers. The life trajectories studied were also marked by the loss of important people, stints in detention, suffering from various types of traumatic violence, so that the majority of those interviewed in this research chose to give up their criminal career. Religious conversion in the evangelical church proved to be fundamental in this process of change for this group of interviewees, and which has the notable consequence of strengthening ties with marriage and family. A key point of the study was the analysis of the causal influence of neighborhood disorder and the weak capacity for collective efficacy as elements that influence the shaping of this type of trajectory. Furthermore, the results found in this work are in line with theoretical and empirical findings from both national and international literature.

Keywords: life trajectories, social disorganization; collective efficacy; young delinquents, risk factors.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO 1 - TEORIAS DA DESORGANIZAÇÃO SOCIAL E EFICÁCIA COLETIVA SOB ANÁLISE	14
1. Teoria da desorganização social	14
1.1 Críticas a teoria da desorganização social	18
2. Sobre a teoria da eficácia coletiva	20
2.1 A criminologia da desorganização social e eficácia coletiva pelo Brasil	28
3. Considerações finais do capítulo	34
 CAPITULO 2 - A CRIMINOLOGIA DESENVOLVIMENTAL E DO CURSO DE VIDA SOB ANÁLISE	 36
1. Notas sobre o objetivo da criminologia desenvolvimental e do curso de vida. 36	
1.1 O surgimento da criminologia desenvolvimental e do curso de vida	39
1.2 Os principais segmentos teóricos da criminologia desenvolvimental e do curso de vida	43
1.3 Os três conceitos fundamentais da criminologia desenvolvimental e do curso de vida	47
1.4 Os cinco princípios orientadores da criminologia desenvolvimental e do curso de vida	51
1.5 Noções fundamentais da criminologia desenvolvimental e do curso de vida	53
1.6. As principais conclusões da criminologia desenvolvimental e do curso de vida.....	55
2. Notas sobre desafios e possibilidades na utilização da metodologia qualitativa em análises da criminologia desenvolvimental e do curso de vida	57
3. A criminologia desenvolvimental e do curso de vida no Brasil	60
4. A criminologia desenvolvimental e do curso de vida em terras mineiras.....	69
5. Considerações finais do capítulo	72
 CAPÍTULO 3. FORÇAS DISTAIS, RESULTADOS PROXIMAIS - INTERSECÇÃO TEÓRICA ENTRE AS TEORIAS DA DESORGANIZAÇÃO SOCIAL E EFICÁCIA COLETIVA COM A CRIMINOLOGIA DESENVOLVIMENTAL E DO CURSO DE VIDA.....	 74
1. Sobre as tentativas de integração de teorias na área da criminologia	74
2. Objetivos do estudo.....	75
3. Forças distais, resultados proximais	76

4. Sobre as questões da falácia ecológica	82
5. Notas sobre o uso da criminologia desenvolvimental do curso de vida	86
6. Considerações finais do capítulo	89

CAPITULO 4 - UMA ANÁLISE DA CIDADE DE RIBEIRÃO DAS NEVES SOBRE A PERSPECTIVA DA TEORIA DE DESORGANIZAÇÃO SOCIAL E DA EFICÁCIA COLETIVA

1. A formação de Ribeirão das Neves.....	93
1.1 A formação de Ribeirão das Neves – a primeira etapa de adensamento populacional.....	94
1.2 Neves desbravada pelos agentes imobiliários - A segunda tendência de crescimento	99
1.3 Ribeirão das Neves e a verticalização - uma nova tendência de crescimento	104
2. Ribeirão das Neves na atualidade: desorganização física e social.....	106
2.1 Análise do Índice de Desenvolvimento Humano do município (IDHM) de Ribeirão das Neves	107
2.2 Panorama da educação em Ribeirão das Neves	109
2.3 Juventudes nevenses.....	112
2.4 Notas sobre questões de renda em Ribeirão das Neves.....	113
2.5 Urbanização, serviços públicos e questão ambiental em Ribeirão das Neves	115
2.6 Sobre a questão racial em Ribeirão das Neves	117
2.7 Estigmas e questões identitárias em Ribeirão das Neves.....	119
2.8 Pertencimento e separatismo - Afinal de contas, é Neves ou Justinópolis?	121
2.9 Sobre organizações comunitárias em Ribeirão das Neves.....	122
3. Dados da dinâmica criminal em Ribeirão das Neves.....	124
3.1 Cartografia dos homicídios na cidade de Ribeirão das Neves.	127
4. Considerações finais sobre a capítulo	141

CAPÍTULO 5 - NOTAS METODOLÓGICAS

1. Sobre a metodologia utilizada nessa pesquisa.....	143
2. Sobre os entrevistados e o processo de coleta de dados.....	146
3. Sobre o processo de análise de dados	151
4. Caracterização dos entrevistados	154

CAPÍTULO 6 – O LUGAR COMO INFLUÊNCIA PARA O CRIME	158
1. Percepção dos entrevistados sobre a influência do local onde cresceram em sua trajetória criminosa	158
2. Desvantagens cumulativas relacionados a condição do lugar e da vizinhança	161
3. Sobre o crescimento da criminalidade violenta na cidade de Ribeirão das Neves	166
4. Considerações finais sobre o capítulo	179
 CAPÍTULO 7 – PONTOS DE VIRADA E TRAJETÓRIA DELINQUENTE.....	181
1. Fatores de risco e pontos de virada relacionados a problemas familiares e desempenho escolar	184
2. Fatores de risco e pontos de virada relacionados a associação com pares e uso de drogas.	206
3. Fatores de risco e pontos de virada relacionados a influência do ganho de dinheiro, status, fama e proteção	214
4. Fatores de risco e pontos de virada relacionados a influência da perda de pessoas importantes do ciclo de convivência e passagem pela detenção.....	219
5. Fatores de risco e pontos de virada relacionados a desistência da trajetória criminal – “Jesus perdoa tio”.	226
6. Considerações finais do capítulo	236
 CAPÍTULO 8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	240
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	248
 APÊNDICE	264

INTRODUÇÃO

O envolvimento da juventude com a criminalidade não é uma novidade no Brasil. Somente em 2016, o número de adolescentes no sistema socioeducativo, de acordo com dados do Conselho Nacional de Justiça, eram 189 mil (Ministério de Direitos Humanos, 2016). Nas últimas décadas, durante o processo de consolidação urbana das regiões metropolitanas brasileiras, principalmente na região Sudeste, as periferias têm sido palco de episódios trágicos e violentos relacionados a esse fenômeno da criminalidade urbana. Esse cenário demonstra que o envolvimento de jovens com o crime leva a prejuízos individuais e coletivos, que compõe um problema social, e que pode materializar-se em perdas de vidas. Assim, trata-se de uma problemática relevante socialmente, em magnitude e em consequências.

A extensa literatura produzida sobre o tema do desenvolvimento de trajetórias de vida e especificamente sobre as trajetórias infracionais demonstram a influência de vários fatores para a consolidação desse processo, sendo eles tanto individuais quanto estruturais. Nessa pesquisa, a investigação transcorre a partir da compreensão sobre quais e como os aspectos ambientais de desorganização social e eficácia coletiva influenciam as trajetórias juvenis para a conformação de uma trajetória criminal, no sentido de compreender de que forma residir e viver em um território marcado por desvantagens sociais, dinâmicas de violência e tráfico de drogas interfere na construção social dessas trajetórias juvenis.

Assim, um ponto central desse estudo é a discussão epistemológica sobre a combinação de duas abordagens da sociologia da criminalidade para análise do fenômeno da entrada de jovens em trajetórias criminais, que são a teoria da desorganização social e eficácia coletiva e a teoria desenvolvimental do curso de vida. Concordando com Foucault (1979), nenhuma teoria pode se desenvolver sem encontrar uma espécie de muro, sendo preciso então, a prática para atravessar esse muro, nesse sentido busca-se uma análise sobre os limites e possibilidades de complementação entre as teorias utilizadas.

Neste estudo, nosso objeto de análise são os moradores de Ribeirão das Neves, uma cidade periférica da região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, que têm ou já tiveram uma trajetória infracional. A escolha do município para essa pesquisa aconteceu por ser um território marcado por dinâmicas demográficas e sociais que moldaram sua constituição ao longo do tempo, tornando-o um caso ideal para

nosso teste teórico. Atualmente, essa cidade se apresenta como um ambiente caracterizado pela desorganização social e baixa eficácia coletiva.

Diante de tal problemática, definiu-se como pergunta norteadora desse estudo: “Em que medida o ecossistema socioestrutural do território periférico do município de Ribeirão das Neves (Minas Gerais, Brasil) impacta a vida de jovens residentes contribuindo para a consolidação de uma trajetória de vida criminal?”. Nesse sentido, os principais direcionamentos que se busca investigar são: i) compreender quais aspectos de desorganização social e eficácia coletiva influenciam para a conformação de uma trajetória criminal; ii) identificar a percepção dos investigados sobre o efeito do lugar em sua vida e na constituição de sua trajetória desviante; iii) identificar e caracterizar o território estudado quanto a seus aspectos de desorganização social e eficácia coletiva; iv) analisar o impacto da vivência em local de desorganização social e baixa eficácia coletiva sob trajetória delinquente de jovens; v) explorar qualitativamente como o acúmulo de perdas e desvantagens alteram o curso de vida, conduzindo para uma trajetória de vida criminal.

Estudos brasileiros e especificamente em Minas Gerais têm sido realizados sob a perspectiva da desorganização social e eficácia coletiva (SILVA, 2004; CRUZ, 2010; ALVES, 2013; SALGADO e SILVA, 2018; SALGADO e SILVA, 2020; HAUSEMER, SALGADO, e SILVA 2021; SILVA, e MARINHO, 2016), assim como mais recentemente também sobre a teoria desenvolvimental do curso de vida (MURRAY e FARRINGTON, 2005; BAZON *et al.*, 2013; SAPORI, CAETANO, E SANTOS, 2020) e de tal modo, essa pesquisa segue essa linha. Do ponto de vista teórico e metodológico, este estudo se justifica como uma continuação de pesquisas nacionais sobre a desorganização social, eficácia coletiva e a teoria do curso de vida. O conhecimento é construído, entre outros fatores, por meio do trabalho contínuo e do avanço em estudos prévios.

Toda essa proposta de pesquisa tem como pano de fundo o aprofundamento do estudo sobre a sociologia da criminalidade juntamente com experiências prévias que apontaram nessa direção, como pesquisas anteriores sobre locais de vulnerabilidade social (SALGADO, 2016 e SALGADO, 2017), territórios psicotrópicos (SALGADO, 2013 e 2017; SALGADO e SILVA, 2018; SALGADO e SILVA, 2020), dinâmicas criminais (HAUSEMER e SALGADO, 2018; HAUSEMER, SALGADO e SILVA, 2021; AZEVEDO e SALGADO, 2021), juventudes (SALGADO e ELIZIO, 2021; SILVA e SALGADO, 2020 e 2021) e outras, assim como a partir das observações

sociológicas realizadas na vida cotidiana de Ribeirão das Neves e no trabalho de lecionar para o público jovem na cidade.

A tese está dividida em partes que se complementam.

No primeiro capítulo, tem-se a apresentação das teorias da desorganização social e eficácia coletiva, a partir de uma análise do surgimento da teoria da desorganização social até o desenvolvimento da teoria eficácia coletiva, além do exame de conceitos como a desvantagem cumulativa, a própria noção de eficácia coletiva, além de outros conceitos importantes. Buscamos também identificar na literatura da área alguns dos principais estudos dessa perspectiva teórica no Brasil e em Minas Gerais na atualidade.

No segundo capítulo, exploramos as potencialidades teóricas e metodológicas da perspectiva desenvolvimental do curso de vida, utilizadas nesse estudo incluindo seu surgimento, conceitos-chave, e também revisamos os principais estudos nessa perspectiva no Brasil e em Minas Gerais na atualidade.

Na terceira parte, apresenta-se uma proposição sobre a possibilidade de integração teórica sugerida no estudo. O capítulo tem como objetivo uma análise sobre as possibilidades de integração das teorias da desorganização social e eficácia coletiva e a criminologia desenvolvimental e do curso de vida para a investigação de trajetórias delinquentes. Argumentamos, com base na literatura, sobre as limitações e possibilidades dessa abordagem.

No quarto capítulo propõem-se uma análise da cidade de Ribeirão das Neves sob o ponto de vista das teorias da ecologia social e eficácia coletiva, com suas possibilidades e desafios de compreensão. Essa parte da pesquisa tem como proposição uma análise sobre o município mineiro a partir das dinâmicas sociais e demográficas que marcaram a sua constituição ao longo do tempo, relacionando-as com as teorias ecológicas do crime. Buscou-se demonstrar as dinâmicas de crescimento populacional peculiares da cidade escolhida, e suas características em relação à região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais.

O quinto capítulo descreve a metodologia da pesquisa, incluindo detalhes sobre o trabalho de campo e a análise das doze entrevistas em profundidade realizadas com moradores de Ribeirão das Neves que viveram ou têm uma trajetória criminosa, além de uma caracterização geral dos entrevistados.

No sexto capítulo tem-se a exposição das entrevistas e análises. Foram analisados os pontos de virada especificamente relacionados com o lugar e as características

ecológicas podem influenciar essas trajetórias, baseado nas teorias da desorganização social e eficácia coletiva.

O sétimo capítulo continua com a apresentação dos resultados, destacando os principais pontos de virada identificados pelos entrevistados e categorizando-os de acordo com a literatura da criminologia desenvolvimental e do curso de vida.

No oitavo capítulo, apresentamos as considerações finais do estudo. Após este capítulo, foram incluídas as referências bibliográficas e outros anexos utilizados na pesquisa.

CAPITULO 1 - TEORIAS DA DESORGANIZAÇÃO SOCIAL E EFICÁCIA COLETIVA SOB ANÁLISE

Nesta pesquisa, utilizaremos a abordagem ecológica como referência, bem como estudos posteriores que a aprimoraram. A teoria original passou por diversas modificações para corrigir suas imperfeições iniciais, e vamos traçar essa análise com base em suas reelaborações. Esses estudos têm como foco 'o lugar' como uma dimensão essencial para entender desvios e crimes em grandes centros urbanos.

Leva-se em conta nesse estudo, a relação entre violência e urbanização pois o entendimento que se tem é que a estrutura urbana faz parte do conjunto dos determinantes da criminalidade; assunto que tem sido muito estudado pela sociologia, e que demonstra a existência de padrões espaciais dos diferentes tipos de crime. As evidências da distribuição espaço-temporal dos crimes urbanos impulsionam a compreensão dos processos que os produzem.

A análise começa com o surgimento da teoria da desorganização social e se estende até o desenvolvimento da teoria da eficácia coletiva, que é relevante para nosso estudo. Abordamos conceitos como a desvantagem cumulativa, a própria noção de eficácia coletiva, além de outros conceitos importantes. Buscamos também identificar na literatura da área alguns dos principais estudos dessa perspectiva teórica no Brasil e em Minas Gerais. Essa síntese analítica é construída tendo por pressupostos a opção por estudos que mais se comunicam com o objeto deste estudo, que são as trajetórias delinquentes de jovens e adultos.

1. Teoria da desorganização social

A teoria da desorganização social é herdeira do pressuposto da integração social de Durkheim, onde entende-se que a sociedade depende da integração como instrumento para a criação de controle social. Esse entendimento se tornou fundamento de vários construtos teóricos em direção a explicações mais elaboradas para a criminalidade urbana. Com isso, para a utilização da abordagem ecológica na compreensão do desvio e da criminalidade, as primeiras referências são os trabalhos da sociologia americana produzidos pela Escola de Chicago na primeira metade do século XX. Nessa escola sociológica, os estudos de Park e Burgess (1925) servem posteriormente como base para os trabalhos de seus alunos, Shaw e Mckay, que iniciam os esforços epistemológicos na

busca de uma ecologia social do urbano, onde a explicação para a criminalidade estaria ligada a características particulares do ambiente urbano.

O trabalho mais famoso de Shaw e McKay (1942) é justamente sobre o tema da delinquência juvenil em áreas urbanas de Chicago, onde os autores analisam a ocorrência e a distribuição espacial do crime nesse grupo etário, propondo a elaboração de mapas e de outros instrumentos que melhor permitissem a visualização da cidade e dos problemas decorrentes da urbanização. Destarte a delinquência juvenil evoluiria como consequência de efeitos indesejados na organização dessas redes de contato a nível comunitário, seja familiar ou grupos de amigos. Os bairros socialmente desorganizados, nessa perspectiva, teriam a possibilidade de produzir valores criminosos, que poderiam ser passados de gerações para gerações e, assim, os jovens aprenderiam o comportamento delinquente com muita facilidade através da convivência com outros mais velhos. De acordo com esses estudiosos, a desorganização social aumentava a atração dos jovens para modelos de comportamento baseados em gangues juvenis, pois a estrutura de valores das instituições tradicionais, tais como trabalho, família, escola e igreja encontravam-se frágeis para promoverem uma via de inserção segura e monitorada na vida adulta. Nesse sentido, na origem dos estudos da delinquência juvenil até a atualidade, tem sido tradicionalmente debatida a falha das instituições sociais para apoiar e proteger os jovens, facilitando, assim, sua entrada no mundo da delinquência.

A base para Clifford Shaw e Henry McKay elaborarem o modelo de processo ecológico da estrutura urbana, foi a ideia inicial da qual Park e Burgess (1925) partiram, de que a rápida mudança na composição da população dificultava a criação de resistências contra grupos potencialmente ameaçadores, utilizando então a heterogeneidade étnica e racial como variável explicativa importante para determinação de taxas de criminalidade no arcabouço teórico deles. Para testar essas ideias em um esforço inovador na coleta de dados cujos resultados foram publicados em *Juvenile Delinquency and Urban Areas*, Shaw e McKay (1942) analisaram como as medidas de criminalidade distribuíram-se nas zonas da cidade. Esses autores mapearam os endereços de jovens delinquentes e utilizaram o esquema das zonas concêntricas para demonstrar que a distribuição do local de moradia dos jovens obedecia a certo padrão ao longo dos intervalos de tempo considerados, mantendo uma tendência de decréscimo com o afastamento do centro comercial da cidade, área socialmente desorganizada ou reconhecida por problemas estruturais, econômicos e sociais, o que causaria conflitos entre códigos morais durante o processo de socialização. A hipótese então era de que aspectos como a instabilidade

residencial, a heterogeneidade do grupo e o baixo status socioeconômico contribuiriam para o enfraquecimento da organização comunitária, aumentando os índices de delinquência.

Nesse sentido, para Shaw e McKay (1942) a desorganização social se referia ao colapso das instituições sociais em uma comunidade. O argumento central destes autores é que comunidades que apresentam concentração de problemas sociais desse tipo tem capacidade reduzida de prevenir e controlar o crime e a violência. Estas características tornam estas regiões menos atraentes, levando seus moradores a abandoná-las e a grande mobilidade residencial e o caráter transitório da vida das famílias nestas vizinhanças não permitem que as pessoas permaneçam na área tempo suficiente para tecerem um sentimento de coesão e pertencimento a uma comunidade.

Os estudos de Shaw e McKay (1942) adotaram uma abordagem ecológica para compreender por que alguns bairros tinham uma maior incidência de crimes do que outros, bem como por que algumas cidades eram mais violentas do que outras. Podemos observar que a ênfase na análise a ecologia desses autores está alinhada com a concepção de ecologia humana apresentada anteriormente, embora tenham ocorrido modificações decorrentes da reorientação de algumas concepções relacionadas ao desenvolvimento urbano. Nesse contexto, os fatores socioeconômicos ganham destaque como componentes fundamentais dessa análise.

As juventudes e a aparência das gangues também foram objeto de estudo sob a perspectiva da desorganização social, uma ideia que remonta aos primeiros anos das pesquisas da Escola de Chicago e que contribuiu significativamente para o conhecimento científico na área da juventude. Destacamos o trabalho de Frederic Thrasher (1927), considerado um dos mais importantes sobre juventude, delinquência e gangues juvenis, que buscava compreender como as gangues emergem e interagem com a geografia local fornece informações valiosas tanto para a compreensão sociológica geral do local quanto para a literatura criminal especializada.

Para esse autor, as gangues são espaços de transição ocupados por aqueles que se encontram entre a infância e a vida adulta, que prosperam principalmente em áreas intersticiais da cidade, com características de desorganização social, deterioração e alta mobilidade. Nesse sentido, condições socioambientais precárias nas quais os jovens vivem e a expansão dos crimes, são entendidos por terem uma relação intrínseca, já que é justamente na fase de transição da adolescência, juntamente com o cenário de ausência de instituições de socialização, onde se fortalecem as gangues. A pesquisa ao longo dos

anos reforçou as descobertas de Thrasher, observando que as condições socioeconômicas locais continuam a desempenhar um papel importante no local onde as gangues se formam e que sua presença, muitas vezes, procura preencher vários vazios, como como proteção ao bairro, fornecendo oportunidades econômicas ou identidade social coletiva.

Assim, para a Escola de Chicago, a cidade tinha um valor como um laboratório para explorar a interação social, pois a verdadeira natureza humana seria melhor observada dentro dessa estrutura social complexa, e assim utilizavam nos estudos, modelos e metáforas ecológicas adaptados para a discussão das relações sociais urbanas. Embora esses modelos fossem dispositivos explicativos poderosos, eram muito simplistas na sua infância e tinham como pano de fundo a crítica às teorias biológicas do crime, pois apreendiam o crime como resultado de forças externas ao sujeito. Para Silveira (2008) estes achados apontaram efeitos contextuais persistentes nestas áreas desfavorecidas sobre as taxas de crimes, independente dos atributos étnicos e raciais das populações. Esses constructos teóricos também foram importantes na medida em que levaram à rejeição das teorias que explicavam o evento criminoso a partir dos indivíduos, substituindo-as por uma teoria focada na comunidade e no aparente processo de transmissão transgeracional do comportamento criminoso.

Sobre a criminologia do lugar, Bannister *et al.* (2019), afirmam que o principal foco de atenção da Escola de Chicago e do debate sobre a ecologia do crime, no entanto, era a distribuição geográfica das residências dos infratores, e não os locais em que o crime acontecia. Assim, do final da Segunda Guerra Mundial até a década de 1970, a criminologia privilegiou a pessoa sobre o lugar, e a questão-chave a ser explicada era por que o crime é cometido, e a análise realizada ao longo desse período se baseava sempre em uma suposição implícita de que as oportunidades para o crime são onipresentes em termos espaciais, sendo essa propensão, portanto, o principal ponto de interesse.

Ainda Bannister *et al.* (2019) afirmam que a geografia ganhou espaço na análise com o surgimento de perspectivas econômicas sobre o crime na forma de teoria da escolha racional, e também pelo crescente interesse em como as estruturas regularizadas da vida cotidiana, ou seja, como as atividades rotineiras condicionam a geografia do potencial do crime e, assim, dão origem a padrões de crime dentro de ambientes espaciais específicos, abrindo a porta para a análise e prevenção situacional do crime. Com isso, essas teorias de oportunidade do crime deram início a um novo e rico conjunto de ideias para explorar a atividade criminosa, mas com o foco no raciocínio microsocial, sobre como os indivíduos interagem em contextos locais específicos (CULLEN e AGNEW, 2006).

Usando essas estruturas analíticas, os pesquisadores começaram a explorar a estrutura geográfica da atividade criminosa dentro das cidades, levando posteriormente a uma criminologia do lugar, focada em conceitos como o de hot spots, microgeografias do crime e concentração de crimes.

1.1 Críticas a teoria da desorganização social

A teoria da desorganização recebeu muitas e críticas e foi deixada de lado entre as décadas de 1950 e 1970. As críticas recebidas por essa teoria iam do debate sobre o uso de registros policiais como estatísticas criminais, dos vieses dos padrões de policiamento e estereótipos de quem são os criminosos, também sobre a ideia de que nem todas as cidades “evoluem” na perspectiva concêntrica, ou por ser uma teoria que fala sobre controles sociais sem jamais mensurá-los, além do quê, os mecanismos causais não teriam sido justificados e nem demonstrados, entre outros pontos.

As teorias da desorganização social também foram alvo de críticas significativas, incluindo o uso de estatísticas oficiais, como registros policiais, que frequentemente deixavam de capturar crimes não solucionados ou não punidos, bem como os locais dos delitos. Além disso, essas teorias não consideravam os vieses nos padrões de policiamento, o que levantava preocupações sobre estereótipos em relação aos criminosos. Uma crítica importante foi a falta de disponibilidade de marcadores de interações sociais nos dados do censo e da polícia, o que poderia resultar em registros que refletiam principalmente os esforços das agências policiais em relação aos jovens de baixa renda, enquanto os crimes cometidos por jovens de baixa renda, maior renda eram sub-representados. Outra crítica relevante foi a acusação de que essas teorias promoviam a ideia de uma cultura unificada, sem distinguir entre os moradores de uma cidade dividida por classes sociais, o que poderia estimular a criminalização da pobreza. (CRUZ, 2010; MARANDOLA JR e SANTOS, 2016). A teoria da desorganização social também foi acusada de não explicar por que a maioria dos jovens pobres não cometeria delitos e por que jovens de áreas de maior renda cometeriam delitos. Também se atribuiu à essas teorias, a determinação do comportamento individual, ao mesmo tempo em que este era definido como fruto da liberdade de ação, em uma noção contraditória de crime.

A ideia base do modelo de Park e Burgess de que o crescimento contínuo e radial da cidade seria um padrão aplicável a outras cidades do mundo, foi muito questionada, já que nem todas as cidades evoluem na perspectiva concêntrica. Também a desorganização

social foi tomada por muitos anos como a causa do crime, sendo que atualmente é entendida como sua consequência (SILVA, 2004 e 2012; CRUZ, 2010; NOBREGA, 2014).

O termo ‘desorganização social’, por exemplo, recebeu muitas críticas, pois em seu sentido lato, como oposto à ideia de organização social, relaciona-se diretamente ao conceito de uma ordem social, e com isso veio a acusação de que se tratava de um conceito que não ganhou uma definição clara pelos autores da Escola de Chicago, o que gerou a necessidade do reenquadramento teórico do mesmo (CRUZ, 2010).

Também a forma de medida da desorganização social foi muito criticada, pois muitos estudiosos afirmaram que se tratava de uma teoria que fala sobre controles sociais sem jamais mensurá-los, e que seus mecanismos causais não foram justificados e nem demonstrados. De acordo com Silva (2004; 2012), esse fato levou ao desenvolvimento de novos estudos que procuravam esclarecer a definição em termos da capacidade de um bairro de se autorregular por meio de processos formais e informais de controle, baseada na ideia de que as redes locais por meio da interação dos indivíduos se interagem, afetando diretamente a eficácia da autorregulação comunitária.

Nóbrega (2014) cita críticas que vieram de Travis Hirschi (1973 apud NOBREGA, 2014) que problematizou a falta de resultados da perspectiva, suas bases de sustentação científica e a necessidade de maior investigação empírica. Também Cohen (1955 apud NOBREGA, 2014) que afirmou que os bairros ou áreas descritas como socialmente desorganizadas não são ausentes de organização social, pois as pessoas que vivem em uma área determinada, constituem uma vasta e ramificada rede de associações informais entre elas, reconhecendo assim a ausência de pressões da comunidade e uma ação concentrada para a repressão da delinquência, sugerindo então que defeitos de organização não devem ser confundidos com a falta de organização.

Para Cerqueira e Lobão (2004) a teoria da desorganização social corresponde a uma dessas tradições que, apesar das vulnerabilidades, pode oferecer grandes estímulos à reflexão científica. No entanto, alerta sobre o cuidado para que esta assertiva não se torne determinista, pois ver o espaço como ambiente defeituoso e gerador de criminosos pode negligenciar, por exemplo, a propensão ao crime por indivíduos de diferentes classes sociais, socializados em ambientes diferenciados, como alertou Sutherland (1938, apud CERQUEIRA e LOBÃO, 2004) ao chamar a atenção para os crimes do colarinho branco, ou ainda ignorar a escolha do indivíduo, como propõe a teoria da escolha racional, gerando situações em que, por exemplo, o caso de dois indivíduos criados dentro das

mesmas condições ambientais e onde predomina o mesmo sistema de valores, mas que optam por comportamentos diferenciados.

2. Sobre a teoria da eficácia coletiva

Nos últimos anos houve o florescimento de uma ‘criminologia do lugar’ a partir da reformulação da teoria da desorganização social, em termos sistêmicos. A retomada dos estudos sobre a perspectiva da desorganização social se deu a partir de reformulações conceituais e teóricas, com a incorporação de novas medidas, o que a levou a angariar novamente importância na explicação do crime. Também, várias obras importantes foram publicadas, novas iniciativas de gestão pública a tiveram como base, além da preocupação para validar a legitimidade do sistema de justiça criminal, assim como os facilitadores tecnológicos da contemporaneidade ajudaram a estimular a produção dessa literatura. Tudo isso aconteceu ao mesmo tempo em que eram geradas várias intervenções políticas de prevenção situacional do crime baseadas no local, como o policiamento de pontos quentes e outros. Para Weisburd, *et al.* (2016) trata-se de um ponto de virada no curso de vida da criminologia. Nesse sentido, um dos desdobramentos mais importantes desse processo no ambiente acadêmico e entre gestores e formuladores de políticas públicas foi a teoria das janelas quebradas e, também uma segunda inovação proveniente de releituras da teoria da desorganização social, que foi o conceito de eficácia coletiva.

Assim, se os trabalhos iniciais dessa perspectiva testavam os efeitos de variáveis essencialmente estruturais como nível socioeconômico, estabilidade residencial e homogeneidade étnica, os estudos posteriores atestam a relevância de outros fatores na caracterização de áreas violentas, destacando as chamadas dimensões intervenientes da desorganização social, como a intensidade dos laços estabelecidos entre os atores no ambiente. Desta forma, outras duas variáveis passaram a fazer parte da teoria original, e que são a desestruturação familiar, que minaria a capacidade de supervisão dos jovens e também o processo rápido e desordenado de urbanização, que tornaria impossível a formação de uma comunidade socialmente coesa e atrelada a valores e metas comuns (CRUZ, 2010).

Nessa perspectiva, Sampson e outros pesquisadores, em vários estudos sobre a ideia de controle social exercido por comunidades organizadas, avaliaram diferentes aspectos das relações sociais estabelecidas na vizinhança. A partir da observação de que a tendência de moradores de certos locais se articularem em ações que visam a segurança

da comunidade tem relação com o nível de confiança mútua e do compartilhamento de expectativas da própria comunidade, leva ao conceito de eficácia coletiva, que surge então desta noção intrínseca entre confiança mútua e disposição para intervir em prol do bem comum dentro das comunidades (SAMPSON, RAUDENBUSH e EARLS, 1997).

Shaw e McKay identificaram características da desorganização social, mas não chegaram a defini-la com sucesso, o que foi feito posteriormente por Sampson e Groves (1989), que entendem a desorganização social como a incapacidade da comunidade de realizar os valores comuns de seus residentes e manter efetivo controle social. Portanto, a eficácia coletiva seria a antítese da desorganização social, pois se refere ao compartilhamento de expectativas e engajamento mútuo dos residentes para o exercício do controle social local.

Social organization and social disorganization are thus seen as different ends of the same continuum with respect to systemic networks of community social control. When formulated in such a way, the notion of social disorganization is clearly separable not only from the processes that may lead to it (e.g., poverty and mobility), but also from the degree of delinquent behavior that may result from it. (SAMPSON and GROVES, 1989, pp 777) ¹

Posteriormente Sampson (2012) define a teoria e o conceito de eficácia coletiva através de dois mecanismos, a coesão social e as expectativas compartilhadas de controle. Segundo Cruz (2010) a possibilidade do estabelecimento dessa ligação, entre indicadores de desorganização social e de expectativa de ação e mobilização de recursos, torna o conceito de eficácia coletiva um mecanismo de enorme força explicativa das diferentes taxas de criminalidade entre comunidades locais de grandes centros urbanos.

Segundo Cullen e Agnew (2006) sobre o processo de revitalização da teoria da desorganização social, os criminologistas reconsideraram o valor da teoria da desorganização pelo interesse mais geral na "ecologia" do crime. Atualmente, a teoria da desorganização social tem sido articulada com a teoria do capital social, entendido como aquelas características da organização social, tais como redes, normas de reciprocidade e confiança que facilitam a cooperação entre cidadãos para o benefício mútuo (SILVEIRA, 2008).

¹ A organização social e a desorganização social são, portanto, vistas como extremidades diferentes do mesmo continuum no que diz respeito às redes sistêmicas de controle social da comunidade. Assim formulada, a noção de desorganização social é claramente separável não só dos processos que a ela podem conduzir (pobreza e mobilidade), mas também do grau de comportamento delinquente que dela pode resultar. (Tradução livre)

Para Silveira (2008) o pressuposto central da reformulação sistêmica da teoria da desorganização social é que o crime seja mais provável em áreas nas quais as redes de controle não podem prover serviços à vizinhança. O efeito da privação econômica sobre o crime e a delinquência seria indireto e mediado pela capacidade de a vizinhança mobilizar recursos de instituições e atores externos como provedores de serviços de saúde, educação, lazer e justiça, por exemplo.

O argumento que orientou a elaboração desse conceito e suas interfaces baseia-se na necessidade de interação entre capital social e controle, para que se realize a ação coletiva em áreas urbanas. Essa articulação seria o elemento fundamental para que as comunidades pudessem agir com eficiência de modo a colaborar para a redução do crime e demais problemas comuns. A eficácia coletiva enfatiza o compartilhamento de crenças na capacidade dos vizinhos de agir para alcançar um efeito pretendido, ligado a um senso de engajamento por parte dos residentes. Como outros resultados positivos, a eficácia coletiva é amplamente desejada, mas muito difícil de obter, devido, em grande parte, aos constrangimentos estruturais. Então, o papel das redes sociais na produção da eficácia coletiva depende de um contexto estrutural e normativo específico. Assim a eficácia coletiva seria, de tal modo, a junção interessante entre a existência de fortes laços sociais com a capacidade de intervenção eficaz sobre as questões que interessam ao coletivo (SAMPSON, RAUDENBUSH e EARLS, 1997; SAMPSON, MORENOFF e EARLS 1999).

De acordo com Sampson *et al.* (1997) na vida social, a existência de fortes laços de parentesco, amizade e camaradagem podem aumentar a organização social, mas a capacidade coletiva para a ação social, mesmo quando enraizada em laços pessoais fracos, constitui o mecanismo mais importante para entender as variações nas taxas de crime entre comunidades.

É importante destacar a noção de controle social nesta análise. O controle social refere-se ao conjunto complexo de mecanismos que impõem normas de comportamento e valores morais aos indivíduos que fazem parte de um grupo específico. Isso resulta na formação de um grupo coeso de indivíduos que compartilham interesses comuns, camadas e valores semelhantes. Com base nessa ideia, Hunter (1985) afirma ser necessário vincular a três ordens sociais de níveis distintos, que são o privado, o paroquial e o público, e que estão relacionadas as diferentes formas com que os indivíduos de uma comunidade buscam a ordem social, pois um modelo sistêmico de organização social e eficácia coletiva considera as instituições e o contexto político mais amplo, no qual estão

as comunidades. Ao apontar a existência de três níveis diferenciados de ordenamento social e, conseqüentemente de formas de relacionamento e controle, esse autor contribuiu substancialmente para a observação da sociedade e do crime, sob uma perspectiva sistêmica, onde seria através das interações de atores e suas funções que se constrói o tecido social indispensável, segundo essa perspectiva (OLIVEIRA, 2009).

O controle privado ocorre assim entre íntimos e grupos primários, como familiares ou amigos muito próximos e decorre do apoio social e estima mútua. O segundo nível de controle social é chamado de paroquial e representa os efeitos da rede interpessoal local e a interlocução entre instituições locais, como igrejas, escolas, comércios e organizações voluntárias. Por exemplo, Sampson *et al.* (1997) identificaram vários exemplos de táticas informais de controle comunitário, como a disposição de intervir para evitar a evasão escolar ou vadiagem nas esquinas por adolescentes ou o confronto de indivíduos que estão danificando o patrimônio público ou perturbando a vizinhança. O controle estaria assim localizado na eficácia desses grupos e na capacidade dos vizinhos de supervisionarem uns aos outros. Os controles públicos por sua vez, envolvem as redes desenvolvidas entre o bairro e agências externas, como aquelas operadas pela justiça criminal e outros sistemas governamentais, onde o controle é uma função da capacidade do bairro de garantir bens e serviços públicos de fontes externas.

Para Rose e Clear (1998) a interação entre os três tipos de controle se torna importante para a autorregulação efetiva da comunidade, pois um modelo simples e recursivamente linear é insuficiente para testar essas relações. Nesse sentido, uma dependência excessiva dos controles públicos poderia diminuir a capacidade dos controles privados e paroquiais, na medida que as comunidades aprendem a confiar somente em pessoas ou instituições de fora para ativar seu controle social, por exemplo, na suposição de que os vizinhos que chamam a polícia para controlar o ruído excessivo convocam controles públicos para reforçar os controles privados e paroquiais, mas na verdade eles podem ter substituído o controle paroquial pelo público. Com isso, mais significativamente, as políticas e práticas das agências de controle público podem influenciar diretamente o funcionamento dos níveis mais baixos de controle, interrompendo as redes de associação e os recursos dos quais os controles privados e paroquiais dependem.

Bursik e Grasmick (1993) mostram que os modelos sistêmicos da criminalidade nos bairros reconhecem, portanto, que a organização de um bairro pode se refletir em uma variedade de estruturas sociais, diferentemente de Shaw e McKay que foram criticados

por não reconhecerem as diversas formas possíveis de serem tomadas pela organização social. Nessa perspectiva, a reformulação da abordagem da desorganização social enfatiza não apenas o grau em que as comunidades podem ser funcionalmente interdependentes, mas também o grau em que a natureza dessa interdependência muda no decorrer do tempo. Assim Sampson e Groves (1989) supõem que o crime seria, em última instância, consequência da pouca ou nenhuma capacidade que os moradores de determinadas comunidades possuem de estabelecer um conjunto de valores e objetivos comuns, da falta de capacidade dos mesmos de controlar ou supervisionar o comportamento mútuo e, além disso, da pouca ou nenhuma predisposição que os membros destas comunidades têm de agir em prol do bem comum.

Outro ponto importante para análise é sobre o efeito dissuasor da eficácia coletiva, pois mesmo quando as intervenções não são observadas, a certeza percebida da intervenção exerce um efeito dissuasor sobre o crime em bairros com alta eficácia coletiva (SAMPSON, 2012). Nesse sentido, indivíduos são dissuadidos de cometer crimes em bairros que tem alta eficácia coletiva porque percebem que as intervenções dos moradores são prováveis. Na mesma perspectiva, para Lanfear (2022) um mecanismo semelhante pode operar em relação ao ambiente construído, pois vizinhanças eficazes podem transformar tentativas de desenvolvimento em batalhas prolongadas e custosas. Um exemplo é o caso de quando autoridades antecipam que um determinado bairro será altamente resistente para alguma intervenção, e esse lugar se torna inelegível para sua ação, como no caso da instalação de complexos viários ou penitenciárias, onde os moradores percebem tais ações como indesejáveis.

Sampson, Raundenbush e Earls (1998) entendem que as diferenças nas taxas de crime podem ser explicadas pelas diferentes capacidades que as comunidades têm de conceber metas e valores comuns, como se livrar do crime e da violência por exemplo, e exercer controle social sobre seus membros, via mecanismos informais ou instituições externas como a polícia e também sobre a capacidade de solucionar internamente seus próprios problemas. A coesão social, conforme a definição de Sampson, Raudenbush e Earls (1997), contribuiria para inibir a ação violenta na área, se convertida em disposição para intervir, atuando coletivamente contra o problema, e assim fazendo a população se sentir mais segura ao ocupar os espaços disponíveis para lazer, circulação e vigilância natural, por exemplo.

De acordo com Cruz (2010) na abordagem sistêmica, os três níveis pressupõem um controle mais amplo e mais permanente, ao passo que a eficácia coletiva é ativada

pontualmente e direcionada aos comportamentos de jovens, assim as diferenças nas taxas de crime se devem aos diferentes graus de eficácia coletiva de cada comunidade, e não aos diferentes graus de equilíbrio entre os níveis de controle. Já os fatores que eram apontados como estimuladores do surgimento do crime e da delinquência no modelo original de Shaw e McKay (1942), que eram baixo status socioeconômico e alta taxa de mobilidade residencial, passam a ser vistos como elementos que minam a eficácia coletiva já que afligem a coesão social, entendida como confiança mútua e uma espécie de cultura de estabelecimento de valores comuns entre os grupos.

Nesse sentido, na perspectiva da eficácia coletiva, a desordem e o crime são entendidas como manifestações produzidas por um mesmo mecanismo causal, que é a perda da capacidade coletiva da comunidade de exercer o controle social em seus limites e isso explica as diferenças entre o nível de segurança e ordem nos bairros. Assim, como capacidade de resolução de problemas dos bairros, a eficácia coletiva pode facilitar ações para remediar, remover ou impedir o desenvolvimento do crime. De acordo com Lanfear (2022), o controle social informal e o controle do ambiente construído são formas paralelas de resolução de problemas que podem emergir da mesma capacidade latente de ação. A eficácia coletiva é ativada como controle social informal quando os moradores acreditam que atos como sanções verbais podem resolver problemas de comportamento. Dessa forma, quando os moradores percebem características do ambiente construído como fonte de comportamento criminoso ou outras ameaças, eles tendem a se envolver em esforços diretos de limpeza e remediação, que são análogos às intervenções diretas associadas ao controle social informal. Em outros casos, no entanto, a eficácia coletiva é ativada como ação política para influenciar atores com autoridade para resolver o problema.

De outro lado também, a ação coletiva dos moradores não é o único meio pelo qual as características do ambiente construído mudam. O ambiente construído dos bairros também é determinado pela economia política da cidade, assim como outras esferas da vida social. Lanfear (2022) afirma que no caso da ação de atores externos que buscam maximizar o valor de suas propriedades para fins de investimento, geralmente operam em desacordo com os moradores focados em maximizar a habitabilidade de suas casas e bairros, contudo em bairros com moradores organizados, ricos ou politicamente influentes – aqueles com maior probabilidade de serem coletivamente eficazes – resistem mais facilmente às mudanças que comprometem sua qualidade de vida percebida, por exemplo, com resistência a construção de moradias populares na vizinhança, rodoviárias,

ou cadeias. Nessa perspectiva, bairros desfavorecidos, com menor probabilidade de serem coletivamente eficazes, são mais vulneráveis a ações de atores externos que buscam maximizar seus investimentos à custa da qualidade de vida dos moradores. Dessa forma, para Lanfear (2022) como resultado, embora o ambiente construído dos bairros esteja sujeito a poderosas forças externas, a capacidade dessas forças externas de decretar sua vontade depende, em grande parte, da estrutura socioeconômica do bairro e da capacidade de ação coletiva.

Em pesquisas da área, os níveis mais altos de eficácia coletiva geralmente estão associados a menos violência e medo do crime na comunidade, que estão associados, por sua vez, a sentimentos de segurança e, de outro lado, taxas mais altas de violência levam a níveis mais baixos de eficácia coletiva, formando um processo de auto reforço recíproco (SAMPSON, RAUDENBUSH e EARLS, 1998; SAMPSON, RAUDENBUSH, 1999). Nesse sentido, a ausência de eficácia coletiva causa desordem e o crime emerge como parte da ausência de controle.

Sobre os baixos níveis de eficácia coletiva, Sampson (2012), indica que estes levam a um aumento da sensação de desordem na comunidade, o que reforça a relação com o medo do crime. Estudos dessa área afirmam que a eficácia coletiva é bastante reduzida por fatores como instabilidade residencial, falta de moradia, desvantagens concentradas, falta de confiança e falta de cooperação e outros, fatores pelos quais as famílias perdem a capacidade de impor controle social sobre seu entorno. Assim, padrões macrossociais de desigualdade residencial tem como consequência, o isolamento social e a concentração ecológica de desvantagens, o que leva a barreiras estruturais e adaptações culturais, desaguando na desorganização social e crime. Ainda, Sampson (2012) sugere que a desordem vista no nível do bairro tem um significado social e leva as pessoas a tendência de fugir de bairros de alta criminalidade, contribuindo para a flutuação residencial e, como consequência, esses bairros tendem a tornar-se estigmatizados e concentrar pobreza.

Cullen e Agnew (2006) afirmam que em conjunto com Stephen Raudenbush e Felton Earls, Robert Sampson (1998) tenta elaborar ainda mais a abordagem da desorganização social e demonstram que a desvantagem concentrada - que é uma combinação da medida da pobreza de uma comunidade, composição de raça e idade, e ruptura familiar - está relacionada aos índices de violência do bairro. É importante ressaltar que esses autores revelam que os efeitos da concentração das desvantagens são amplamente mediadas e ocorrem através do grau de eficácia coletiva na vizinhança.

Já Sampson, Wilson e Katz (2018) e Candipan e Sampson (2023) fazendo uma interseção entre raça, pobreza e lugar, afirmam que a desorganização social precisa ser racializada. Nesse sentido, residir em comunidades raciais e economicamente desfavorecidas resulta no crescente isolamento desses grupos porque eles têm menos laços sociais com indivíduos fora de sua comunidade, do mesmo modo, a relação que o isolamento social tem com o estigma externo e interno, já que ele tende a corroer a coesão e social da comunidade, dificulta o controle dentro a vizinhança reduzindo deste modo, o nível de eficácia coletiva na comunidade (CANDIPAN e SAMPSON, 2023). Esse isolamento tem sido associado a discriminação e segregação, desigualdade socioeconômica e concentração de desvantagem, que são uma combinação de fatores como desemprego, pobreza, dependência de assistência pública, serviços públicos restritos, estigma racial, abundância de jovens, grande número de famílias chefiadas por mulheres, e outras características que se cruzam para produzir grandes estressores nas comunidades.

Chamberlain e Hipp (2015) afirmam sobre a necessidade de os criminologistas levarem em conta para análises, o contexto mais amplo dos bairros próximos, bem como da cidade, de forma mais ampla, para entender o efeito da privação relativa nas taxas de crimes contra a propriedade em nível de bairro. Para esses autores, tanto as características dos bairros vizinhos, quanto o contexto da cidade maior, podem influenciar simultaneamente o crime no nível do bairro, e as diferentes escalas geográficas – bairro, bairros vizinhos, cidade – estão aninhadas umas nas outras, e cada escala pode ter efeitos diferentes nas taxas de criminalidade locais. Portanto, as implicações do contexto mais amplo sobre o crime de bairro variam, dependendo da lente teórica aplicada.

Estendendo a lógica da teoria da desorganização social para um macro contexto, pode ser que bairros localizados em cidades desfavorecidas também tenham mais criminalidade e nesse caso, pois as estruturas sociais e familiares são comprometidas, gerando um colapso no comportamento normativo. Assim, se um bairro é caracterizado por altos níveis de desvantagem, e as áreas circundantes também são, e a criminalidade no bairro focal será maior, para Chamberlain e Hipp (2015). De acordo com esses autores, os altos níveis de desvantagem social se constituem como um ímã para o comportamento criminoso, independentemente do contexto, porque há menos recursos disponíveis para desencorajar ou impedir a atividade criminosa, e assim, desse cenário sempre resultarão maior número de crimes. Nesse entendimento, bairros situados em cidades desfavorecidas teriam taxas mais altas de criminalidade, pois faltam recursos críticos que reforçam os

controles sociais; além disso, a criminalidade seria maior nos bairros mais desfavorecidos dessas cidades, pois esses recursos são ainda mais limitados (CHAMBERLAIN e HIPPI, 2015).

A teoria da eficácia coletiva foi criticada pois as análises reproduziriam discursos estigmatizados sobre populações de baixa renda e ignoraria o complexo processo social que gera desigualdades. Não se pode esquecer que, para Sampson (2012), na tentativa de mudar tal perspectiva, é preciso então atentar para quais são as questões que os sociólogos do crime procuram responder quando se propõem a compreender o fenômeno do crime e da violência em contextos urbanos da atualidade e, mais especificamente, quando se procura compreender a existência ou não da relação causal crime-pobreza. Dentro dessa perspectiva, para Sampson, a pergunta que o cientista social tem que fazer, é a de como, diante de tantas transformações sociais, econômicas, tecnológicas e globais, espaços criminosos permanecem criminosos e desiguais por décadas e décadas (SAMPSON, 2012). Nesse sentido, a sugestão da integração teórica que se pretende nessa tese, vai de encontro a resolução dessa crítica.

A investigação sobre os mecanismos que relacionam desordem e crime torna possível articular uma resposta à criminalidade, que vai além do recurso ao sistema de justiça criminal, quanto da adoção de leis. Com isso, abrem-se novos caminhos para a participação da administração pública local na gestão das políticas de segurança pública. Pesquisas que examinam a relação entre as características de áreas espacialmente próximas e o crime de bairro têm visto isso quase exclusivamente através das lentes da teoria da desorganização social.

2.1 A criminologia da desorganização social e eficácia coletiva pelo Brasil

A ideia de que a eficácia coletiva consiste no esforço para identificar a insuficiência da apreensão da coesão social como fator condicionante da redução do crime nas vizinhanças das áreas urbanas foi utilizada para pesquisas em países como o Brasil, onde as áreas com maiores níveis de coesão social também são aquelas mais carentes, reconhecidas por altos níveis de criminalidade e medo de crime (VILARREAL e SILVA, 2006; OLIVEIRA, 2009).

Assim, aplicando essa discussão ao caso brasileiro, foram produzidos muitos estudos importantes como por exemplo Vidal (2014), Pelegio (2015) e Mattos (2019) no Distrito Federal; Almeida (2015) em Salvador; em Pernambuco Aílton Cunha (2014) e

Oliveira (2016); em Alagoas, Luzes e Santos (2014) e Barros e Lima (2018); em São Paulo Nivette e Peres (2021); Zaluar e Ribeiro (2009) no Rio de Janeiro, em Minas Gerais tem-se os estudos de Beato *et al.* (1998), Villarreal e Silva (2006), Silveira (2008), Rodrigues e Oliveira (2012), Oliveira (2019), Cruz (2010), Silva (2012 e 2014), Silva e Marinho (2016), Salgado e Silva (2020), Hausemer, Salgado e Silva (2021), entre outros.

As autoras Nivette e Peres (2021) afirmam que embora vários estudos tenham mostrado associações entre características de desorganização social e violência na América Latina, há ainda um debate sobre a generalização dos mecanismos subjacentes a esse constructo teórico e ainda são poucos os estudos que avaliam a extensão da variação, em unidades espaciais menores de análise e estudos longitudinais de desorganização social e violência.

Importante salientar também que estudos importantes dessa perspectiva sobre o caso brasileiro têm sido marcados pela caracterização de limitações à sua generalização, o que se convencionou a denominar de paradoxo brasileiro da eficácia coletiva (VILLAREAL e SILVA 2006, RODRIGUES, 2006; MATTOS, 2019; RODRIGUES e OLIVEIRA 2012). Ou seja, vizinhanças com densos e frequentes laços sociais entre os moradores são marcadas por limitada capacidade de controle social informal e, por conseguinte, concentram mais crimes.

Nesse sentido, Villarreal e Silva (2006) fazem um estudo pioneiro da aplicação da teoria da desorganização na realidade brasileira, que Cunha (2014, pp 74) classifica como “um vetor de orientação metodológica para a replicação de pesquisas sobre os efeitos da vizinhança e eficácia coletiva na explicação da criminalidade local”. Um dos pontos fortes desta pesquisa é a análise da relação entre as características demográficas nas vizinhanças e sua influência na coesão social, bem como a relação dessas características com as taxas de crimes. Além disso, o estudo busca estabelecer uma conexão entre as características demográficas dos ambientes e das percepções subjetivas de risco de vitimização por parte dos residentes. Observe-se que em ambientes desfavorecidos em cidades latino-americanas, onde existe uma densa rede de laços sociais, os residentes podem perceber um maior risco de crimes do que o indicado pelas taxas de vitimização reais. Essa constatação respalda a ideia de que as áreas onde as relações de solidariedade e confiança são mais intensas também tendem a apresentar taxas mais elevadas de crimes violentos." (Villarreal e Silva 2006).

Zaluar e Ribeiro (2009) fazem uma discussão crítica da associação entre capital social, eficácia coletiva e taxas de crimes no Rio de Janeiro. O objetivo das autoras está

centrado em entender o paradoxo da cidade do Rio de Janeiro que, segundo elas, é um exemplo de negação das teorias que tem pretensões de explicar taxas de crimes através de indicadores de capital social e eficácia coletiva, baseados na maior sociabilidade e na confiança entre vizinhos. Para focar o problema da localidade, as autoras lançam mão dos conceitos de Hunter (1985) sobre as ordens sociais privada, paroquial e pública.

Uma referência importante na atualidade de estudos ecológicos ambientais e de oportunidade relacionados à interconexão entre crime, políticas públicas e organizações policiais é o trabalho de Beato (2012). O autor busca as interconexões entre crime, políticas públicas e organizações policiais em ambientes urbanos, bem como dados e indicadores que podem lançar uma ampla compreensão dessas dimensões de um ponto de vista sistêmico. O autor sustenta uma teoria macrossocial da criminalidade e violência que envolve questões como as disposições de estruturas de oportunidades para os excluídos, o declínio do capital social, a concentração da pobreza e outros indicadores contextuais. Segundo Beato *et al.* (1998), esse modelo ecológico de geração do crime é importante pois busca a compreensão da natureza multifacetada da violência e a identificação dos fatores que influenciam o comportamento do indivíduo, e que aumentam o risco de que ele cometa violência ou de que seja vítima dela. A análise ecológica das distribuições dos delitos criminais em centros urbanos nos conduz, segundo esse autor, a questões de natureza prática e teórica, como a questão sobre alguns bairros e localidades de uma cidade terem mais altas taxas de criminalidade do que outras, sendo que muitas pessoas gostam de se referir ao fenômeno da explosão da criminalidade em grandes centros urbanos, contudo o autor fala da implosão dos crimes, pois esses ocorrem em áreas específicas, no interior das comunidades, onde vítimas e agressores são originários do mesmo espaço e nele coabitam.

Ganha destaque a tese de Cruz (2010) que representa outra tentativa de teste do conceito de eficácia coletiva de Robert Sampson no Aglomerado da Serra, uma das favelas mais antigas de Belo Horizonte, a partir da coleta de dados qualitativos. O autor pesquisa porque as comunidades do Aglomerado da Serra são coesas para reivindicar bens e serviços públicos, mas não são capazes de, a partir dessa coesão, implementarem uma meta coletiva de se verem livres das atividades das gangues, ou seja, por que a coesão não se transforma em controle social efetivo dos comportamentos dos jovens.

O autor mostra que, se por um lado, os comportamentos criminosos estão relacionados com o tipo de estrutura comunitária, como argumentaram Clifford Shaw e Henry Mckay(1942), por outro lado, os tipos de redes de relacionamento desenvolvidos

entre moradores e membros de gangues, não neutralizam, e, pelo menos dificultam a objetivação do conceito de eficácia coletiva desenvolvida por Sampson, Raundenbush e Earls(1997). Assim, Cruz (2010) construiu sua hipótese de trabalho sustentando que a eficácia coletiva não se realiza em determinados contextos comunitários onde existe uma conexão entre moradores e membros de gangues. Esses laços acabam por minar a predisposição dos moradores honestos de intervirem em situações que envolvem criminalidade e violência na comunidade local. Dessa forma, através do cruzamento de dados quantitativos e qualitativos o autor consegue identificar nas comunidades estudadas que, embora exista um alto grau de coesão social entre os moradores locais, devido aos emaranhados de relações de parentesco e amizades existentes entre esses moradores e os membros das gangues, a eficácia coletiva não se objetiva nessas localidades.

No mesmo sentido, destaca-se também o estudo de Oliveira (2016) que tem como principal objetivo analisar qualitativamente como os moradores de um bairro de Santo Amaro, no Recife, realizam ou não a conversão da ‘Coesão Social’ percebida através das diversas melhorias estruturais do território em forma de ‘Eficácia Coletiva’. O método etnográfico foi utilizado com sucesso, e a autora afirma que sua análise de dados possibilitou compreender que a coesão social percebida, assim como, os fortes laços de solidariedade e os de confiança não conseguem se reverter em mecanismos primários de controle informal do comportamento indesejado, principalmente, quando tais agentes fazem parte das mesmas redes de vizinhança e parentesco dos demais moradores.

O estudo de Aílton Cunha (2014) no Recife se mostra interessante com suas contribuições para o aprimoramento da teoria da desorganização social a partir da associação entre capital social e da eficácia coletiva para fornecer um quadro teórico que, de acordo com o autor, contribui na orientação de pesquisas empíricas e também em uma melhor explicação e compreensão de como determinados processos sociais e mecanismos operam dentro de dadas vizinhanças urbanas, produzindo controle e prevenção da criminalidade. Dado que uma das maneiras de medir capital social provém da Análise de Redes Sociais (ARS), Cunha (2014) propõe a associação entre essa perspectiva e a teoria ecológica do crime para engendrar o que chama de “Sociologia Reticular do Crime”, e essas possibilidades de investigação reticulares associadas a técnicas de múltiplos níveis de análise, que surgem como saída para críticas enfrentadas pela teoria da desorganização social. Ou seja, uma proposta de junção de teorias, como o estudo que se desenvolve aqui.

Já Mattos (2019) realiza um estudo onde analisa a incidência criminal nas vizinhanças do Distrito Federal, a partir de suas configurações sociais, discutindo assim como, em nível vicinal, eficácia coletiva e o cinismo legal impactam a incidência de crimes contra o patrimônio e contra a pessoa, tendo as vizinhanças como unidade analítica. O autor discute assim, a importância das vizinhanças na compreensão das configurações sociais do espaço estudado. Chama atenção na análise de Mattos (2019) a forma como ele utiliza as características da organização social de uma vizinhança empobrecida do Distrito Federal, a Estrutural, como forma de avançar na compreensão das limitações da teoria da eficácia coletiva como fator de proteção social no contexto brasileiro.

Os resultados da pesquisa de Mattos (2019) evidenciam que a eficácia coletiva, medida a partir das variáveis coesão social e controle social informal, explica parcialmente a incidência de crimes do Distrito Federal. Um de seus apontamentos foi o cinismo legal, que demonstrou a melhor capacidade de predição, o que indica que a percepção de disponibilidade de acesso à lei e a seus agentes foi um fator central na compreensão da incidência criminal no contexto local, sendo associado a mais crimes em todos os contextos analisados. Assim essa pesquisa informa que o controle social realizado por meio de estratégias articulados em nível paroquial se revelou como um ponto central, extrapolando a dimensão pública em termos materiais e simbólicos, além da supervisão de crianças e adolescentes que também desempenhou um papel central sob a lógica paroquial de produção do controle em nível local e de outro lado, o controle social em nível público pareceu repercutir uma limitada capacidade de mobilização de recursos externos a vizinhança, ou seja, a marginalização política foi um aspecto essencial na compreensão da produção de controle no contexto local. Ainda o autor afirma que a presença de gangues foi entendida como entrave adicional para o engajamento na proteção social por meio da mobilização comunitária. Nesse sentido, Mattos (2019) busca reformular o paradoxo brasileiro da teoria da eficácia coletiva.

Em São Paulo, Nivette e Peres (2021) são responsáveis por um estudo que busca a compreensão dos padrões espaciais e temporais urbanos de desorganização social e taxas de homicídio em São Paulo de 2000 a 2015, sendo que os resultados mostraram alguma variação no padrão de declínio de homicídios entre os distritos, e comunidades menos desorganizadas experimentaram declínios mais lineares anteriores mas não encontram evidências de que as mudanças na desorganização social estejam associadas a diferenças no declínio das taxas de homicídio.

Para Nivette e Peres (2021), a desorganização social teve uma associação direta com as taxas de homicídio dentro de um distrito, bem como um efeito indireto sobre homicídios em distritos vizinhos, o que pode ser interpretado de duas maneiras. Primeiro, de acordo com a teoria da desorganização social, a desvantagem estrutural pode gerar desconfiança e enfraquecer os laços sociais e a capacidade de impor normas dentro de uma comunidade e essa desconfiança, assim como as consequências subsequentes, podem se espalhar pelas redes locais, em forma de difusão por contágio, e assim distritos socialmente próximos podem também ser mais suscetíveis a esses processos. Outra explicação é que a desorganização social abre espaço para grupos criminosos ou do crime organizado atuarem na ausência de autoridades estatais. Assim, para as autoras, trata-se de uma descoberta que faz jus a realidade brasileira e demonstra que a coesão pode não ser convertida em capacidade de dialogar e pressionar o poder público sobre redução dos níveis de vitimização. O argumento do estudo de Nivette e Peres (2021) com base em estudos etnográficos, é de que no Brasil, onde as taxas nacionais de homicídios aumentaram de forma constante desde 1980, e o município de São Paulo experimentou uma dramática reversão e declínio no início dos anos 2000 - caso que tem sido objeto de escrutínio científico e debate sobre suas possíveis causas – tudo isso estaria ligado ao surgimento do grupo criminoso, o Primeiro Comando da Capital (PCC) e outros, em favelas marginalizadas como um importante fator de contribuição para o declínio dos homicídios e que surgiu como resposta à superlotação, ao sentimento de arbitrariedade e à precariedade das condições de vida de presos paulistas e que acaba por desempenhar um papel na mediação de conflitos locais, instituindo um mecanismo de justiça paralelo e ilegal, o que gera algum grau de pacificação nesses territórios com a consequente queda das taxas de homicídios nessas áreas.

O estudo de Silveira (2008) sobre o programa Fica Vivo em Minas Gerais demonstra como essas teorias influenciaram a realização de políticas públicas no Brasil. O programa analisado tem foco na prevenção aos homicídios e se inspira na teoria da desorganização social, pautando suas ações na busca do fortalecimento do controle social formal e informal no interior das comunidades com grande número de homicídios. Importante lembrar também que a teoria da Prevenção Comunitária do crime emergiu na década de 1970 nos Estados Unidos, sendo tributária da teoria da desorganização social.

O programa Fica Vivo surgiu a partir de uma iniciativa do Centro de Estudos em Criminalidade e Segurança Pública da Universidade Federal de Minas Gerais (CRISP/UFGM) e é coordenado pela Secretaria de Defesa Social do Estado de Minas

Gerais, estando presente em várias comunidades violentas de todo o estado. O Fica Vivo pode ser definido como um programa de prevenção abrangente, focalizado e comunitário. As ações do programa estão voltadas para e são implementados com e através da comunidade, que tem um papel importante na elaboração de um plano local de segurança pública, na execução de algumas ações e no monitoramento do programa. O programa articula diferentes atores locais, entre os quais busca estabelecer parcerias para a implementação de ações de prevenção.

Ainda, de acordo com Silveira (2008), apesar de os homicídios constituírem um sério problema no nosso meio, são poucos os programas de prevenção a estes eventos no Brasil. A autora afirma ainda que a experiência em curso no município de Belo Horizonte através do Programa Fica Vivo apontou resultados promissores. A focalização de ações em comunidades violentas, a busca do empoderamento destas comunidades, do controle social formal e informal no interior das mesmas e a oferta de oportunidades para jovens apresentaram resultados expressivos na redução dos homicídios. Além disto, foram observados impactos sobre a redução de outros crimes como assaltos a transeuntes e a ônibus, além de redução de violência nas escolas, de tiroteios e de restrições ao livre trânsito pela comunidade.

3. Considerações finais do capítulo

Assim, diante de tudo o que foi dito, reiterasse aqui, a importância das teorias da ecologia social e eficácia coletiva para o estudo do crime e particularmente, para análise da delinquência juvenil, objetivo desse estudo. Os estudos sobre a relação entre o contexto estrutural, interações sociais, eficácia coletiva e taxas de criminalidade em vizinhanças urbanas se tornaram mais complexas e refinadas, sendo que continuam ocupando um lugar importante em pesquisas urbanas que investigam, entre outros problemas sociais, a criminalidade.

Essa perspectiva influenciou o campo da sociologia norte-americana e mundial, além de ser base para muitos estudos brasileiros, em função de problemas comuns dos centros urbanos. De acordo com Morenoff e Sampson (1997), a influência dessa escola de pensamento na modernidade, surge das crescentes necessidades de compreensão e intervenção do problema ao nível de comunidade. Também para Cunha (2014), os estudos sobre efeitos vizinhança baseados nas pesquisas de Robert Sampson e seus colegas têm apontado para uma contribuição significativa, tanto para a sociologia contemporânea,

como para o desenvolvimento de políticas públicas de segurança e controle da criminalidade urbana. No entanto, é importante notar que essas teorias não estão isentas de críticas e limitações teóricas, e é essencial abordar essas críticas com cautela ao operacionalizar esses referenciais teóricos.

A integração teórica entre as teorias de desorganização social e eficácia coletiva e a teoria do desenvolvimento do curso de vida é um objetivo específico deste estudo, e espera-se que essa abordagem contribua para uma compreensão mais abrangente da delinquência juvenil. No próximo capítulo, a apresentação da teoria do desenvolvimento do curso de vida será realizada.

CAPITULO 2 - A CRIMINOLOGIA DESENVOLVIMENTAL E DO CURSO DE VIDA SOB ANÁLISE

A criminologia desenvolvimental e do curso de vida, analisada aqui, foi formulada com base na realidade de trajetórias do crime no contexto norte-americano principalmente, durante a década de 1990 e atualmente tem-se a expansão desse tipo de estudos. De acordo com a literatura da área, a emergência da sociologia do curso de vida tem oferecido, nas três últimas décadas, um terreno muito fértil para a análise das gênesis, dinâmicas, heterogeneidade e resultados das transições das trajetórias de vida. Por isso sua utilização se justifica para esse estudo sobre delinquência juvenil.

Para Laub e Sampson (2019) ao buscar novas direções em dados, ferramentas e ideias, o futuro da teoria do curso de vida e da criminologia do desenvolvimento mostra-se cada vez mais promissor. Há poucos estudos que aplicaram essa perspectiva teórica ao contexto brasileiro. Portanto, é fundamental realizar uma exposição analítica bem fundamentada dos princípios e fundamentos dessa teoria, dado o objetivo deste trabalho, que envolve a adaptação dessa teoria para a análise de casos no Brasil. Na pesquisa de campo, durante as entrevistas, aplicamos os principais conceitos teóricos dessa abordagem que se mostrou essencial para garantir uma compreensão sólida e contextualizada da trajetória de vida dos indivíduos no contexto brasileiro.

1. Notas sobre o objetivo da criminologia desenvolvimental e do curso de vida

Nesse estudo utiliza-se como base a criminologia desenvolvimental e do curso de vida (Developmental and Life-Course Criminology – DLC) que é uma junção das abordagens teóricas do curso de vida (life-course theory) e da criminologia desenvolvimental (developmental criminology).

De acordo com Benson (2012) o objetivo da perspectiva do curso da vida é entender a diversidade das trajetórias humanas e essa se interessa pelos padrões de experiências vividas. Para Elder, Johnson e Crosnoe (2003) a trajetória de vida como orientação teórica surgiu do desejo de compreender os percursos sociais, seus efeitos no desenvolvimento e sua relação com as condições pessoais e histórico-sociais, sendo que destes desenvolvimentos advém um maior reconhecimento de que as vidas são influenciadas por um contexto histórico e biográfico em constante mutação. Nesse sentido, o paradigma do curso de vida é melhor visto como uma orientação teórica que

guia a pesquisa sobre vidas humanas dentro do contexto, ajuda na formulação de questões empíricas, desenvolvimento conceitual e projeto de pesquisa, assim como fornece uma estrutura para estudar fenômenos no nexo de caminhos sociais, trajetórias de desenvolvimento e mudança social.

Blanco (2011) afirma que os princípios norteadores do curso de vida estabelecem claramente que o estudo diacrônico dos fenômenos, e a consideração sempre presente dos processos e do contexto, aponta diretamente para a preeminência que é concedida à gestão da dimensão temporal e nessa perspectiva, coloca-se em prática a análise da temporalidade, tendo como fio condutor o entrelaçamento de trajetórias de vida.

De acordo com Saporì, Caetano e Santos (2020) a preocupação dos teóricos dessa perspectiva, tem foco principalmente nas mudanças no comportamento infracional ou criminoso ao longo do tempo, destacando a relevância do fator idade e da curva da idade para a compreensão do fenômeno, propondo de uma forma geral a análise dinâmica e longitudinal do comportamento delitivo, inserido no curso vital do indivíduo e em suas etapas, com vistas a descrever sua gênese, curso e desenvolvimento. Assim, esse aspecto surge como grande peculiaridade dessa abordagem, que é justamente a análise de processos ao longo da vida do indivíduo e não análises comparadas e transversais como fazem os estudos tradicionais.

Nesse sentido, a questão central dessa abordagem teórica se torna documentar e explicar, de uma perspectiva interdisciplinar e multidisciplinar, o padrão longitudinal do delito, ou seja, não o porquê os indivíduos cometerem crimes, mas por que diferentes indivíduos cometem crimes em diferentes idades, por que alguns deles cometem crimes com mais frequência em relação a outros e por que alguns indivíduos continuam a cometer crimes no decurso da vida, enquanto outros desistem na fase final da adolescência (SAPORI, CAETANO E SANTOS, 2020; PIQUERO, 2022).

De acordo com Nico (2011), o curso de vida possui duas possibilidades, pois como constructo a ser descrito ou explicado, a atenção tem sido dirigida para a organização da biografia, nomeadamente no que se refere à estrutura etária da sequência dos acontecimentos, especialmente no âmbito da demografia, que mais se apropriou deste tipo de dados e do tipo de análise a eles inerente. Já como teoria explicativa a perspectiva do curso de vida tem como objetivo a compreensão da forma como as condições da ocorrência de determinados eventos influenciam a direção do curso de vida – assim, pode ajudar na compreensão de como elementos ecológicos influenciam a vida dos jovens em sua trajetória criminal.

A teoria desenvolvimental e do curso de vida ao se afastar das teorias centradas apenas nos indivíduos e também por levar em conta em suas análises, outros fatores relativos ao ambiente, estrutura, biológicos e sociais, acaba por se diferenciar da criminologia tradicional e assim, de outro lado, se aproxima de abordagens explicativas do crime, geradas pela Escola de Chicago, que integram outras perspectivas teóricas, como o aprendizado social, o controle social e a eficácia coletiva. Nesse contexto, é viável explorar como os elementos da ecologia humana exercem influência nas trajetórias de vida delinquentes por meio dessas abordagens teóricas.

Farrington (2003) aponta que um problema que essa teoria do crime tinha no passado, era que os pesquisadores propuseram suas próprias teorias e, em seguida, investigaram a adequação dessas teorias para explicar seus próprios resultados empíricos e os de outras pessoas, além do quê, muitas teorias criminológicas anteriores não eram desenvolvimentistas, pois tendiam a negligenciar a sobreposição entre comportamento ofensivo e antissocial, a continuidade desde a infância até a idade adulta no comportamento ofensivo e antissocial e a importância de fatores biológicos e psicológicos, embora tenham feito contribuições importantes para o conhecimento. Por exemplo no caso da teoria do autocontrole de Gottfredson e Hirschi (1990), em que argumentam que ofender é essencialmente uma decisão racional e que se as pessoas cometem crimes de acordo com as oportunidades e atividades de rotina, e que foi classificada por Farrington (2003) como antidesenvolvimentista, já que nega a necessidade de abordar muitos dos principais problemas da criminologia do desenvolvimento e do curso de vida e a necessidade de pesquisas longitudinais prospectivas. Assim, o argumento dessa última, é que a ordem relativa das pessoas em sua construção fundamental de autocontrole é estabelecida na infância e segue estável ao longo da vida, assim como as causas do delito, que são as mesmas em todas as idades e podem ser estudadas transversalmente em qualquer idade.

De acordo com Farrington (2003), as teorias da criminologia do desenvolvimento e do curso de vida visam explicar os crimes cometidos por indivíduos, em oposição às taxas de criminalidade de áreas, por exemplo. Seu foco está no desenvolvimento dos infratores, mas é importante, ainda segundo o mesmo autor, não perder de vista os fatores que influenciam a prática de crimes. Assim essas teorias do curso de vida devem explicar a prática de crimes, bem como o desenvolvimento de criminosos. Nesse ponto surge a possibilidade de sua intersecção teórica com as teorias da desorganização social e eficácia coletiva, pois se constitui uma plataforma útil para o estudo das ligações que existem

entre a vida individual e a mudança, tentando considerar simultaneamente os níveis macroestruturais e microssociais.

Nesse sentido, existem três aspectos fundamentais no estudo de carreiras infracionais, que são o início, a continuação/especialização e a desistência, e que podem ser observados em análises ao longo da vida dos sujeitos, buscando explicações sobre o início da atividade infracional, os fatores que operam para a sua persistência, o motivo pelo qual os delitos se tornam mais graves e, os fatores que seriam responsáveis pela desistência do crime.

1.1 O surgimento da criminologia desenvolvimental e do curso de vida

O curso de vida surge nos anos de 1990 como um paradigma emergente, com teoria e métodos característicos, pois trata-se de um amplo movimento intelectual multidisciplinar que abrange ideias e observações empíricas de várias disciplinas, como biologia, psicologia, história, além da sociologia, e dessa forma, não como uma teoria explícita, mas como uma maneira de pensar e estudar a vida e o desenvolvimento humano. (FARRINGTON, 2003; BLANCO, 2011; NICO, 2011; BENSON, 2012)

Para Farrington (2003) as teorias sobre criminologia do desenvolvimento e do curso de vida incorporaram importantes paradigmas durante a década de 1990. O primeiro é o paradigma da prevenção de fatores de risco que foca na identificação dos fatores propiciadores do crime e na adoção de mecanismos de prevenção que lidam com tais fatores; o segundo é a criminologia desenvolvimental que tem foco na dinâmica criminal ao longo da trajetória de vida do infrator e também nos fatores de risco para tal. Importante também foi a absorção pela teoria do curso de vida da influência dos estudos sobre carreiras criminais, pelo maior reconhecimento das conexões recíprocas e de interação mútua entre trajetórias no crime e trajetórias em outros domínios da vida.

O paradigma da carreira do crime, foi muito relevante na década de 1980, e avançou no conhecimento sobre a medição das características da carreira do criminoso, como início, continuação e desistência, mas não se ateu aos fatores de risco e eventos de vida que influenciaram essas características, ou às teorias que podem explicar o desenvolvimento (ELDER, 1985; FARRINGTON, 2003; MCGEE *et al.*, 2021;). Elder, Johnson e Crosnoe (2003) afirmam que o conceito de “carreira” era utilizado como forma de vincular papéis ao longo da vida, e essas carreiras baseiam-se em histórias de papéis na educação, no trabalho ou na família, sendo que esses modelos geralmente se

concentram em um único domínio, simplificando em grande parte a vida de pessoas que, na realidade, lidam com vários papéis sociais simultaneamente, assim como não localizava os indivíduos no contexto histórico e nem identificava sua localização temporal dentro do ciclo de vida. Nesse sentido, os modelos disponíveis de percursos sociais necessitavam de mecanismos que ligassem as vidas ao tempo biográfico e histórico e também as mudanças na vida social de cada período, e assim, com uma consciência renovada que ligava a vida individual à mudança social, surgiram vários estudos de base histórica. (ELDER *et al.*, 2003, PIQUERO, 2022).

As ciências sociais em geral, e a sociodemografia em particular, se preocuparam em explicar a mudança a partir de várias plataformas teóricas e metodológicas. Assim alguns dos autores que usaram a abordagem do curso de vida afirmaram que esta revolucionou a demografia ao concentrar atenção, não mais somente nos agregados populacionais, mas nos comportamentos demográficos dos indivíduos, visando o reconhecimento e medição de efeitos da biografia pessoal e da história social nas vidas humanas (BLANCO, 2011; NICO, 2011). Para Nico (2011) nos anos de 1980, é que se começou a formar consenso em torno das diferenças que separam o ciclo de vida do curso de vida, dando especificidade e autonomia ao último.

De acordo com Piquero (2022) a história criminologia do desenvolvimento e do curso de vida, começa bem antes na história, com o astrônomo, matemático, estatístico e sociólogo belga Adolphe Quetelet (1796 - 1874), que foi a primeira pessoa a documentar uma relação entre idade e crime usando dados de registros oficiais de Paris, na França. Assim, o amadurecimento da teoria viria do advento e expansão de dados longitudinais e, em particular, dos avanços em técnicas metodológicas e estatísticas que permitiram análises sofisticadas e detalhadas de padrões ofensivos, que gerou consequentemente uma visão importante sobre a heterogeneidade nos padrões do delito ao longo da vida, bem como sobre os fatores de risco e proteção, e que estão associados à continuidade e mudança no delito (MCGEE *et al.*, 2020; PIQUERO, 2022).

Outro ponto de virada para essa perspectiva, de acordo com Piquero (2022), foi o estudo clássico de Sheldon e Eleanor Glueck de 1950, onde examinaram o desenvolvimento do crime entre 500 rapazes de escolas de formação de Massachusetts, desde a adolescência até os 32 anos. Além do seu aspecto inovador, o início do estudo da natureza longitudinal e a coleção de uma variedade de fatores de risco e proteção, a pesquisa continua importante atualmente, já que seus dados foram descobertos no porão da biblioteca da Harvard University Law School por John Laub em 1987 e que junto a

Robert Sampson, passaram anos reconstruindo, informatizando e analisando os registros que culminaram em novos estudos, também importantes para a área de pesquisa. Ainda outro ponto importante na construção dessa teoria, foi o “*Delinquency in a Birth Cohort*” de 1972 (WOLFGANG, FIGLIO e SELLIN, 1972 apud PIQUERO, 2022), um trabalho de pesquisadores da Universidade da Pensilvânia, que rastreou os padrões ofensivos de 9.945 homens nascidos na cidade de Filadélfia em 1945 e que foram seguidos até os 18 anos na cidade. Embora muito criticado, suas principais conclusões foram que mais da metade dos atos delinquentes da coorte poderiam ser atribuídos a cerca de 6% da coorte, levantando naturalmente questões sobre previsão.

Piquero (2022) chama a atenção também para o estudo “*Cambridge Study in Delinquent Development*” (CSDD), iniciado em 1961, originalmente liderado por Donald West, e desde 1982 por David Farrington, que se trata de um estudo prospectivo e longitudinal de 411 homens do sul de Londres, nascidos entre setembro de 1952 e agosto de 1954, onde pais e filhos foram entrevistados. Esse estudo, por sua vez, gerou várias descobertas, como a previsão de uma série de fatores de risco rotineiros e consistentes para os crimes, como a má qualidade de supervisão dos pais.

Piquero (2022) afirma, de forma polêmica que, a história da criminologia do desenvolvimento e do curso de vida não pode ser compreendida sem os desafios apresentados para o campo por Travis Hirschi e Michael Gottfredson, pois seu corpo de trabalho forçou os teóricos do desenvolvimento e do curso de vida, bem como os pesquisadores da carreira criminal, a organizar e testar diretamente suas próprias suposições, fato que abriu caminho para um programa de pesquisa mais organizado. Também Piquero (2022) afirma que o relatório de carreiras criminais de 1986 da Academia Nacional de Ciências (NAS) se tornou um ponto de virada fundamental, e impulsionou o lado mais teórico da criminologia do desenvolvimento e do curso de vida, pois teve várias declarações de tarefas, ajudou a avaliar a capacidade dos pesquisadores de prever os delitos futuros e até que ponto as políticas de incapacitação que estavam sendo discutidas na literatura poderiam ser informadas por essas previsões.

Com o tempo foram surgindo uma nova onda de estudos longitudinais, que também foram importantes para o estabelecimento desse campo e notadamente, segundo Piquero (2022), o ano de 1993 foi marcado pela publicação de três estudos importantes. A primeira é a taxonomia do desenvolvimento delineada por Terrie Moffitt (1993), que se tornou uma das pedras da fundação da criminologia do desenvolvimento e do curso de vida ao traçar uma teoria para entender a variabilidade dentro da curva idade-crime. O

segundo grande desenvolvimento de 1993 foi o estudo de Sampson e Laub (1993), “Crime in the Making”, que delineou sua teoria de controle social informal do crime, graduada por idade. Auxiliados pela coleta e análise dos dados dos Glueck, esses autores decidiram combinar aspectos da teoria do controle informal dentro da perspectiva sociológica mais ampla do curso de vida, que enfatiza as vidas conectadas, bem como as questões-chave que cercam a continuidade e mudança no comportamento antissocial. Ao contrário da taxonomia de Moffitt e de seu foco no grupo de dois infratores, Sampson e Laub forneceram ao campo uma teoria mais geral do delito ao longo da vida, de modo que viram pouca necessidade de agrupamentos. A terceira obra importante eleita por Piquero (2022), é o desenvolvimento e publicação do que veio a ser conhecido como a metodologia da trajetória, de Nagin e Land (1993) onde reconheceram que o comportamento antissocial não é normalmente distribuído por toda a população, nem que pode haver uma curva geral de idade-crime para todos e desenvolveram uma abordagem metodológica que não fazia suposições paramétricas sobre a distribuição de heterogeneidade persistente não observada. Importante também foi a criação da Sociedade Americana de Criminologia da Divisão de Criminologia do Desenvolvimento e do Curso de Vida (DLCC) estabelecida em novembro de 2012 e que fortalece o campo de estudos na atualidade.

De um ponto de vista histórico, Elder, Johnson e Crosnoe (2003), afirmam que eventos sociais revolucionários, como a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial, e a falta de apoio financeiro para as ciências sociais e comportamentais contribuíram para essa negligência das histórias e trajetórias de vida. No início do século XXI, entretanto, esses percursos de vida foram reconhecidos nas ciências sociais e comportamentais como o curso de vida. Os mesmos autores afirmam também sobre a ascensão do movimento do curso de vida em um tempo de confluência de grandes mudanças sociais e também intelectuais, durante o século XX, começando com o amadurecimento de estudos longitudinais pioneiros e o reconhecimento de que o conhecimento sobre o desenvolvimento de adolescentes e adultos não poderia ser extrapolado de modelos baseados em crianças.

Blanco (2011) afirma que na década de 1980, Glen Elder estabeleceu as diretrizes fundamentais da abordagem do curso de vida de forma mais clara, e na Europa vários autores começaram a se envolver na análise da conexão entre os cursos de vida individuais e da esfera econômica, e em alguns casos mais especificamente com o mundo do trabalho, sendo que na década de 1990, pelo menos nos Estados Unidos, essa

abordagem teórico-metodológica decolou. A autora afirma que o sucesso de Glen Elder vem da junção de ideias, propostas teóricas e metodológicas, além dos conceitos já existentes, como o estudo de coortes na demografia, os sistemas de status de idade mais comuns na sociologia, o contexto histórico e, em geral, a mudança sociocultural, juntando tudo de forma articulada na mesma investigação.

Elder, Johnson e Crosnoe (2003) afirmam que atualmente a perspectiva do curso de vida é a orientação teórica mais preeminente no estudo das vidas, mas nem sempre foi assim, pois as histórias de vida e trajetórias futuras de indivíduos e grupos foram amplamente negligenciadas pelas primeiras pesquisas sociológicas. De acordo com esses autores, quando essa abordagem surgiu, os caminhos sociais da vida humana, particularmente em seu tempo e lugar históricos, não eram um assunto comum de estudo e, conseqüentemente, os cientistas sociais pouco sabiam sobre como as pessoas viviam suas vidas desde a infância até a velhice, ou sobre como suas trajetórias de vida influenciavam o curso do desenvolvimento e do envelhecimento, e menos ainda sobre a importância dos contextos históricos e geográficos.

Elder, Johnson e Crosnoe (2003) chamam a atenção para o fato de que metodologicamente, constituiu-se uma inovação importante o uso de coleta de dados de forma prospectiva e retrospectiva, pois permite a criação de histórias de vida detalhadas, sendo que essa inovação estaria segundo eles, relacionadas com inovações estatísticas, como a análise do histórico de eventos, fazendo com que essas mudanças em procedimentos empíricos, técnicas estatísticas e abordagens interpretativas fossem o cerne da pesquisa do curso de vida. Os autores ressaltam que embora o desenvolvimento do curso de vida nos Estados Unidos tenha sido quantitativo em grande medida, uma ênfase distinta nos estudos europeus centra-se em biografias individuais e entrevistas em profundidade.

1.2 Os principais segmentos teóricos da criminologia desenvolvimental e do curso de vida

A coleção expandida de resultados de pesquisas ampliou a necessidade e a importância de aprofundar os fundamentos teóricos para explicar e compreender o comportamento criminoso ao longo da vida. Surgiram assim várias abordagens, desde teorias gerais a teorias tipológicas, de abordagens estáticas a dinâmicas, bem como várias combinações entre elas (FARRINGTON, 2003; LAUB E SAMPSON, 2006).

A principal teoria manejada pelos teóricos da criminologia do desenvolvimento é a teoria do curso de vida, cujo expoente é o pesquisador norte-americano Glen Elder. Elder (1985), em seu livro “Life course dynamics: trajectories and transitions”, oferece uma abordagem abrangente ao estudo das atividades infracionais, uma vez que considera a multiplicidade de influências que moldam o delito em diferentes períodos e contextos de tempo. E essa abordagem é a que nos ateremos nessa tese, conforme o objetivo desse estudo, e que será debatida de forma mais consistente de forma que se analisará como essa pode se atrelar com a teoria da eficácia coletiva, enquanto possibilidades de aprofundar estudos sobre infrações na sociologia do crime.

Neste momento, o intuito é apenas demonstrar como a teoria do desenvolvimento se associa à teoria do curso de vida para análises sobre infrações. Assim, segue a exposição das características essenciais das principais teorias da criminologia do desenvolvimento e do curso de vida mais conhecidas, detalhadas e abrangentes, conforme Farrington (2003). Tais perspectivas reforçam de diferentes formas, a importância do exame da influência do lugar sob as trajetórias.

O modelo de Catalano e Hawkins (1996) teoriza sobre o modelo de desenvolvimento social que integra controle social, a aprendizagem social e as teorias de associação diferencial, sendo que o que importa para o autor, é o equilíbrio entre a ligação antissocial e pró-social. Assim, as pessoas aprenderiam o comportamento pró-social e antissocial de acordo com a socialização por famílias, colegas, escolas e comunidades. A probabilidade de uma pessoa ofender dependeria então da força relativa do vínculo pró-social ou antissocial, bem como dos benefícios e custos percebidos. O início do delito ocorreria como resultado de um aumento no nível de vínculo antissocial, e uma diminuição no nível de vínculo pró-social, um aumento nos benefícios percebidos do crime e uma diminuição nos custos percebidos do crime.

LeBlanc (1997) propôs uma teoria conhecida como a teoria da regulação social e pessoal da conduta na adolescência, que busca integrar multicamadas de controle e que tenta explicar o desenvolvimento do delito, a ocorrência de eventos criminais e as taxas de crimes na comunidade. Tem como base a teoria sociológica do vínculo social, de Hirschi (1969) e assim, a questão que tenta responder se relaciona com os motivos pelos quais as pessoas respeitam as leis. Hirschi (1969) explica a conduta delituosa, na adolescência, a partir da adaptação social do indivíduo, tendo por base esses componentes da regulação social do comportamento, e Le Blanc (1997) acresceu para a análise um componente de natureza psicológica, que denominou alocentrismo, e seria como um

regulador da adaptação pessoal. Ademais, dotou a teoria de uma perspectiva desenvolvimental, colocando no papel de variável dependente, não o ato infracional em si, mas a trajetória infracional. Assim, o desenvolvimento do delito dependeria de quatro mecanismos de controle, que são o controle da comunidade (por exemplo, desorganização social), controle pessoal (ideias de escolha racional), autocontrole (impulsividade, vulnerabilidade a tentações), oportunidades, atividades rotineiras e tutela (por exemplo, proteção física). Destaca-se nessa vertente que os fatores ambientais, por exemplo, classe social e vizinhança, influenciam o vínculo, e os fatores de fundo, como capacidades cognitivas, influenciam o desenvolvimento da personalidade.

Thornberry e Krohn (2001) revisam a teoria interacional e entendem que as causas do delito não são estáveis, mas variam em diferentes estágios do curso de vida, com oportunidades, sucessos e fracassos anteriores. Nessa perspectiva, afirmam que laços fracos com a sociedade e laços fortes com associações de delinquentes, assim como crenças delinquentes são as principais causas da delinquência. Afirmam ainda que as trajetórias comportamentais dependem também de fatores sociais estruturais, como classe social, raça e vizinhança e colocam ênfase na causalidade recíproca, pois como o vínculo afeta do delito, ofender também afeta a associação.

A dupla taxonomia de Moffit (1993) anuncia uma possibilidade de análise da delinquência juvenil e busca entender determinantes da persistência do comportamento antissocial, que podem ser diferentes variáveis teóricas, como idade biológica, fatores ecológicos e outros. Essa abordagem se concentrou na identificação e explicação de comportamento antissocial persistente e ofensivo, gerando a taxonomia dupla de comportamento antissocial persistente ao longo da vida e o outro, limitado à adolescência. Dessa forma Moffitt (1993) diferencia duas categorias qualitativamente distintas de pessoas que cometem crimes, a saber, infratores persistentes ao longo da vida e infratores limitados pela adolescência. A persistência do comportamento antissocial seria então perpetuada pela interação entre as características dos indivíduos e as reações ambientais a eles, e dentro dessa lógica, quaisquer oportunidades de mudança neste ciclo seriam transformadas em oportunidades de continuidade no comportamento antissocial.

Na teoria do controle social informal do curso de vida, Sampson e Laub argumentam que os laços sociais adultos, como bons casamentos, empregos estáveis e serviço militar, são importantes para entender a desistência do crime e uso de drogas ilícitas pois essas transições permitem que os indivíduos “eliminem” oportunidades criminosas por meio de maior envolvimento, comprometimento e crença em instituições

convencionais. Assim, para eles, pontos de virada são conceitos importantes na compreensão dos processos de mudança no curso da vida adulta. No entanto, o pico acentuado na prevalência de delinquência comumente observado em meados do final da adolescência sugere que, para a maioria dos indivíduos, a desaceleração ou cessação de cometer crimes e assumir riscos, ocorre mais cedo na vida e que a maioria dos infratores interrompe o comportamento logo após eles iniciam. Isso leva a uma lacuna entre a ênfase criminológica na desistência na idade adulta e o fato de que a maioria dos indivíduos desiste antes de entrar na idade adulta.

Já no modelo de Farrington (1992), conhecido como Teoria do Risco Social, propõe-se uma teoria provisória que integra ideias de muitas outras teorias, incluindo abordagens de tensão, controle, aprendizagem, rotulagem e escolha racional, sendo que seu construto principal é o potencial antissocial. Nesse sentido, a realização do comportamento antissocial depende de processos cognitivos que levam em consideração oportunidades e vítimas. Seguindo a teoria da tensão, os principais fatores de energização que tendem a um potencial antissocial elevado e de longo prazo, são os desejos por bens materiais, status entre pessoas íntimas, excitação e satisfação sexual. No entanto, essas motivações só levam a altos níveis de potencial antissocial se métodos antissociais para os satisfazer forem habitualmente escolhidos e para Farrington (1992), os métodos antissociais tendem a ser escolhidos por pessoas que têm dificuldade em satisfazer as suas necessidades de forma legítima, no entanto, os métodos escolhidos também dependem das capacidades físicas e habilidades comportamentais. Assim, o potencial antissocial de longo prazo também depende de vários processos como o de socialização, exposição a modelos antissociais e também, de acordo com o autor, com fatores biológicos que poderiam ser incorporados à teoria em vários pontos, pois os principais fatores de risco para o início de uma carreira criminosa estão presentes na infância e na adolescência, por pertencerem a família de baixa renda, possuírem trajetória de fracasso escolar, impulsividade, pais criminosos, colegas delinquentes, vizinhanças ruins, educação parental e supervisão parental inadequada, famílias desestruturadas e ansiedade, por exemplo. Em geral, esses fatores de risco na infância e na adolescência também, para o autor, predizem persistência, em oposição à desistência, porque predizem um nível relativamente alto de potencial antissocial. O autor afirma ainda sobre a importância de estudos da criminologia do desenvolvimento e do curso de vida que investiguem fatores de proteção e fatores de risco biológicos, de pares, da escola e da vizinhança.

Importante analisar, conforme Farrington (2005), que as diferenças dessas teorias podem ser categorizadas entre os modelos estáticos e os modelos dinâmicos, além do quê, a questão central para a compreensão desses modelos teóricos estaria na forma como analisam a curva idade-crime, o que revela a relação dessas duas variáveis e descreve que a prevalência dos delitos tende a aumentar no final da infância até atingir seu pico na adolescência, havendo um declínio acentuado a partir da entrada na vida adulta.

Indubitavelmente inúmeras oportunidades para o avanço da compreensão teórica e empírica do crime ao longo da vida estão disponíveis e, na medida em que os resultados da pesquisa são reavaliados, as questões de pesquisa são refinadas, a coleta e a medição de dados são aprimoradas, as reflexões e concepções teóricas são avançadas, novas abordagens teóricas surgem e continuam a desafiar, avançar e melhorar o status quo teórico existente.

1.3 Os três conceitos fundamentais da criminologia desenvolvimental e do curso de vida

Na busca de modelos do curso de vida que refletissem o contexto histórico e biográfico, vários conceitos úteis foram desenvolvidos, sendo que cada um fornece uma maneira de pensar sobre como as vidas são socialmente organizadas. Segue a exposição de alguns desses conceitos fundamentais e os princípios da teoria do curso de vida, baseados nos estudos de seu principal teórico, Elder (1985), e de seus sucessores, que são trajetória, transição e ponto de virada. Esses constructos representam as ferramentas analíticas básicas do curso de vida e refletem a natureza temporal das vidas e capturam a ideia de movimento ao longo dos tempos históricos e biográficos.

Para Elder (1985) as trajetórias são sequências de estados vinculados dentro de um domínio conceitual definido de comportamento ou experiência, que podem ser caracterizadas por várias dimensões que têm consequências na maneira como os indivíduos se desenvolvem, e tem três dimensões importantes que são a entrada, o sucesso e o tempo. Nesse sentido, para Blanco (2011) o conceito de trajetória se refere a uma linha de vida ou carreira, um caminho ao longo da vida, que pode variar e mudar de direção, grau e proporção. As trajetórias abrangem uma variedade de domínios, como trabalho, escolaridade, vida reprodutiva, migração, e outros que são interdependentes, gerando uma visão dinâmica, por exemplo, de comportamento ou resultados, em uma parte substancial do curso de vida.

Para Elder (1985) as transições são sempre incorporadas em trajetórias que lhes dão forma e significado distintos e podem representar pontos de virada ou mudança no curso da vida. Para Blanco (2011) a transição se refere a mudanças de estado, posição ou localização, e não são necessariamente predeterminadas ou absolutamente previsíveis, embora em termos gerais, existem algumas mudanças que são mais ou menos prováveis de ocorrer, por exemplo, entradas e saídas do sistema de ensino, do mercado trabalho, casamento e outros. O que a abordagem do curso de vida destaca é que as transições não são fixas e podem ser apresentadas em momentos diferentes, sem serem pré-determinados. Além disso, é comum que várias transições possam ocorrer simultaneamente, por exemplo, deixar a família de origem, entrar no mercado de trabalho e entrar no casamento e reprodução.

Sobre o conceito de “pontos de virada” da criminologia desenvolvimental e do curso de vida, não se pode negar que esse conceito têm tido grande importância teórica desde que foram introduzidos e popularizados na criminologia pela obra de Sampson e Laub (1993), onde acompanharam 500 meninos delinquentes e 500 não delinquentes, baseando-se no influente trabalho de Elder e outros estudiosos do curso de vida, e que então propuseram a ideia de que eventos importantes da vida, como casamento e emprego estável por exemplo, podem servir como pontos de virada na trajetória criminosa e se tornaram conceitos importantes na compreensão dos processos de mudança no curso da vida adulta.

Assim, os pontos de virada, são eventos que causam fortes modificações e se traduzem em uma série de efeitos sobre as trajetórias ofensivas (BLANCO, 2011, SCHINKEL, 2019). Trata-se de uma mudança de estado e podem surgir de eventos facilmente identificáveis, sejam eles desfavoráveis, como a morte de um membro da família muito próximo e importante, ou podem ser situações que são qualificadas como subjetivas. Importante salientar que se tratam de mudanças que implicam na descontinuidade nos caminhos da vida e, ao contrário de trajetórias e transições que podem apresentar alguma proporção de probabilidade em sua aparência, os pontos de virada não podem ser determinados prospectivamente, mas só retrospectivamente e em relação às vidas individuais.

No passado, os estudiosos conceituavam os pontos de virada como eventos únicos raros, mas atualmente concordam que esses são orientados para o processo, pois sabemos que mudanças na infração e na desistência do crime são muitas vezes processos sociais muito complexos.

Sampson e Laub (2005) tentam entender os pontos de virada inclusive como ‘processos de ponto de virada’. Assim para esses autores, um ponto de virada é entendido como uma alteração ou desvio em um caminho ou trajetória de longo prazo que foi iniciado em um ponto anterior no tempo (SAMPSON e LAUB, 2005) e constituem um elemento central em sua teoria graduada por idade do controle social informal. Ainda, para esses autores, seu surgimento durante o curso da vida abre a possibilidade, entre outras, para que o indivíduo possa extinguir o passado do presente, para investir em novos relacionamentos que promovam ajuda para seu desenvolvimento social, também para viver respeitando formas de supervisão e controles sociais, também para envolver-se em atividades rotineiras centradas em uma vida convencional ou ainda realizar uma transformação de identidade.

Ainda, sobre esse tema, Nguyen e Loughran (2018) argumentam também nesse sentido, chamando a atenção para a necessidade de considerar a natureza processual dos pontos de virada, pois compõem um processo de ramificação dinâmico que incorpora agência, processo e desvantagem cumulativa ao invés de entendê-los como um evento singular. Nesse entendimento, mesmo em uma leitura bastante generosa da pesquisa sobre pontos de virada, a importância dos processos de transição específicos do contexto raramente fica explicitamente declarada.

Os autores afirmam também sobre a seleção dos pontos de virada que se apresenta como desafio para os estudiosos no que diz respeito à sua identificação causal, pois para se qualificar como um ponto de virada, um evento deve ter capacidade de mudar uma trajetória de comportamento, sendo que esses eventos importantes da vida, não são atribuídos aleatoriamente, pois são influenciados por fatores históricos, culturais, sociais, assim como por características e agência individual. A perspectiva do curso de vida reconhece que os indivíduos diferem em suas adaptações a eventos de vida semelhantes e que essas respostas podem levar a caminhos diferentes (ELDER, 1985). Assim os pontos de virada podem levar um ofensor a desistir completamente, delinquir em um nível inferior ou trocar um tipo de ofensa por outro, como também podem afastar um indivíduo do caminho do crime e levá-lo a uma trajetória mais normativa, sendo que não precisam ser unidirecionais.

Ainda, segundo Nguyen e Loughran (2018), a natureza dos pontos de virada apresenta um desafio quantitativo para a compreensão de como estão relacionados às trajetórias criminais, seja no processo de entrada ou desistência. Para os autores, em primeiro lugar, a verdadeira forma dos pontos de virada não é clara, em segundo lugar, a

maioria dos métodos contemporâneos usados para examinar o processo de desistência identifica retrospectivamente os grupos ofensores por suas taxas de delitos, dificultando a identificação de processos de ponto de inflexão mais sutis ou estendidos e, em terceiro, os estudiosos discutiram a natureza complexa da análise dos pontos de virada, como questões relacionadas a dependências de tempo, variáveis omitidas, interdependência de pontos de inflexão com outras transições de curso de vida e diferenças individuais que por sua vez, são todas questões tênues que devem ser enfrentadas metodologicamente.

De outro lado, para Carlsson (2012) os pontos de virada acontecem de forma gradual na vida dos indivíduos e essa complexidade, se torna difícil de captar com métodos quantitativos, já que a imagem que tende a aparecer dos pontos de virada ou da desistência é, por exemplo, como um evento ou uma cessação abrupta do comportamento criminoso. Esse autor afirma de forma polêmica ainda que, os pontos de virada das carreiras criminosas que são identificados a partir de dados agregados inclusive, podem ser efeitos metodológicos que só parecem salientes devido à ausência de informações coletadas. Assim, de acordo com esse autor, o uso dos métodos qualitativos se mostra mais adequados para a tarefa, por sua capacidade de interpretar, analisar e compreender as mudanças no delito. Ainda nesse sentido, para Carlsson (2012), os pontos de inflexão podem nos ajudar a esclarecer o curso de vida complexo e dinâmico de qualquer indivíduo e nos ajudar a identificar os processos que parecem ser mais importantes do que outros quando se trata de mudanças no delito e na desistência do crime.

O fato de explorar a continuidade e a mudança na delinquência em um material qualitativo se torna, em muitos aspectos, diferente de fazê-lo em um material quantitativo. Contudo, no estudo de Laub e Sampson (2003) sobre os Glueck, eles se utilizam os dois tipos de métodos, conferindo seus dados quantitativos com os qualitativos, de forma que a fonte qualitativa foi utilizada para complementar e desenvolver as descobertas quantitativas. Ainda sobre o assunto, Laub e Sampson (2020) analisam o desafio do viés de seleção dos pontos de virada, que é entendido por eles como um ponto metodológico, e também uma questão teórica que vai ao cerne de como concebemos a escolha dos processos de desenvolvimento e de causalidade. Os autores afirmam também sobre expandir a ideia de pontos de virada para todas as fases da vida, como positivos e negativos, em relação aos resultados de longo prazo.

Nesta pesquisa, o objetivo é identificar e analisar qualitativamente os pontos de virada que estão relacionados à extensão em que a desordem na vizinhança e a exposição crônica a estressores urbanos afetaram o desenvolvimento individual de jovens e adultos

estudados. Isso nos permitirá entender melhor como a ambiente influencia nas trajetórias criminais. Embora haja um corpo de evidências que propõe que estar situado em meio à desordem da vizinhança e os estressores sociais podem estar ligados a resultados de desenvolvimento social fracos, pouco se sabe sobre as maneiras pelas quais tal posicionamento e exposição podem influenciar atitudes e comportamentos. Segundo Bennett (2017), numerosos estudos citaram pobreza, densidade populacional, mobilidade residencial e desemprego como características integrantes da desordem de bairro e vários estudos analisam variáveis relacionadas ao funcionamento familiar, relações com os pares, realização educacional, vínculo escolar e participação na força de trabalho como indicadores sólidos da capacidade de negociar objetivos sociais e de desenvolvimento e navegar nas trajetórias do curso de vida, contudo atualmente, o autor argumenta que se tem uma escassez de pesquisas empíricas que explorem essas relações da maneira que apresenta.

A análise que se propõe aqui, coloca as características ecológicas da vizinhança, como potencializadoras, ou não, das trajetórias do curso de vida, como um modelo conceitual exploratório e que é o foco da pesquisa proposta, que objetiva analisar se a exposição a criminalidade, ao abuso de substâncias, a violências e outras formas de atividade ilícita no contexto da vida social, se constituem pontos de virada importantes e se impactam negativamente o desenvolvimento social e as trajetórias de curso de vida de grupos de indivíduos jovens e adultos da cidade mineira Ribeirão das Neves, impulsionando-os para a delinquência.

1.4 Os cinco princípios orientadores da criminologia desenvolvimental e do curso de vida

Cinco princípios orientam da perspectiva do curso de vida, proporcionando maior operacionalidade metodológica, além de promover um entendimento holístico da forma como as forças sociais mais amplas moldam o desenvolvimento dos cursos de vida individuais e coletivos, ao longo do tempo e em vários contextos sociais em mudança. Assim, a seguir, apresentaremos uma análise desses princípios paradigmáticos fundamentais da perspectiva da criminologia desenvolvimental e do curso de vida, que servirão como base para esta pesquisa.

O primeiro princípio se refere ao entendimento do desenvolvimento ao longo da vida que surge pelo estudo de vidas por períodos substanciais de tempo, o que gera o

conhecimento sobre a interação potencial da mudança social com o desenvolvimento individual. Trata-se assim da necessidade de ter uma perspectiva de longo prazo sobre análise e pesquisa, visto que o desenvolvimento humano é um processo que engloba o processo do nascimento à morte. (ELDER, JOHNSON e CROSNOE, 2003; BLANCO, 2011; BENSON, 2012; BLANCO e PACHECO, 2003)

O segundo é o princípio da hora e do local históricos, que têm efeitos profundos sobre o curso da vida que seguimos. Esse princípio aponta diretamente para a importância do contextual, pois o curso de vida dos indivíduos está embutido e é moldado pelos tempos históricos e pelos lugares que cada pessoa vivencia. A ideia básica é que nunca devemos esquecer que as biografias das pessoas estão localizadas em tempos históricos e determinadas comunidades e que, pelo mesmo motivo, todos os que pertencem a uma coorte compartilham certas características fundamentais, mesmo que não sejam homogêneos, pois é necessário levar em consideração as distinções por gênero, classe social, raça ou etnia, entre outros marcadores sociais. (ELDER, JOHNSON e CROSNOE, 2003; BLANCO, 2011; BENSON, 2012; BLANCO e PACHECO, 2003)

O terceiro princípio importante da criminologia desenvolvimental e do curso de vida é o tempo, e esse refere-se ao momento na vida de um indivíduo em que ocorre um evento. O momento dos eventos e intervenções é entendido como crucial para o seu efeito, e nesse sentido, os antecedentes de desenvolvimento e as consequências das transições de vida, eventos e padrões de comportamento variam de acordo com o seu tempo na vida de uma pessoa. O mesmo evento, como por exemplo a morte dos pais, terá um impacto muito diferente na vida de um indivíduo, dependendo da idade e das circunstâncias de sua ocorrência. Um dos temas que emerge desse princípio é o do acúmulo de vantagens e desvantagens ao longo do curso de vida (ELDER, JOHNSON e CROSNOE, 2003; BLANCO, 2011; BENSON, 2012; BLANCO e PACHECO, 2003)

O quarto princípio é o das vidas vinculadas, e tem a ver com a noção de que nossas vidas estão ligadas à vida de outras pessoas, no sentido de que mudanças e eventos na vida das pessoas ao nosso redor podem ter um impacto em nossas próprias trajetórias. As transições individuais frequentemente envolvem transições na vida de outras pessoas, como demonstrado pela dinâmica da família, onde uma das dimensões mais estudadas inclui o aspecto de análise da transmissão e relações intergeracionais. Com isso, também faz parte deste princípio o interesse em analisar as relações entre amigos, colegas, vizinhos, entre professores e alunos, e outros (ELDER, JOHNSON e CROSNOE, 2003; THORNBERRY, *et al.*, 2003; BLANCO, 2011; NICO, 2011; BENSON, 2012).

De acordo com a literatura da área, o último dos princípios fundamentais da criminologia desenvolvimental e do curso de vida se refere a agência humana, que é a noção de que indivíduos constroem seu próprio curso de vida por meio das escolhas e ações que realizam dentro das oportunidades e restrições da história e das circunstâncias sociais em que vivem. O princípio da agência deriva da discussão clássica sobre as ligações e causalidade entre o que é individual e estrutural. Nesse sentido entende-se que os indivíduos não são entes passivos sobre os quais apenas influências e restrições estruturais são impostas, mas que fazem escolhas e realizam atividades e, desta forma, constroem seu próprio curso de vida e de outro lado, exercem seu livre arbítrio dentro de uma estrutura de oportunidades repletas de limitações e que são determinadas por circunstâncias históricas e sociais. A agência está inevitavelmente ligada a forças históricas e sociais, desta forma, as pessoas podem moldar suas vidas, mas o fazem dentro de limites socialmente estruturados, conforme refletido nas oportunidades e restrições que, por sua vez, estão mudando historicamente. (ELDER, JOHNSON e CROSNOE, 2003; BLANCO, 2011; BENSON, 2012; BLANCO e PACHECO, 2003).

Esses princípios segundo Elder, Johnson e Crosnoe (2003) promovem a consciência de contextos sociais e históricos mais amplos e do momento dos eventos e da mudança de papéis, assim como também aumentam a compreensão de que vidas humanas não podem ser adequadamente representadas quando removidas de relacionamentos com outras pessoas significativas e então, permitem que esses princípios guiem a investigação, promovendo a compreensão holística das vidas ao longo do tempo e em contextos sociais em mutação.

1.5 Noções fundamentais da criminologia desenvolvimental e do curso de vida

Com base na revisão da literatura da área, a seguir são apresentadas noções importantes para o campo de pesquisa na perspectiva da criminologia desenvolvimental e do curso de vida.

A diferenciação entre os projetos prospectivos daqueles retrospectivos de acordo com Elder (1985) se mostra importante. Os primeiros seguem uma amostra de indivíduos, geralmente uma coorte definida por idade, ao longo do tempo, onde no início do estudo, os dados da linha de base são coletados nos sujeitos da amostra e em intervalos periódicos os pesquisadores coletam novos dados sobre os sujeitos. Já o segundo tipo, se refere a pesquisas com um desenho longitudinal com foco para o passado, onde os sujeitos da

amostra geralmente são mais velhos e são selecionados porque atendem a alguns critérios estabelecidos pelo estudo e, por conseguinte, após a seleção da amostra, os pesquisadores coletam dados de várias fontes sobre as experiências passadas dos sujeitos. Nessa pesquisa, utilizamos o modelo retrospectivo, onde os entrevistados relatam sobre sua vida pregressa.

Outro conceito muito utilizado nas pesquisas da área é o conceito de coorte, que é definida por Elder (1985) como um grupo de indivíduos que experimentam o mesmo evento, no mesmo intervalo de tempo, e assim coortes etárias diferentes podem ser comparadas entre si para observar o que é conhecido como efeito de coorte.

Outro conceito importante é a idade histórica, que se refere à coorte de alguém, sendo que a idade pode ter significados diferentes, dependendo da coorte ou da posição histórica e de outro lado, e a idade social que refere-se às normas e expectativas que incidem sobre pessoas de diferentes idades, já que os significados sociais da idade podem estruturar o curso de vida por meio de expectativas de idade e sanções informais, cronogramas sociais e graus de idade generalizados como a infância ou adolescência. (ELDER, 1985; ELDER, JOHNSON e CROSNOE, 2003).

Outros pontos importantes dessa perspectiva teórica, como Elder (1985) discute, é a ontogênese, ligada a biologia do desenvolvimento, que refere-se à sequência de eventos envolvidos no desenvolvimento de um organismo individual e contradiz a falácia ontogenética, no que diz respeito ao crescimento e desenvolvimento dos seres humanos, que é a ideia de que pessoas são entidades autônomas que se desenvolvem em linhas pré-determinadas, ignorando a natureza profundamente interativa das relações de auto sociedade.

Elder (1985) corroborando com Sampson e Laub (1993) deixa claro a noção de continuidade cumulativa que se refere à maneira pela qual o comportamento em um ponto da vida influencia as oportunidades e o comportamento em outros tempos da vida, e a noção de auto seleção, que se refere à tendência dos indivíduos de selecionar experiências consistentes com características ou disposições internas estabelecidas cedo na vida.

Já sobre a desvantagem cumulativa, Sampson e Laub (1997) afirmam que se relacionam com processos de desenvolvimento que geram fontes de continuidade, e se vincula a quatro instituições chave para pensar o controle social, que são a família, escola, pares e sanções estatais. A família ganha importância nessa análise, pelas práticas de gestão familiar e socialização, como por exemplo, monitoramento e supervisão, punição consistente e formação de laços sociais estreitos entre pais e filhos, para explicar o crime

e a delinquência estabelecida. A escola e os pares participam do processo de continuidade interacional, pois por exemplo, crianças que são agressivas são mais propensas a serem rejeitadas por seus pares, em comparação com crianças menos agressivas. Também é importante analisar que as sanções oficiais geram desvantagens cumulativas, com um efeito de bola de neve, onde a delinquência do adolescente e suas consequências negativas, por exemplo, prisão, identificação oficial, encarceramento, cada vez mais prejudicam o futuro de uma pessoa, especialmente as chances ao longo da vida, que são moldadas pela escolaridade e pelo emprego. Nesse sentido, essa noção de desvantagem cumulativa está estritamente ligada a teoria da desorganização social e da eficácia coletiva.

1.6. As principais conclusões da criminologia desenvolvimental e do curso de vida

O acúmulo de pesquisas na área da criminologia desenvolvimental e do curso de vida chegaram a uma série de descobertas consistentes (FARRINGTON, 2003; MCGEE *et al.*, 2020, SAPORI *et al.*, 2020) e são expostas abaixo:

As definições atuais de ofensa persistente correspondem amplamente a três medidas-chave da carreira do criminoso, que são a duração, início e frequência.

O pico dos atos infracionais acontece sempre no final da adolescência, entre 15 e 19 anos. Em média a idade máxima de início da carreira desviante, acontece entre os 8 e os 14 anos, e a idade máxima de desistência, acontece em média, entre 20 e 29 anos. Quanto mais precoce a entrada na carreira criminal, maior sua duração e quantidade de crimes cometidos.

Foi averiguada também uma continuidade marcante no comportamento ofensivo e antissocial da infância à adolescência e à idade adulta, ou seja, pessoas que cometem muitos crimes durante uma faixa etária têm uma alta probabilidade de também cometer relativamente muitos crimes durante outra faixa etária.

Uma pequena fração da população considerados infratores crônicos, cometem uma grande fração de todos os crimes e estes geralmente têm início precoce na carreira criminal, assim como a alta frequência de crimes individuais está ligada a longas carreiras criminosas. Outro ponto importante é que carreiras criminais excessivamente longas estão associadas a crimes mais graves, crimes frequentes e danos econômicos desproporcionais à sociedade. Sobre fatores associados à ofensa persistente, pesquisas apontam que na

infância, aqueles que se tornam agressores persistentes experimentam déficits cognitivos, criação disfuncional e adversidade estrutural.

A ofensa persistente se coloca como um ponto de grande interesse na literatura da justiça criminal, onde os infratores persistentes continuam a ofender, apesar das pressões para desistir e, de outro lado, a maioria das carreiras criminais são relativamente breves, sendo constituídas por uma década em média.

O desvio é entendido mais como mais versátil do que especializado. Os tipos de atos definidos como delitos são elementos de uma síndrome maior de comportamento antissocial, dessa forma, os infratores tendem a ser versáteis não apenas em cometer vários tipos de crimes, mas também em cometer vários tipos de comportamento antissocial.

A maioria dos crimes até o final da adolescência são cometidos em associação com outras pessoas, em grupos ou gangues por exemplo, enquanto a maioria dos crimes a partir dos 20 anos são cometidos individualmente. Também, as razões alegadas para cometer crimes até o final da adolescência são bastante variáveis, incluindo questões como diversão ou raiva, e a partir dos 20 anos de idade, os motivos tornam-se cada vez utilitários. Diferentes tipos de delitos tendem a ser cometidos pela primeira vez em idades distintas, já que em geral, a diversificação do crime aumenta até os 20 anos e após essa idade, a diversificação diminui e a especialização aumenta.

Farrington (2003) chama atenção para os principais fatores de risco para o início precoce da delinquência antes dos 20 anos, que são bem claros nos estudos e que são provenientes de várias esferas: fatores individuais como baixa inteligência, baixo desempenho escolar, hiperatividade, impulsividade e risco, comportamento infantil antissocial, ter sido vítima de agressão e bullying; fatores familiares como supervisão parental deficiente, disciplina severa e abuso físico infantil, disciplina inconsistente, atitude parental fria e negligência infantil, baixo envolvimento dos pais com os filhos, conflito parental, famílias desfeitas, pais criminosos, irmãos delinquentes; importam também fatores socioeconômicos como baixa renda familiar, tamanho da família; assim como fatores de pares, que são a influência de colegas delinquentes, rejeição de pares e baixa popularidade; fatores escolares como estudar em uma escola com alto índice de delinquência por exemplo e também fatores de vizinhança – que nos interessa muito nessa pesquisa- como um bairro com alto índice de criminalidade, características de desordem social e altos níveis de pobreza.

2. Notas sobre desafios e possibilidades na utilização da metodologia qualitativa em análises da criminologia desenvolvimental e do curso de vida

Os estudos da criminologia desenvolvimental e do curso de vida abordam muitas esferas da vida social, com evidência para família, pares, escola, vizinhança, comunidade e contexto situacional. Não se deve ignorar que essa vertente da criminologia mesmo gerando relevantes estudos empíricos e teóricos, não pode ser considerada pronta e acabada, com isso, indubitavelmente, o campo precisa de aprofundamentos significativos.

No que tange a metodologias de pesquisa, historicamente a área sempre teve ênfase em métodos quantitativos fazendo uso de grandes bases de dados longitudinais. No entanto, nesta pesquisa, baseada na revisão da literatura da área, argumentamos sobre a relevância teórica das abordagens qualitativas para enriquecer a criminologia desenvolvimental e do curso de vida. Portanto, uma metodologia qualitativa será empregada neste estudo. É importante ressaltar que uma metodologia qualitativa pode complementar e enriquecer os estudos quantitativos tradicionais. Nesse sentido, acredita-se que o uso de abordagens qualitativas pode contribuir para uma compreensão mais profunda do processo de construção de trajetórias criminais em áreas com alta desorganização social. Na sequência, serão apresentadas algumas análises sobre trabalhos importantes realizados com métodos qualitativos dentro dessa perspectiva teórica.

Nesse sentido, de acordo com Liles (2018) e Piquero (2022) ao realizar uma análise do curso de vida de grupos criminosos, informações valiosas podem ser obtidas sobre os pontos de virada, aprendendo o contexto do evento e como o infrator percebeu o evento. Ao agregar o componente de percepção do indivíduo estudado, esses estudos demonstram que cada indivíduo e sua história de vida são únicos e o uso de técnicas qualitativas conseguem abarcar particularidades.

Assim, Liles (2018) em sua pesquisa qualitativa sobre mulheres homicidas, afirma que embora muitas das mulheres que estudou tenham experimentado eventos de vida e pontos de virada semelhantes, nem todos os eventos de vida foram pontos de virada para aquelas com as mesmas experiências. Além disso, a forma como a mulher atribui a culpa ou assume a responsabilidade pode afetar o relato de sua história de vida. Um exemplo foi a análise da marginalização econômica para a propensão ao crime, que de acordo com a literatura da área, cria um ambiente de estresse elevado, contribuindo para o aumento da probabilidade de homicídio por parte de uma mulher. Contudo a pesquisa qualitativa de Liles (2018) com as mulheres homicidas não teve ênfase na experiência de

marginalização econômica, pois era, segundo a autora, uma parte normalizada de sua realidade; assim, para elas, não representou um ponto de virada em suas vidas.

Em um estudo sobre influência da paternidade na desistência do crime com um grupo de homens americanos que foram encarcerados, Edin *et al.* (2001) afirmam que os dados qualitativos geram contribuições únicas como ajudar a esclarecer os processos e mecanismos pelos quais um conjunto de fatores leva a outro, por exemplo, como o evento da paternidade pode atuar como um ponto de virada em alguns casos, mas não em outros. Os dados qualitativos podem ajudar também a revelar as motivações dos atores para dado curso de ação, também permitem que os sujeitos respondam a perguntas em forma de narrativa aberta, em vez de terem somente uma escolha fixa, e também porque os entrevistadores geralmente desenvolvem um alto grau de relacionamento com seus sujeitos de pesquisa e, portanto, às vezes são mais capazes de obter medições precisas de questões delicadas, como por exemplo, sobre a atividade criminosa ou violência familiar.

Nguyen e Loughran (2017) apontam questões-chaves que devem ser consideradas nas pesquisas sobre a influência dos pontos de virada. Inicialmente, destacam a importância de tratar os pontos de virada como heterogêneos devido a heterogeneidade dos pesquisados, pois os eventos da vida como, por exemplo o trabalho, casamento ou a entrada em uma gangue, não são experiências homogêneas e simplesmente agregá-los em uma unidade de medida comum por conveniência analítica pode ofuscar suas diferenças. A forma com que os indivíduos respondem aos pontos de virada da vida, também pode ser de forma heterogênea, pois provavelmente não existe um efeito monolítico do trabalho ou do casamento que se generalize a todos os indivíduos, com isso sugerem que pode-se pensar em fatores-chave que moderam o efeito das transições de vida em diferentes indivíduos. Nesse ponto, argumenta-se sobre a possibilidade do uso da pesquisa qualitativa que pode gerar ricas possibilidades de análise nessa perspectiva e conseguir chegar a peculiaridades desses processos.

McGee *et al.* (2020) e Thornberry e Krohn (2000) afirmam que embora técnicas estatísticas sofisticadas sejam úteis para dar sentido e classificar grandes conjuntos de dados longitudinais, em muitos casos, os métodos qualitativos podem ser mais precisos. Ainda, corroboram quanto a ideia de que medidas gerais de autorrelato capturam uma gama muito mais ampla de comportamento, sendo assim consideradas como tendo confiabilidade e validade aceitáveis.

A proposição metodológica de uma pesquisa qualitativa sobre o curso de vida de jovens infratores mostra-se como um ponto de riqueza de geração de dados e análises, e

torna-se de grande importância pela possibilidade de proporcionar explicações profundas e revelar especificidades dos mecanismos de consolidação de trajetórias delinquentiais. Blanco (2011) chama atenção para a relevância e a utilidade de combinar fontes de informação quantitativa e qualitativa nas pesquisas do curso de vida, pois assim, os métodos qualitativos de coleta de informações, como entrevistas semiestruturadas em profundidade, histórias de vida e até mesmo biografias e autobiografias, representam fontes, com as quais se torna possível realizar análises usando os conceitos e princípios da abordagem do curso de vida.

De acordo com Nico (2011) existe um subdesenvolvimento das metodologias qualitativo-intensivas no âmbito da perspectiva do curso de vida e nas pesquisas longitudinais, muito embora pesquisas importantes estejam na vanguarda dos desenhos longitudinais e qualitativos. Existe igualmente uma tendência para os estudos longitudinais de combinação de diferentes registros, nomeadamente qualitativos e quantitativos, sendo que esse forte movimento busca mesclar os dados quantitativos com os qualitativos e desenvolver competências que permitam trabalhar, em sintonia, nas duas frentes. Estes dois movimentos vêm, então, tentar preencher a lacuna provocada pelo monopólio dos dados quantitativos, apropriados muitas vezes pela demografia e pela estatística, faltando-lhes um componente interpretativo e que, como refere Elder, Johnson e Crosnoe (2003), produz um conhecimento parcelar na medida em que apenas é capaz de revelar o esqueleto do curso de vida. Laub e Sampson (1998) e Blanco (2011) partilham desse entendimento, afirmando que a combinação da análise de dados quantitativos com a análise de dados qualitativos oferece importantes pistas para a explicação dos processos de continuidade e mudança no comportamento humano ao longo do curso da vida.

Nico (2011) apresenta o paradigma do curso de vida enquanto perspectiva meta-teórica, afirmando assim que o pluralismo teórico que caracteriza a perspectiva do curso de vida teve como consequência um pluralismo metodológico, que inclui as histórias de vida, os painéis prospectivos, a demografia histórica, os métodos de história de eventos, e outros, sendo que estes desenvolvimentos teóricos e metodológicos traduziram-se igualmente em um pluralismo disciplinar, beneficiando vários campos de estudo.

Contudo Liles (2018) aponta limitações dos dados qualitativos que devem servir como orientação dessa pesquisa. A autora chama atenção para a limitação dos dados devido ao número de entrevistadas, bem como pela natureza retrospectiva das entrevistas, já que alguns indivíduos podem não ter discutido todos os eventos que ocorreram em suas

vidas, ou podem ter se gabado ou tentado minimizar os eventos devido à forma como achavam que o pesquisador poderia tê-los percebido. Como ganho da pesquisa, a pesquisadora afirma sobre a possibilidade de replicação dos dados, além da expansão dos eventos de vida e os pontos de virada que foram identificados no seu estudo como específicos da vida de suas entrevistadas.

Propõem-se assim nesse estudo, a utilização de uma abordagem qualitativa para buscar avanços na compreensão e análises dos elementos componentes da experiência urbana que interferem nas atitudes e na forma como certos grupos, no caso de jovens da cidade de Ribeirão das Neves. A abordagem proposta busca estabelecer a relação entre as escalas do bairro, da cidade e da região, tentando acompanhar os perigos e o desenho da vulnerabilidade a partir de um olhar micro, da experiência dos sujeitos pesquisados. O desafio é identificar os elementos essenciais que permitam pensar os processos enquanto fenômenos, e não apenas como excepcionalidade de um caso. Para analisar esse fenômeno social tão multifacetado como é a delinquência, busca-se através da utilização da metodologia qualitativa abarcar estes processos, levando em conta além das entrevistas realizadas, a imersão e envolvimento do pesquisador, os levantamentos de percepção e atitudes ambientais que reforçam a discussão mais aprofundada dos processos e fenômenos constituintes do lugar e das circunstâncias e possibilidades que proporciona aos sujeitos estudados. Objetiva-se assim, um avanço na reflexão sobre a percepção dos perigos urbanos e os componentes da vulnerabilidade, bem como a dimensão do lugar nos processos que influenciam trajetórias delinquentes (MARANDOLA JR e SANTOS, 2016).

3. A criminologia desenvolvimental e do curso de vida no Brasil

A teoria evidenciada neste estudo foi originalmente formulada com base nas trajetórias criminais observadas no contexto internacional, especificamente nos Estados Unidos durante a década de 1980. Portanto, é importante notar que ainda há uma escassez de estudos nacionais que empregam essa perspectiva teórica. A seguir, serão analisados alguns desses estudos nacionais.

Bazon *et al.* (2011) em São Paulo estudaram adolescentes em conflito com a lei, com o objetivo de apresentar o referencial da Criminologia Desenvolvimental e o da Teoria da Regulação Social e Pessoal da Conduta na Adolescência, de Marc Le Blanc (2002), tendo em vista os aportes que fazem à compreensão do fenômeno e, por

consequente, ao enfrentamento desse desafio. Os autores afirmam sobre a necessidade de referenciais teórico-metodológicos específicos, suficientemente robustos, e testados para a nossa realidade sobre a instalação de condições apropriadas de aplicação e de execução das medidas socioeducativas para adolescentes em conflito com a Lei. Com isso objetivaram descrever a atividade infracional de uma amostra de adolescentes judicializados entre os anos de 1998 e 2006, na Comarca de Ribeirão Preto – SP, para os quais se teve acesso às informações processuais. A meta era averiguar a existência de padrões condutuais no contexto específico da Justiça Juvenil, como indicadores de níveis diferenciados de engajamento infracional, característicos do fenômeno em outras realidades socioculturais.

De acordo com esses autores, a criminologia desenvolvimental evidencia, em diferentes sociedades, que a maioria dos adolescentes comete pequenos delitos e o desafio que surge assim, é a identificação de um subgrupo cujo padrão de comportamento infracional é preocupante, composto pelos jovens que a literatura denomina por persistentes. Com base nos estudos das trajetórias das condutas infracionais, proposições teóricas mais elaboradas foram desenvolvidas, em meio às quais figura a teoria destacada, que estabelece a existência de mecanismos relacionados à produção e à manutenção da conduta no tempo: os vínculos, o alocentrismo, os circunscritores e os modelos. As interações recíprocas entre esses, moduladas por variáveis de contexto, produziriam a regulação, no sentido de desencadear/manter o comportamento infracional ou ainda, no de fazer cessar.

Bazon, Silva e Ferrari (2013) analisam trajetórias escolares de seis adolescentes em conflito com a lei para corroborar a tese de que a conduta infracional se manifesta sob determinadas formas de inadaptção, e ela pode se desenvolver ou ser potencializada pela experiência negativa de escolarização. Interessante é o fato de que em sua pesquisa também foram entrevistados familiares dos entrevistados além da busca por informações em 22 instituições educacionais, por onde os pesquisados estudaram. Os autores utilizaram a contribuição de LeBlanc (1997) que demonstrou que variáveis escolares se sobrepujam às variáveis familiares na explicação oficial e na explicação dada pelos próprios adolescentes para o seu envolvimento com a atividade infracional.

Os resultados da pesquisa de Bazon, Silva e Ferrari (2013) foram sobre a existência de dois padrões de trajetórias de escolarização, sendo um marcado pela descontinuidade na qualidade das vivências escolares, com um período inicial positivo, que se torna negativo em seguida; e outro, cuja marca é a continuidade

preponderantemente negativa da experiência, desde o seu início. Chama atenção nessa pesquisa, a utilização da abordagem qualitativa, que permitiu a obtenção de dados pormenorizados do contexto de vida dos sujeitos investigados, possibilitando a análise das interações que estabeleciam, dos significados atribuídos às experiências vivenciadas, bem como das influências delas decorrentes. Além disso, utilizaram a abordagem biográfica, a qual possibilita uma compreensão mais aprofundada das experiências de vida dos sujeitos, resultantes das interações destes com o contexto social ao longo do tempo. Nessa perspectiva, o material biográfico primário remete ao ponto de vista dos próprios sujeitos sobre sua história de vida e o foco da coleta de dados recaiu sobre as experiências relacionadas à escolarização. Outro aspecto interessante evidenciado por essa pesquisa, contudo, é o de que o aumento da escolaridade dos jovens se fez acompanhar por um aumento real do número de adolescentes praticando delitos e de gravidade dos atos, indicando que frequentar a escola, per si, não é suficiente para prevenir a conduta infracional, havendo necessidade de entender melhor a vivência escolar desses jovens. Os fatores ambientais não entraram na análise.

Maruschi, Estevão e Bazon (2014), também numa perspectiva desenvolvimental, analisaram diferentes trajetórias de desenvolvimento da conduta infracional de adolescentes brasileiros em conflito com a lei, e a sua exposição a fatores de risco, a partir de um instrumento de avaliação de “Risco e Necessidade” da realidade brasileira. Foram avaliados oito deles mais fortemente associados à persistência da conduta infracional, que são as atitudes e orientação antissociais, associação a pares antissociais, história de comportamento antissocial e personalidade/comportamento de familiares familiar, educação/emprego; lazer e recreação e o abuso de álcool e outras drogas. Os fatores ambientais não entraram na análise. Como resultados da pesquisa, porém, para os adolescentes que haviam sido detidos pela primeira vez, prevaleciam fatores contextuais e situacionais, em comparação aos individuais, o que caracterizaria a amostra como formada mais propriamente por adolescentes que apresentam o que alguns autores denominam como delinquência de início tardio, geralmente transitória. Os autores ainda afirmam sobre a importância desse tipo de análise para a elaboração de políticas públicas de prevenção primária e secundária na área.

Galinari, Vicari e Bazon (2019) pesquisam fatores associados ao cometimento de atos infracionais na adolescência, buscando mostrar quais dos fatores se mostrariam mais significativos no contexto sociocultural brasileiro. Para tanto, os autores utilizaram uma metodologia de caso-controle, trabalhando com dados de 529 adolescentes do sexo

masculino, divididos em duas amostras de adolescentes, sendo metade judicializados e a outra metade, de estudantes em situação regular. Os fatores ambientais não entraram na análise. As variáveis que se mostraram relevantes foram *status* socioeconômico, paternidade, idade, trabalho; uso de substâncias; pares de idade; desempenho escolar; impulsividade; supervisão parental e investimento familiar. Atuando como fator de risco, os fatores mais relevantes que apareceram foram baixo *status* socioeconômica e uso frequente de maconha. Atuando como proteção, somente o investimento familiar teve destaque. A pesquisa mostrou que de maneira geral, os resultados mostraram que o envolvimento sério em delitos, na adolescência, no contexto sociocultural brasileiro, também se associa a alguns dos principais fatores colocados pela literatura geral. Considerando as dinâmicas analisadas, esses fatores de risco se mostram passíveis de intervenção, o que assinala para a importância desse tipo de estudo em apontar foco para as políticas públicas de diminuição da delinquência juvenil.

Rolim (2018) analisa a desistência criminal a partir da perspectiva do curso de vida onde indica que os pontos de virada são importantes para a análise. O trabalho discute as contribuições de diferentes teorias criminológicas e oferece uma síntese sobre as principais evidências encontradas em estudos longitudinais, destacando a relevância do fator etário para a desistência considerada na hipótese da reforma de maturação. Chama atenção para que esse fenômeno seja considerado no processo de delineamento de políticas criminais no Brasil, pois sustenta que o fenômeno da desistência pode ser amplamente estimulado com políticas públicas e programas específicos, o que tenderia a produzir impactos positivos quanto à segurança pública.

O trabalho de Amorim (2022) realiza um esforço teórico de buscar correlação entre as duas abordagens, a teoria do curso de vida e a história de vida, do ponto de vista empírico, analítico e interpretativo, e teve como objetivo apresentar, de forma comparada, um estudo sobre as dimensões família, escola, pares e comunidade para o impacto na adesão de meninos e meninas a trajetórias infracionais. Para tanto analisou o caso de meninos e meninas em cumprimento de medida socioeducativa de internação estrita em Brasília (Distrito Federal, Brasil) entre os anos de 2019 e 2022. De acordo com a autora, apesar das singularidades de cada história e das particularidades desenvolvidas pelos indivíduos ao longo de suas vivências e interações sociais, foi possível identificar importantes eventos que ocasionaram transições nas trajetórias familiares, na escola, na comunidade e com os pares, de forma diferenciada, nas narrativas dos meninos e meninas e que desembocaram na trajetória infracional. Foram eles o fato dos entrevistados

pertencerem a famílias de baixa renda; vivência em contextos familiares violentos, conturbadas relações familiares com a ruptura desses laços familiares muito cedo, relações frágeis com os pares, traços descritos como rebeldia, cometimento de infrações e crimes, que inicialmente eram simples, e foram se especializando para ações e crimes graves, assim como a passagem pela internação, nas medidas socioeducativas.

Nesse sentido, Amorim (2022) aponta que a configuração do crime nos territórios, especialmente em razão da organização do tráfico de drogas, auxilia no processo de compreensão da trajetória do jovem na comunidade, e corroborando com Rolim (2016) afirma como disposicionalidades violentas - conceito associado à compreensão de que determinados grupos, a depender dos arranjos e das realidades sociais em que estão inseridos, foram, ao longo da vida, mais expostos a disposicionalidades violentas - são aprendidas em casa, com a família, mas também nas relações comunitárias a que os amigos estão associados. Ou seja, o estudo gera apontamentos sobre a influência ambiental nas trajetórias delinquentes dos jovens analisados. Nesse sentido, um ponto importante da análise trata-se da forma como o tráfico de drogas se dispõe nos territórios e acaba impactando a trajetória infracional dos meninos e das meninas nas comunidades, pois a violência territorial que se instala com a chegada da organização comercial e concorrencial do tráfico aparece na forma como os meninos se impõem enquanto figura de poder e decisão no território, já que o tráfico se organiza fortemente com cunho empresarial, inclusive seguindo a lógica da luta de classes e os traficantes com acesso à droga e que buscam trabalhadores para assumir postos como de gerência e venda dos produtos. Assim, numa análise de gênero, as meninas tendem a atuar como vendedoras autônomas, sem vínculo com o dono da bocada e os meninos começavam, a princípio, como vendedores autônomos, porém logo eram seduzidos e se dedicavam mais à atividade do tráfico no território, tanto nas atividades de venda e defesa de espaço de domínio contra grupos rivais e também na busca por dinheiro para alimentar o tráfico, via outros crimes como roubo de carros, por exemplo.

Joseph Murray, pesquisador da Universidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, juntamente com outros pesquisadores, estuda o desenvolvimento psicossocial infantil e também as causas, consequências assim como a prevenção da violência a partir de uma série de influências biológicas, psicológicas e sociais em grandes estudos longitudinais e experimentais, baseando-se principalmente quatro estudos de coorte Estudo de Coorte de Nascimentos de Pelotas. Neste projeto, a coorte de 1993, composta por todos os nascidos vivos (um total de 5.265 bebês) em hospitais da área urbana de Pelotas, no Rio Grande

do Sul, foi elegível para participar. Após apenas 16 recusas, 5.249 mães e filhos foram incluídos no estudo. Os acompanhamentos ao longo do tempo foram realizados durante a infância e adolescência, sendo prorrogados quatro vezes nas idades de 4, 11, 18 e 22 anos. As taxas de retenção da amostra foram de 87,2%, 87,5%, 81,4% e 76,3%, respectivamente. Na avaliação realizada aos 22 anos, os participantes preencheram um questionário de autorrelato confidencial que abordava comportamentos infracionais ocorridos nos últimos 12 meses. Assim, do grupo inicial de 5.249 crianças incluídas na coorte de nascimentos em 1993, foram acompanhados 3.810 indivíduos até os 22 anos de idade. Destes, 3.584 (46,5% do sexo masculino e 53,5% do sexo feminino) tinham dados completos disponíveis para as análises atuais.

Os estudos liderados por Joseph Murray e seus colegas, como (GALLO, *et al.* 2016) realizaram interessante estudo que descreve diferentes tipos de vitimização registradas oficialmente entre as crianças da coorte estudada. Entre os principais resultados, destaca-se o aumento significativo na vitimização oficialmente registrada ao longo da adolescência, bem como diferenças na vitimização entre meninos e meninas. Gallo, *et al.* (2016) afirmam que estudos como este ajudam a identificar fatores de proteção para a vitimização, destacando a importância das medidas de vigilância e controle da violência, sendo que este foi o primeiro estudo prospectivo sobre a incidência de vitimização oficialmente registrada, e também um estudo pioneiro sobre a vitimização criminal da infância e adolescência em uma classe de baixa ou média renda no país.

Já Gallo *et al.* (2017) analisam também sobre a mesma coorte, associações prospectivas entre formas específicas de maus-tratos na infância e depressão no final da adolescência. Os resultados foram sobre maior tendência entre abuso emocional e a violência doméstica como fatores de risco para depressão maior em mulheres, sendo que a intervenção precoce para prevenir maus-tratos e suas consequências, se torna assim fundamental, especialmente para meninas.

No estudo de Murray e outros pesquisadores (MARTINS *et al.*, 2022) em que analisam o desempenho escolar e a relação com a criminalidade juvenil sobre a mesma coorte de nascimento brasileira, a principal descoberta do estudo longitudinal, foi de que a repetência escolar na adolescência aumenta o risco de crime no início da idade adulta, mesmo ajustando fatores de confusão sociais, demográficos, familiares e individuais. No geral, as análises de mediação mostraram que os efeitos diretos foram maiores em comparação com os efeitos indiretos, considerando as variáveis de uso de substâncias e a renda dos jovens. Apesar dos riscos associados à repetência, conseguir concluir a escola

na idade esperada se mostrou como um importante fator de proteção na redução do risco de criminalidade, mesmo após múltiplas repetências.

O estudo de Martins *et al.* (2023), analisa a mesma coorte de nascimentos de Pelotas em 2004, sobre fatores de risco condicionantes de comportamentos desviantes, sendo que mediu os problemas de conduta nas idades de 4, 6, 11 e 15 anos e conforme teoria taxonômica do desenvolvimento de Mofitt (2003) foram identificadas quatro trajetórias, sendo três com problemas de conduta elevados, incluindo persistente de início precoce, início da adolescência e limitado à infância e também um com problemas de baixa conduta. Nesse estudo foram analisados sete grupos de fatores de risco precoces, que são eles os sociodemográficos (idade materna e viver sem a figura paterna), aqueles ligados ao risco pré-natal (tabagismo materno e consumo de álcool materno), questões de saúde mental materna (depressão materna), paternidade (paternidade severa, disciplina não violenta, agressão psicológica e agressão física, que inclui punição corporal, maus-tratos físicos e maus-tratos físicos graves), trauma infantil, neurocognitivos infantis e saúde mental infantil. Assim, as três trajetórias elevadas de problemas de conduta foram associadas a uma ampla gama de fatores de risco sociodemográficos, como tabagismo pré-natal, saúde mental materna, paternidade severa, trauma na infância e neurodesenvolvimento infantil. Problemas de conduta persistentes de início precoce foram particularmente associados a trauma, viver sem uma figura paterna e dificuldades de atenção. Nesse sentido, os autores afirmam que as quatro trajetórias com problemas de conduta, de 4 a 15 anos nesta coorte brasileira estudada, apresentaram padrões longitudinais semelhantes aos identificados em países de alta renda e também que os resultados confirmam pesquisas longitudinais anteriores e teorias taxonômicas do desenvolvimento sobre a etiologia dos problemas de conduta em uma amostra brasileira. Nessas pesquisas, fatores ambientais não foram analisados.

Em pesquisa sobre Londres, Murray e Farrington (2005) realizam estudo a influência do encarceramento dos pais sob a trajetória dos filhos, contudo usaram dados longitudinais prospectivos do Cambridge Study in Delinquent Development que incluiu dados sobre 411 homens do interior de Londres e seus pais. Os autores compararam meninos separados por prisão parental durante os primeiros 10 anos de vida, com quatro grupos de controle, que são meninos que não vivenciaram a separação, meninos separados por hospital ou morte, meninos separados por outros motivos e meninos cujos pais foram apenas presos antes de seu nascimento. Assim, a separação devido ao aprisionamento dos pais previu todos os resultados antissociais e/ou delinquentes em comparação as quatro

condições de controle, além disso, os apontamentos foram sobre a vulnerabilidade de filhos de presidiários, que apresentaram múltiplos fatores de risco para desfechos adversos.

Ainda sobre a mesma temática, Murray juntamente com Farrington e Sekol (2012) realizam uma revisão sistemática de quarenta estudos sobre o comportamento antissocial infantil, saúde mental, uso de drogas e desempenho educacional após o encarceramento dos pais, onde criticam a qualidade metodológica dos estudos. Contudo afirmam que os estudos mais rigorosos mostraram que o encarceramento dos pais está associado a maior risco de comportamento antissocial das crianças, mas não a problemas de saúde mental, uso de drogas ou baixo desempenho educacional, além do quê, os estudos que controlaram a criminalidade dos pais ou o comportamento antissocial das crianças antes do encarceramento dos pais tiveram um tamanho de efeito combinado, correspondendo a um aumento no risco de comportamento antissocial entre crianças com pais encarcerados, em comparação com seus pares.

Murray juntamente com outros pesquisadores (BAUER *et al.*, 2021) tem um estudo interessante sobre o efeito protetor da eficácia coletiva da vizinhança na violência familiar e no comportamento antissocial juvenil, mas em duas coortes longitudinais prospectivas sul-coreanas. Segundo o estudo, a eficácia coletiva da vizinhança foi proposta como um fator de proteção contra a violência familiar e o comportamento antissocial dos jovens, mas pouco se sabe sobre seu impacto no comportamento de pais e filhos em países não ocidentais, onde as diferenças culturais podem influenciar as relações de vizinhança e as expectativas compartilhadas de controle social informal em relação aos problemas da comunidade. Os resultados do estudo foram sobre níveis mais altos de eficácia coletiva associados a níveis mais baixos de violência familiar, e níveis mais altos de violência familiar associados a níveis mais altos de comportamento antissocial juvenil. Contudo os autores afirmam que os resultados sugeriram que a eficácia coletiva pode influenciar a violência familiar mais diretamente, enquanto o comportamento antissocial dos jovens pode ser afetado mais indiretamente pelo ambiente familiar.

Murray *et al.* (2018) revisam evidências sobre fatores de risco para comportamento antissocial em países de baixa e média renda, e consideram se os resultados de países de alta renda se aplicam de maneira semelhante a eles. O que chama atenção dessa pesquisa é a forma como analisam que os fatores de risco para comportamento antissocial podem não ser universais, levando em conta também que os efeitos desses no nível individual e

familiar podem depender do contexto da comunidade; ou seja, existem efeitos de interação entre os fatores de risco em todos os níveis ecológicos.

For example, in the Pittsburgh Youth Study, boys' impulsivity level was positively associated with crime for males living in poor neighborhoods but posed reduced risk for those in better-off neighborhoods (Lynam *et al.*, 2000). Many studies show that parental supervision has stronger effects on child antisocial behavior in high-risk social settings than in less deprived contexts (Schonberg and Shaw 2007). Therefore, looking across the globe to consider populations in radically different socioeconomic and cultural circumstances in LMICs, there may be systematic variability in risk factor associations according to geographic location. (MURRAY *et al.*, 2018, pp. 262)²

Murray, Cerqueira e Kahn (2013) realizam uma revisão sistemática de estudos sobre a prevalência de fatores de risco no Brasil. As principais conclusões desta revisão sobre crime e violência no Brasil são sobre um enorme aumento de homicídios no Brasil nas últimas três décadas, e as vítimas de homicídio provavelmente são mais jovens, do sexo masculino e negros. As tendências temporais da vitimização criminal não letal são complexas, pois os dados de internações hospitalares sugerem um declínio nas agressões graves não letais nas últimas duas décadas, mas as agressões físicas relatadas aumentaram entre 1988 e 2009, assim como roubos e furtos. Outro ponto que merece ser destacado, é sobre o aumento de jovens e adultos encarcerados que cresceu substancialmente nas últimas duas décadas no país, e sobre esse fluxo do sistema carcerário, pois não há dados da justiça criminal brasileira e também, os autores afirmam sobre o estágio inicial de estudos de autorrelato de delitos. Pesquisas nacionais sugerem taxas mais baixas de uso de drogas no Brasil em comparação com outros países, como os Estados Unidos, mas há evidências de aumentos significativos no uso de drogas entre os jovens brasileiros nos últimos anos. Segundo os autores, os fatores de risco individuais e familiares identificados no Brasil são muito semelhantes aos encontrados em países de alta renda e níveis semelhantes de vitimização criminal iguais a vários outros países latino-americanos e norte-americanos, mas apresentam taxas mais altas do que a Espanha.

² “Por exemplo, no Estudo da Juventude de Pittsburgh, o nível de impulsividade dos meninos foi positivamente associado ao crime para homens que vivem em bairros pobres, mas representou risco reduzido para aqueles em bairros ricos (Lynam *et al.*, 2000). Muitos estudos mostram que a supervisão dos pais tem efeitos mais fortes sobre o comportamento antissocial da criança em ambientes sociais de alto risco do que em contextos menos carentes (Schonberg e Shaw 2007). Portanto, analisando um panorama geral para considerar populações em circunstâncias socioeconômicas e culturais radicalmente diferentes em países de baixa e média renda, pode haver uma variabilidade sistemática nas associações de fatores de risco de acordo com a localização geográfica”. *Tradução livre da autora.*

4. A criminologia desenvolvimental e do curso de vida em terras mineiras.

Sapori, Caetano e Santos (2020) em pesquisa sobre adolescentes em cumprimento de medidas determinadas pela justiça e sua chance de reincidência criminal em Minas Gerais, afirmam que os resultados apontam que a região do ato infracional apresenta efeito relevante na chance de reiteração, pois os adolescentes que cometeram os atos infracionais responsáveis pelas respectivas medidas socioeducativas em Belo Horizonte e demais municípios da região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) têm chance de reiteração superior aos adolescentes que cometeram os atos infracionais em municípios do interior do estado. Ainda, o município de Belo Horizonte destaca-se nesse sentido, pois os adolescentes que cometeram atos infracionais na capital têm chance de reiterarem 100% superior em comparação aos do interior e nos demais municípios da RMBH, e por sua vez, a chance de reiteração foi de 40% maior do que nos municípios do interior

Esses autores afirmam que a região do estado onde o adolescente cometeu o ato infracional que motivou a respectiva medida socioeducativa se tornou variável considerada na pesquisa, apesar das poucas referências internacionais nesse sentido, sendo que ficou evidenciado que os adolescentes que cometeram atos infracionais em Belo Horizonte apresentaram chances maiores de reiteração comparativamente aos que cometeram atos nos demais municípios da região metropolitana ou do interior do estado. Assim, de acordo com os autores, a pesquisa sugere especificidades da dinâmica da inserção e permanência do adolescente na atividade infracional nos municípios do interior, geralmente menos urbanizados.

Guerra *et al.* (2019) realizam estudo transdisciplinar envolvendo psicanálise, sociologia e educação, sobre curso de vida e trajetória delinquencial de jovens e adolescentes acolhidos pelo sistema socioeducativo no município de Belo Horizonte e nesse estudo se preocupam com a questão metodológica. Objetivaram assim compor uma leitura em interface transdisciplinar do fenômeno da criminalidade na adolescência. Para tanto, utilizaram um modelo quanti-qualitativo, com diferentes estratégias metodológicas, visando abarcar a perspectiva transdisciplinar da investigação, buscando qualificar melhor os eventos, transições e rupturas que marcam as trajetórias dos jovens e adolescentes ao longo do seu ciclo de vida, desvelando seus nexos, movimentos e fatores condicionantes. Assim a discussão conduzida no artigo leva à apresentação de três instrumentos metodológicos, construídos no percurso transdisciplinar que são narrativas memorialísticas, questionários e Planos Individuais de Atendimento (PIAs).

O estudo de Guerra *et al.* (2019) chama atenção ao refletir sobre a integração de teorias e métodos de diversas disciplinas das ciências humanas, sociais e da educação, entendido como grande desafio teórico-metodológico dentro da área de estudo do desvio e do crime. Segundo os autores a história dos estudos e pesquisas sobre a trajetória desviante/criminal é marcada por estudos situacionais, contudo propõe a integração transdisciplinar de teorias e métodos de diversos campos de pesquisa para possibilitar recuperar a dimensão processual, interacional e dinâmica das trajetórias dos adolescentes estudados por meio de um movimento dialético, visando reconhecer a subjetividade da objetividade e a objetividade da subjetividade.

Oliveira *et al.* (2019) realiza um estudo sobre os eventos e fatores inseridos no curso de vida de adolescentes que passaram pela Vara da Infância e Juventude de Belo Horizonte e estão associados à entrada e à consolidação de uma trajetória infracional, através da relação entre a frequência de contatos com o Sistema de Justiça Juvenil e o somatório da gravidade das medidas socioeducativas aplicadas. Sua análise tem como principais resultados que jovens que desenvolveram uma trajetória infracional acima da média, possuem vínculos familiares mais frágeis e estão mais expostos a situações e eventos que propiciam um acúmulo de definições positivas ao cometimento de atos desviantes, especialmente o consumo de drogas, se comparados aos jovens com trajetórias infracionais abaixo da média. Além disso, esses jovens possuem maior defasagem ano escolar/idade e tendem a ter os primeiros contatos com Sistema de Justiça Juvenil mais precocemente.

Já a dissertação de Oliveira (2020) tem com o objetivo de explorar os eventos e fatores inseridos nas trajetórias infracionais crônicas e ocasionais de jovens que passaram pela Vara da Infância e Juventude de Belo Horizonte. Os resultados da pesquisa afirmam sobre transmissões intergeracionais, devido a vínculos familiares frágeis, associados à ausência ou negligência por parte dos genitores ou de outros familiares, além de sociabilidades domésticas marcadas pela violência e exposição a situações e eventos que propiciam um acúmulo de definições positivas ao cometimento de atos desviantes. Também a associação a pares desviantes apareceu como impulsionadora da carreira desviante por condicionar a participação dos indivíduos a testes de virilidade, esperteza, coragem e lealdade provados pelo cometimento ou acobertamento de delitos e também podem conduzir à continuidade de uma trajetória infracional, uma vez que uma desistência pode ser interpretada como uma traição ao grupo e prova da inferioridade moral do indivíduo frente aos seus pares. O uso de drogas lícitas ou ilícitas e

especialmente o uso de ambas, foi associado pelo autor ao desenvolvimento de uma trajetória infracional crônica. Sobre a questão de gênero, o envolvimento com a criminalidade pode se apresentar como um cenário para a representação e afirmação da identidade masculina, e no caso das mulheres, realizou apontamentos sobre uma predominância de atos infracionais cometidos em ambientes privados e especialmente de crimes passionais, além do fato de que os adolescentes do sexo masculino retratam suas namoradas, na maioria das vezes, como peças chave num possível processo de interrupção ou desistência da trajetória infracional, enquanto para as adolescentes do sexo feminino, as relações afetivas aparecem frequentemente associadas ao início e desenvolvimento dessas trajetórias criminais. Sobre a precariedade material, o autor destaca a existência de uma série de mecanismos através dos quais uma pior condição financeira pode estar associada ao início e, principalmente, a continuidade de uma trajetória infracional. Sobre a relação dos jovens com a escola, as evidências apontaram que os jovens crônicos possuem um vínculo mais frágil com a instituição escolar, caracterizado por uma série de defasagens de conteúdo, dificuldades de aprendizagem e conflitos. Outro ponto analisado nessa pesquisa foi a idade na qual os adolescentes passam pela primeira vez pelo Sistema de Justiça Juvenil, sendo que o apontamento gerado foi de que quanto mais jovem se deu uma passagem, mais tempo este tem para desenvolver uma trajetória infracional.

Assim, sobre o texto de Oliveira (2020), os modelos de regressão logística apresentados expressaram a especial importância das dimensões ligadas à sociabilidade e ao grau de exposição à institucionalidade pública no desenvolvimento de trajetórias infracionais crônicas, especialmente do gênero, do consumo de drogas lícitas e ilícitas, da defasagem ano escolar/idade e da idade da primeira passagem. As dimensões ambientais não ganharam atenção no estudo.

Já encerrando essa análise, também não se pode deixar de citar a tese de Cardoso (2022) que faz um estudo sobre o curso de vida e as trajetórias infracionais de seis adolescentes e jovens que praticaram atos infracionais análogos ao crime de homicídio, e que foram julgados pelo Sistema de Justiça Juvenil e cumpriram medida socioeducativa em Belo Horizonte entre os anos de 2018 e 2019. A autora afirma identificar semelhanças tanto nos cursos de vida dos mesmos quanto nos fatores envolvidos na prática dos homicídios em sua pesquisa que utilizou método qualitativo e investigou algumas dimensões como família, escola, crime, homicídios, relacionamentos amorosos e socioeducativo.

Cardoso (2022) afirma também que entre as regularidades dos cursos de vida estudados, foi observado que a família pode ser uma instituição onde reverberam as moralidades do “mundo do crime”, além de uma relação entre falta de supervisão e adesão por trajetórias infracionais, sendo que em todos os casos, observou-se a ausência do genitor durante parte significativa da vida dos sujeitos. Os sujeitos estudados iniciaram o uso de drogas ilícitas precocemente e que as relações que tinham com os seus pares, para aqueles que desempenharam atividades de tráfico de drogas, eram análogas as relações de trabalho. Os pontos de virada de entrada das trajetórias infracionais da maioria dos jovens estudados eram, de alguma forma, associados ao falecimento de um ente querido, e as principais motivações para a prática dos homicídios, perpassaram por fatores morais, defesa da honra e de um ideal de masculinidade.

5. Considerações finais do capítulo

A criminologia desenvolvimental e do curso de vida, que foi apresentada nessa parte do estudo, tem como questão central tanto o porquê dos indivíduos cometerem crimes, mas por que diferentes indivíduos cometem crimes em diferentes idades, por que alguns deles cometem crimes com mais frequência em relação a outros e por que alguns indivíduos continuam a cometer crimes no decurso da vida, ao passo que outros desistem de fazê-lo, já na fase final da adolescência.

Muitos são os estudos da criminologia desenvolvimental e do curso de vida que tem como foco a adolescência por ser a fase de vida que tem maior tendência para o desenvolvimento da conduta infracional e dentro dessa perspectiva são muitas as esferas da vida social que ganharam evidência nas análises, como família, pares, escola, vizinhança, comunidade e contexto situacional. No entanto, como mencionado acima, esta integração também apresenta desafios, como a necessidade de desenvolver abordagens metodológicas adequadas que permitam a coleta e análise de dados que capturem tanto os aspectos individuais quanto os contextuais de forma abrangente.

Em suma, uma pesquisa que busca unir a criminologia desenvolvimental, a teoria do curso de vida e as teorias da eficácia coletiva pode oferecer uma compreensão mais completa das trajetórias criminais, especialmente durante a adolescência, e pode ter implicações importantes para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e intervenção mais eficazes.

Na tradição sociológica, várias correntes teóricas, buscam explicar as causas da criminalidade, e de acordo com Beato *et al.* (2001), uma abordagem sociológica do crime, deve buscar compreender o fenômeno não só pelo prisma dos agentes e das vítimas envolvidos, mas também, é preciso levar em consideração o espaço social, os traços dos lugares e as estruturas físicas, em que estes se desenvolvem, lembrando que a distribuição da criminalidade violenta nas grandes cidades do país segue um padrão comum, os crimes contra o patrimônio se concentram na região central da cidade, enquanto os crimes contra a pessoa, principalmente os homicídios, têm maior recorrência em favelas e bairros populares, cujas motivações estão diretamente relacionadas às atividades provenientes do tráfico de drogas.

Segue na próxima parte, uma proposta de integração teórica entre as duas teorias explicitadas até aqui, que são a eficácia coletiva e criminologia desenvolvimental e do curso de vida.

CAPÍTULO 3. FORÇAS DISTAIS, RESULTADOS PROXIMAIS - INTERSECÇÃO TEÓRICA ENTRE AS TEORIAS DA DESORGANIZAÇÃO SOCIAL E EFICÁCIA COLETIVA COM A CRIMINOLOGIA DESENVOLVIMENTAL E DO CURSO DE VIDA

1. Sobre as tentativas de integração de teorias na área da criminologia

Seguindo as tendências da sociologia da criminalidade contemporâneas, a proposta desse estudo é uma junção de perspectivas teóricas como forma de complementar a explicação sobre o fenômeno criminoso. Muitos estudiosos buscaram e ainda buscam a elaboração de modelos integrados para explicar problemáticas acerca do fenômeno social da criminalidade, a partir de vários níveis, seja estrutural, institucional, interpessoal e individual, sendo que isso acontece pelo entendimento que a violência é um fenômeno complexo e mutável.

Ao integrar diferentes perspectivas teóricas, os pesquisadores podem capturar uma gama mais ampla de fatores para o crime, desde os fatores estruturais e sociais até os fatores individuais e psicológicos. Isso permite uma compreensão mais abrangente das causas e padrões da criminalidade. Além disso, essa abordagem integrada pode ajudar a identificar pontos de convergência entre diferentes teorias e destacar áreas onde as teorias podem complementar umas às outras. Também permite uma análise mais contextualizada, levando em consideração o papel do ambiente social, das instituições e das relações interpessoais na geração do comportamento criminal.

No entanto, como informado anteriormente, essa integração também pode ser desafiadora, pois requer uma compreensão profunda de várias teorias e a capacidade de aplicar a pesquisa específica. Além disso, a escolha das teorias a serem integradas deve ser orientada pela relevância para o problema de pesquisa em questão. No geral, a abordagem de integração de perspectivas teóricas é uma resposta à complexidade da criminalidade e pode levar a uma compreensão mais rica e holística das consequências, contribuindo assim para o desenvolvimento de políticas e estratégias de prevenção mais eficazes.

Vários estudiosos têm chamado atenção para a unificação teórica na área da sociologia da criminalidade. De tal modo, de acordo com Silva e Marinho (2015), a integração entre abordagens de cunho individual aos estudos de caráter mais estrutural, tem concentrado esforços no campo dos estudos ecológicos do crime, sendo que ganham destaque, por exemplo, a teoria da desorganização social com a associação diferencial e

suas derivações, também com a teoria dos laços sociais e do aprendizado social, além de outras possibilidades.

Como exemplo, temos a pesquisa de Alves (2013) que argumenta sobre a integração da desorganização social com a teoria das atividades rotineiras, que apresenta uma explicação alternativa para a criminologia contemporânea ao concentrar suas análises na ligação entre o nível macro e o intermediário, assim como também, ao avaliar a relação entre os efeitos contextuais do bairro e sua respectiva taxa de crime. Também Cunha (2014) verifica a relação entre clima escolar e percepções de violência dos alunos, utilizando como referencial teórico a articulação entre as teorias do clima escolar (originária de estudos a respeito da eficácia escolar) e da eficácia coletiva.

Portanto, Walters (2016) afirma que a teoria criminológica tem sido frequentemente descrita como um conjunto de teorias que requerem integração para realizar todo o seu potencial, o que implica em procedimentos como mediação e moderação para integrar conceitos.

2. Objetivos do estudo

Busca-se nesse estudo a investigação sobre a integração de dois pressupostos teóricos da criminologia, que são as teorias da desorganização social e eficácia coletiva e a criminologia desenvolvimental e do curso de vida para a explicação da trajetória de indivíduos delinquentes.

A teoria da desorganização social e eficácia coletiva é frequentemente referenciada para explicar a relação entre as características ecológicas da vizinhança, como pobreza e desemprego, e as altas taxas de crime e violência, particularmente em ambientes urbanos. No entanto, a utilidade dessa perspectiva teórica pode ser expandida para também abordar resultados de desenvolvimento social individuais. Ou seja, a natureza de um desenvolvimento social individual específico, incluindo funcionamento familiar, relacionamento com os pares, vínculo com a escola, realização educacional e profissional, também pode ser uma função das características ecológicas da vizinhança. O que se propõe aqui são determinantes sociais das trajetórias de curso de vida como um modelo conceitual exploratório (BENNETT e FRASER, 2000; BENNETT e MILLER, 2006; MILLER e BENNETT, 2015; BENNETT, 2017). Dessa maneira, na perspectiva principal da teoria da desorganização social e eficácia coletiva, a localização residencial de um indivíduo se mostra como determinante muito importante nos resultados de

desenvolvimento social de indivíduos do que as características individuais sozinhas, dessa forma, entendem-se aqui que essa tendência seja maior para indivíduos situados em lugares em vulnerabilidade e com características da desorganização social.

Os argumentos acima não querem inferir de forma alguma que as características individuais não sejam importantes, mas, contudo, que, as características individuais estão sujeitas e influenciadas por características ecológicas generalizadas da vizinhança. De outro lado também, apesar da importância demonstrada da localização física para o desenvolvimento social em nível individual, indubitavelmente a localização física por si só não é determinante desses resultados.

A natureza e a extensão da exposição assim como as experiências no contexto da vizinhança podem servir como um veículo para os processos sociais tóxicos e as características ecológicas da vizinhança desordenada, e para tanto, um fator fundamental pode ser que a exposição ou experiências no contexto da vizinhança são incidentes isolados ou trata-se de uma exposição crônica.

Nesse sentido, argumenta-se aqui que a teoria da desorganização social pode ser usada dentro de uma estrutura exploratória que faz parte de determinantes sociais das trajetórias do curso de vida de indivíduos. E por consequência, a localização residencial torna-se um fator determinante, no que diz respeito ao surgimento de comportamentos ilícitos, incluindo violência e criminalidade. De acordo com Sampson e Groves (1989), bairros sobrecarregados pelo desafio da pobreza, desemprego, abandono escolar e instituições sociais em erosão, são considerados menos capazes de empregar um senso de eficácia coletiva por meio da presença de redes sociais formais e informais robustas e assim, jovens e jovens adultos de bairros marginalizados podem ficar imersos em um ambiente sociocultural que endossa comportamentos imprudentes e arriscados, dos quais a violência e a criminalidade podem fazer parte.

Ainda, embora haja um corpo de evidências que sugira que estar situado em meio à desordem da vizinhança, e os estressores sociais e ambientais que os acompanham, podem estar ligados desenvolvimentos sociais deficientes, pouco se sabe sobre as maneiras pelas quais tal posicionamento e exposição podem influenciar atitudes e comportamentos. Como tal, o modelo conceitual exploratório proposto nesse estudo sugere que a teoria desenvolvimental e do curso de vida consiga pode ser uma ferramenta útil para abordar esse desafio teórico.

3. Forças distais, resultados proximais

O construto clássico de desorganização social, do qual descende intelectualmente a eficácia coletiva, media muito da relação entre a estrutura sociodemográfica do bairro e o crime (SAMPSON *et al.*, 1997), nesse sentido, Bennett (2017) se apropria da teoria da desorganização social e da eficácia coletiva, argumentando que ela pode ser usada dentro de uma estrutura exploratória como determinante social das trajetórias do curso de vida de grupos de indivíduos. E é exatamente a ligação dessas duas abordagens teóricas que nos interessa na presente pesquisa.

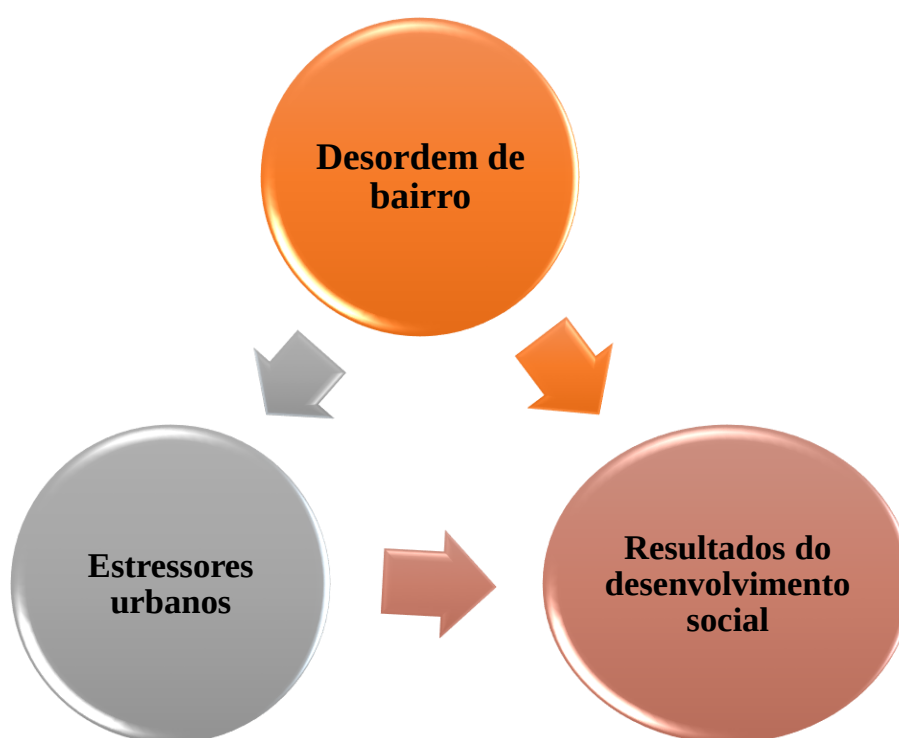
A junção das teorias da desorganização social e eficácia coletiva e da perspectiva da criminologia desenvolvimental e do curso de vida proposta por Bennett e Miller (2006) e Bennett (2017), a partir de um modelo conceitual teoricamente fundamentado, objetiva avançar no estudo exploratório dos efeitos da desordem da vizinhança para o desenvolvimento psicossocial, emocional e cultural de indivíduos, pensando uma forma de análise que postula que o ambiente determina os resultados sociais e de desenvolvimento e, portanto, as trajetórias de vida.

Neighborhood disorder has perhaps been best conceptualized within the scope of social disorganization theory. That is, from a theoretical perspective, social disorganization theory has been used to address the link between neighborhood ecological characteristics and crime rates. A key tenet of social disorganization theory is physical location. That is, physical (residential) location is a greater determining factor than individual characteristics (e.g., age, gender, or race) where the emergence of illicit behaviors including violence and aggression are concerned. Neighborhoods overwhelmed by the challenge of poverty, unemployment, school dropout, and eroding social institutions are thought less able to employ a sense of collective efficacy through the presence of robust formal and informal social networks (Sampson e Groves, 1989). As such, youth and young adults from marginalized neighborhoods may become immersed in a sociocultural milieu that endorses reckless, risk-taking behavior of which violence and criminality may be a part. (BENNETT, 2017, pp 97) ³

³ “A desordem da vizinhança talvez tenha sido melhor conceituada no âmbito da teoria da desorganização social. Ou seja, de uma perspectiva teórica, a teoria da desorganização social tem sido usada para abordar a ligação entre as características ecológicas do bairro e as taxas de criminalidade. Um princípio fundamental da teoria da desorganização social é a localização física. Ou seja, a localização física (residencial) é um fator determinante maior do que as características individuais (por exemplo, idade, sexo ou raça) no que diz respeito ao surgimento de comportamentos ilícitos, incluindo violência e agressão. Bairros sobrecarregados pelo desafio da pobreza, desemprego, abandono escolar e instituições sociais em erosão são considerados menos capazes de empregar um senso de eficácia coletiva por meio da presença de redes sociais formais e informais robustas (Sampson e Groves, 1989). Como tal, jovens e jovens adultos de bairros marginalizados podem ficar imersos em um ambiente sociocultural que endossa comportamentos imprudentes e arriscados, dos quais a violência e a criminalidade podem fazer parte.” *Tradução livre da autora.*

Para Bennett (2017) a experiência de viver em meio à desordem da vizinhança, para muitos jovens e adultos, apresenta um conjunto de desafios únicos que podem ter um impacto negativo nas atitudes e comportamentos pró-sociais e atenuam a transição para os papéis e responsabilidades da idade adulta, e a esses desafios são conceituados como estressores e podem caracterizar as transações entre pessoa e ambiente. (BENNETT e MILLER, 2006).

Figura 1. Influência causal da desordem da vizinhança nos resultados de desenvolvimento sociais mediados por estressores urbanos⁴



Fonte: BENNETT (2017, pp 95)

Assim, a exposição crônica ao estresse urbano requer adaptação e resposta contínua, pois, exerce um efeito cumulativo que impacta negativamente os resultados de desenvolvimento social e as trajetórias pró-sociais do curso de vida. Assalto, roubo, homicídio, tráfico de drogas, assédio, viver em moradias precárias e acesso limitado a recursos socioeconômicos, são exemplos de alguns dos estressores urbanos que surgem

⁴ Desordem de bairro - Resultados de desenvolvimento social - Estressores urbanos. Tradução livre da autora.

em meio à desordem da vizinhança e normalmente são enfrentados por muitos jovens e adultos diariamente.

TABELA 1. Construções relevantes para o estudo da desordem de vizinhança, estressores urbanos e orientação do código de ruas⁵

TABLE 1. Constructs Relevant to the Study of Neighborhood Disorder, Urban Stressors, and Street Code Orientation

Neighborhood disorder	A neighborhood level construct that consists of social and environmental dynamics such as crime, criminality, substance abuse, violence, and other forms of illicit activity that negatively impact life-course outcomes.
Social and developmental outcomes	Developmental milestone achievements related to the successful transition into adulthood.
Street code orientation	A behavioral code of conduct that embraces the concrete utility of violence and aggression and is defined by a set of informal rules governing situational public behavior.
Urban stressors	(Toxic) social processes and ecological characteristics at the neighborhood level that may negatively impact attitude and behavior.

Fonte: BENNETT, 2017, pp 90

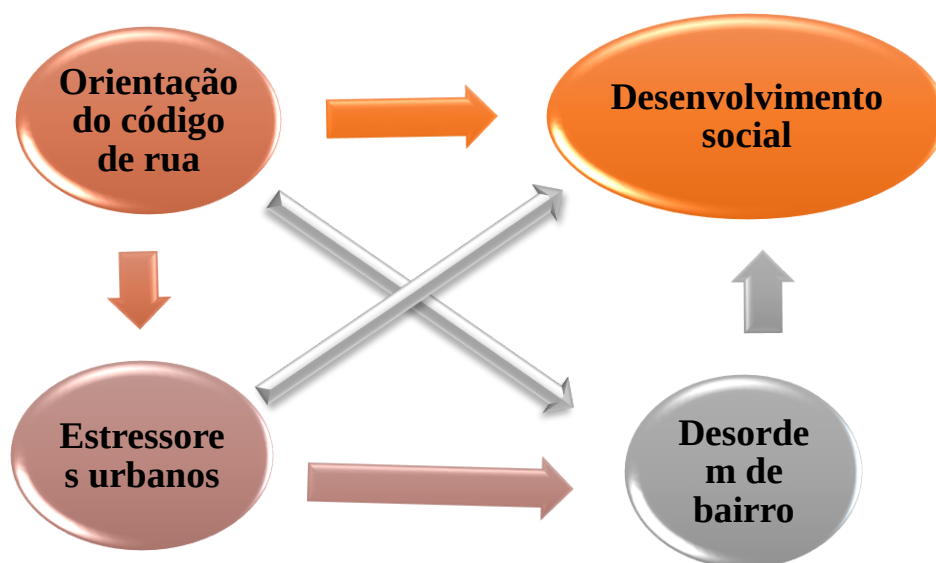
Outro ponto importante é que para Bennett (2017) os recursos individuais podem determinar a maneira pela qual o terreno social dos espaços físicos influencia o estresse e a desordem. Deve-se ter cuidado pois muitos estudos podem não considerar adequadamente o papel e a influência do ambiente social para essa análise. Contudo parece claro que os recursos individuais são grandes e são, portanto, fontes potenciais de variação nos resultados sociais e de desenvolvimento entre aqueles situados em bairros desordenados, repletos de estressores urbanos. Para o mesmo autor, explorar a qualidade e a natureza desses recursos de nível individual também pode estender nossa compreensão do desenvolvimento de atitude e comportamento, no que se refere à ecologia do bairro,

⁵ Desordem de vizinhança: Uma construção de nível de bairro que consiste em dinâmicas sociais e ambientais, como crime, criminalidade, abuso de substâncias, violência e outras formas de atividade ilícita que impactam negativamente os resultados do curso de vida *Resultados de desenvolvimento social: Conquistas de marcos de desenvolvimento relacionadas à transição bem-sucedida para a idade adulta. *Orientação do código da rua: Um código de conduta comportamental que abrange a utilidade concreta da violência e agressão e é definido por um conjunto de regras informais que regem o comportamento público situacional. *Estressores urbanos: Processos sociais (tóxicos) e características ecológicas no nível da vizinhança que podem impactar negativamente a atitude e o comportamento. *Tradução livre da autora.*

estressores urbanos e resultados sociais e de desenvolvimento específicos - o que a teoria do curso de vida consegue explorar.

Assim, embora haja um corpo de evidências que sugira que estar exposto à desordem da vizinhança e os estressores sociais e ambientais que os acompanham podem gerar como resultado fraco desenvolvimento social, pouco se sabe sobre as maneiras pelas quais tal posicionamento e exposição podem influenciar atitudes e comportamentos. Com isso, segundo Bennett (2017), a exposição crônica a estressores urbanos é um provável precursor para a aquisição de atitudes e comportamentos que minimizam os caminhos convencionais de realização e mobilidade em favor daqueles baseados na "código das ruas", ou seja, os jovens são expostos a estressores sociais e ambientais e tendem a seguir a criminalidade.

Figura 2. Influência causal da desordem de bairro nos resultados sociais / de desenvolvimento mediados por estressores urbanos e orientação de código de rua.⁶



Fonte: BENNETT, 2017, pp 98

Bennett e Miller (2006) relacionam estressores distais com seus efeitos proximais, pois o estresse experimentado por muitas crianças e jovens que vivem em ambientes urbanos pode ser considerado como o resultado de forças estruturais de nível macro, que

⁶ Desordem de bairro - Resultados de desenvolvimento social - Estressores urbanos - Orientação do código de rua. Tradução livre da autora.

alteram a composição e organização de bairros e comunidades, ou seja, são forças estruturais de nível macro, como desaceleração econômica e mudanças no modo de produção, que representam estressores distais e que podem, em última instância, afetar a qualidade de vida daqueles que vivem em ambientes urbanos e, nesse sentido, os efeitos dos estressores distais são demonstrados por meio de resultados proximais. Na realidade, o que se tem é que, por exemplo, o aumento da criminalidade, do tráfico de drogas e de outras formas de atividade ilícita pode ser resultado da pobreza, desemprego e deslocamento de trabalhadores causados pela crise econômica e mudanças no modo de produção. Portanto, embora de natureza distal, certas forças estruturais de nível macro podem afetar negativamente as economias locais, bem como as instituições sociais locais e que, por sua vez, pode afetar as experiências de vida de crianças e jovens. Nesse sentido, a proposição desta pesquisa, busca realizar uma aproximação entre análises de nível macro e micro, e a averiguação de como esses processos interferem na vida de indivíduos, a partir de uma pesquisa qualitativa, que buscará abarcar particularidades da formação de trajetórias delinquentes.

Daniel Bennett com a ajuda de David B. Miller (2006) realizaram um estudo exploratório tentando formar um índice de complicações urbanas para medir estressores urbanos multidimensionais crônicos. Os autores afirmam que os estressores urbanos, chamados também de aborrecimentos urbanos, são relacionadas a adolescentes que vivem em ambientes urbanos e são exemplos de tais aborrecimentos a violência de gangues, tráfico de drogas, discriminação baseada em gênero ou raça e moradias precárias, assim alertam sobre a importância da medição do estresse do adolescente urbano, que pode ser contextualmente relevante. Para os autores, adolescentes que vivem em bairros caracterizados por desorganização social podem ter dificuldade em lidar com os estressores resultantes e, portanto, podem estar em maior risco de resultados sociais e de desenvolvimento ruins.

Os autores apresentam muitas pesquisas que apontam que morar em um bairro desfavorecido é um fator de risco associado a um maior número de experiências adversas na infância e que, por sua vez, tendem a alterar negativamente as trajetórias pró-sociais do curso de vida (BENNETT, 2017).

Assim, de acordo com o modelo de Bennett e Miller (2006), nessa pesquisa buscaremos identificar estressores urbanos que, de forma territorial, sugerem o processo de desorganização social e eficácia coletiva e que, influenciam na trajetória criminal de jovens na cidade de Ribeirão das Neves. A partir desse enquadramento teórico, buscamos

identificar quais os eventos e fatores inseridos no curso de vida de jovens moradores da cidade periférica escolhida, estão associados a constituição de uma trajetória infracional, além de analisar como a desorganização social e a baixa capacidade da eficácia coletiva da comunidade servem como fatores determinantes para as trajetórias de curso de vida de grupos de indivíduos. Trata-se assim de um problema sociológico relevante, pois ao explorá-lo poderemos compreender aspectos importantes, tanto do início quanto do desenvolvimento e desistência das trajetórias infracionais, assim como apontar ações no sentido de prevenir, retardar ou até encerrar essas trajetórias.

4. Sobre as questões da falácia ecológica

A eficácia coletiva, que é uma reelaboração da teoria da desorganização social, incorporou outros elementos em sua análise, mas o elemento ecológico continua presente, ou seja, persiste a ideia de que alguns lugares na cidade possuem maior ou menor nível de eficácia coletiva e isso, em tese, afetaria a incidência de crime. Uma das limitações dessas abordagens é que elas apontam para o território com menor eficácia coletiva ou maior desorganização social e por consequência, mais crimes e assim, vem a crítica sobre a falácia ecológica, sobre atribuir elementos estruturais a toda a comunidade, sendo que nem todos os habitantes do lugar cometem crime.

De tal modo, a proposta de integração que surge é sobre descobrir o mecanismo com que a eficácia coletiva ou especificamente a baixa eficácia coletiva, de certa maneira, cria condições ambientais para que algumas pessoas iniciem sua carreira criminal - dado que o fato de iniciar uma trajetória criminal em um contexto de auto eficácia coletiva se torna mais complexo, já que se trata de ambientes com muito controle e vigilância de diferentes níveis, onde os indivíduos têm muitas oportunidades de não se associar ao crime, e também por que o crime naquele ambiente não é algo comum. Assim o cerne da articulação está no elemento que se relaciona com as oportunidades para o crime que são colocadas, ou seja, cenários que são colocados para alguns indivíduos.

Outro ponto importante é pensar porque esses elementos ambientais influenciam alguns indivíduos, e não em outros, para o caminho do crime e, nesse ponto, a abordagem do curso de vida e sua análise sobre as trajetórias criminais se torna importante. Dado que para alguns indivíduos o fato do ambiente em que se encontra ter alta eficácia coletiva, mesmo quando ele é submetido a fatores de risco, por exemplo perder o pai, e ele tem fatores de proteção, como uma família estruturada e vive em um ambiente de alta eficácia

coletiva, a tendência é que o mesmo seja protegido dessa exposição a carreira criminal, e também reduz a chance de se expor ao cometimento de crimes. Por outro lado, em um ambiente de baixa eficácia coletiva ou alta desorganização social, onde as oportunidades criminais são mais promissoras, um indivíduo exposto ao mesmo processo, da perda de um pai, por exemplo, os fatores de risco acabam sendo potencializados. Ou seja, além das condições ambientais estressoras, o indivíduo ainda sofre o efeito dos fatores individuais ou mais imediatos, e essa junção entre os elementos ecológicos territoriais de baixa eficácia coletiva com os fatores individuais de risco, se tornam fatores que impulsionam de certa maneira as trajetórias criminais.

Assim o ponto central da argumentação é que não basta que o indivíduo esteja em um ambiente específico, mas se, no seu ambiente imediato, existe muito controle – por exemplo, se a família tem uma grande supervisão, se está preocupada, se não tem rupturas, ou se o indivíduo não passou por certos pontos de virada negativos - que então pode diminuir a tendência do início da trajetória criminal. Obviamente, na mesma situação, a trajetória pode ocorrer, mas os indícios são de que isso ocorra, quantitativamente falando, com uma probabilidade bem menor.

De outro lado, uma vez que o indivíduo é submetido a um contexto de desorganização social, com vários fatores de risco, o que a teoria do curso de vida vem apontar, é que esse fato tende a aumentar a probabilidade de ingressar no crime. Sendo que, estar no ambiente social de desorganização e já inserido na trajetória criminal, tende a aumentar os riscos de ser preso e de ser morto, e de outro lado, assim como a chance de ter uma vida normativa, voltado ao trabalho, ao respeito das normas, tende a reduzir.

A teoria da eficácia coletiva versa sobre lugares que tem mais crimes, então corre-se o risco de argumentarem no sentido de que as pessoas podem sair de um lugar e cometer crime em outro, mas o tipo de crime que a teoria da eficácia coletiva busca explicar, são os homicídios, o tráfico de drogas, que são crimes cometidos por pessoas, geralmente, do mesmo local. Assim, segundo a perspectiva teórica estudada, se essas pessoas cometem crime naquele lugar, é porque o local exibe baixa vigilância e eficácia coletiva, e além disso, por terem passado por pontos de virada negativos em seu curso de vida, que fazem com que essas pessoas, naquele lugar, se tornem criminosos - que são as pessoas que foram vítimas dessa situação.

Dessa maneira, a articulação teórica proposta aqui, é sobre entender a articulação dessas duas abordagens, lembrando que não é uma única delas que explica mais o fenômeno estudado ou a outra, mas sim, como as duas abordagens juntas, ajudam a

explicar a relação de exposição dos fatores que levam a trajetória criminal, dado que as duas teorias estudadas apontam para fatores de oportunidade que promoveriam a formação de trajetórias criminais.

Não se deve ignorar que elementos isolados por si só não explicam a ocorrência de crimes, nem o cometimento do crime, nem a trajetória criminosa.

Nesse sentido, considerando que a sociologia criminal é multifatorial, e estuda um conjunto de fatores que, combinados, encontram os elementos centrais e relevantes para a análise do início da trajetória criminal, não se trata da análise de um elemento isolado. Ou seja, não é apenas viver no contexto de desorganização social, nem é apenas a perda do pai, por exemplo, que leva ao envolvimento no mundo do crime. Contudo, a ocorrência simultânea de vários desses fatores, de maneira geral, favorece a probabilidade de envolvimento com o crime. Assim, estamos falando sobre probabilidade ou risco maior, não sobre determinismo. Nesse sentido, discute-se como certos fatores são combinados e podem aumentar as chances de o indivíduo se envolver com a criminalidade.

Não se deve ignorar que esta é uma proposta desafiadora, não apenas no sentido de tentar incorporar um elemento teórico criado para compreender a realidade de outra sociedade a fim de entender a realidade brasileira, mas também, além disso, tentar estabelecer uma conexão entre duas abordagens. Poucos estudos conseguem alcançar esse objetivo, no entanto, a experimentação teórica desempenha um papel fundamental no fortalecimento e avanço da ciência. Com isso, busca-se aqui, com todo o rigor metodológico e possibilidades teóricas, uma análise que visa integrar duas teorias da criminologia.

Outro ponto importante, é que a tese teórica que se pretende nesse estudo, é que os limites na utilização das teorias da desorganização social e eficácia coletiva possam ser reduzidos a partir da complementação teórica com a perspectiva da criminologia desenvolvimental e do curso de vida. Com isso, tanto o fantasma da falácia ecológica, a qual Marandola Jr (2016, pp.8) se refere, quanto outros pontos gerados pelas limitações das teorias da desorganização social e eficácia coletiva, podem ser melhor explorados. Ou seja, o uso de variáveis agregadas pode ser inválido quando forem feitos testes ao nível de indivíduo - o que conhecido ficou como 'falácia ecológica', e acontece quando a relação obtida no nível agregado não necessariamente se verifica no nível individual.

Dessa forma, faz-se aqui a defesa da necessidade de incorporar as variáveis ecológicas e os efeitos da eficácia coletiva na análise das trajetórias delinquentes de jovens, o que pode permitir 'colocar as pessoas no lugar' (MARANDOLA JR. 2016, pp.

9), ou seja, a ideia é unir a análise de média escala com uma de micro escala e assim, investigar de maneira mais detida as múltiplas influências e formas de envolvimento das pessoas com o lugar, encontrando então possíveis variáveis e possibilidades que levam a construção das trajetórias criminosas.

De acordo com Marandola Jr (2016), em termos teórico-metodológicos a incorporação do espaço no estudo das populações tem sido difusa, partindo principalmente de matrizes ecologia humana e não de uma discussão propriamente demográfica, o que mostra a necessidade do debate contemporâneo sobre o tema, principalmente no que tange aos domínios sociológicos. O mesmo autor afirma ainda que, metodologicamente, a incorporação mais efetiva da noção do espaço em várias áreas do conhecimento é dificultada, principalmente pela falácia ecológica, entendida pelo autor como um fantasma que acompanha todo o desenvolvimento teórico e metodológico dos estudos de populações, servindo de alerta constante para os pesquisadores (MARANDOLA JR. 2016, pp. 8). O mesmo autor afirma ainda que esse fantasma da falácia ecológica, tem papel ambíguo, que é tanto de ameaça, como o de patrulhamento, e que se tornou fonte de desconfiança para aqueles que tratavam a dimensão ideologicamente, procurando descaracterizar ou desqualificar questões ambientais que tinham raízes ou eram produzidas por iniquidades sociais.

Portanto, o espaço será considerado metodologicamente nessa pesquisa a partir de análises dos efeitos ou impactos de vizinhança, da desorganização social das comunidades e eficácia coletiva, levando-se em conta fatores como proximidade e recursos disponíveis na comunidade, como variáveis ecológicas fundamentais para entender as questões que levam jovens para trajetórias criminais. Essa proposta de estudos busca assim uma alternativa para a falácia ecológica que não implica fugir dos elementos espaciais e ambientais. E esse se mostra como um caminho promissor para os estudos da sociologia da criminalidade contemporânea.

Busca-se assim aqui, associar as variáveis ecológicas como riscos e perigos do território, pobreza, controle e outros vários aspectos à forma como os grupos estudados reagem e dão resposta a tais situações vulnerabilidade, gerando a possibilidade de se analisar como o ambiente contribui para moldar as trajetórias criminais. Ou seja, a limitação da teoria da desorganização social e eficácia coletiva pode ser melhor explorada com a abordagem da criminologia desenvolvimental e do curso de vida e; qualitativamente na medida em que se pretende “desvendar” os mecanismos pelos quais algumas pessoas – fugindo assim da falácia ecológica - e não todas, desenvolvem essa

trajetória e, sobretudo, qual o papel dessas desvantagens estruturais no território para a consolidação dessa trajetória.

Nesse sentido, esse é o ponto de interseção entre uma e outra teoria, para contribuir no maior entendimento do processo de construção da trajetória criminal. Entende-se então que este, embora não seja um modelo exaustivo, mostra-se útil na orientação, organização e direcionamento do tema, ao incorporar diferentes níveis de conceitualização - o nível estrutural, que incorpora as condições sociais e ambientais, através da contribuição da teoria da desorganização social e eficácia coletiva, assim como o nível individual, pela perspectiva da criminologia desenvolvimental e do curso de vida, incluindo aspectos sociais e psicológicos, que se refere ao controle social da família, escola e demais instituições responsáveis pelo jovem, a autoestima e à influência de grupos de jovens sobre o comportamento infrator.

5. Notas sobre o uso da criminologia desenvolvimental do curso de vida

Sobre a criminologia desenvolvimental do curso de vida, Piquero (2022) afirma que, trata-se de entender por que as pessoas fazem o que fazem, nas circunstâncias em que se encontram, em um momento específico no tempo e lugar da história, e o significado que dão a essas decisões e ações. Somando esse entendimento a ideia que a teoria da eficácia coletiva afirma sobre a questão da localização física compor a possibilidade da criação de um ambiente de oportunidades que facilita que algumas pessoas desenvolvam uma trajetória criminal, e consequentemente, que as características individuais estão sujeitas e podem ser influenciadas por características ecológicas generalizadas da vizinhança – e tendo em mente que, apesar da importância demonstrada da localização física nos resultados de desenvolvimento social e individual de grupos, é improvável que a localização física por si só responda por toda a variação nesses resultados – obtém-se a compreensão de que a natureza, a repetição e a extensão da exposição a, ou a vivência de experiências no contexto da vizinhança, podem servir como um veículo para os processos sociais tóxicos e as características ecológicas da vizinhança desordenada (BENNETT, 2017).

Really, it is about solving a puzzle, whether jigsaw or crossword (my favorite) and maybe, just maybe, answering Alice's rhetorical question: "Who in the world am I? Ah, that's the great puzzle." (PIQUERO, 2022, pp. 10)⁷

Diferentemente das teorias criminológicas clássicas, como tensão, aprendizado social, controle e desorganização social, que têm pressupostos-chave sobre pessoas e lugares, a perspectiva da criminologia desenvolvimental e do curso de vida será utilizada por ter foco específico na compreensão não apenas das diferenças entre as pessoas, nas causas, correlações e padrões do crime, mas em particular nos desenvolvimentos dentro do indivíduo em infrações ao longo do tempo, e reconhece que os fatores causais que influenciam o desenvolvimento podem mudar à medida que o indivíduo progride ao longo de seu caminho comportamental.

De acordo com Nico (2011) o curso de vida emerge da intersecção entre biografia individual e contexto social, assim este princípio baseia-se na importância do significado histórico da idade, na medida em que as pessoas que nascem num determinado ano têm uma experiência histórica particular e um leque de oportunidades de vida que depende igualmente da sua localização geográfica. Assim, a vida social do indivíduo é entendida como perpassada pelo tempo e pelo espaço, sendo que essa combinação fabrica ou mantém as condições desiguais de acesso à estrutura de oportunidades e constrangimentos da ação que condicionam o tempo das transições e eventos. Essa noção, uma das mais importantes da perspectiva do curso de vida, nos chama a atenção, pois possibilita uma relação de complementariedade com a perspectiva da eficácia coletiva.

Elder, Johnson e Crosnoe (2003) afirmam que as fronteiras mais promissoras nos estudos do curso de vida se compõe por exemplo, pelo desafio de cruzar níveis de análise e as muitas incógnitas importantes que permanecem, pois, vários níveis do curso de vida fornecem oportunidades de pesquisa para investigar sua interação ao longo do tempo. Nesse sentido, cada nível pode ser considerado um ponto de entrada de definição para o estudo, e assim, segundo os autores, alguns centros de pesquisa sociológica focam no nível macroscópico de instituições sociais e agregados populacionais, outros estudos enfocam o curso de vida individual e sua trajetória ao longo do tempo e um terceiro tipo de estudo investiga o desenvolvimento comportamental do indivíduo e não dá atenção ao seu ambiente contextual. Reforça-se a importância que os estudos de vários níveis do

⁷ "Realmente, trata-se de resolver um quebra-cabeça, seja quebra-cabeça ou palavras cruzadas (meu favorito) e talvez, apenas talvez, responder à pergunta retórica de Alice: "Quem diabos sou eu? Ah, esse é o grande enigma." (PIQUERO, 2022, pág. 10) *Tradução livre da autora.*

curso de vida requerem pesquisas interdisciplinares, incluindo contribuições da psicologia, antropologia, história, economia e biologia.

Elder, Johnson e Crosnoe (2003) afirmam que teorias e métodos têm se centrado amplamente em níveis específicos, aumentando assim o desafio dos níveis de transição, do nível macro ao micro. Esses autores chamam atenção para o crescimento dos estudos em vários níveis deu nova visibilidade à pesquisa em vários níveis, como em estudos de vizinhança e efeitos escolares, mas fez pouca contribuição para a compreensão das vidas. Segundo esses autores, as técnicas de análise fornecem uma maneira de investigar esses efeitos contextuais ao longo do tempo, mas nosso alcance deve se estender aos próprios contextos de interação nos quais as pessoas vivem suas vidas. Do mesmo modo, sugerem que as crianças vivem em bairros, comunidades específicas e frequentam certas escolas, são membros de famílias distintas e grupos de amizade, nesse sentido, desvantagens ou vantagens cumulativas tendem a maximizar as influências contextuais, o que sugere a necessidade de estudos ao longo da vida que também avaliem seus múltiplos contextos, incluindo os da família, do local de trabalho e da comunidade ou vizinhança.

Para a criminologia desenvolvimental do curso de vida as trajetórias infracionais não se desenvolvem de maneira desligada das relações sociais, do tempo histórico, da própria história de vida de um indivíduo e também do lugar em que vive. Assim, esse campo de estudos se torna interdisciplinar ao discutir sobre como um evento chega a acontecer, quais são seus resultados, quais são os fatores relacionados ao seu acontecimento e o grau de suas consequências sob a vida de um indivíduo. Esse campo de estudos compartilha, através de diferentes disciplinas, os pressupostos de que o envelhecimento e o desenvolvimento são processos contínuos, isto é, o curso de vida, tempo existente entre nosso nascimento e morte, é o período no qual os indivíduos se desenvolvem biológica, psicológica e socialmente; e que existem normas e expectativas baseadas na idade dos indivíduos que marcam transições e dividem suas vidas em diferentes trajetórias (OLIVEIRA, 2020). A extensa literatura produzida sobre a temática do desenvolvimento de trajetórias infracionais aponta a influência de fatores individuais, da natureza e qualidade dos vínculos estabelecidos pelos indivíduos, da estrutura de oportunidades sociais e econômicas, e de processos de rotulação, marginalização e exclusão. Nessa pesquisa, buscamos então juntar a análise das características ambientais com o curso de vida de indivíduos.

Já se sabe há muito sobre efeitos, bem documentados, das características estruturais da vizinhança sobre os resultados comportamentais de crianças e adolescentes

e os processos sociais do nível local e que foram propostos como mecanismos que ligam fatores estruturais a problemas de comportamento entre crianças e adolescentes (SAMPSON *et al.*, 2002). Assim, de acordo com a teoria da desorganização social, as desvantagens estruturais do bairro, como a pobreza e a instabilidade residencial, enfraquecem os laços sociais entre os moradores, o que, por sua vez, impede a ação coletiva da vizinhança voltada para os problemas da comunidade (SHAW e MCKAY, 1942), tudo isso resulta no fato de que residentes em bairros estruturalmente desfavorecidos tenderem a ter menos capacidade de monitorar e dissuadir o comportamento problemático dos jovens do que residentes de bairros com condições estruturais mais favoráveis. Sampson *et al.* (1997) estendeu este trabalho desenvolvendo o conceito de eficácia coletiva do bairro, que se trata de uma medida de organização social, incluindo controle social informal - a vontade dos moradores de intervir e, coesão social - a confiança mútua entre vizinhos.

Em um estudo histórico, Sampson *et al.* (1997) demonstraram que a eficácia coletiva é um fator chave para explicar a associação entre fatores estruturais do bairro e violência comunitária. Mais especificamente, a eficácia coletiva mediou amplamente as associações de desvantagem concentrada e instabilidade residencial com crimes violentos. Além disso, uma meta-análise identificou a baixa eficácia coletiva como um dos mais fortes preditores de criminalidade no nível do bairro. Assim, a eficácia coletiva tem sido proposta como um mecanismo através do qual as características estruturais da vizinhança influenciam o comportamento agressivo e antissocial dos jovens.

6. Considerações finais do capítulo

Esta tese objetiva, portanto, investigar a união e o desenvolvimento de duas perspectivas teóricas e metodológicas contemporâneas que, conjugadas, podem fornecer dispositivos inovadores. A importância e singularidade desta pesquisa reside na união de uma análise em nível micro com uma sociologia de orientação intermediária de análise, considerando a ideia de bairros interligados e dependência espacial. Essas abordagens se complementarão aos modelos sociológicos que buscam compreender a origem da criminalidade nas grandes cidades.

Dessa forma, o objeto de estudo desta tese é a investigação dos estudos recentes, dentro da sociologia da criminalidade, sobre a articulação de teorias que enfatizam a importância do contexto social vicinal baseado na teoria da desorganização social e

eficácia coletiva e a teoria desenvolvimental do curso de vida. Assim, o resultado tanto do ponto de vista analítico quanto empírico da aplicação dessas duas formas de explicação das características sociais, como a criminalidade urbana, é a possibilidade de criar modelos sociológicos mais próximos da realidade social. Isso permite uma compreensão mais precisa das dinâmicas reais das interações sociais subjacentes às estruturas de contextos sociais vizinhos específicos.

O esforço teórico proposto neste estudo, que visa articular as teorias da desorganização social e eficácia coletiva com as teorias desenvolvimentais do curso de vida, tem como objetivo investigar os processos e situações de vida em um ambiente socialmente desorganizado e sua influência no curso de vida de jovens. Além disso, busca questões que possam orientar estudos subsequentes. Os elementos teóricos resultantes da integração teórica aqui proposta serão aplicados ao estudo de jovens e adultos da cidade de Ribeirão das Neves, em Minas Gerais, Brasil, que têm ou já envolveram envolvimento com o crime. O próximo capítulo abordará a aplicação desse arranjo teórico na análise do território escolhido para o estudo, que será examinada sob a lente das teorias ecológicas e na sequência será demonstrado como aconteceu a realização das entrevistas assim como suas análises.

CAPITULO 4 - UMA ANÁLISE DA CIDADE DE RIBEIRÃO DAS NEVES SOBRE A PERSPECTIVA DA TEORIA DE DESORGANIZAÇÃO SOCIAL E DA EFICÁCIA COLETIVA

*Tu não sabe, bad vibes voa pelos ares.
Tu não sabe, a fama da cidade.
Tu não sabe, a fama do meu bairro.
Tu não sabe, os sonhos que eu guardei a sete chaves.
(É amanhã, Marcelo D2 e Don L)*

Como proposta dessa tese, a cidade de Ribeirão das Neves será analisada aqui a partir da ótica das teorias da criminologia ecológica e da eficácia coletiva para basear posteriormente um teste teórico da integração teórica dessa com a teoria desenvolvimental do curso de vida. Objetiva-se assim a elaboração de um teste teórico que posteriormente possa ser aplicado em análises de outros territórios.

A teoria da desorganização e eficácia coletiva leva em conta a forma como o espaço estrutural está organizado socialmente e de como este interfere nas formas de comportamento das pessoas, criando padrões ecológicos urbanos distintos e que interferem diretamente na produção de comportamentos indesejáveis, como o crime. Nesse sentido algumas variáveis são importantes para compreender por que em determinadas áreas, dos grandes centros urbanos, há mais ou menos ocorrências de crimes. Para Sampson, Raundenbush e Earls (1997), as variáveis capazes de identificar mecanismos de controle social são a supervisão das atividades de crianças e adolescentes; controle sobre a evasão escolar; supervisão em atividades de grupos juvenis; intervenção em mercados ilegais, como o das drogas, por exemplo. Outra variável importante de controle social, diz respeito à capacidade dos residentes em conseguirem benefícios públicos para seus bairros, como calçamento de rua, serviço de água e esgoto, construção de creches, dentre outros. Para Sampson e seus colegas, não só os elementos estruturais e sociais da organização dos espaços podem promover ou coibir o comportamento indesejado, mas também os arranjos vicinais que ali se desenvolvem.

A explicação do fenômeno das áreas criminais implica, necessariamente, a análise da desorganização social e da falta de controle social que afetam essas regiões (LUZES e SANTOS, 2014). O crime nesse contexto é produto da degradação e desorganização social, ao mesmo tempo em que as reforça, constituindo uma cadeia de fatores criminógenos. Nessa perspectiva, a prática de crimes em um determinado ambiente é, em boa medida, reflexo da fragilidade dos mecanismos de controle social ou na incapacidade

do grupo de fazer valer seus padrões de comportamento e suas normas morais aos indivíduos. Isso se dá especialmente através das formas de controle social e informal, o que está intimamente ligado a intensidade da organização social em contraposição a desorganização social que é o seu efeito reverso.

Assim, buscou-se analisar nessa parte do estudo, diferentes esferas de vulnerabilidade que afetam a cidade de Ribeirão das Neves, as quais vão além da exclusão puramente econômica. Além das questões relacionadas à perda de direitos essenciais, como acesso limitado à educação, emprego, saúde, lazer e cultura, também consideramos problemas como evasão escolar, falta de perspectivas de inserção no mercado de trabalho formal, entre outros, que como parte de um processo contínuo e perpetuado que conduz à condição de concentração de desvantagens.

De acordo com Beato e Zilli (2012) existe uma relação entre habitat e violência que é dada pela segregação territorial, pois regiões inteiras são ocupadas ilegalmente e que convivem com a ilegalidade na resolução de conflitos. Assim, as dificuldades de acesso aos serviços de infraestrutura urbana somam-se a menores oportunidades de emprego, maior exposição à violência, difícil acesso à justiça oficial, difícil acesso ao lazer, discriminação racial e outros, e a exclusão compõe um todo, social, econômico, ambiental, jurídica e cultural - cenário esse que compõe as dinâmicas da cidade escolhida para esse estudo.

Nesse sentido, o estudo que se propõe aqui, é iniciado com a análise da formação da cidade escolhida, a partir das dinâmicas demográficas e sociais que marcaram a sua constituição ao longo do tempo. São diferenciados três momentos de crescimento populacional na cidade, evidenciando o caráter de falta de planejamento do processo. Na segunda parte, identificam-se consequências dessa formação sem planejamento em diversos campos da esfera social da cidade. Ao final, realiza-se a caracterização dos índices criminais da cidade, com a efetivação de uma análise georreferenciada de dados de homicídios na cidade.

O objetivo geral desse capítulo é então caracterizar o cenário complexo de formação da cidade, que dificulta o surgimento da eficácia coletiva e as condições atuais que geram, por sua vez, o esgotamento do poder das instituições formais e informais de socialização e controle existentes para que posteriormente possamos utilizar essas variáveis na análise da trajetória delinquente de jovens da cidade em análise.

Como metodologia utilizou-se um levantamento de dados quantitativos secundários e uma revisão bibliográfica. Os dados secundários utilizados neste estudo

foram retirados de bases de dados do censo do IBGE de 2010, Censo Escolar 2018, Mapas da violência do Brasil, Índice de Homicídios na Adolescência, Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde, Portal SNIS do Ministério das Cidades e Portal Infosanbas.

1. A formação de Ribeirão das Neves

Mapa 1. Mapa Ribeirão das Neves na Região Metropolitana de Belo Horizonte.



Fonte: Prefeitura Municipal de Ribeirão das Neves, Lei de Uso e Ocupação do Solo, 2006.

1.1 A formação de Ribeirão das Neves – a primeira etapa de adensamento populacional.

Pelos anos de 1970 o Brasil passa a ser mais urbano que rural, sendo que a expansão de grandes aglomerações urbanas, que já ocorria desde 1940, foi mais intensa no país entre as décadas de 1960 e 1980. Um grande contingente populacional saiu do campo em direção às cidades, soma-se a isso o efeito indireto da migração representado pelos filhos de migrantes rurais nascidos em contexto urbano e que gerou a formação de estruturas produtivas urbanas e industriais articuladas por meio de uma rede urbana altamente polarizada e hierarquizada pelas aglomerações metropolitanas. Data dessa época a institucionalização política dos territórios metropolitanos por meio da Lei Complementar nº. 14, de 1973, que estabeleceu a delimitação de oito regiões metropolitanas que São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Fortaleza, Belém (SOUZA e BRITO, 2008).

Em terras mineiras, a cidade de Belo Horizonte foi planejada para abrigar a nova capital do Estado de Minas Gerais, em substituição da colonial Ouro Preto. A equipe que projetou a cidade, chefiada por Aarão Reis, dividiu a cidade em três principais seções, sendo elas a Área Urbana, a Área Suburbana e a Área Rural⁸; que diferiam entre si quanto aos usos e divisão adotada para cada uma delas. A lógica de estruturação urbana centro-periferia da metrópole belo-horizontina, enquanto processo histórico, perpetua-se até hoje e a segregação aprofunda-se significativamente. Com a explosão do tecido urbano, a metropolização de Belo Horizonte, que se inicia na primeira metade do século XX direciona a população trabalhadora de baixa renda para as periferias da cidade.

A expansão da metrópole capitalista, por agregação da periferia, mostrou-se em sua plenitude em Ribeirão das Neves, que desde os primórdios de sua formação, integra a metropolização de Belo Horizonte e vai se caracterizar como uma das parcelas do território metropolitano onde a segregação urbana se mostrará de forma mais evidente. A dicotomia centro-periferia materializou-se, a partir de políticas e dinâmicas mercadológicas, por meio de padrões urbanísticos distintos entre os espaços centrais e os periféricos, de forma que nas áreas centrais a urbanização seguiu padrões “modernos”, internacionais, e teve seu adensamento estruturado por edificações verticalizadas,

⁸ No projeto da cidade de Belo Horizonte, era previsto uma “zona urbana” limitada pela Avenida do Contorno onde seria a sede do governo do Estado, o centro comercial, o Parque Municipal, entre outros. Na zona suburbana, seria o espaço de sítios e chácaras, já na zona rural ficariam as colônias agrícolas.

enquanto, nas periferias predominou uma urbanização “popular”, com edificações horizontalizadas, resultante, principalmente, da “autoconstrução”.

As fontes historiográficas sobre a constituição do município de Ribeirão das Neves são divergentes. Conforme as pesquisas de Sousa (2002), Souza (2008) e Campos (2009), são distintos os processos de formação da região da Sede e de Justinópolis, e que refletem na organização da cidade até os dias atuais. Nesse sentido, a análise segue metodologicamente, a partir da diferenciação do processo de formação dos distritos de Ribeirão das Neves.

Podem ser identificadas referências da história da cidade, então conhecida como “Matas de Bento Pires”, já no início do século XVIII. Os primeiros povoamentos do território teriam acontecido por volta de 1745, quando o mestre de campo Jacinto Vieira da Costa se apropriou das terras afirmando que elas eram boas para plantio e construiu, no ano seguinte, uma capela dedicada à Nossa Senhora das Neves, que deu origem ao nome Fazenda das Neves para o local.

No ano de 1760, Jacinto Vieira da Costa morre e lega seus bens a um de seus oito filhos ilegítimos, Antônio Vieira da Costa. Com isso, um conflito emergiu e durou até 1796, quando Antônio falece, sem ter herdeiros legítimos. Sendo assim, as terras de Neves foram a leilão, juntamente com as fazendas Carijós, e foram arrematadas pelo capitão José Luiz Andrade, um português habitante da capitania de Sabará. Dessa forma inicia-se um novo momento da história da região, pois os filhos do Capitão, o guarda-mor Joaquim José de Andrade e o padre José Maria de Andrade, são de extrema importância nesse período. O guarda-mor Joaquim adquire de seu pai as fazendas Carijós e deixa muitos herdeiros nas regiões de Neves, nos locais que se referem hoje aos seguintes bairros: Santa Marta, Santa Martinha, Porto Seguro, Nova União e em Pedro Leopoldo. Seu irmão, o padre José, torna-se responsável pela Fazenda das Neves, e a capela, que já existia desde 1747, ganha uma importância muito maior, pois de fato haviam pessoas habitando a região, tendo em vista que além do padre, uma comitiva de negras/os escravizadas/os se assentaram junto com o Padre. A influência cultural dos escravos que serviam ao Padre era tão forte que tende a explicar o porquê de até hoje a cultura africana ser tão presente no município, tendo em vista que as coroações de reis e rainhas do congado são anuais em alguns lugares da cidade. (SANTOS, 2021, pp. 75)

No século XIX, Neves é elevada a Distrito de Paz pela Lei Provincial de 15 de setembro de 1827, que é reforçada pelo decreto de 11 de setembro de 1830, com uma população de aproximadamente 1.241 habitantes. Em 1873, o território passa a fazer parte do distrito de Pindaíbas, (atual Vera Cruz de Minas, distrito do município de Pedro Leopoldo) como uma vila; em 1911 é incorporado a Contagem e elevado a distrito em 1923. Em 1938, foi transferido de cidade de Contagem para Betim, ao qual fica vinculado até 1943, onde o nome do distrito foi alterado de “Neves” para “Ribeirão das Neves” e

então volta a pertencer ao território da nova cidade, Pedro Leopoldo. Finalmente em 12 de dezembro de 1953, Ribeirão das Neves é elevado a município tendo como distritos a região da Sede e Justinópolis além do povoado de Areias, vinculado ao novo município.

A região da Sede da cidade foi fortemente influenciada pela construção da Penitenciária Agrícola de Neves (PAN), na região conhecida como “Fazenda das Neves”, que data do início na década de 1920 e inaugurada oficialmente em 1938. A PAN teve grande importância no cenário latino americano por ser expressão da modernização, da justiça e da recuperação dos detentos pelo trabalho. Historicamente, na sede do município tinham importância as atividades ligadas ao comércio e serviços, primordialmente, voltadas para a penitenciária agrícola.

A Penitenciária Agrícola de Neves significou mais do que a desativação das antigas penitenciárias de Ouro Preto e Uberaba. Sua criação é parte do primeiro esforço mineiro de formulação de uma política penal, criteriosamente elaborada por uma elite de juristas e psiquiatras, reunida no Conselho Penitenciário, implantado em 1927 pelo presidente [do estado de Minas Gerais] Antônio Carlos. O Projeto desse grupo partia de um diagnóstico desanimador quanto à capacidade reabilitadora das cadeias públicas do Estado e se orientava por objetivos de “tratamento”, em oposição à perspectiva punitiva ou meramente custodial. A terapia recomendada era o trabalho e o sistema penitenciário deveria edificar em torno de duas grandes unidades – a penitenciária agrícola em Neves e a industrial em Juiz de Fora. Essas duas unidades permitiriam a eficácia da laborterapia, na medida em que tornariam possíveis o respeito às vocações ocupacionais diferenciadas de suas clientela. (PAIXÃO, 1991, p. 36)

Inicialmente, mesmo sem ser anseio da população, sua implantação gerou empregos aos moradores, renda para o incipiente comércio da época, promoveu a presença do Estado pela presença da polícia e agentes penitenciários no território, além de impulsionar o aumento populacional. Desde então a cidade recebe uma função metropolitana, de ser o lugar dos presídios – um polo presidiário, função essa que foi reafirmada depois da implantação de várias penitenciárias em seu território⁹, mesmo ainda contra a vontade de grande parte da sua população e também, gera problemas como

⁹ Além da Penitenciária Agrícola de Neves, durante o início da década de 1960, a Cadeia Pública da Comarca de Belo Horizonte é transferida para Neves, que se tornou a Casa de Detenção Antônio Dutra Ladeira. Em 1982 foi implantada a Penitenciária Feminina José Abranches Gonçalves, em 2006 o Presídio Regional Inspetor José Martinho Drumond, e o Centro de Reeducação do Jovem Adulto, atualmente denominada Penitenciária José Abrantes Gonçalves, sendo todos alocados na rodovia LMG-806, trecho da estrada entre o distrito Sede e Justinópolis. No ano de 2013, Neves recebe o primeiro Complexo Penitenciário de Parceria Público-Privada do país, localizado nas margens da BR 040, trecho entre o distrito Sede e a regional do bairro Veneza.

barateamento das terras, sobrecarga de serviços públicos como os hospitais e a Comarca, além do estigma negativo de “cidade presídio”.

Nas primeiras décadas que se seguem a emancipação de Neves, o núcleo urbano do distrito Sede se mantém restrito a área do entorno da Penitenciária. A PAN gerou uma grande efervescência na região de Neves, pois o isolamento da região fez com que os operários abrissem uma estrada de terra para acesso ao local e construíram casas ao entorno do presídio para viver com suas famílias durante o período de obras, que se arrastaram por 10 anos. (SOUSA, 2002; SANTOS, 2021). Nessa época, podem ser identificados como seus eixos de estruturação espacial duas vias de acesso, são elas a LMG-806 que liga a Sede até o distrito de Venda Nova e a estrada para o município de Pedro Leopoldo.

Santos (2021) realiza uma análise histórica sobre a importância e relevância que a Penitenciária José Maria Alkimin teve em seu passado e tem até hoje sobre as relações sociais, históricas e identitárias da população nevensense. Inclusive no ano de 2009 o conjunto penitenciário foi tombado, pela Lei Orgânica n.º 3000/2007, em decorrência de seu valor histórico, social, cultural, arquitetônico e paisagístico. De acordo com Santos (2021, p. 85) que, analisando a relação identidade, memória e história da cidade, afirma que a PAN e sua história se interpolam a história do município, e se misturam em diversos momentos distintos, compondo “dois lados de uma mesma moeda”. Nesse sentido a penitenciária está presente no imaginário da cidade e da própria população, por vezes de maneira positiva, por vezes de forma negativa. Por exemplo, positivamente, pela fama de reabilitação dos internos pela filosofia laboral, pela larga produção que os detentos criavam ou pelas personalidades que se fizeram presentes no trabalho da penitenciária, como Henfil e o futebolista Wilson Piazza e de forma negativa pelo caráter de “Cidade dos presídios” que a população carrega, os altos índices de violência local, entre outros pontos, que coabitam esse imaginário também (SANTOS, 2021).

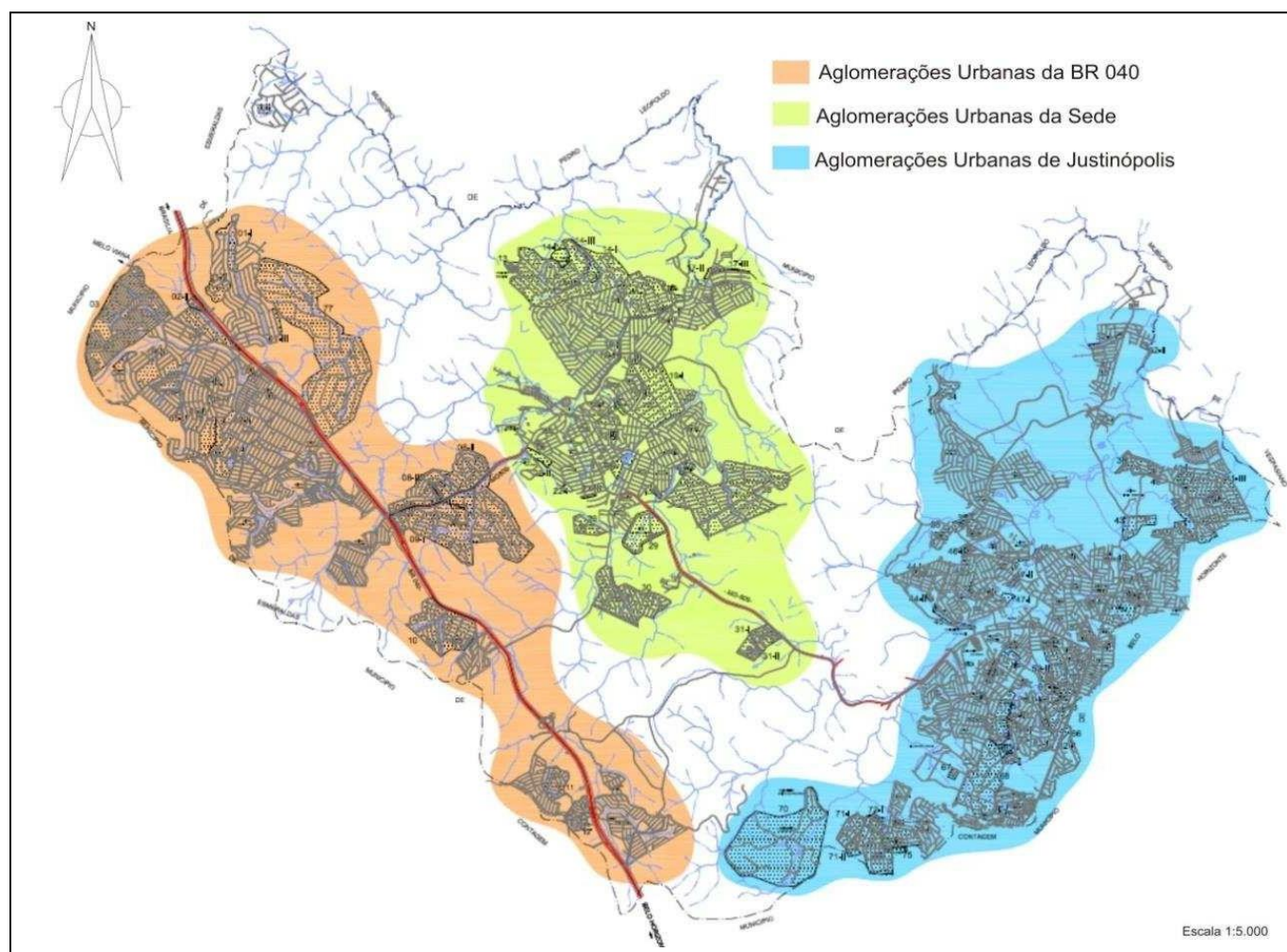
Outro eixo viário importante da cidade é a BR-040, inaugurada na década de 1970, que atravessa o município na direção dos limites com Contagem e Esmeraldas, e se constitui como um eixo de expansão da cidade. A Regional Veneza, como fica conhecida, leva o nome de um de seus maiores bairros, originado a partir de loteamento popular de 1977 e constituído com cerca de 4.000 lotes (SOUZA, 2008). Tal regional, se torna alvo de intenso processo de parcelamento e ocupação, localizada nos limites da região da Sede, mas permanece isolada da Sede, seja pelos condomínios fechados e chácaras que ocupam grande parte do seu território, seja pela barreira representada pela própria rodovia. Assim

como ocorre com Justinópolis, mantém uma relação tênue com o núcleo urbano da Sede do Município, ao qual se vincula principalmente por razões de ordem administrativa.

Por sua vez, a formação do distrito de Justinópolis, teve influência do processo da periferização de Belo Horizonte, através do crescimento da região de Venda Nova, zona norte da capital. Recebeu esse nome em homenagem a Antônio Justino da Rocha, um fazendeiro da região que doou o terreno para a construção da igreja católica, do cemitério e da escola, localizados no centro do distrito (SOUZA, 2008). A região anteriormente chamada de Campanhã, era composta por um grande território dividido em fazendas, que ao longo das décadas de 1940 e 1950 foram loteadas para comercialização, dando início aos primeiros bairros.

O distrito de Justinópolis foi desbravado pelos agentes imobiliários e se consolidou conurbado a Venda Nova, tendo poucos laços de ligação com a Sede do município de Ribeirão das Neves, o que sugere a ausência de coesão territorial e fraca integração regional. Dessa forma, pode-se argumentar sobre a influência da expansão urbana de Belo Horizonte em direção à região norte do município, induzido pela construção do complexo de lazer da Pampulha e da abertura da Avenida Antônio Carlos além da formação de Venda Nova, que influencia o crescimento de Justinópolis.

Assim, o processo desigual da ocupação territorial gerou relações espaciais sem ligações tênues, com grandes vazios, exemplificada pela precária e desarticulada malha viária. Segundo Campos (2009), até nos anos de 1960 a estrutura fundiária de Ribeirão das Neves se caracterizava pela alta concentração das terras, onde 67 latifúndios ocupavam 78% de sua área total, enquanto 276 pequenas propriedades ocupavam 13% dessa área. Nota-se uma mudança de comportamento do mercado imobiliário da cidade a partir do final dos anos de 1940, quando sua área loteada aumenta significativamente, assim como o número de lotes, aprovados ou não, que foram lançados no mercado, principalmente concentrados no distrito de Justinópolis. Com isso a cidade em análise, se caracterizou, até o final dos anos 1960, por grandes vazios demográficos e ocupação bastante lenta, devido ao processo moroso de venda dos lotes, afora o fato de que a maioria das famílias não tinha condições de pagar a prestação mensal do lote e realizar ao mesmo tempo a construção das casas, por suas restrições orçamentárias.

Mapa 2. Mapa distrital de Ribeirão das Neves/ Minas Gerais 2012

Fonte: Prefeitura Municipal de Ribeirão das Neves.

1.2 Neves desbravada pelos agentes imobiliários - A segunda tendência de crescimento

Como característica da expansão metropolitana de Belo Horizonte, a década de 1970 fica marcada pela produção de loteamentos, sendo que a qualidade foi a principal estratégia do mercado imobiliário para controlar o uso e ocupação do solo nesse território, que de acordo com Andrade e Mendonça (2010) é expressão de um processo nacional de segregação nas metrópoles brasileiras, em um momento de grande fragilidade das políticas de regulação do solo. Entre os principais sujeitos desse processo estão os agentes imobiliários, que atuaram indireta e diretamente sobre o município; no primeiro caso deixando grandes vazios urbanos nas áreas mais centrais dotadas de infraestrutura, como forma de valorizá-los para posterior comercialização e, no segundo caso, agindo

diretamente na criação de loteamentos precários, nas periferias mais distantes, muitos deles clandestinos e sem nenhuma infraestrutura. Esse processo explica a consolidação da conurbação de Belo Horizonte em direção a Ribeirão das Neves, Santa Luzia e Vespasiano.

Acontece nessa época, a produção de loteamentos populares em cidades da região metropolitana de Belo Horizonte, como Ribeirão das Neves, Ibirité, Betim, Igarapé, Matheus Leme e Esmeraldas, com diferenças marcantes no preço dos terrenos de acordo com sua localização. Os loteadores tiveram diferentes estratégias que identificaram o potencial de compra do mercado popular e ofereceram terrenos parcelados com pouca ou nenhuma infraestrutura na periferia da cidade, ou ainda clandestinos, caracterizados pela escassez de oferta de serviços públicos como abastecimento de água e rede de esgoto, além da ausência de área destinada à construção de equipamentos comunitários como escolas e hospitais. Com poucas exceções, o controle sobre o uso da terra e seu parcelamento nessa época, ficaram sob responsabilidade de cada município, sem legislação de nível metropolitano (CAMPOS, 2009). Nessa perspectiva, o vetor Norte-Central da região metropolitana de Belo Horizonte, composto pelas cidades de Santa Luzia, Vespasiano, São José da Lapa e Ribeirão das Neves e o Vetor Norte, que agrega as cidades de Lagoa Santa, Pedro Leopoldo e Confins, teve como formato principal de sua expansão, a propagação de áreas de moradias para a população de renda mais baixa.

De acordo com Souza (2008), dos noventa e seis loteamentos lançados na região metropolitana de Belo Horizonte, entre os anos de 1972 e 1976, trinta e cinco (36% do total) foram implantados em Ribeirão das Neves, que ofereceu aos loteadores as condições ideais para a produção de loteamentos populares, como legislação menos exigente, falta de programas e políticas de controle do parcelamento e da ocupação do solo além de menor fiscalização, o que o tornou palco privilegiado da especulação imobiliária. As facilidades oferecidas pelo poder municipal incluíam a reserva de somente 3% a 5% da área para uso institucional (NORONHA, 2010) e a não regulamentação de áreas para praças e parques. A falta de infraestrutura, como calçamento das ruas, esgoto, água, etc., favorecia a oferta de lotes a preços baixos que atraíam parcela considerável de pessoas de baixa renda. Ao mesmo tempo, as condições de financiamento oferecidas tornavam mais próximo, para alguns, o sonho da casa própria.

Dessa forma, a década de 1970 marca uma segunda fase de expansão da cidade de Ribeirão das Neves, caracterizada por um intenso crescimento demográfico, onde as elevadas taxas de crescimento variaram ao longo do tempo e também se apresentaram

consideravelmente distintas entre a região Sede e Justinópolis. Segundo Sousa (2002), de 1970 a 1979, oitenta loteamentos foram abertos na cidade: cinquenta e três no distrito de Justinópolis (sendo três no subdistrito de Areias), dezessete no distrito Sede e nove na região do Veneza.

O que se segue é um aumento populacional com taxas recordes na região metropolitana e que caracteriza um ‘boom imobiliário’, de intenso crescimento, do qual o distrito de Justinópolis foi palco e pelo qual se insere no espaço metropolitano, na medida em que se conurba com Belo Horizonte. Nessa época, a população de Ribeirão das Neves apresentou a sua maior taxa de crescimento, de 21,3%, o que demonstra um grande crescimento da cidade em pouco tempo, recorde em nível nacional. O crescimento populacional de Justinópolis, com taxa média de 27,2%, chama atenção por representar o setor de crescimento do município, já a Sede¹⁰ também teve um aumento populacional também alto, de 11,09% ao ano.

Nos anos de 1980 houve um arrefecimento no mercado imobiliário, onde apenas quatro loteamentos foram aprovados na cidade, localizados no distrito Sede, sendo um no centro e três na Regional Veneza. Assim a taxa de crescimento populacional de Neves decresce, mas ainda permanece alta para os níveis metropolitanos, com a média de 7,1% ao ano, com a população da Sede passando a crescer mais que Justinópolis. Esse distrito apresenta taxa de crescimento de 4,8% e a Sede com 13%, de modo que se inicia nessa época e na década que segue, uma concentração dos loteamentos nessa região que marca a consolidação da expansão da cidade no sentido da Regional Veneza.

Durante a década de 1990, o setor do mercado imobiliário recrudesce, de forma que foram aprovados trinta e três loteamentos no município: treze no distrito de Justinópolis e vinte no distrito Sede, (sendo dez no centro e dez na Regional Veneza). Após os anos 2000, o processo de parcelamento das terras na cidade continua intenso. Somente entre os anos de 2000 e 2005 foram lançados 5 novos loteamentos (aprovados), além de loteamentos clandestinos.

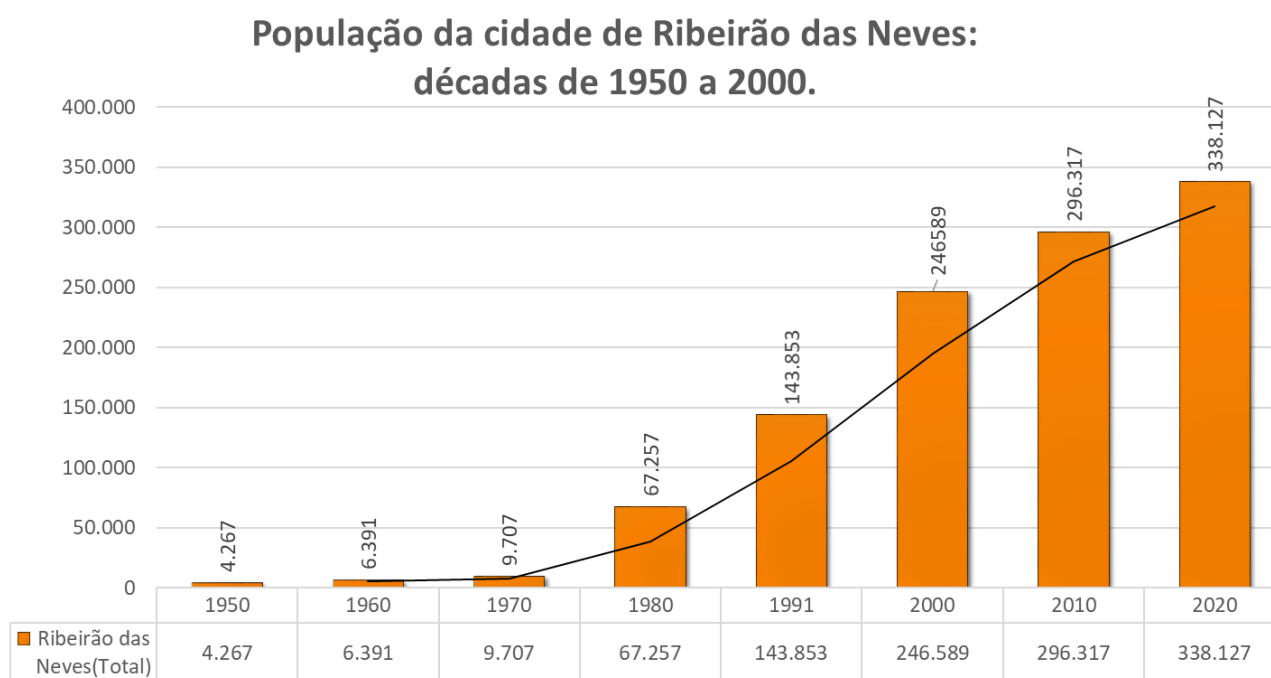
Dessa forma, a partir do intenso processo de parcelamento do solo, durante um espaço de tempo relativamente curto - aproximadamente 50 anos - houve grande mudança na demografia de Ribeirão das Neves, fator preponderante para a construção da realidade social atual do município. De acordo com dados do IBGE, durante a década de 1950 quando ganhou sua autonomia, Neves era uma pequena cidade com pouco mais de 4.000

¹⁰ Os dados sobre a região Sede de Ribeirão das Neves nessa parte da análise se referem a regional Centro e Veneza, nos dias atuais.

habitantes e cresceu em níveis esperados até os anos de 1970, contando com 9.707 habitantes, quando então acontecem aumentos populacionais que marcam recordes no cenário nacional, de modo que em 1980 a cidade passa a abrigar seis vezes mais habitantes que na década anterior contando com 67.257 pessoas. Em 1991, a população da cidade mais que dobra, chegando a 143.853 habitantes. A cidade chega aos anos 2000 com uma população, de 246.589 habitantes, em 2010 com 296.317 e a estimativa, segundo o IBGE, de aproximadamente 338.197 habitantes no ano de 2020.

De acordo com o IBGE (2010) Ribeirão das Neves ficava com o oitavo lugar entre as cidades mais populosas do Estado de Minas Gerais (atrás de Belo Horizonte, Uberlândia, Contagem, Juiz de Fora, Betim, Montes Claros) e no lugar de número 80 do Brasil.

Gráfico 1. População da cidade de Ribeirão das Neves/ Minas Gerais

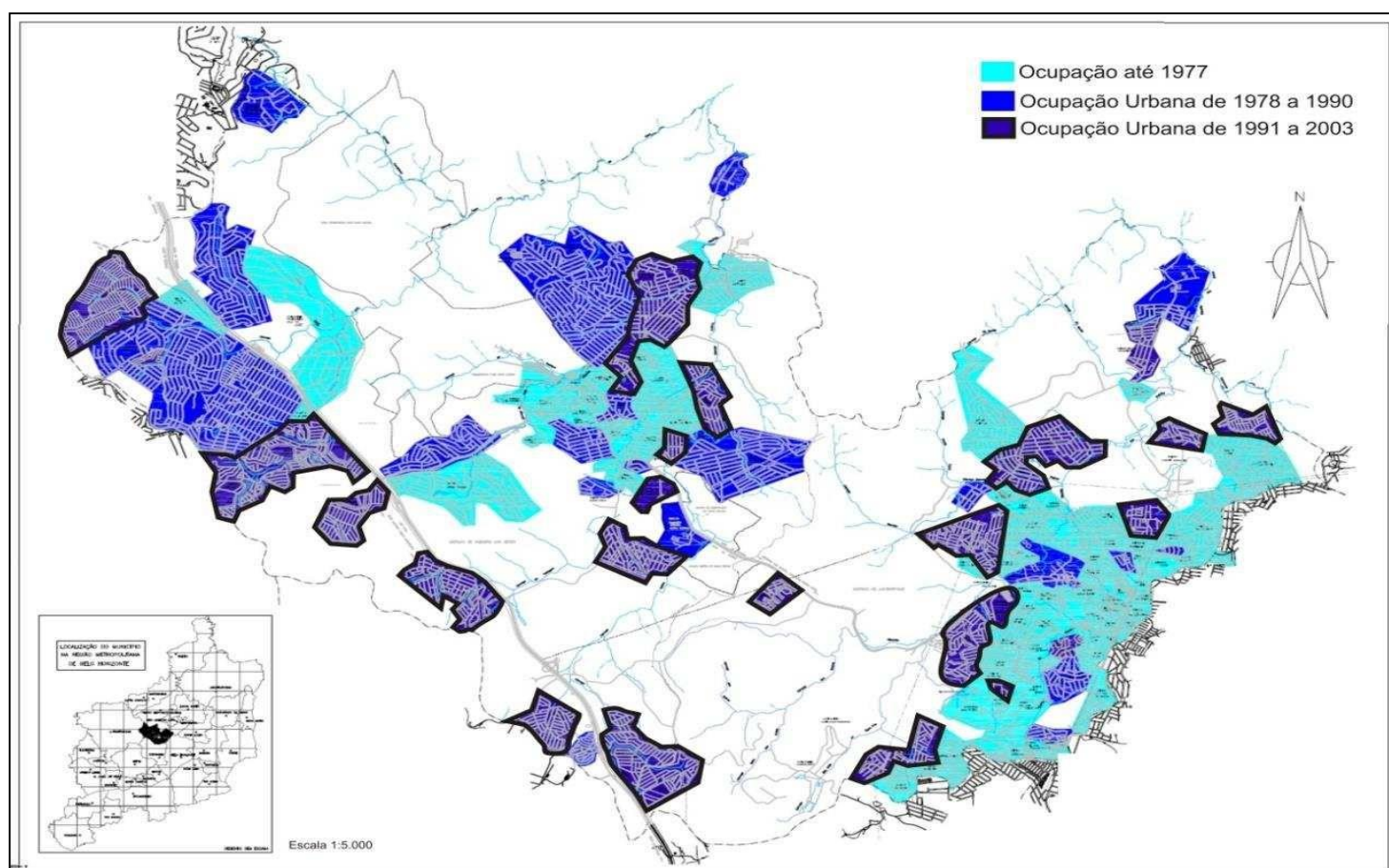


Fonte: IBGE (2021)

O que chama atenção na análise, não se trata somente do crescimento populacional da cidade, mas a forma como acontece e suas características. Nessas condições, uma população de baixa renda se concentrou em Ribeirão das Neves, a partir dos anos 1970 e essa tendência propaga-se até a atualidade, de modo que a produção habitacional pode ser caracterizada principalmente pela autoconstrução. Durante todo esse processo, o poder

público municipal, caracterizado por baixa capacidade arrecadadora e carente de recursos materiais e humanos, permaneceu omissa e não ofereceu resistência a atuação dos agentes imobiliários. O crescimento populacional da cidade tendeu a estruturação de uma periferia metropolitana com grandes níveis de adensamento populacional. Neves caracteriza a expressão de Cymbalista (2006, p. 44 apud Andrade e Mendonça 2010), como “o lugar aonde as pessoas chegam antes da cidade”

Mapa 3. Mapa da evolução urbana de Ribeirão das Neves



Fonte: Prefeitura Municipal de Ribeirão das Neves, 2006.

De acordo com Brito (1997) a implementação de loteamentos precários, serviu para atrair uma população de baixa renda que se mudou para a cidade com o objetivo de realizar o sonho da casa própria, formando um expressivo polo de atração da pobreza. Já Souza e Brito (2008) sugerem a inversão da reflexão ao afirmar que, apesar de Ribeirão das Neves ser um dos municípios mais pobres de toda a RMBH, o município atrai um grande número de indivíduos expulsos de outros municípios da RMBH, principalmente da capital, que tem terras com alto preço. Assim, não seria Neves que atrai a população

pobre, mas sim Belo Horizonte que a expulsa e a atração exercida por Neves seria assim, nada mais que o reflexo do grande poder de retenção exercido por Belo Horizonte e sua região metropolitana, dada a concentração da atividade econômica, nesse espaço. Por consequência, residir em Neves representa para muitos uma oportunidade, senão a única, de adquirir moradia própria, de continuar residindo nas proximidades da capital e se inserir no mercado de trabalho metropolitano.

1.3 Ribeirão das Neves e a verticalização - uma nova tendência de crescimento

Os anos de 1980 e principalmente 1990 marcam no Brasil uma tendência a valorização da vida nos condomínios no Brasil, que eram restritos ao entorno das grandes metrópoles e mais voltadas para as classes médias e altas, mas a partir dessa época, passam a ser opção de moradia e estilo de vida também para populações com menor poder aquisitivo. Nesse sentido, a partir dos anos 2000, uma nova característica do crescimento da cidade de Ribeirão das Neves que se inicia pode ser observada, a partir da proliferação da produção de edifícios de pequeno porte, via indústria da construção, que marca a tendência de verticalização na cidade.

Segundo o IBGE, os domicílios particulares permanentes podem variar, sendo por exemplo, casas, que são entendidas como domicílio único, localizados em edificação de um ou mais pavimentos ou também pode ser apartamentos, localizados em edificação de dois ou mais pavimentos, com mais de um domicílio, servido por espaços de uso comum. De acordo com Campos (2009), antes dos anos de 2000, os domicílios do tipo apartamento de Ribeirão das Neves, estavam localizados em Justinópolis, encontravam-se basicamente em três empreendimentos habitacionais executados pela indústria da construção, o Conjunto Habitacional Nova Pampulha, o Residencial Toronto e o Residencial Capela, sendo que os dois primeiros se localizam próximos à Contagem e Belo Horizonte. No distrito Sede, os prédios de apartamentos localizam-se basicamente no Bairro São Pedro, onde estão localizadas também as casas dos habitantes que recebem as maiores rendas do município de Ribeirão das Neves (CAMPOS, 2009).

O Censo de 2010 identificou 85.135 domicílios na cidade, sendo 2.331 deles, apartamentos, tendência que tem tido aumento desde os anos de 2000. Segundo dados cedidos pela Superintendência de Regulação Urbana da Prefeitura de Ribeirão das Neves, até junho de 2016, foram registrados 8.559 apartamentos, sendo que não entram nesses números as construções irregulares. Esses dados corroboram a hipótese do estudo sobre

o crescimento vertical de Neves, pois apontam que o número de apartamentos quase quadruplicou em 6 anos.

Atualmente, a tipologia das edificações, que estão sendo aprovadas no município é, predominantemente, de conjuntos verticais com até quatro pavimentos e área de aproximadamente 45m² por unidade. Outra tipologia impulsionada no município, constitui-se em condomínios horizontais, com casas geminadas, destinadas à população cuja renda está entre três e seis salários mínimos (CAMPOS, 2009).

Podemos analisar o exemplo do Bairro Jardim Alterosa, localizado na regional Veneza, onde foi construído em 2013 o conjunto habitacional Residencial Alterosa, com recursos do Programa do Governo Federal, o Minha Casa Minha Vida, que possui 82 blocos de 20 apartamentos, totalizando 1640 unidades. Contudo, seus moradores sofrem com graves problemas, entre eles, a ausência de equipamentos públicos como posto de saúde, escolas e creches, além de falta de transporte público e do recolhimento do lixo que gera, grave situação de insalubridade e risco à saúde.

Não se pode ignorar ainda que o vetor norte de Belo Horizonte tem passado por um intenso processo de reestruturação econômica e socioespacial, que teve início a partir do ano de 2004, com a construção de um conjunto de projetos de investimentos públicos e privados na região. Os principais empreendimentos públicos, de acordo com Tonucci e Freitas (2019), particularmente do Governo do Estado, são a reativação do Aeroporto Internacional Tancredo Neves, a implantação do Centro Administrativo do Estado de Minas Gerais, além de investimentos viários que buscam melhorar a articulação do vetor norte com a malha rodoviária da RMBH, em que se destacam a Linha Verde, o Rodoanel, e a duplicação da MG-020 e da Avenida Antônio Carlos. Essas novas transformações parecem surtir efeitos especulativos de maneira mais imediata naqueles municípios próximos a Cidade Administrativa, que são Santa Luzia, Vespasiano, Ribeirão das Neves e porção setentrional de Belo Horizonte, de forma que os impactos territoriais deverão ser mais intensos no curto prazo, como por exemplo na valorização imobiliária no Vetor Norte da RMBH, que tradicionalmente, foi marcado por poucos estímulos de valorização fundiária nas décadas anteriores à virada do milênio, sendo uma região menos valorizada, sobretudo, se comparada ao Vetor Sul metropolitano.

Com a expansão da cidade, agora também de forma vertical, tem-se um impulso ao crescimento populacional inversamente proporcional a melhoria dos serviços públicos da cidade, que já são defasados e não atendem minimamente a população da cidade, ou seja, esse crescimento acelerado impulsionado pela verticalização se torna um problema

social. A expansão e o reconhecimento da existência do fenômeno do aumento populacional conectado a falta de planejamento urbano compõem um desafio para a gestão pública das grandes cidades e principalmente de Ribeirão das Neves, considerando as urgências discutidas.

Assim em Ribeirão das Neves, a onda de mobilidade populacional de forma desorganizada que constituiu seu espaço, provocada pelo êxodo rural e pela expansão populacional da cidade, quando relacionada a completa falta de dinamismo econômico e social, provocou o isolamento e a desvalorização de determinadas regiões da cidade, degradando-as, com desastrosos efeitos do ponto de vista da solidariedade interna.

Soma-se a isso o fato de que ao longo dos anos, quando os filhos desses imigrantes do campo ou das cidades metropolitanas se desenvolveram com pouca formação educacional crescendo em um ambiente socialmente desorganizado, completando o ciclo vicioso de pouca mobilidade social. De acordo com Luzes e Santos (2014), a mobilidade populacional pode tender a gerar problemas de adaptação moral dos indivíduos, pois grupos muito heterogêneos em sua cultura e moral, podem, a médio e longo prazos, sofrer com a fragilidade moral das pessoas mais jovens que vivem nesses ambientes.

2. Ribeirão das Neves na atualidade: desorganização física e social.

A expansão sem planejamento gerou graves consequências negativas para a cidade de Ribeirão das Neves e que influenciam diretamente na criação de um ambiente de desordem e decadência urbana. Nesse sentido, de acordo com a literatura analisada, o ambiente da cidade de Ribeirão das Neves, muitas vezes, se aproxima do que Shaw e McKay (1942) entendem como “comunidades desorganizadas”. Vários aspectos do ambiente urbano assim como os níveis de criminalidade são de grande importância para que, efetivamente, ocorra esse fenômeno e que por sua vez, influenciam negativamente no desenvolvimento da cidade, o que tem sido danoso, tanto pela marginalização do território, como de seus moradores.

Os problemas sociais vivenciados pelos moradores estão diretamente relacionados à expressiva desigualdade econômica e social que marcam a cidade analisada, que convive com a baixa concentração de equipamentos públicos e privados, um setor de serviços e comércios pouco pulsantes, áreas residenciais muito pobres, além das dinâmicas violentas e que chamam a atenção tanto pela intensidade quanto pela frequência em que ocorrem e que aumentam as desigualdades.

Em linhas gerais, a ecologia social do crime procura compreender como as características físicas de tais unidades, assim como, as características sociodemográficas dos indivíduos que as ocupam podem interferir nas variações das taxas de crime e de violência de um determinado bairro, vizinhança, favela, território, dentre outros. Pode-se perceber que o município de Ribeirão das Neves, por meio de sua peculiar trajetória e história de ocupação, não gerou mecanismos propícios para criar circunstâncias favoráveis para um desenvolvimento urbano positivo. Nesse sentido, visando demonstrar a realidade do cenário de estudo, segue a caracterização da cidade.

2.1 Análise do Índice de Desenvolvimento Humano do município (IDHM) de Ribeirão das Neves

Tabela 2. Índice de Desenvolvimento Humano de Ribeirão das Neves e Belo Horizonte

Índice de Desenvolvimento dos Municípios Brasileiros (IDHM-2010)		
Município	Ribeirão das Neves	Belo Horizonte
Longevidade	0,822	0,841
Escolaridade	0,591	0,784
Renda	0,658	0,727
IDHM final	0,684	0,810

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2013

Analisando o Índice de Desenvolvimento (IDH)¹¹ do município de Ribeirão das Neves, tomando como referência os dados do Censo de 2010, entre os 5.570 municípios brasileiros, a cidade ocupa a posição de 2.332, apresentando o IDHM de número (0.684), considerado como médio, dentro dos critérios do presente índice. Para comparação, quando relacionado ao contexto da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), se comparamos Ribeirão das Neves com sua vizinha, a capital Belo Horizonte, que apresenta

¹¹ Esse índice consiste em uma escala que vai de 0 a 1, onde quanto mais próxima de 1 mais desenvolvida será a localidade. A classificação deste indicador acontece da seguinte forma: muito baixo: 0 a 0,499; baixo: 0,500 a 0,599; médio: 0,600 a 0,699; alto: 0,700 a 0,799 e muito alto: 0,800 a 1. O IDHM torna-se importante por valorizar as decisões e as ações dos governos, não se limitando somente ao crescimento econômico, além de estimular a realização de políticas públicas municipais para se obter uma melhoria na vida dos indivíduos. Entre os critérios que são utilizados para compor este índice, temos renda (renda anual por indivíduos em relação à renda nacional bruta), longevidade (mortalidade infantil e expectativa de vida) e escolaridade (analfabetismo e número de matrículas).

nesse mesmo índice a 20ª posição (IDHM 0.810), o que classifica sua qualidade de vida como muito boa e evidencia um abismo socioeconômico entre esses dois municípios vizinhos.

Aprofundando a análise desses dados, podemos entender como o quesito educação impacta nesse índice dentro de Ribeirão das Neves. Entre os indicadores que compõem o IDHM da cidade apresentado no censo de 2010, o setor da educação apresenta os resultados menos satisfatórios, contribuindo de maneira expressiva para que o município apresente indicadores menores de qualidade de vida.

Tabela 3. Índice de Desenvolvimento Humano de Ribeirão das Neves

Série histórica de IDHM da cidade de Ribeirão das Neves			
Ano	1991	2000	2010
Longevidade	0,677	0,773	0,822
Renda	0,544	0,592	0,658
Escolaridade	0,169	0,420	0,591
IDHM Geral	0,396	0,577	0,684

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013

Cabe ressaltar que dentro da série histórica acima, realizada a partir do censo de 1991, a exemplo do cenário nacional, o acesso à educação em Ribeirão das Neves, principalmente entre jovens, experimentou um crescimento expressivo. No ano de 1991 o IDHM da educação de Neves evidenciava uma situação extrema de falta de acesso à educação no município em todos os níveis e um altíssimo número de analfabetos em sua população. No ano de 2000, temos um significativo crescimento desse indicador, mas que ainda evidenciava uma grande carência no número de vagas, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental e Médio. Essa tendência de crescimento persistiu no ano de 2010, mas ainda se mostra distante de um cenário aceitável com relação ao acesso à educação básica.

Outro desdobramento da falta de investimento no acesso e permanência escolar no município é o fato de que, nessa série histórica, ao longo das três últimas décadas, o rendimento médio do cidadão nevensense cresceu pouco. Uma das explicações para essa quase inércia no aumento da renda está ligado também a baixa escolaridade da população. Estudos evidenciam a relação direta entre rendimento do trabalhador e seu grau escolaridade (REIS e BARROS, 1991), portanto a falta de acesso a uma maior

longevidade escolar por parte dos moradores do município, se torna empecilho para o acesso de postos de trabalho que oferecem melhores salários e que exigem maior escolaridade.

Estudos ainda evidenciam a relação entre o acesso à educação e a melhoria nos índices de longevidade (SCHEIDT *et al.*, 2017), pois para além de ganhos econômicos, o acesso ao conhecimento fornecido pela escola, instrumentaliza os estudantes para que possam cuidar melhor de si e de seu grupo familiar, configurando assim, a escolaridade como um dos principais aliados das políticas públicas relacionadas à prevenção e diagnósticos precoces de doenças, tendo como resultado final, para além de grande economia de recurso no tratamento de doenças, o aumento da expectativa de vida da população, entre outros benefícios.

2.2 Panorama da educação em Ribeirão das Neves

A cidade convive com baixos índices educacionais, sendo que o percentual de pessoas analfabetas com mais de 25 anos é de 12% de acordo com o IBGE em 2010. A taxa de escolarização entre a população de 6 e 14 anos, foi de 96,5% e a rede de ensino possuía no total, 131 unidades escolares, na maioria compostas pelo setor público.

Em 2010, segundo o Censo do IBGE, a população nevensense era composta por 22.527 crianças entre 0 e 4 anos, e 25.108 crianças de 5 a 9 anos, o que gerava alta demanda por vagas em creches e pré-escolas e que não era suprida. Nesses anos, segundo a mesma pesquisa, houve 11.316 matrículas no ensino infantil, 41.426 matrículas no Ensino Fundamental e 13.727 no ensino médio, sendo 65 escolas de educação infantil, 95 escolas de Ensino Fundamental e 36 escolas de Ensino Médio na cidade. Nota-se também um afunilamento do número de matrículas em direção ao ensino médio, onde o número de matrículas é menor que nas outras modalidades de ensino. Assim, a cada ano escolar o número de matrículas reduz, manifestando as dificuldades de conclusão dessa modalidade de ensino, e demonstrando a necessidade de intervenção e a implementação de políticas públicas voltadas a promoção da permanência nessa etapa do ensino, de estudantes em condição de vulnerabilidade, conforme observa-se na tabela que segue.

Tabela 4. Número de matrículas por etapa de ensino em Ribeirão das Neves

Distorção Idade-Série nas escolas de Ribeirão das Neves					
	2010	2012	2014	2016	2018
Pré-escola	5.301	5.762	5.256	7.371	7.935
Fundamental 1	49.956	48.178	47.321	43.656	41.426
Ensino Médio	11.556	12.480	12.974	14.882	13.727

Fonte Censo Escolar/INEP 2018

Conforme dados do Censo Escolar de 2018, observamos que a discrepância entre a idade dos alunos e a série que frequentavam nas escolas de Ribeirão das Neves tendia a aumentar no ensino médio, atingindo seu ponto máximo no 1º ano dessa etapa de ensino. Isso indica a existência de uma elevada taxa de evasão escolar entre os jovens nesse período.

Tabela 5. Índice de distorção da relação entre idade e série nas escolas de Ribeirão das Neves em 2018.

Distorção Idade-Série nas escolas de Ribeirão das Neves					
Anos iniciais (1º a 5º ano)		Anos finais (6º a 9º ano)		Ensino Médio (1º a 3º ano)	
1º ano	1%	6º ano	17%	1º ano	34%
2º ano	1%	7º ano	22%	2º ano	29%
3º ano	2%	8º ano	23%	3º ano	21%
4º ano	3%	9º ano	19%	=====	=====
5º ano	4%	=====	===	=====	=====
Total	2%	Total	20%	Total	30%

Fonte Censo Escolar/INEP 2018

Esse ponto é importante para a análise já que a defasagem de ensino e aprendizagem, assim como o acúmulo no número de reprovações, influencia diretamente na questão da evasão escolar. Os alunos que acumulam sucessivas reprovações, devido ao abandono ou por outros motivos, perdem a correspondência entre idade e série prevista, e tendem a ter dificuldades de continuar os estudos, devido a não identificação com a turma, defasagem no ensino, desinteresse pela vida escolar, entre outros motivos. A tabela 8 agrupa dados sobre a taxa de aprovação, reprovação e abandono escolar no Ensino Médio em Ribeirão das Neves no ano de 2018.

Tabela 6. Taxa de aprovação, reprovação e abandono escolar nos anos finais do Ensino Médio em Ribeirão das Neves 2018

Ensino Médio	Reprovação	Abandono	Aprovação
1º ano EM	20,3% (1.105 reprovações)	11,7% (637 abandonos)	68,0% (3.702 aprovações)
2º ano EM	13,6% (566 reprovações)	7,9% (329 abandonos)	78,5% (3.266 aprovações)
3º ano EM	7,9% (289 reprovações)	5,0% (183 abandonos)	87,1% (3.183 aprovações)

Fonte: Censo Escolar/INEP 2018

Dessa forma, do total de alunos que ingressaram nessa etapa do ensino, em 2018, nas escolas públicas de Ribeirão das Neves, apenas 68% progrediram para o segundo ano do ensino médio. Ainda sobre estes dados observamos no primeiro ano do ensino médio a alarmante taxa de 11,7% de abandono de alunos matriculados na rede pública de ensino, o que representa em números absolutos um total de 637 jovens que abandonaram a escola, antes do término do ano letivo somente no ano de 2018.

Nas duas etapas subsequentes do ensino médio, verifica-se uma redução da taxa de reprovação e abandono escolar, mas ainda em patamares altos. No segundo ano temos uma taxa de aprovação de 78,5% e o índice de abandono de 7,9% (329 jovens), já no terceiro ano, tem-se uma redução ainda maior, com taxa de abandono de 5,0 % (183 jovens). Essa análise nos leva a concluir que, no ano de 2018, 1.149 alunos matriculados

no ensino médio no município de Ribeirão das Neves abandonaram a escola antes do término do ano letivo, com grande possibilidade de não se matricular no próximo ano, o que caracteriza a efetiva evasão desse aluno.

Silva e Salgado (2020) em seu diagnóstico, entrevistaram diretores, professores, alunos e conselheiros tutelares sobre a questão da evasão escolar na cidade e dentre as motivações que levam os estudantes a evadirem do espaço escolar, se mostram determinantes do fenômeno a entrada não qualificada para o mercado de trabalho, a falta de participação das famílias na vida escolar e sua pouca disponibilidade em investir em uma maior longevidade escolar de seus filhos, a falta de adesão aos estudos, a defasagem na aprendizagem dos estudantes e as sucessivas reprovações, a gravidez precoce, também o consumo de drogas e o envolvimento com a criminalidade, além de conflitos interpessoais entre alunos, professores e demais funcionários das escolas.

Ainda segundo essa mesma pesquisa, os grupos familiares apoiam que os jovens troquem a escola pelo trabalho, mesmo que em postos informais, pois negam em seu discurso, a importância da escola, tendo como base a própria trajetória pessoal, advindas de famílias trabalhadoras, além de ser uma forma de manter os jovens afastados da criminalidade.

Silva e Salgado (2020) sobre o perfil dos alunos que evadem da escola afirmam ainda que o tráfico de drogas se configura como uma opção atrativa para alguns grupos de jovens, principalmente para aqueles que se encontram em um quadro de maior vulnerabilidade social, por ter fácil acesso, garantindo ganhos maiores do que a média de salários que eventualmente esse grupo teria acesso, e não necessita da realização da migração pendular, muito comum na rotina da cidade.

2.3 Juventudes nevenses

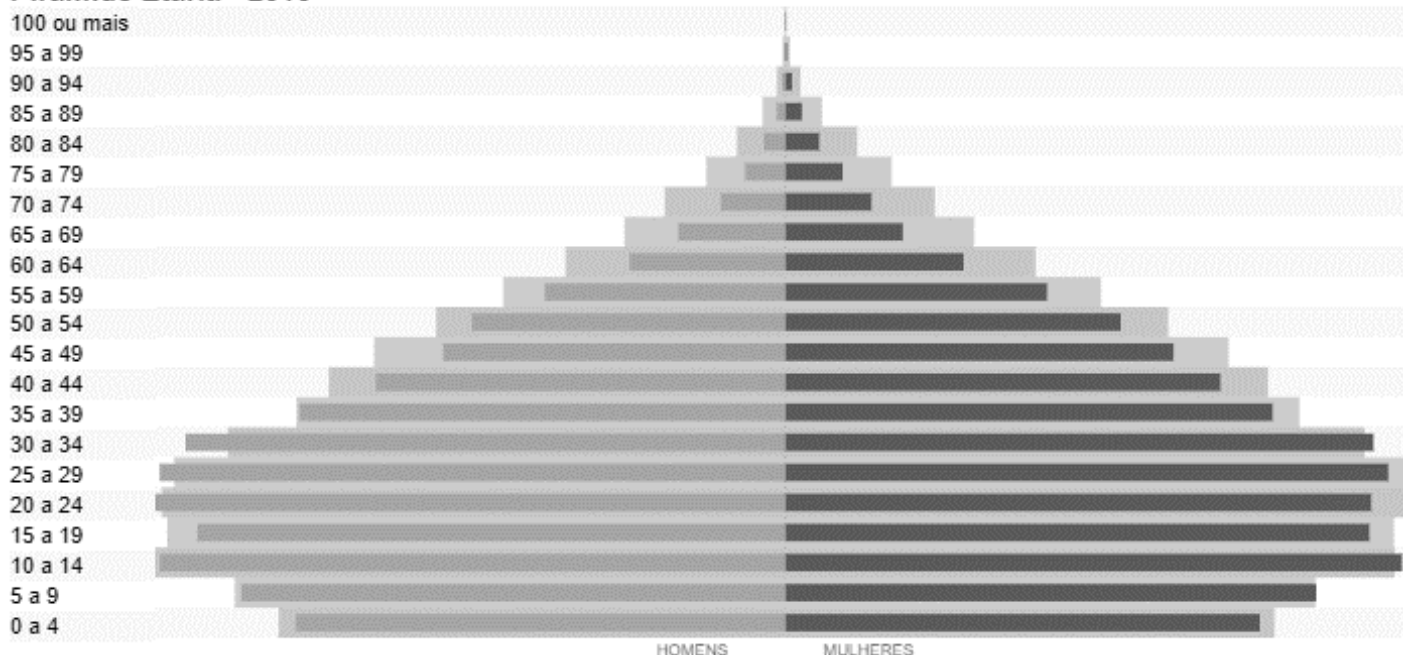
De acordo com dados do IBGE de 2010, grande parte da população nevensense era composta por pessoas jovens. Eram 113.446 nevenses entre 10 e 29 anos, sendo 57.664 homens e 55.664 mulheres, e que apresentavam indicadores sociais que sinalizam para predominância de jovens negros, oriundos de famílias de baixa renda e com pouca escolaridade.

É inegável que a população brasileira, como um todo, enfrente diversos problemas sociais, como desemprego, violência e dificuldade de acesso à educação, entre outros. No entanto, é importante destacar que os jovens que vivem nas periferias experimentam essas

dificuldades de maneira mais acentuada e específica. As “juventudes” nevenses refletem as contradições presentes no país, pois a condição juvenil é vivida de forma desigual e diversa, de forma que Noronha (2010) identifica as juventudes periféricas como a de Ribeirão das Neves como grupos confrontados por profundas desigualdades sociais e violências.

Gráfico 2. População da cidade de Ribeirão das Neves/ Minas Gerais

Pirâmide Etária - 2010



Fonte: IBGE (2021)

2.4 Notas sobre questões de renda em Ribeirão das Neves

A população de Ribeirão das Neves pode ser considerada, em grande parte, de forma uniforme em relação aos indicadores sociais, sendo predominantemente composta por grupos de baixa renda. De acordo com os dados do censo demográfico de 2017, a maioria dos domicílios apresentou um rendimento nominal médio mensal de aproximadamente dois períodos mínimos.

De acordo com o Censo do IBGE (2010), pouco mais de 0,1% da população tinha renda maior que dez salários mínimos, ou seja, Ribeirão das Neves tinha pouquíssimos ricos. Ainda, a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 9.3%, o que indica forte precarização do trabalho entre os nevenses. Ainda, menos de um terço dos trabalhadores pendulares de Neves concluíram o Ensino Médio e 76% realizava

trabalhos manuais, sendo a maior parte dos homens na construção civil e as mulheres em atividades domésticas. Com isso, a maior parte desses trabalhadores tinham até um salário mínimo e a renda per capita do município, em 2010, era de R\$479,00 em um contexto em que o salário mínimo equivalia a R\$510,00.

Em 2020, de acordo com o IBGE (2021), o salário médio mensal era de 1.8 salários mínimos na cidade. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 9.1%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 34.5% da população nessas condições, o que o colocava na posição 555 de 853 dentre as cidades do estado e na posição 3675 de 5570 dentre as cidades do Brasil. Ainda, o PIB per capita de 2020, acordo com o IBGE, era de R\$13.099,23. Colocando a cidade no lugar 5570 do Brasil e 853 entre as cidades mineiras.

É importante destacar que a maior parte dos moradores de Ribeirão das Neves trabalha fora da cidade, de modo que 60% da população economicamente ativa se desloca diariamente para outro município para o trabalho, e dentre esses, 93% vão para Belo Horizonte ou Contagem, além disso, a mobilidade Ribeirão das Neves é apontada por Torres (2018) como o pior índice de mobilidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte e o 8º pior considerando as Regiões Metropolitanas do Rio de Janeiro e de São Paulo, devido ao grande tempo gasto. Torres (2018, p.3) em pesquisa sobre a mobilidade urbana entre Ribeirão das Neves a Belo Horizonte afirma que para os usuários de transporte público, “a segregação socioespacial não era apenas um conceito teórico, mas uma realidade viva e corporal”.

A dissociação entre o local de residência e o local de trabalho e estudo leva os moradores de Ribeirão das Neves a se deslocarem diariamente para outros municípios, o que caracteriza a cidade como uma "cidade dormitório". Apesar do crescimento do comércio atacadista, do comércio varejista e dos serviços nos últimos anos, Ribeirão das Neves ainda não conseguiu superar essa imagem e realidade.

Como resultado, o significativo movimento pendular dos moradores tem um custo elevado. Os preços das passagens de transporte público para o deslocamento entre Ribeirão das Neves e Belo Horizonte são altos, e o sistema de transporte público metropolitano deixa a desejar em termos de qualidade. Isso se reflete nas restrições de horários das linhas, o que faz com que os usuários tenham que esperar por longos períodos e, muitas vezes, precisam viajar em condições desconfortáveis, como em pé. A necessidade de deslocamento acaba impactando qualidades de renda familiar.

2.5 Urbanização, serviços públicos e questão ambiental em Ribeirão das Neves

Em relação à desordem física, a cidade passou por um processo de urbanização significativo nos últimos anos, mesmo que lento, sendo inegável melhorias com relação ao asfaltamento, esgotamento sanitário e serviços básicos em geral, embora ainda muito deficitário. Assim, de acordo com o IBGE de 2010, a cidade apresenta 74.3% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 69.2% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 8.5% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio). Quando comparado com os outros municípios do Estado de Minas Gerais, fica na posição 289 de 853, 358 de 853 e 605 de 853, respectivamente. Já quando comparado a outras cidades do Brasil, sua posição é 1191 de 5570, 3162 de 5570 e 2958 de 5570, respectivamente. Esses dados demonstram a má qualidade da urbanização e infraestrutura básica da cidade.

A cidade apresenta déficit habitacional de mais 16.400 domicílios, sendo que 41% do total dos domicílios encontra-se em assentamentos precários, além de 46 loteamentos irregulares, e também várias ocupações urbanas, de acordo com o IBGE de 2010. E de acordo com dados do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS) do Ministério das Cidades em 2020, o município possuía 2400 domicílios sujeitos a risco de inundação.

Para Noronha (2009), Ribeirão das Neves já possui várias áreas de moradias suburbanas e vem registrando um movimento contínuo de “favelização” de seus bairros em decorrência da pouca capacidade de investimento do poder público municipal e da pouca atratividade comercial aos investimentos externos. O próprio aspecto físico deteriorado da cidade, contribui para fortalecer representações negativas da cidade.

Ribeirão das Neves enfrenta ainda muitas carências relacionadas aos serviços e equipamentos públicos, como a assistência à saúde e assistência social, por exemplo, que é insuficiente para atender às necessidades mais básicas dos moradores que por sua vez, tem que se deslocar em busca de atendimento, para Belo Horizonte e outras cidades próximas. Outro caso também demonstra a insuficiência de serviços públicos da cidade, que é a “Alcoolândia”, um fenômeno social onde pequenos grupos de indivíduos, fazem uso do álcool em espaços públicos, como praças e esquinas da cidade. São principalmente homens, jovens adultos, negros, com baixa escolaridade, fragilidade nos laços familiares e sociais, dificuldade em manter atividades laborais, além de outras situações de vulnerabilidade. Os padrões de uso de risco do álcool levam esses indivíduos a condições

precárias de vida, casos graves de saúde mental, fragilização da saúde física, que vai até o depauperamento físico e acidentes, assim como a vivência ou estadia nas ruas. Nesse cenário, os serviços de acolhimento para essa população no município têm sido pontuais ou quase inexistentes, o que torna o problema ainda mais grave e desafiador.

Sobre os espaços de lazer, de acordo com a pesquisa de Noronha (2009) muitos dos espaços públicos identificados como fontes de lazer, não apresentavam, na percepção dos seus entrevistados, condições para o seu pleno exercício, sendo que os obstáculos identificados nesses espaços, que os impedem de se tornar mecanismos de socialização e construção de elementos de cidadania, vão da precária infraestrutura às condições mínimas de segurança pública. Assim, muitos espaços públicos, como praças ou campos de futebol, passam a ser ocupados pela criminalidade, o que corrobora com as proposições da abordagem ecológica do crime, no que diz respeito à desordem física, e que gera oportunidades para o crime.

Outro ponto importante para compor a análise, é o fato de Ribeirão das Neves apresentar um quadro socioambiental precário, relacionado ao mau uso do solo aliado às insuficientes leis ambientais municipais, ausência de redes de coleta e tratamento de esgotos, áreas que sofrem com enchentes, degradação da cobertura vegetal e de nascentes, acúmulo de lixo em cursos d'água, córregos e no espaço urbano, desmatamento, assoreamento, além do problema dos lixões da cidade, que não são atuais. A falta de planejamento adequado, associado as condições sociais e econômicas das tendências de desenvolvimento da área, levou a degradação do meio ambiente local.

A cidade não trata nem 10% de seus esgotos, de acordo com o Infosanbas que é uma plataforma de dados e informações sobre saneamento básico dos municípios brasileiros, que também informa que entre 1996 a 2020, foram registradas 462 mortes por doenças relacionadas ao saneamento inadequado na cidade. Outro dado é que 66,76% do esgoto é coletado é tratado de acordo com dados do DataSUS/SIM.

O processo de degradação da cobertura vegetal alterou o cenário da cidade, com a remoção da mata ciliar e de vegetação de encostas foi acelerado para facilitar a abertura de ruas e demarcação de lotes. Ocorrem ainda, deficiências dos sistemas de drenagem, que levam ao transbordamento de córregos, por exemplo, durante épocas de chuva e sistemas viários comprometidos pela falta de manutenção. Cenário que é agravado pela livre autoconstrução de residências, que promovem o aumento das superfícies impermeáveis e levam a problemas como diminuição das áreas verdes. Durante períodos de chuvas fortes é comum que aconteçam problemas em áreas de construções em

encostas, que desabam, ou de casas construídas nas margens de cursos d'água, que ficam alagadas ou são destruídas pela ação das correntezas.

Além disso, entre os mais sérios problemas ambientais enfrentados em Ribeirão das Neves, está a crescente e diversificada geração de resíduos sólidos e a disposição final dos mesmos, que acontece de forma inadequada, sem tratamento prévio e merece cuidados. Sobre os serviços de limpeza urbana, pode-se afirmar que não atendem com qualidade a toda a população em Neves. A coleta regular do lixo domiciliar é prejudicada, principalmente, pela impossibilidade do trânsito de veículos em muitas ruas, devido à falta de pavimentação, ou ainda, naquelas que têm pavimento, por não possuírem dispositivos de drenagem pluvial eficientes e que não tem manutenção adequada; situação que se agrava na temporada de chuvas, em que a dificuldade de circulação fica dificultada. A falta de regularidade da prestação do serviço de coleta induz as pessoas a jogarem lixo em terrenos baldios, em córregos, ruas, esquinas. O serviço de coleta de entulhos, varrição e capina das ruas também atende de forma precária a cidade, além de ser concentrado nas regiões centrais e principais vias. É recorrente o mato alto em logradouros públicos, pois grande parte das ruas do município não possui calçamento. A questão do lixo está ligada a condição de degradação socioambiental, favorecendo a desordem e condições para proliferação de doenças como a dengue, assim como a desvalorização das áreas e perda da qualidade de vida – o que corrobora para um cenário de desorganização social no território da cidade.

Na cidade, a expansão urbana aconteceu também sem respeitar o relevo natural do seu território, apresentando áreas com altas declividades, que exigem outros cuidados, além da construção de pavimentação e drenagem das vias. Vários pontos onde ocorriam processos de erosão e voçorocamento¹² foram ocupados, provocando sua expansão, principalmente nas encostas desmatadas de morros, com as residências e ruas abertas sem nenhum critério. A preservação das áreas verdes da região também merece uma reflexão pois são poucas as áreas de proteção regulamentadas e protegidas no município. A cidade apresenta déficit de espaços de lazer, de prática de esportes e de socialização públicos e também privados.

2.6 Sobre a questão racial em Ribeirão das Neves

¹² Fenômeno geológico causado pela chuva relacionado a formação de grandes buracos de erosão em solos onde a vegetação existe em pouca quantidade e não protege mais o solo.

A questão racial aprofunda as desigualdades raciais na cidade. Segundo o censo do IBGE de 2010, Ribeirão das Neves contava com 296.317 habitantes, sendo que 171.887 se consideravam pardos e outros 41.092 se consideravam pretos, ou seja, mais de 70% da população nevensense é composta por pardos e pretos.

Em levantamento elaborado a partir dos dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde, identifica-se uma série histórica que mostra o aumento dos índices de óbito no município, entre os anos de 1999 até 2013, e que tem se mantido bem mais alta que a média nacional. Ainda, comparando com a média nacional que é de 68%, as mortes de pretos ou pardos representam 76% do total de óbitos em Ribeirão das Neves no ano de 2013. Assim, como as pesquisas mostram, o cenário da cidade é de grande criminalidade violenta e que atinge principalmente a população jovem e negra da cidade, marcada ainda pelo uso de arma de fogo.

Analizando o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal do ano de 2010, em que Ribeirão das Neves aparecia com IDHM 0,684 considerado como médio (entre 0,600 e 0,699) e o desagregando por cor, o IDHM da população negra no mesmo ano, é de 0,680, já o IDHM da população branca é maior, com 0,701 que indica IDHM alto (entre 0,700 e 0,799). Os negros têm menor nível de escolaridade, longevidade e principalmente renda menor que os brancos na cidade.

A sequência de dados é preocupante. Em Ribeirão das Neves, os negros apresentam menor esperança de vida ao nascer, com média de 74,2 de anos de vida e brancos 74,7. Negros apresentam maiores níveis de mortalidade infantil (negros 16,9 e brancos 14,5) e maior nível de mortalidade até os 5 anos de idade (negros 19,7 e brancos 16,9). Com relação aos níveis de escolaridade a taxa de analfabetismo entre os nevensenses negros é maior que os brancos (negros 7,08 e brancos 5,82) e os níveis de escolaridade são mais altos entre os brancos em todos os níveis de ensino.

Quanto à renda, brancos têm maior nível de renda per capita (brancos 532,04 e negros 461,23). Na medição do rendimento médio de pessoas ocupadas, brancos apresentam maiores níveis (brancos 899,50 e negros 793,15). Avaliando as pessoas em situação de pobreza (negros 9,36 e brancos 8,81) e extrema pobreza, (2,39 negros e 1,71 brancos) os negros compõem o maior grupo. A taxa de ocupados no ano da pesquisa era maior entre os brancos (negros 69,38 e brancos 71,34) e a taxa de desocupados era maior entre os negros (7,17 brancos e 7,31 negros), sendo que os brancos tinham empregos mais formais que os negros (72,57 brancos e 71,25 negros).

Com relação a condições de habitação, brancos apresentavam melhores condições, relacionadas a moradias com acessos à serviços com água encanada (94,85 brancos e 94,24 negros), energia elétrica (99,96 brancos e 99,78 negros) e (97,16 brancos e 96,97 negros) coleta de lixo. Esses dados nos ajudam a entender um contexto onde os negros são a maioria dos habitantes do município e tem os piores indicadores de qualidade de vida, deixando claro a necessidade e a urgência de políticas públicas com ênfase nas questões raciais. Nos últimos anos, há uma tendência de avanços nos indicadores socioeconômicos da população negra no país, o que atesta o impacto positivo das políticas inclusivas, e que a cidade precisa acompanhar.

2.7 Estigmas e questões identitárias em Ribeirão das Neves

Outro ponto importante na análise da criação da identidade da cidade, é o fato da migração constituir um componente importante da dinâmica populacional da cidade. Segundo dados do Censo IBGE, no ano de 2000, 70% da população maior de 10 anos de idade era composta de imigrantes e, desses, 78% tinham como origem a cidade de Belo Horizonte. Em 2010 os números evidenciavam que mais da metade da população, 186.373 habitantes, não eram naturais da cidade, ou seja, nasceram em outros municípios. As explicações para o cenário, são que parte dessa população faz parte das primeiras gerações de moradores da cidade, pertencentes ao grande contingente de imigrantes que vieram para a cidade, principalmente nos anos de maior crescimento populacional, atraídos pelos loteamentos de baixo valor e condições de financiamento. Assim, são pessoas que vieram do interior de Minas Gerais, de outros estados brasileiros e também moradores das periferias de Belo Horizonte e região metropolitana. Nesse sentido, a composição populacional tornou-se bem distinta, gerando uma grande diversidade cultural na cidade. É importante destacar também que as gerações seguintes de moradores, em grande parte não nasce em Ribeirão das Neves pois a única maternidade existente, o Hospital Municipal São Judas Tadeu, não conseguia atender a demanda da cidade, assim os moradores buscavam atendimento médico, principalmente em Belo Horizonte. Assim, até hoje as crianças nascem na capital e voltam para Neves, sendo oficialmente belorizontinos. Tudo isso influencia para a dificuldade da criação de laços dos moradores com a sua cidade.

Os processos sociais, políticos e urbanísticos por quais Ribeirão das Neves passou, convergiram para a degradação da cidade de forma que a construção da identidade de

seus moradores fica tão negativada que tendem a repugná-la, o que impede esforços ligados a construção e o conhecimento do que é seu patrimônio cultural. O estigma negativo ligado à cidade atua como fator impeditivo de um sentimento de pertencimento de seus moradores para com Ribeirão das Neves, fazendo com que não valorizem nem busquem melhorias para a localidade.

As boas referências de se viver no bairro são sempre contrastadas com os efeitos e consequências negativas de se morar na cidade. Assim o Ribeirão das Neves recebe também estigmas negativos (GOFFMAN, 1983) de “cidade-presídio”, “cidade violenta”, “cidade pobre”, “Ribeirão das Trevas”, que são perversas para seus moradores, estando intimamente ligada a dificuldade de sentimento de pertencimento a cidade, além da perda de vantagens e oportunidades no mercado de trabalho e em outras esferas da vida social (SALGADO, 2017). Tais estigmas e preconceitos associados ao município são difundidas pela grande mídia sensacionalista que subjuga a cidade, e que contribui para gerar na população a falta de pertencimento, identificação e afetividade pelo local, pois muitas vezes são associados a imagens negativas do espaço em que vivem, como cadeias, pobreza e criminalidade, sendo por isso humilhados e/ou ridicularizados pelo preconceito por seu endereço.

Para Gomes e Souza (2020, p.2) a estigmatização da cidade e de seus moradores também pode ser observado no ambiente digital, pois a “narrativa oficial dos algoritmos de busca na internet continua apresentando a mesma história única sobre a cidade: a história das trevas do Ribeirão”, pois após análise de pesquisa na internet, os resultados são ligados a uma série de endereços virtuais que levam a notícias sobre violência e precariedade. De acordo com as autoras, a indexação de resultados automatizada por algoritmos que, em teoria, apresentam informações neutras baseadas nos sites mais acessados e palavras mais digitadas por seus usuários, acaba por reforçar o estigma negativo sobre Ribeirão das Neves e revela mais uma forma de opressão social.

Constantemente alvo de notícias sobre violência e pobreza, a cidade também ficou conhecida pelo trocadilho “Ribeirão das Trevas” publicado no Diário Oficial do Estado em 7 de setembro de 2013 e no site do Tribunal de Justiça de Minas Gerais em 21 de agosto de 2018. Essa descrição pejorativa se tornou uma narrativa oficial sobre o município e se impõe como uma barreira para os moradores da cidade, que sofrem com a estigmatização e a exclusão social que isso acarreta. (GOMES e SOUZA, 2020, pp.2)

O espaço, da mesma forma que agrega e une as pessoas, é um fator de distinção, impondo diferenças e qualificando os sujeitos. Os sujeitos, no seu cotidiano alteram e

manipulam os sentidos e significados dos lugares, criando estruturas afetivas, cognitivas e individuais. Cada espaço da cidade, uma edificação, uma rua ou um bairro é, sobretudo, um mundo especial e pleno de sensações, cuja identidade, assim como a identidade dos sujeitos, é uma construção histórica realizada a partir da experiência cotidiana. O cenário descrito gera então a estigmatização do território em análise, tal como é entendido por Goffman (1983), que deriva de uma etiquetagem social, entendida como uma forma de classificação que, avivando as suas identidades negativas, lança no descrédito determinadas categorias sociais consideradas como anormais face aos padrões dominantes. O estigma vinculado ao comportamento de um indivíduo tende a abarcá-lo como um todo, da mesma forma entende-se que o estigma de um território, estigmatiza a todos que ali residem. Nesse sentido, Ribeirão das Neves, tem seu patrimônio omitido pelo poder público e estigmatizado pela própria sociedade. O reconhecimento e a valorização do que seja o patrimônio cultural material e imaterial de Ribeirão das Neves são pontos complexos sobre a questão cultural local.

De acordo com Becker (2008), o indivíduo marcado como desviante tem importantes consequências para a participação social mais ampla e para sua autoimagem, sendo que a mais importante é uma mudança drástica em sua identidade pública, acaba sendo rotulado e seu status de desviante nesse caso, passa a ser seu status principal. Assim os estigmas negativos que recaem sobre Ribeirão das Neves, dificulta a criação de capital social, cultural e econômico para os moradores de Ribeirão das Neves (SALGADO, 2017). Comumente se ouve dos moradores, quando indagados sobre onde moram, frases como "Moro perto de Venda Nova", "Sou de BH e estou aqui por pouco tempo", "Neves é a treva! ", o que indica a vontade de se separar do estigma negativo do lugar e também contribui para o rompimento ou não elaboração de vínculos afetivos com as pessoas e com esse território.

2.8 Pertencimento e separatismo - Afinal de contas, é Neves ou Justinópolis?

Uma questão muito debatida na cidade na atualidade e em tempos passados, principalmente na região de Justinópolis, e que recentemente vem à tona nas falas de políticos, influenciadores digitais bem conhecidos da região e entre os jovens da cidade, é que Justinópolis não é Neves. Importante mencionar que 45,4% da população da cidade vive na região Sede e 54,6% dos moradores são residentes do distrito de Justinópolis de acordo com o IBGE (2010).

Nesse sentido, os processos de formação das três regionais da cidade são muito distintas e refletem na organização da cidade até a atualidade, além de serem separadas por barreiras físicas e estradas, possuem relações espaciais com pouca ligação, exemplificada pela precária e desarticulada malha viária, de forma que Campos (2010), afirma que Ribeirão das Neves se parece mais com um arquipélago de ilhas do que com uma cidade.

Com isso, de tempos em tempos, a partir desse sentimento de não pertencimento à cidade, surgem diversas teorias e tentativas de emancipação e com isso, por duas vezes, houveram dois plebiscitos realizados pela Justiça Eleitoral para consultar a população nevense sobre uma separação do distrito de Justinópolis. O primeiro plebiscito foi em 1991, onde apesar de a maioria dos presentes ter votado a favor, não houve o quórum mínimo exigido, que é o de maioria simples, e o resultado final foi pela não emancipação. Em 1995 o segundo, que teve percentual de participantes inferior à primeira consulta, e novamente, a maioria dos votantes foram favoráveis à emancipação, mas como o quórum mínimo não foi atingido, o plano de transformar Justinópolis em um novo município independente foi frustrado (OLIVEIRA, 2021).

De acordo Oliveira (2021) são poucos estudos da área, mas a viabilidade econômico-financeira da emancipação de Justinópolis seria negativa, com gastos enormes para sustentar sua própria prefeitura, câmara de vereadores e funcionários públicos, além da defasagem nos serviços públicos e campo industrial, que estão concentrados na Sede do município, além da baixa geração de impostos. Com isso, atualmente, o município de Ribeirão das Neves é dividido em três distritos: Sede, Justinópolis e Veneza. Contudo a cidade convive assim, com três diferentes cidades dentro de si, separadas culturalmente e por barreiras físicas e ambientais, mas unidas de forma administrativa.

2.9 Sobre organizações comunitárias em Ribeirão das Neves

A cidade apresenta dificuldades de organização coletiva. O cenário atual da cidade analisada é de que alguns movimentos sociais se organizam mas tem pouca duração ou efetividade, conforme as dificuldades que enfrentam como falta de capital econômico, cultural e político. Também as organizações não governamentais, coletivos políticos e culturais, apresentam graves problemas de articulação entre si e com o poder público, assim, os moradores têm o desafio de atrelar seus trabalhos e criar redes de parcerias para pressionar o poder público sobre demandas específicas da área como informam os estudos

de Silva e Salgado (2021), Gomes e Souza (2020) e, Costa e Silva (2021) sobre as organizações que atuam frente a esfera cultural na cidade.

Silva e Salgado (2021) estudaram a condição juvenil dos participantes do “Coletivo Semifusa” que iniciou suas atividades no ano de 2009 e vem desenvolvendo ações na área cultural e política dentro do município. O surgimento deste grupo se deu pela necessidade dos músicos da cidade de criarem espaços de fomento e visibilidade para os artistas locais, buscando superar a ausência do setor público neste setor. Mas, com o seu desenvolvimento e sua integração a uma rede de iniciativas semelhantes, dentro e fora do estado de Minas Gerais, o grupo passou a exercer um papel que vai além do simples interesse particular de alguns grupos musicais. Durante todo seu percurso o “Coletivo Semifusa” se deparou com o desafio de discutir e intervir em questões relacionadas as várias esferas da vida social na cidade e com a crescente demanda de ação do poder público, acabam por exercer papel de fomentar a junção de grupos da cultura e outros, em torno da política, chegando a eleger integrantes do grupo como membros dos conselhos municipais de patrimônio, cultura e juventude, demandando políticas culturais para juventude de Ribeirão das Neves para além da assistência social, buscando participar de forma ativa da construção de políticas públicas que atendam o segmento jovem da população nevensense.

Gomes e Souza (2020) estudam um coletivo de jovens, a “Just Crew Skateboard” e as dificuldades que enfrentam para suas ações e como utilizam o grupo e o skate para enfrentar os estigmas territoriais. O coletivo de jovens ocupa uma das principais praças da cidade para prática do seu esporte por anos, segundo essas autoras “dando um ollie nas narrativas dominantes sobre si mesmos e sua cidade” (GOMES E SOUZA, 2020, pp. 2), reconstruindo a sua identidade e da cidade também com um tom mais otimista. Esses jovens buscam também além da prática do esporte, criar novas conexões e laços, e acabam por se juntar a outros grupos de esporte e cultura em busca da valorização da cultura e outras questões importantes para a cidade. A pesquisa citada afirma que a ausência de ocupação profissional e a falta de opções de moradia e lazer foram compartilhadas pelos seus entrevistados como os principais motivos do tédio e da solidão, apontando assim uma tentativa de apropriação dos espaços coletivos da cidade, mas sem apoio governamental e com pouca força política, além da necessidade dos jovens de criar uma identidade própria e da cidade que aumenta a marginalização.

Costa e Silva (2021) estudaram o movimento Hip-hop na cidade, e afirmam que entre meados da década de 1990 e o começo dos anos 2000, formaram-se diversos grupos

de rap, MC's, crews de b-boys e b-girls, grafiteiros e DJs no cenário da cultura hip-hop local. E o cenário era um momento em que as favelas nevenses atravessavam um período marcado pelo extermínio massivo de jovens negros e negras periféricos que viviam em condições de vulnerabilidade e que encontraram nessa cultura uma base para reconhecer as causas desse processo e resistir ao contexto violento em que estão inseridos (COSTA e SILVA, 2021).

Nos dias atuais, o hip-hop de Ribeirão das Neves o movimento segue atuante, sendo que muitos dos seus participantes se engajam na militância cultural e social, mesmo com várias dificuldades de apoio do poder público, falta de recursos técnicos e investimentos na economia criativa, espaços para eventos e outras questões. Costa e Silva (2021) afirmam ainda que iniciativas como os Duelos de Mc's que aconteciam nas praças da cidade foram vítimas constantes de violência policial e de arbitrariedades vindas do poder público, como a proibição da realização de encontros e atividades em espaços públicos.

De acordo com Sampson (2004) quando os laços entre as instituições comunitárias são fracos, a capacidade de uma comunidade defender seus interesses locais também é enfraquecida, e uma fraca base de organização comunitária atenua as funções de controle social locais. Assim tanto a organização quanto a desorganização social estão intimamente unidas ao sistema de redes que facilitam ou inibem o controle social, pois quando os habitantes formam laços sociais locais a capacidade de controle social da comunidade é acrescida, destarte, quanto maior a densidade e a multiplicidade de redes interpessoais em uma comunidade, maior o constrangimento sobre o comportamento desviante dentro da rede. A taxa de participação em associações voluntárias e organizações locais se relacionam com a ideia de Shaw e McKay que supõem que as organizações comunitárias refletiriam a personificação estrutural da solidariedade da comunidade local, e por isto a instabilidade e o isolamento das instituições comunitárias seriam fatores importantes para subjacentes à dimensão estrutural da desorganização social.

3. Dados da dinâmica criminal em Ribeirão das Neves

A violência letal viola um direito humano fundamental, que é o direito à vida. No Brasil, esse tipo de violação incide de forma mais acentuada nos adolescentes e nos jovens, que estão sobre representados entre as vítimas de homicídios e, por isso, devem

ser considerados atores fundamentais na discussão das políticas públicas de segurança e proteção à vida. Chamamos atenção para dados de violência dessa faixa etária para a cidade de Ribeirão das Neves, foco de nossa pesquisa.

Utilizamos aqui dados do Índice de Homicídios na Adolescência (IHA), divulgado pelo Observatório das Favelas, que foi concebido com o objetivo de apresentar um retrato no país da vitimização letal contra adolescentes entre os 12 e os 18 anos. O valor do IHA representa o número de adolescentes mortos por homicídio entre os 12 e os 18 anos para cada grupo de mil pessoas que cumprem os 12 anos, ou seja, que começam o ciclo da adolescência. Assim a partir de dados oficiais, o IHA expressa, o número de adolescentes nessa idade inicial que serão vítimas de homicídio antes de completarem 19 anos.

Observa-se que o Índice de Homicídios na Adolescência (IHA) da cidade de Ribeirão das Neves manteve-se alto em todos os anos analisados, como se pode ver na tabela a seguir:

Tabela 7. Tabela da evolução do índice de homicídios na adolescência em Ribeirão das Neves de 2005 a 2014.

Evolução do índice de homicídios na adolescência de Ribeirão das Neves entre 2005 e 2014									
IHA 2005	IHA 2006	IHA 2007	IHA 2008	IHA 2009	IHA 2010	IHA 2011	IHA 2012	IHA 2013	IHA 2014
6,55	5,45	5,39	4,94	3,39	3,05	5,11	4,55	6,32	6,25

Fonte: Índice de Homicídios na Adolescência (IHA) - Observatório das Favelas

Em 2006, o IHA para a cidade foi de 5,0, que colocava Ribeirão das Neves como a vigésima cidade mais perigosa para jovens de 12 a 18 anos do Brasil. No mesmo ano, Belo Horizonte apresentou o mesmo índice de 4,0, ou seja, com cerca de quatro adolescentes perdidos por causa da violência. Na Região Metropolitana de Belo Horizonte, três municípios possuem IHA maior do que 5, no caso, Betim, Ibirité e Contagem. Além disso, os municípios de Ribeirão das Neves, Santa Luzia e a própria capital, Belo Horizonte, apresentaram índices na faixa de 3 a 5.

O Índice de Homicídios na Adolescência (IHA) de 2008, Ribeirão das Neves apresentou índice de 4,33, ficando em 17º lugar das cidades mais perigosas para jovens do Brasil.

Tabela 8. Tabela do índice de homicídios na dos municípios brasileiros 2008

TABELA 1_20 MUNICÍPIOS COM MAIS DE 200 MIL HABITANTES COM MAIORES VALORES NO IHA_2008

UF	MUNICÍPIOS	IHA 2008	ORDEM	NÚMERO TOTAL ESPERADO DE MORTES ENTRE 12 E 18 ANOS
ES	Serra	7,31	1º	452
AL	Maceió	7,29	2º	1001
PA	Marabá	7,10	3º	251
PR	Foz do Iguaçu	7,08	4º	335
PE	Olinda	6,61	5º	363
ES	Cariacica	6,35	6º	342
PR	São José dos Pinhais	6,31	7º	236
PR	Colombo	5,34	8º	185
PE	Recife	4,96	9º	1064
RJ	Duque de Caxias	4,94	10º	562
PE	Jaboatão dos Guararapes	4,89	11º	487
MG	Betim	4,80	12º	308
MG	Contagem	4,55	13º	387
PR	Cascavel	4,52	14º	189
RS	Alvorada	4,39	15º	128
ES	Vitória	4,36	16º	192
MG	Ribeirão das Neves	4,33	17º	220
ES	Vila Velha	4,31	18º	242
BA	Salvador	4,28	19º	1900
RJ	Belford Roxo	4,14	20º	276

Fonte: Índice de Homicídios na Adolescência (IHA) - Observatório das Favelas

Analisando o Mapa da Violência de 2007, a taxa média foi de 58 homicídios por 100 mil habitantes em Ribeirão das Neves nesse ano, o que o colocou na 97ª posição num conjunto de 5565 municípios brasileiros. A mesma pesquisa aponta que dentre os territórios municipais mais violentos da RMBH, Ribeirão das Neves destacava-se por taxas médias mais elevadas, ocupando a terceira posição, depois de Betim (63,7) e de Contagem (58,4). Já no Mapa da Violência do ano de 2013, Ribeirão das Neves ficou entre as 300 cidades mais violentas do país, ocupando o 163º lugar e oitava colocada no ranking estadual, com 156 assassinatos. No Mapa da Violência no Brasil do ano de 2015, dos 100 municípios com as maiores taxas médias de homicídio (por 100 mil) de

adolescentes de 16 e 17 anos de idade durante 2011 e 2013, Neves apresentou média de 11 em 2011, 7 em 2012 e 8 em 2013, ocupando a posição de número 34 no ranking.

Destaca-se também que o número de jovens vítimas de homicídio por armas de fogo é alto, contando com média entre 2010/2012 de 79,1% de tentativas e 79,5% dos homicídios consumados. Em 2017, a cidade ocupou o terceiro lugar, entre as que possuem maior taxa de homicídios entre os municípios com mais de 100 mil habitantes em Minas Gerais, sendo foram registradas 112 ocorrências, compondo uma taxa de 40,3 com relação a sua população.

Em levantamento elaborado a partir dos dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde, observa-se que a média de óbitos da cidade tem se mantido bem mais alta que a média nacional. Assim, como várias pesquisas mostram, o cenário da cidade é de grande criminalidade violenta e que atinge principalmente a população jovem e negra da cidade, marcada ainda pelo uso de arma de fogo. A população jovem é diretamente atingida pelas dinâmicas de criminalidade violenta que são presentes na cidade.

De acordo com o governo do Estado, o número de roubos consumados aumentou 19,56% de 2016 para 2017. E no mesmo período, de forma geral, os crimes violentos, como homicídios, estupros, além de roubos, registrou um aumento, dessa vez, de 14,7%. O Atlas da Violência, em 2017, mostrou que 50% dos homicídios do país estavam concentrados em 2,1% dos municípios, e Ribeirão das Neves fazia parte desses 120 municípios. A cidade apresentou 112 homicídios registrados e 21 homicídios ocultos, com a taxa média estimada de homicídios de 40,3 por 100 mil habitantes.

3.1 Cartografia dos homicídios na cidade de Ribeirão das Neves.

A violência homicida é um dos problemas mais sérios da sociedade brasileira atualmente. Apesar das limitações do sistema de análise e registro da mortalidade, como demonstra a literatura da área (NÓBREGA, ZAVERUCHA e ROCHA, 2009), esses dados ainda nos orientam para a análise do fenômeno da violência. Um dos principais indicadores da desordem da vizinhança é o nível de crime e violência.

De acordo com Zilli e Beato (2015) o Brasil saltou de uma taxa de 11,7 homicídios para cada grupo de 100 mil habitantes em 1980, para uma taxa de 27,1 em 2011, consolidando um crescimento bruto de aproximadamente 130% durante o período. Esses autores traçam um perfil dos homicídios dolosos nesse período, apontando que a vítima

de homicídio no país, em termos médios, mora em um grande centro urbano, é homem, preto ou pardo, tem entre 15 e 29 anos, baixa escolaridade, foi ferida por arma de fogo leve, foi assassinada em via pública e analisando a escolaridade, em sua esmagadora maioria, pertence a classes de baixo status socioeconômico. Outro ponto importante dos estudos da área segundo Zilli e Beato (2015) é que além de atingir um segmento bastante específico dentro do conjunto da população, os homicídios no Brasil também demonstram ter um padrão de distribuição espacial bastante focalizado, ficando concentrados em áreas de alta vulnerabilidade social, com pouca ou nenhuma provisão de serviços públicos e intensa deterioração urbanística, além do quê, os autores demonstram um caráter estritamente localizado e territorializado das interações violentas entre vítimas e autores já que de acordo com registros policiais de diversas regiões do país, a distância média entre as residências da vítima, do autor e o local onde o crime ocorreu não ultrapassa 1,5km e em boa parte das ocorrências, esse triângulo territorial não chega a ter nenhum de seus lados maior do que 500 metros. Ou seja, em geral, autor e vítima moram na mesma vizinhança e, ao que tudo indica, matam e morrem em função de conflitos estabelecidos e resolvidos de forma violenta e privada, dentro do próprio território, adquirindo características de execução em via pública.

Analisando a vulnerabilidade de indivíduos e populações, Yodanis e Godenzi (1999) definem um modelo acerca da “doença da violência” no qual os homicídios seriam o resultado final, assumindo assim um sentido processual, tendo a morte de um indivíduo como última instância, e as demais violências estariam particionadas em uma escala de gravidade. Do ponto de vista demográfico, a vulnerabilidade atingiria indivíduos com características específicas como crianças, incapacitados, mulheres e idosos que, associados às questões permitem a identificação de grupos com maior incidência de vitimização.

Nesse sentido, visando a melhor compreensão das dinâmicas de homicídios na cidade de Ribeirão das Neves e nos bairros estudados, manuseamos os dados disponibilizados pela Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais (Sejusp), no software QGIS (Quantum Gis) e criamos mapas de calor, que são ferramentas que permitem a visualização de dados a partir da densidade de pontos, para entender o comportamento espacial do crime. Utilizamos para tanto, uma base de dados sobre ocorrências e sobre envolvidos (autores e vítimas).

Com isso, os mapas de calor abaixo retratam a distribuição espacial das vítimas de homicídio, tanto tentados quanto consumados no município de Ribeirão das Neves,

durante os anos de 2013 a 2019. Nos mapas que seguem, foram utilizados kernel quântico com raio de 500 metros. A opção pela utilização dessas ferramentas de tratamento de dados geográficos se justifica por permitirem que áreas com concentração aparentemente alta de eventos tais como homicídios sejam facilmente visualizadas

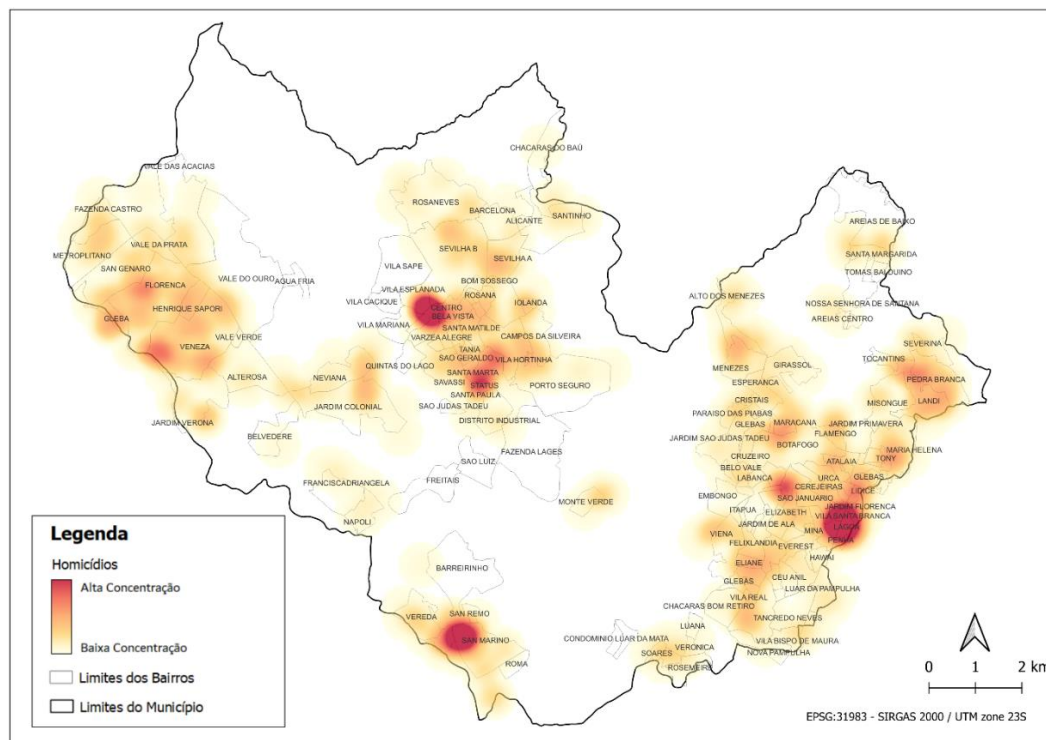
Os mapas apresentados indicam a existência de conglomerados de alta incidência de homicídios, conforme Beato Filho *et al.* (2001), que se mostra o caso da cidade de Ribeirão das Neves, como se pode observar na sequência. Essa realidade reafirma a literatura da área, que ao analisar padrões e processos sociais, históricos e espaciais vinculados aos homicídios no Brasil, aponta regularidades referentes à concentração nas regiões metropolitanas.

Assim, os dois primeiros mapas de calor mostram os registros de homicídios tentados e consumados em Ribeirão das Neves durante os anos de 2013 a 2019. Na sequência, os mapas serão anuais e divididos por homicídios consumados e tentados, referentes aos mesmos anos, a fim de analisar conforme particularidades de cada período.

Os clusters de homicídios demonstram que as ocorrências não se distribuem de forma homogênea no território, havendo locais em que elas se concentram. No mapa 4, que analisa os homicídios consumados em Ribeirão das Neves de 2013 a 2019, aparece a tendência da formação de pontos de concentração desses crimes na região central nas imediações do bairro Centro e também do bairro Status divisa com Santa Marta. Na regional Veneza, a concentração desses crimes acontece na faixa entre os bairros Florença, Henrique Saporì e Veneza, assim como nas imediações do bairro San Marino. Na regional Justinópolis, na faixa entre os bairros Lagoa, Santa Fé, Guadalajara, Urca, Cerejeiras, São Januário e Lídice.

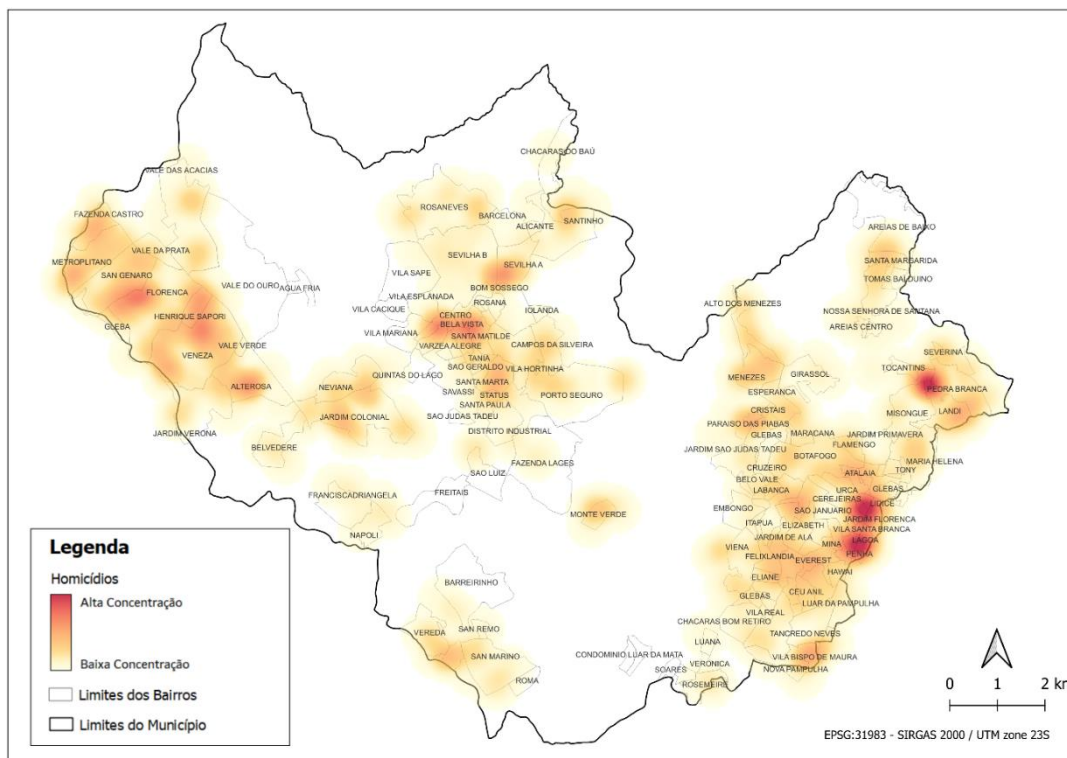
No mapa 5, que exhibe os registros de homicídios cometidos em Ribeirão das Neves no período de 2013 a 2019, observamos que na região de Veneza, os pontos de maior incidência estão localizados entre os bairros Florença, Henrique Saporì e Veneza. Na região central de Neves, o bairro Centro se destaca, assim como na área de Justinópolis, onde também se registram casos significativos, abrangendo os bairros Lagoa, Santa Fé, Guadalajara, Urca, Cerejeiras, São Januário e Lídice. Os bairros Veneza (59), Florença (37), Centro (35), Santa Fé (34), San Marino (31), Lagoa (24), Menezes (22) e Maria Helena (21) são os que apresentam maiores taxas de homicídios da cidade no período de 2013 a 2019.

Mapa 4 - Mapa de Calor dos registros de homicídios consumados em Ribeirão das Neves de 2013 a 2019



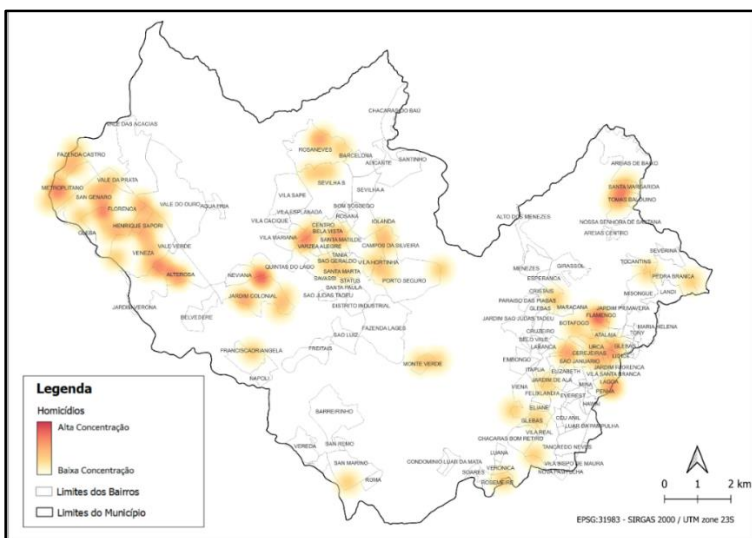
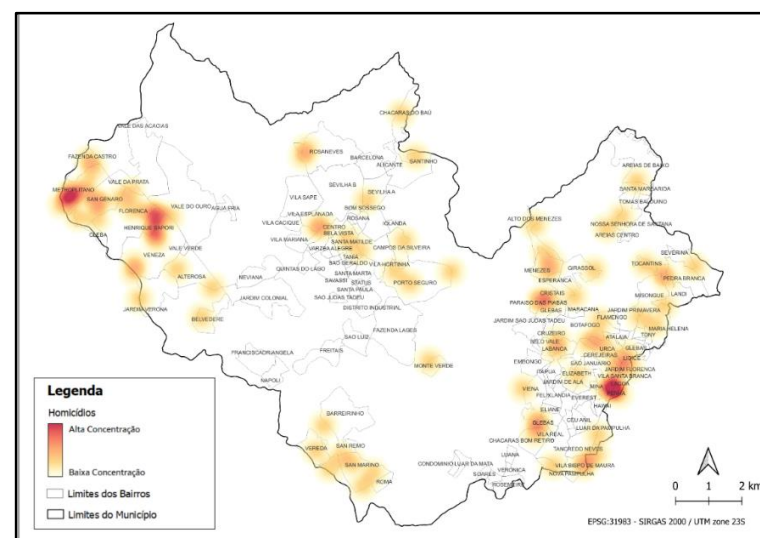
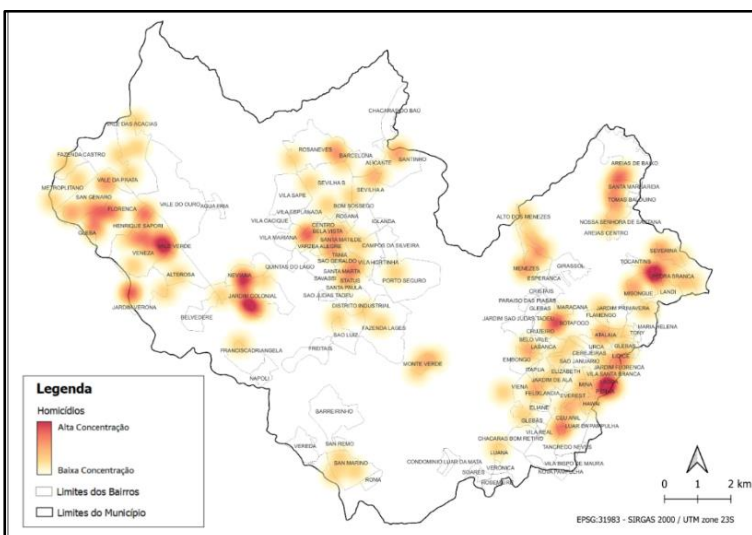
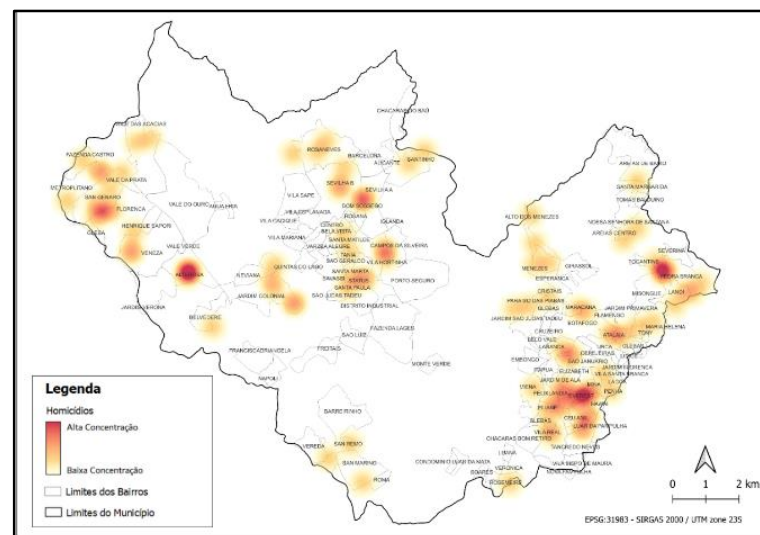
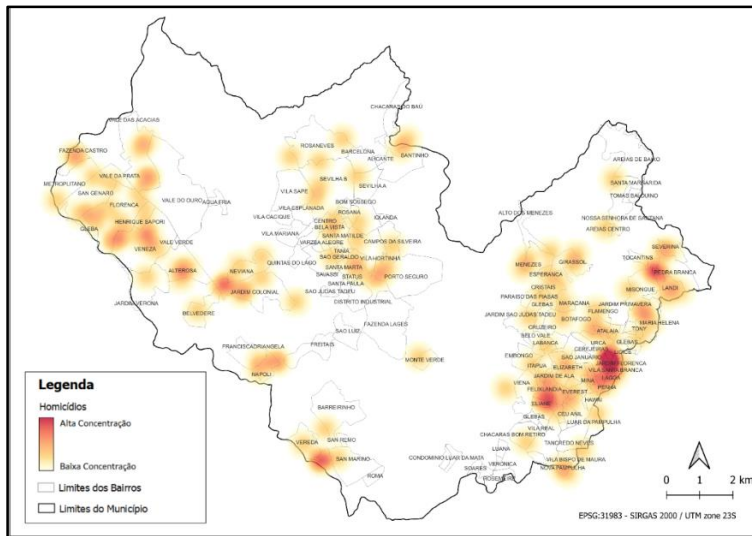
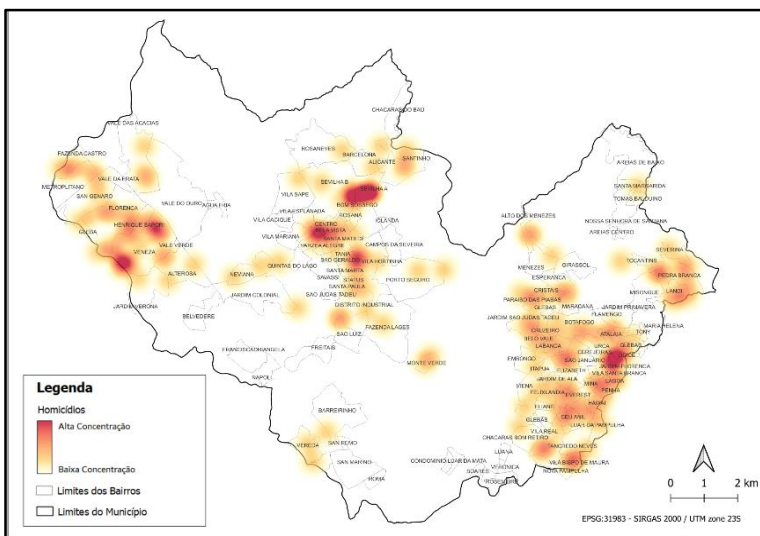
Fonte: Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais (2021)

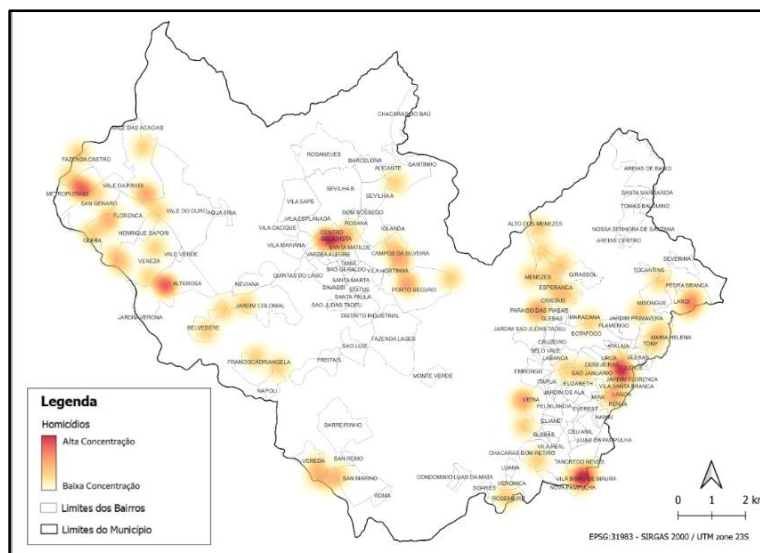
Mapa 5- Mapa de Calor dos registros de homicídios tentados em Ribeirão das Neves de 2013 a 2019



Fonte: Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais (2021)

Mapas 6 a 12 - Mapa de Calor dos Homicídios Consumados em Ribeirão das Neves 2013 a 2019





Fonte: Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais (2021)

Os mapas de calor apresentados (6 a 12) detalham a distribuição espacial das vítimas de homicídio consumado no município de Ribeirão das Neves durante os anos de 2013 a 2019.

No ano de 2013 (mapa 6) a região central, apresenta três pontos de concentração notáveis desses crimes. O primeiro ponto fica nas proximidades do bairro Centro, outro no bairro Sevilha A e o terceiro no bairro Vila Hortinha. Na região de Veneza, a concentração de homicídios consumados ocorre no bairro Veneza, próximo da divisa com Esmeraldas (aglomerado do Boréu), e outro ponto está no bairro Conjunto Henrique Saporí. Em Justinópolis, o principal ponto de concentração fica na área que abrange os bairros Urca, Cerejeiras, São Januário e Lídice (Aglomerado da Braúna).

O mapa 7, referente ao ano de 2014, mostra pontos de menor densidade em comparação com outros anos específicos, em geral. No entanto, na regional de Justinópolis, ainda há uma concentração significativa desses crimes. Nessa área, a maior concentração se encontra novamente entre os bairros Lídice, Cerejeiras, São Januário, Lagoa, Guadalajara e Santa Fé. Outros pontos relevantes estão entre os bairros Felixlândia e Eliane, bem como no bairro Pedra Branca.

O mapa de calor dos registros de homicídios consumados em 2015 (mapa 8) revela que a região de Justinópolis continua a concentrar a maior parte desses crimes. No entanto, na região de Veneza, o bairro Alterosa surge como um novo ponto de concentração desses crimes, além da continuidade do ponto forte na área entre os bairros San Genaro e Florença.

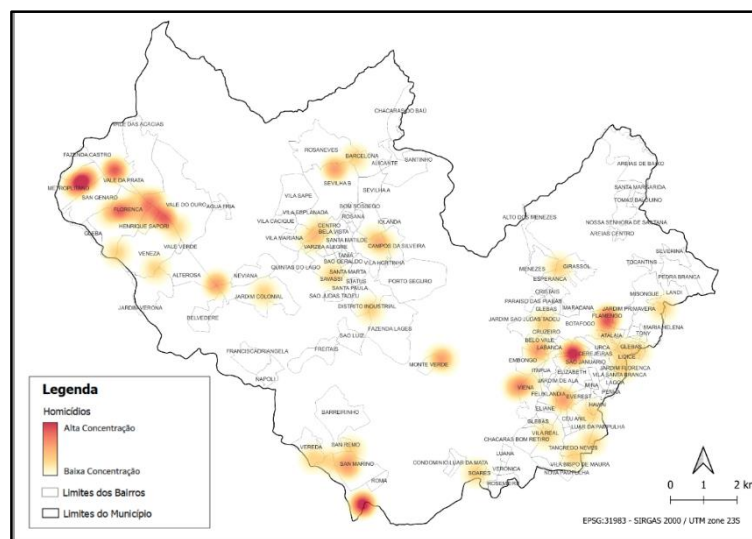
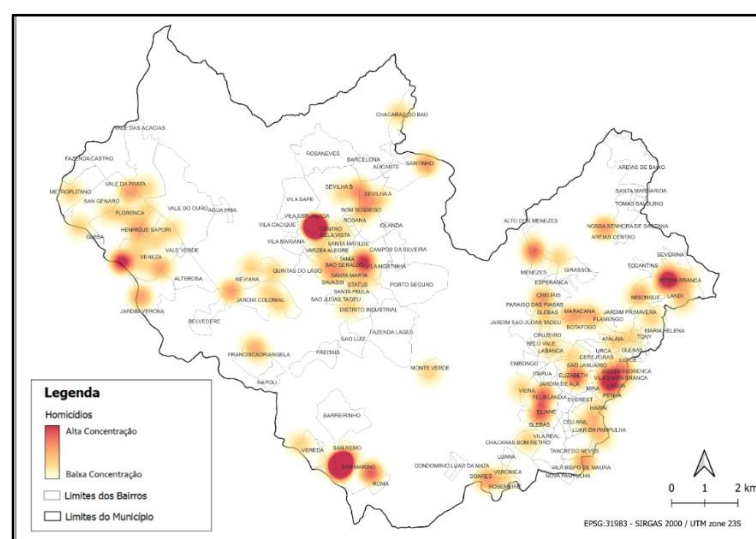
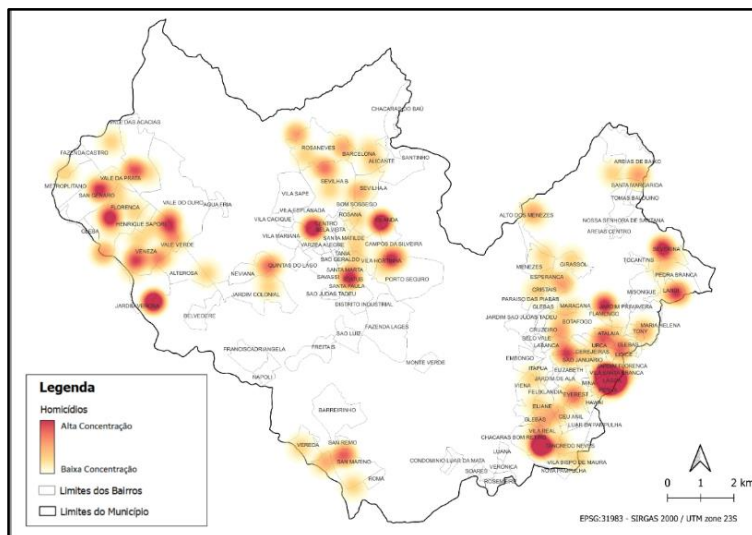
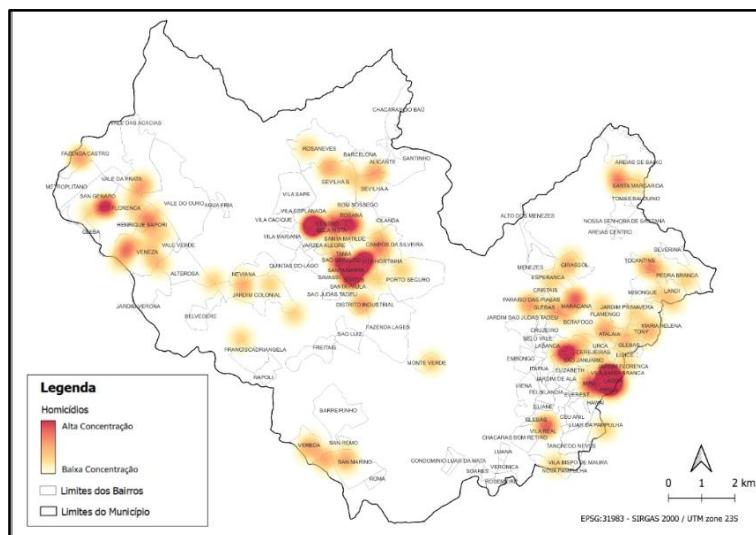
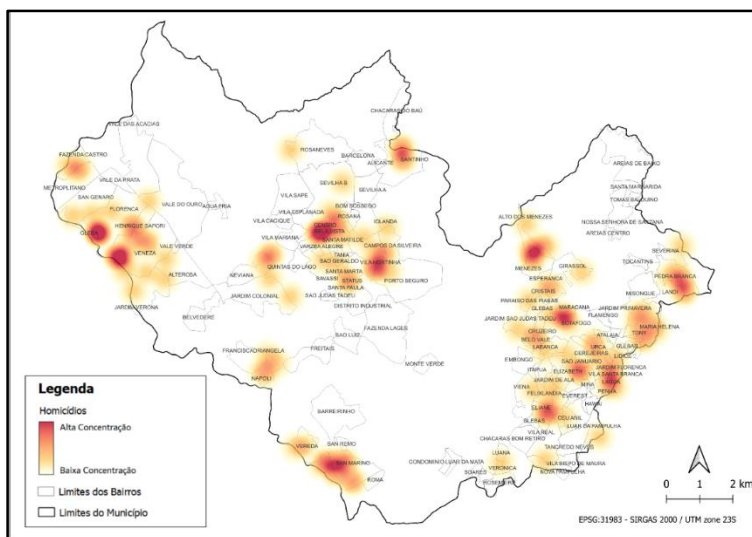
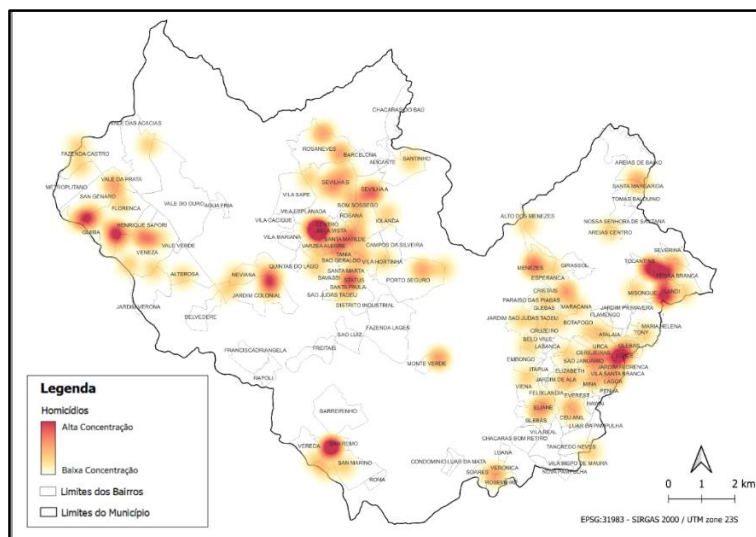
No ano de 2016 (mapa 9), na região central de Ribeirão das Neves, os pontos de maior concentração de homicídios consumados se encontram nos bairros Sevilha A, Vila Hortinha e Status. Na região de Veneza, o bairro Alterosa surge como um novo ponto de concentração desses crimes, além da continuidade do ponto forte na área entre os bairros San Genaro e Florença. Em Justinópolis, a concentração ainda ocorre na região que abrange os bairros Lagoa, Guadalajara e Santa Fé (Favela da Mina), bem como entre os bairros Botafogo e Pedra Branca.

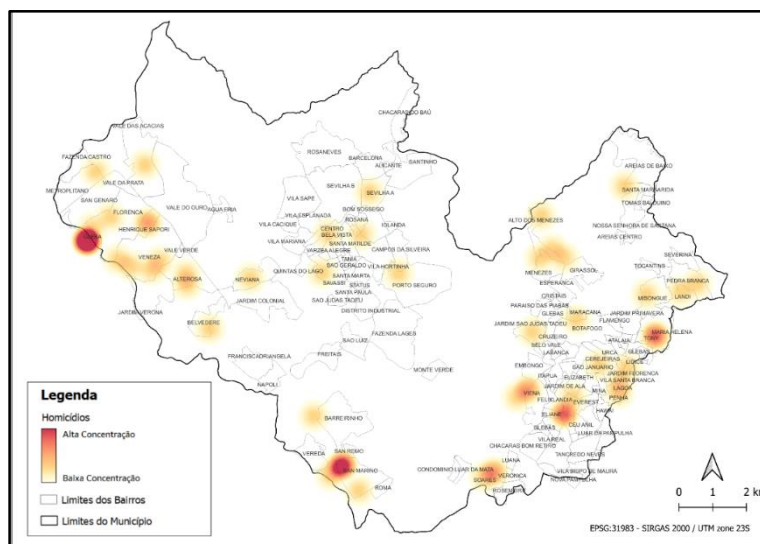
O mapa de calor 10, referente aos registros de homicídios consumados em 2017, mostra que na região central de Ribeirão das Neves, não se formaram pontos de forte concentração desse tipo de crime. Na região de Veneza, o bairro Metropolitano surge como um novo ponto forte de concentração desses crimes, além da continuidade do ponto forte na área entre os bairros Florença e Henrique Saporì. Em Justinópolis, a maior concentração continua na área entre os bairros Lagoa e Santa Fé, em Vila Bispo de Maura e também nos bairros Paraíso das Piabas e arredores.

No mapa 11, do ano de 2018, não se formaram pontos tão fortes de concentração de crimes de homicídios de forma geral na cidade, comparados aos anos analisados. Na região central, o bairro Centro ganha destaque. Na região do Veneza, uma faixa de concentração ocorre entre os bairros Metropolitano, San Genaro, Florença, Henrique Saporì, Veneza e Alterosa. De outro lado, o bairro Neviana também aparece em destaque. Na região de Justinópolis, a maior concentração aparece na área entre os bairros Flamengo e Jardim Primavera, Lagoa e também nas imediações do bairro Santa Margarida.

Analisando o último mapa, de 2019, aparece que o bairro Centro se destaca na região. Na regional Veneza, o bairro Metropolitano fica marcado pela concentração desses crimes, além do bairro Alterosa. Na região de Justinópolis, continua a formação de pontos de concentração de crimes entre os bairros Cerejeiras, Urca e Lídice, além do entroncamento dos bairros Nova Pampulha e Vila Bispo de Maura. O bairro Landi também aparece em destaque.

Mapa 13 a 19 - Mapas de calor dos homicídios tentados em Ribeirão das Neves durante os anos de 2013 a 2019.





Fonte: Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais (2021)

O mapa 13, que registra homicídios cometidos em Ribeirão das Neves em 2013, mostra que na região central houve uma concentração desses crimes nos bairros Centro e Status. Na região de Veneza, a concentração ocorre no bairro Conjunto Henrique Sapor, outro ponto no bairro San Genaro, outro no bairro Jardim Colonial e também entre os bairros Vereda e San Remo. Na região de Justinópolis, a maior concentração ocorre entre os bairros Urca, Cerejeiras, São Januário e Lídice, além de outro ponto que abrange os bairros Pedra Branca, Tocantins e Landi.

O Mapa 9 de 2014, mostra que houve na região central, três pontos de concentração, Centro, Vila Hortinha e também no bairro Santinho. Na região do Veneza, a concentração se dá no bairro Veneza, Florença (divisa com bairro Cecília, Município de Esmeraldas) e também no San Marino. Já na região de Justinópolis, houve a concentração de crime de homicídios tentados em vários pontos, no bairro Menezes, nas imediações do Botafogo e Maracanã, também no bairro Eliane, outro ponto no Pedra Branca e também nos encontros dos bairros Lagoa e Santa Fé.

No Mapa de Calor número 15 de 2015, na região central segue com a concentração dos crimes analisados localizadas no bairro Centro, se estendendo até o bairro Rosana e de outro lado, entre os bairros Santa Marta, São Geraldo, Status e Vila Hortinha. Na região do Veneza, a concentração de homicídios tentados continua entre os bairros Florença e San Genaro, também no bairro Veneza e Conjunto Henrique Sapor. Na região de Justinópolis, aparecem vários pontos de crimes concentrados, na região dos bairros Santa Margarida, Maracanã, Vila Real e Tocantins. Também, nas imediações entre os bairros

Cerejeiras, Labanca e São Januário, há a continuação de uma mancha forte que marca grande concentração de tentativas de homicídios e na região entre os bairros Lagoa, Guadalajara e Santa Fé (Favela da Mina).

O Mapa de Calor dos registros de homicídios tentados em Ribeirão das Neves de 2016 (Mapa 16) mostra que na região central, manchas de contração dos crimes continuam no bairro Centro e nos bairros Status, Iolanda e Vila Hortinha. Na região do Veneza, a concentração de homicídios tentados continua aparecendo forte nos bairros Florença, San Genaro, Vale da Prata, Conjunto Henrique Sapor, Veneza, Jardim Verona, e em menor grau no bairro San Marino. Em Justinópolis, a maior concentração continua na região dos bairros Lagoa, Guadalajara e Santa Fé (Favela da Mina), também entre os bairros Tancredo Neves e Vila Bispo de Maura, e nos bairros Jardim Primavera, Cerejeiras, Landi e Severina.

O Mapa de Calor 17 de 2017 mostra que na região central, ainda existem manchas de concentração dos crimes, que se estendem do bairro Centro até os bairros Vila Esplanada e Vila Mariana, além do bairro Vila Hortinha. Na região de Veneza, a concentração de homicídios tentados permanece forte nos bairros Veneza e entre os bairros San Marino e San Remo. Na região de Justinópolis, a maior concentração ocorre em pontos fortes, novamente na região dos bairros Lagoa, Guadalajara e Santa Fé (Favela da Mina), bem como nas áreas do bairro Pedra Branca, e entre os bairros Eliane e Felixlândia.

O ano de 2018, representado no mapa 18, mostra que na região central, não há grandes manchas de concentração de crimes durante esse ano. Na região de Veneza, a concentração de homicídios tentados permanece forte nos bairros Metropolitano e Vale da Prata, bem como entre os bairros Florença e Conjunto Henrique Sapor. Na região de Justinópolis, ocorre maior concentração entre os bairros Flamengo e Jardim Primavera, assim como entre os bairros Cerejeiras e São Januário.

No ano de 2019, a tendência continua com baixa concentração de crimes na área central da cidade. Na região de Veneza, a concentração de homicídios cometidos persiste na divisão do bairro Florença com o município de Esmeraldas (bairro Santa Cecília) e também surge outro ponto forte no bairro San Marino. Na região de Justinópolis, não há grandes concentrações de crimes, mas merece destaque como áreas entre os bairros Tony e Maria Helena, além do bairro Eliane e o bairro Rosimeire.

Assim, pela análise dos mapas e pela revisão da literatura, de maneira inicial, percebe-se que os crimes ocorridos nos anos analisados tendem a se espacializar de

maneira bastante homogênea. O comportamento ou mais especificamente, a densidade dos pontos se apresentam com tendências similares, em alguns bairros, mas a partir da análise cartográfica é possível identificar comportamentos principais dos clusters de homicídios.

As explicações que a literatura da área tem trago para a questão dos homicídios no Brasil, se relacionam com questões de brigas, acerto de contas, feminicídio, além das várias maneiras pelas quais os crimes podem estar associados à questão das drogas, seja pelos efeitos das substâncias tóxicas no comportamento das pessoas, ou pelo fato de tais substâncias serem comercializadas ilegalmente, gerando então violência entre traficantes, corrupção de representantes do sistema da justiça criminal e ações criminosas de indivíduos em busca de recursos para a manutenção do vício (BEATO FILHO *et al.*, 2001). Outra pista para análise seria que os conglomerados de homicídios identificados na cidade de Ribeirão das Neves estão relacionados a bairros e favelas em que o tráfico de drogas, em particular, do crack prevalece, corroborando com a pesquisa de Beato Filho *et al.* (2001) para a cidade de Belo Horizonte. Confirmando essa ideia, Nivette e Peres (2021), afirmam que estudos da área descobriram que a difusão de pontos quentes de homicídio são consistentes com a disseminação de mercados de drogas e gangues em bairros desfavorecidos.

Contudo, para além das explicações da literatura da área no Brasil, outro ponto importante pode ajudar na análise desse triste cenário, e que se relaciona com as questões ambientais do local. Os bairros que concentram maiores índices de crimes na cidade de Ribeirão das Neves parecem ser aqueles que possuem áreas de vulnerabilidade social, como aglomerados, favelas e loteamentos clandestinos ou ilegais, o que é muito comum na cidade. Também em lugares onde são instalados novos loteamentos ou conjuntos habitacionais populares, acontece o aumento de crimes (como o bairro Alterosa na regional Veneza, que recebeu enorme conjunto habitacional, ou nos arredores do bairro Veneza onde surgiram novas ocupações e loteamentos). Alguns bairros apresentam pontos de conflito que sempre se mantem com altas taxas de violência como nas imediações do bairro Lagoa e Santa Fé (favela da Mina) que historicamente tem grande dinâmica de guerras territoriais e tráfico de drogas (também o crack) ao longo dos anos. Também se nota que uma significativa parcela dos homicídios ocorridos, localiza-se nas ruas mais afastadas das principais vias, ou seja, ocorreram nos espaços em que a precária infraestrutura se apresenta de maneira mais intensa, o que dificulta o papel das instituições responsáveis pela segurança pública e também se constitui como ambiente com poucas

testemunhas e cenário propício a ocorrência de atividades ilícitas. Os bairros onde houveram maior incidência de homicídios, também expressam grande déficit nos serviços de infraestrutura pública e vulnerabilidade social.

Deste modo, pode-se afirmar que há uma relação direta entre as condições de infraestrutura do entorno à incidência dos homicídios no município de Ribeirão das Neves, pois a falta de serviços adequados (como iluminação pública, pavimentação, segurança, etc.), oportunizam a ocorrências de crimes, como afirmam os marcos da teoria da eficácia coletiva, a qual enfatiza a importância das rupturas na coesão social na gênese das altas taxas de violência incluindo os homicídios.

Vários estudos da área apontam a privação absoluta – normalmente medida como desvantagem concentrada – como um determinante robusto das taxas de criminalidade, seja medida no nível dos bairros ou no nível de unidades maiores, como cidades. Analisando a literatura da área, Chamberlain e Hipp (2015) afirmam que aquelas cidades com menos recursos financeiros são menos capazes de ajudar bairros desfavorecidos, e essa inação pode facilitar o crime, o que sugere que as características criminogênicas dos bairros podem ser aumentadas pelo contexto maior da cidade. Embora esse contexto maior da cidade seja provavelmente um ponto de referência importante para a compreensão do crime no nível do bairro, também são as características dos bairros vizinhos. Pesquisas recentes enfatizaram o fato de que os bairros são espacialmente dependentes e, portanto, influenciados pelas áreas em que estão situados.

Ainda, segundo Chamberlain e Hipp (2015), variações nos níveis de recursos econômicos nas áreas maiores em que os bairros estão inseridos podem resultar em mais ou menos crimes do que seria esperado. Assim o potencial do contexto circundante, é provavelmente influente para o crime na vizinhança. De tal modo, tanto as características dos bairros vizinhos quanto o contexto da cidade maior podem influenciar simultaneamente o crime no nível do bairro. O fato é que as diferentes escalas geográficas, seja o bairro, bairros vizinhos, ou a cidade, estão alinhadas umas nas outras, e cada escala pode ter efeitos diferentes nas taxas de criminalidade locais.

Nessa perspectiva, analisando os mapas e relacionando com o construto clássico de desorganização social do qual descende intelectualmente a eficácia coletiva, entende-se que esta medeia muito da relação entre a estrutura sociodemográfica do bairro e o crime (Sampson *et al.*, 1997). Nesse sentido como o crime está concentrado em bairros específicos, e o crime dentro dos bairros está concentrado em locais específicos – os pontos quentes (Sherman *et al.*, 1989; Weisburd *et al.*, 2012). As localizações dos hot

spots são determinadas principalmente pela presença de características do ambiente construído que são criminógenas no sentido de oferecerem oportunidades para o crime. Essa estrutura decorre de pesquisas anteriores que unem teorias de contexto social de bairro e oportunidade criminosa. A literatura de desorganização social postula que a desvantagem concentrada no bairro e os bairros cercados por bairros desfavorecidos experimentarão taxas mais altas de criminalidade. Estendendo a lógica da teoria da desorganização social para um macrocontexto maior, pode ser que bairros localizados em cidades desfavorecidas também tenham mais criminalidade. Nesse caso, as estruturas sociais e familiares foram comprometidas, gerando um colapso no comportamento normativo.

De acordo com Bannister *et al.* (2019) uma estrutura ontológica adequada incorporando percepções, cultura e normas é tão relevante para o debate sobre os hot spots quanto para a identificação de bairros. Assim, pode-se relacionar os conceitos estudados anteriormente com a realidade da cidade e especificamente a análise de seu comportamento cartográfico. A análise geográfica acerca da violência urbana e da criminalidade se torna fundamental, pois a partir do estudo do espaço urbano, da produção das cidades e do território, alcança-se um entendimento mais aprofundado dessa temática.

De acordo com a análise dos mapas, os hot spots apresentam notável estabilidade no espaço e no tempo, apoiando reivindicações, segundo a literatura da área, por uma lei de concentração do crime no local, bem como por uma reorientação de recursos públicos para estratégias de policiamento de hot spot (Weisburd, 2015; Bannister *et al.*, 2019)

Ainda, não se pode deixar de analisar que as regiões dos os hot spots concentram bolsões de pobreza da cidade, recheados de assentamentos precários, abrigando a população na maior parte de origem migrante, que se encontra a margem do mercado de trabalho formal. Além do mais, importa bastante o dado que em todos esses bairros a população jovem é extensa, confirmando a tese de que a influência e a formação das áreas criminais ocorrem com maior força sobre as populações mais jovens, especialmente aquelas que são também compostos por pobres e imigrantes ou descendentes de imigrantes, tendo, portanto, pouco convívio e adaptação ecológica ao novo ambiente, bem como poucas referências morais na tradição e forma de comportamento local. Assim as áreas de degradação espacial, miserabilidade e a baixa coesão sócia - essa motivada por outros fatores, como a migração e juventude da população - são os elementos do caldo de fatores que provoca a formação das áreas criminais conforme pode também ser confirmado no cenário da cidade em estudo (LUZES e SANTOS, 2014).

Os estudos de Misse (2008) afirmam sobre efeitos perversos que o processo de desenvolvimento urbano excludente projetou sobre o fenômeno da violência no Brasil, pois segundo ele, nem mesmo a retomada democrática dos anos de 1980 teria se mostrado capaz de preencher lacunas deixadas pelo processo civilizador brasileiro, cuja expressão atual ainda se mostra muito atrelada a formas tradicionalistas e extrajudiciais de resolução de conflitos. Em muitos territórios de ocupação irregular e precária, as mensagens emitidas estão relacionadas com a ideia de que os parâmetros normativos legais são relativos, seja pela ausência de mecanismos adequados de implementação e fiscalização da lei, seja pela convivência consentida com uma situação social iníqua, e o resultado é que as regras parecem não valer. Nessa perspectiva, Beato e Zilli (2012) afirmam que em alguns casos, esse contexto leva à desorganização em termos de mobilização social e a incapacidade de exercer controles sociais efetivos nas áreas afetadas. Além disso, as origens diversas dos grupos que ocupam alguns desses locais levam ao fato de que, já em suas origens, se estabelecem conflitos e tensões latentes por questões comunitárias e que, frequentemente, iniciam ciclos de violência e disputa entre os moradores. Essa análise aplica-se a cidade em estudo aqui.

De acordo com Beato e Zilli (2012) ainda são poucos os estudos dedicados a reconstituir a história de comunidades assoladas pela violência no Brasil e mais raros os que se propõem a destacar os traços comuns entre elas. Contudo os autores elencam elementos recorrentes, pois algumas comunidades surgem em virtude de reassentamentos efetivados pelo poder público, que desloca grandes contingentes populacionais de diferentes origens para uma mesma localidade, outras emergem em virtude de reutilização de velhas fazendas situadas nos antigos limites das grandes cidades e que, com a expansão urbana, se transformam em zonas de moradia para populações de baixa renda, também conjuntos habitacionais que surgem para solucionar problemas de moradia e inadvertidamente acabam se tornando palco de graves problemas de segurança, também o caso de terrenos públicos e particulares que são invadidos e aguardam uma solução definitiva mas que nunca se concretiza pela omissão de gerações de administradores públicos. Com isso, ainda de acordo com Beato e Zilli (2012) há o desenvolvimento de áreas que ocupam uma posição difusa no espaço urbano, por serem muitas vezes fruto de uma realocação que deveria ser temporária, ou por ser a junção de pessoas das mais diversas origens sem muita orientação normativa ou valorativa em comum e que, por consequência, desde sua origem apresentaram baixa capacidade de regulação e controle social do que ocorre em seu interior. Assim, posteriormente assistem o surgimento de

territórios potencialmente vulneráveis à estruturação de atividades criminosas locais, protagonizadas por gerações de jovens que crescem sem supervisão e controle, envolvidos em grupos delinquentes ou gangues.

Esses processos descritos, se aproximam dos processos que a cidade em estudo, Ribeirão das Neves, passou e passa até hoje, dado que a produção de loteamentos continua em vigor e ainda, sem parâmetros legais de urbanização.

4. Considerações finais sobre a capítulo

Buscou-se aqui estruturar uma análise sobre a vulnerabilidade social no município em estudo, que apresenta características de baixa expressão econômica, social e cultural dentro do contexto metropolitano de Minas Gerais. Os resultados apresentados demonstram a existência de áreas vulneráveis em Ribeirão das Neves, que estão, por um lado, relacionadas à ocupação recente e desordenada do espaço urbano e, por outro, às condições econômicas e sociais adversárias, nas quais fatores relacionados à qualidade de vida da população estão mais presentes.

A análise sobre a cidade de Ribeirão das Neves, mostra que a coesão social percebida, assim como, os laços de solidariedade entre os moradores da cidade não conseguem se reverter em mecanismos de controle informal do comportamento indesejado, devido ao alto grau de desorganização social do território.

Todas as desvantagens sociais, agravadas pela condição de ser este um território localizado longe do centro da cidade, marcado pela segregação social e estigmatização de seus residentes, e que por anos possui áreas muito violentas, com intenso tráfico de drogas, e que está diretamente relacionado a violência local, isso tudo, agravado pelo acelerado e conturbado processo de urbanização, por qual passou, resulta em uma equação perversa, observada principalmente nos números expressivos de homicídios na cidade, tem como consequência a dificuldade de formação de controle social na cidade assim como também ao esgotamento do poder das instituições formais e informais de socialização e controle, tais como, a família, a escola, a igreja, associações comunitárias e coletivos culturais que conseguem minimamente se organizar no território.

A partir da caracterização da cidade, como um espaço de ‘desorganização social’, seguimos com a análise. Nos próximos capítulos serão apresentados as entrevistas e análises que foram baseadas no escopo das teorias da desorganização social e eficácia

coletiva e a perspectiva desenvolvimental do curso de vida, para a análise da cidade escolhida. Segue a exposição da metodologia utilizada no trabalho de campo.

CAPÍTULO 5 - NOTAS METODOLÓGICAS

Para a análise sobre os mecanismos socioestruturais do território periférico da cidade de Ribeirão das Neves (Minas Gerais, Brasil) que impactam a vida de jovens contribuindo para a consolidação de uma trajetória de vida criminal, nessa parte do estudo são expostos os procedimentos, as análises sobre escolhas metodológicas e também os processos de realização do trabalho de campo. Foram utilizadas metodologias mistas para essa pesquisa de acordo com a análise do referencial teórico e com o recorte proposto.

1. Sobre a metodologia utilizada nessa pesquisa

Inicialmente, para compor o marco teórico da pesquisa, foram realizadas revisões bibliográficas das teorias da eficácia coletiva e da criminologia desenvolvimental e do curso de vida, com o objetivo de utilizar essas teorias na análise do objeto do estudo. Buscou-se demonstrar a importância e as limitações das teorias, de forma a apontar também possíveis conexões entre elas.

Assim tem-se uma revisão de literatura de cada uma das teorias expostas separadamente, no capítulo 1 (“Teorias da desorganização social e eficácia coletiva sob análise”) e no capítulo 2 (“A criminologia desenvolvimental e do curso de vida sob análise”) respectivamente; e também um capítulo com a revisão de literatura e análises sobre a possibilidade de uso conjunto de tais arcabouços teóricos, apresentada no capítulo 3 (“Forças distais, resultados proximais - Intersecção teórica entre as Teorias da desorganização social e eficácia coletiva e a criminologia desenvolvimental e do curso de vida”). A pesquisa segue, com a tentativa de explorar possibilidades de análise das teorias da desorganização social e eficácia coletiva aplicadas ao caso da cidade de Ribeirão das Neves, onde foi realizada uma análise quantitativa e qualitativa (capítulo 4 “Uma análise da cidade de Ribeirão das Neves sobre a perspectiva da teoria da desorganização social e da eficácia coletiva”).

Dessa forma, nessa parte da pesquisa, tratou-se da tentativa de identificação das dinâmicas de desorganização social e baixa eficácia coletiva presentes nos territórios da cidade escolhida para a pesquisa, Ribeirão das Neves (Minas Gerais), desde sua formação social. Para tanto foram utilizados dados do Censo do IBGE, do Censo escolar, do Observatório das Favelas, do Mapa da Violência, e também do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde para caracterização e identificação das

vulnerabilidades e violação de direitos das juventudes de Ribeirão das Neves. Foram também utilizados dados georreferenciados sobre criminalidade da cidade. Outra fonte de pesquisa utilizada foram os estudos já realizados sobre a cidade, que passaram por uma revisão bibliográfica, para compor um levantamento importante para a contextualização social dos territórios violentos, mas também para subsidiar as entrevistas da etapa seguinte, sobre as trajetórias de indivíduos residentes nesses territórios.

Assim, essa primeira parte desse estudo foi composta por estudos exploratórios, que precisam ser aprofundados por pesquisas futuras para criar indicadores e medidas de eficácia coletiva em Ribeirão das Neves – o que não é o objeto de pesquisa propriamente dito, muito embora esses recursos serviram para demonstrar limitações da teoria da ecologia social e assim a possibilidade de complementação com a teoria desenvolvimental do curso de vida, e que para tanto, será realizada a partir do uso do método qualitativo, para identificar como os principais conceitos dessas teorias aparecem nas trajetórias de indivíduos que cometeram crimes.

Nos capítulos que seguem - Capítulo 6 “ O lugar como influência para o crime”; e Capítulo 7 “ Pontos de virada e trajetória delinquente” - a metodologia qualitativa foi utilizada para exposição e análise das entrevistas realizadas. A opção pela análise qualitativa acontece na tentativa de conhecer a fundo o contexto dos participantes e obter um envolvimento mais próximo com eles para que se pudesse identificar e então analisar suas relações significativas (RODRÍGUEZ *et al.*, 2022). Para tanto, foi utilizado o método biográfico e os dados foram coletados via técnica de entrevista.

As histórias de vida de indivíduos foram utilizadas para iluminar campos de ação humana invisibilizados por outros métodos e sua opção se dá visando a demonstração do testemunho subjetivo dos entrevistados, por meio da coleta de informações sobre eventos e valorações da existência de cada pessoa (RODRIGUEZ, 2022). Seu uso se mostrou adequado para explorar os processos sociais, incluindo contingências e pontos de virada no curso da vida dos entrevistados, dando significado então a noção de processo.

A definição de método biográfico utilizado por Denzin (1989) o define como coleta e o uso sistemático de documentos de vida, os quais descrevem momentos e pontos de inflexão na vida dos indivíduos, e que podem ser autobiografias, biografias, diários, cartas, histórias de vida, histórias orais e pessoais. Seu objetivo é então, captar as experiências de vida de uma pessoa, com base no conhecimento subjetivo, que se desenvolve por experiências pessoais ou de terceiros, buscando formar um entendimento e interpretação de determinado fenômeno, como no conhecimento intersubjetivo, que

nasce de experiências partilhadas e do conhecimento obtido dessas experiências comuns com outras pessoas (DENZIN, 1989). Ainda, para o autor, o enfoque de uma entrevista oral frequentemente se relaciona a um aspecto específico da vida de uma pessoa, buscando usualmente o que uma comunidade ou pessoa lembra sobre determinado evento, questão, tempo ou local, e quando ela enfoca a vida inteira de uma pessoa, refere-se à história de vida.

A ampla categoria de termos e expressões relacionados ou sinônimos de história de vida, tais como autobiografia, biografia, narrativa de história de vida, narrativa oral, narrativa de vida, entre outras nomenclaturas presentes na literatura sobre o tema, deve-se ao histórico de seu uso em disciplinas como antropologia, sociologia, psicologia, história, medicina, ciência política, literatura, entre outras. Neste estudo, entende-se aqui a história de vida como uma estratégia de pesquisa que integra a abordagem biográfica ou seja, trata-se de um registro escrito, baseado em narrativas pessoais de partes significativas de uma vida ou de toda uma vida coletadas por meio de conversas ou entrevistas, com contextualização pessoal, histórica, social, institucional e política das narrativas (DENZIN, 1989; DENZIN e LINCOLN; 2012) e nos interessa por propor uma escuta comprometida, engajada e participativa.

A ideia subjacente a esta perspectiva de metodologia de estudo do mundo social que nos importa aqui, é então sobre a noção de que uma história de vida pode ser entendida como uma narrativa, onde entendemos a ocorrência de eventos, aprendendo os passos no processo pelo qual eles vieram a acontecer, de forma que isso não implica necessariamente linearidade ou continuidade, mas sim que linhas de ação, ou ainda a ausência delas, podem influenciar, de forma dialética, as próprias forças ou contingências que condicionam escolhas posteriores (BECKER, 2008). Aplicando isso ao estudo da continuidade e mudança da ação criminal, significa que para entender o significado de algum ponto de virada, torna-se necessário a interpretação sobre a mudança, e que só tem significado se nossa imagem do processo subjacente for precisa.

De acordo com Guerra *et al.* (2019) a integração transdisciplinar de teorias e métodos de diversos campos de pesquisa, permite analisar a dimensão processual, interacional e dinâmica das trajetórias, seja ela biográfica, familiar, comunitária, escolar, desviante, infracional e institucional de jovens, objeto desse estudo, através do movimento dialético, que é o de reconhecer a subjetividade da objetividade e a objetividade da subjetividade. Tal feito se coloca como enorme desafio epistemológico, mas, contudo, pode gerar nossas possibilidades analíticas. Assim, ainda de acordo Guerra

et al. (2019), por possibilitar a reconstituição de parte de sua trajetória biográfica, a trajetória criminal pode ser analisada em relação à todas as trajetórias que a englobam. Nessa perspectiva, as séries de eventos recorrentes foram identificadas pelas teorias sociológicas do curso de vida, principalmente as particularidades que explicam sua incidência em apenas um grupo de jovens, que são os autores de ato infracional no caso, exigiu um olhar qualitativo e ecológico de seu contexto objetivo de vida e de suas experiências de subjetivação quanto à vivência desses eventos.

A abordagem do curso de vida propõe e promove o uso combinado e simultâneo de uma variedade de fontes de informação, desde que a gestão da dimensão diacrônica seja preservada como eixo, de modo que combina com o uso de metodologias mistas. Assim, sobre pesquisas orientadas pela abordagem do curso de vida, Elder (1985) afirma que esse trabalho envolve múltiplos níveis, desde macroestruturas e instituições sociais até a micro experiência dos indivíduos, e se baseia tanto em aspectos quantitativos quanto informação qualitativa numa abordagem de métodos mistos – o que justifica as escolhas metodológicas dessa pesquisa.

Dessa forma, através da integração entre as teorias e a metodologia utilizada, os capítulos que seguem buscam realizar a proposta inicial dessa tese, que é entender o mecanismo existente entre as variáveis macroestruturais e as interferências individuais para a definição de uma trajetória criminal.

2. Sobre os entrevistados e o processo de coleta de dados

A pesquisa aqui relatada foi primeiramente analisada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Minas Gerais, da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG - Processo CAAE 60920622.7.0000.5149.

O envolvimento de indivíduos com a criminalidade foi estudado buscando compreender ou interpretar os fenômenos em função dos significados que os próprios atribuem a ele. Foram selecionados doze casos para confirmar e expandir as análises temáticas e conceituais emergentes (RODRÍGUEZ *et al.*, 2022). Sobre o perfil dos respondentes, foram entrevistados doze indivíduos, com idade entre 18 e 45 anos, moradores de Ribeirão das Neves e que estão ou já estiveram em situações de conflito com a lei. Os critérios de seleção foram relativos ao envolvimento dos entrevistados com a criminalidade, com passagem ou não pelo sistema carcerário ou socioeducativo, que já

abandonaram ou não a criminalidade, mas que concordaram em relatar sua história de vida.

Alguns dos entrevistados autorizaram a utilização dos seus nomes reais nessa pesquisa, contudo todos os nomes que aparecem na pesquisa são pseudônimos escolhidos aleatoriamente e para garantir ainda mais o anonimato, alguns detalhes nas narrativas foram ajustados, como nomes de bairros, ruas ou de pessoas. Optou-se por entrevistados que moraram na cidade de Ribeirão das Neves por mais de dez anos, visando a vivência plena da cidade e suas dinâmicas, com isso, todos os entrevistados viveram a maior parte de suas vidas em bairros da cidade de Ribeirão das Neves, sendo 7 entrevistados da regional Justinópolis, 3 da região central e 2 entrevistados da regional Veneza. A forma de recrutamento dos jovens entrevistados foi realizada por meio de contatos com lideranças e representantes de instituições religiosas, educacionais e de cultura da cidade e então, seguiu por meio da técnica de ‘bola de neve’, onde um entrevistado indica outro.

As entrevistas aconteceram de forma presencial e também via telefone. Os áudios foram gravados preservando as identidades dos entrevistados. Cada entrevistado demandou entre uma e três entrevistas, que tiveram duração entre 40 a 150 minutos, até a saturação. Os dias, horários, bem como os lugares em que entrevistas seriam feitas eram combinados previamente, na tentativa de evitar incômodos para a rotina de trabalho e vida social dos entrevistados. Foram realizadas entrevistas em formato presencial no espaço de escolas, na UFMG, também em ruas, praças e igrejas da cidade. O fato de ser uma entrevistadora moradora da cidade pesquisada assim como de ser evangélica serviram como pontos de aproximação importantes para aproximação dos entrevistados, de forma a contribuir para o aprofundamento de reflexões e maior nível de confiabilidade quanto aos seus relatos. Em alguns casos, após o desligamento do gravador os entrevistados fizeram relatos importantes que ajudaram a elucidar suas histórias. As entrevistas foram transcritas em sua totalidade.

A construção das trajetórias juvenis delinquentes foram analisadas nessa pesquisa para compreender suas trajetórias de vida no contexto do território, as relações construídas, a inserção no mundo do trabalho e em outras esferas da vida social, seja no bairro, seja na cidade e também como a dimensão metropolitana interfere nesses processos, assim como na trajetória ligada ao crime. Assim, os indivíduos foram entrevistados assim em um formato semiestruturado, narrativo, de história de vida tópica - que se interessa por um segmento da vida do sujeito - sendo que os dados foram recolhidos utilizando a estratégia retrospectiva, ou seja, onde o indivíduo informa sobre

experiências passadas, realizando a avaliação e reconsideração de experiências passadas de sua juventude.

O roteiro¹³ foi elaborado com vistas a abarcar as medidas de eficácia coletiva, controle social informal e coesão social elaboradas por Sampson (2004), assim como para identificar os principais pontos de virada da vida dos entrevistados de acordo com Elder (1985). O roteiro de entrevista foi baseado assim em blocos de assuntos, inicialmente composto de variáveis demográficas e informações pessoais. Outro bloco de perguntas foi composto de variáveis que mensuram a coesão social como relação com vizinhos, participação em organização formal ou não na cidade, e outros pontos. Outra parte composta de variáveis que mensuram a eficácia coletiva, que é a predisposição de intervir nos problemas relacionados ao crime e a violência na cidade. Também foram analisados pontos referentes as características ecológicas da cidade e de sua formação. Outro ponto importante foi sobre os fatores protetivos dos entrevistados, como família, as memórias da infância, escola, vida religiosa, pares, condições econômicas, projetos de vida, vida social comunitária, memórias do processo de urbanização do bairro e da cidade, trânsitos metropolitanos, também relações com as dinâmicas de violência e crime instituídas no território do bairro e sobre a violência nas décadas anteriores e a expansão do narcotráfico local. A partir de tais temas, a tentativa foi de apreender aspectos sociais relativos às relações dos indivíduos na cidade, pensadas também a partir de seu contexto metropolitano.

O roteiro de entrevista foi elaborado levando em consideração algumas preocupações principais. Inicialmente sobre a elaboração de tópicos que permitissem que os entrevistados se expressassem com a maior profundidade possível. Para tanto, as questões deveriam ser objetivas o bastante para direcioná-los para o tema da pesquisa, mas não tão objetivas a ponto de que as respostas recebidas fossem monossilábicas. A segunda preocupação era com o formato das perguntas do roteiro de entrevista. Foi necessário, às vezes, mudar algumas palavras ou frases para “gírias” de forma que o entrevistado entendesse, ou ficasse mais “à vontade” para elaboração das respostas, ainda que no roteiro permanecessem na forma em que foram elaboradas. Era preciso também que nenhuma pergunta obrigasse ou induzisse a citar ou contivesse nomes, seja de moradores ou outras pessoas, embora ocorreram casos, mas que foram omitidas durante a escrita dos capítulos, de forma que não alterassem o entendimento do contexto.

¹³ O roteiro de entrevistas encontra-se disponível na seção de anexos.

Tabela 9. Temas abordados nas entrevistas

Temas abordados nas entrevistas		
<i>Informações pessoais</i>	<i>Sobre a cidade</i>	<i>História de vida</i>
idade	contexto urbano	Trajatória infracional
tempo de moradia no local	Participação em grupos não delinquentes	pertencimento em gangues
características da família	Relação com vizinhança	conflitos territorializados
escolaridade	Relação com a polícia	as memórias da infância
estado civil e filhos	memórias dos tempos da urbanização do bairro	Paternidade, relacionamentos afetivos
trabalho / profissão	vida social comunitária	Experiência de detenção
condições econômicas	trânsitos metropolitanos	religião
		projetos de vida
		Violências

Fonte: Elaboração da autora

Partindo do pressuposto de que a entrevista representa também uma oportunidade de suscitar discursos reflexivos por parte dos entrevistados, busquei ouvir mais e interferir menos, e assim, possibilitar que outras questões, não previstas no roteiro, pudessem emergir, respeitando também a expressividade dos indivíduos que cederam tempo e atenção e confidenciaram sobre momentos importantes e, muitas vezes, difíceis, cruéis e sombrios de suas vidas. Assim, o objetivo foi manter as perguntas de forma mais abertas possível, permitindo que o entrevistado mencionasse e desenvolvesse tópicos ou temas sobre os quais não haviam sido perguntados. Não foi incomum que suas respostas durassem vários minutos. Além disso, em vez de liderá-los sistematicamente, a tentativa, em algumas vezes foi de resumir e realimentar o que eles acabaram de dizer, encorajando-os a elaborar ou ajustar mais as falas, se assim o desejassem, de forma a esclarecer as informações e também a estabelecer confiança, demonstrando interesse em sua história de vida e assim poucas vezes a narrativa foi forçada, já que o entrevistado o fazia naturalmente.

O método de história de vida permite aos entrevistados narrar, explicar e interpretar os eventos e pessoas em suas vidas ao longo do tempo e prioriza as percepções e significados do indivíduo sobre os acontecimentos de sua vida. A validade do processo

envolve o entrevistado e o pesquisador trabalhando juntos para construir os relatos de forma colaborativa, assim como no processo de triangulação dos dados que foi realizada.

Algumas especificidades e limitações da pesquisa que não podem ser ignorados. As entrevistas com menores de idade foram retiradas da análise pois o foco recaiu sobre entrevistados que conseguiram refletir sobre o seu processo de vida de forma regressiva, e ainda sobre o processo de desistência, com lucidez e que se mostraram dispostos a responder todas as questões. Importante ressaltar que esse estudo foi atravessado pelo período de pandemia, que estrangulou o tempo de pesquisa de campo, com isso as entrevistas com mulheres foram retiradas da análise, pois requerem exames específicos e foram apenas duas mulheres que se dispuseram a ser entrevistadas. Contudo, abre-se espaço para novas pesquisas com esse grupo. Também, as entrevistas com esse grupo de entrevistados não tiveram ênfase na experiência de questões sobre desigualdade racial, talvez por ser uma parte normalizada de sua realidade, não representou um ponto de virada em suas vidas.

Outro ponto importante sobre a escolha dos entrevistados se relaciona com a ideia de que esta tese tem como foco de estudo a vida social na periferia metropolitana de Belo Horizonte, entendida como “vida social na marginal” de acordo com (MARINHO, 2016). Partindo do pressuposto da teoria de Pierre Bourdieu analisada por Jessé de Souza (2022), na análise sobre desigualdade na sociedade brasileira, o autor realizou uma classificação feita para definir a posição social ocupada pelas classes populares brasileiras, e que teve como objetivo lançar visibilidade sobre o conflito que demarca das relações de classe nesta sociedade, definindo a “ralé” como a classe composta por pessoas de cor, de pele parda e preta principalmente, que representa uma classe social que abrange os moradores de favelas e de periferias, tais como os indivíduos representados nesta tese. Nessas atribuições, destacam-se os apontamentos realizados por Souza (2022), para quem as classes mais pobres resultaram de uma intensa jornada de silenciamento e abandono do Estado, condicionados a viverem conflito e na busca de suas próprias oportunidades, bastando almejar e desejar uma nova realidade, dessa forma, contribuindo para o discurso da meritocracia, sendo que o termo “ralé” não está colocado de forma pejorativa nesse texto, mas sim como forma de chamar atenção para uma classe que, apesar de todo o apagamento histórico, ou invisibilidade social, ainda se revela como um dos pilares para a manutenção do Brasil.

Nessa perspectiva, o que faz uma classe social ser uma classe, ou seja, o que faz um certo universo de indivíduos agirem de modo semelhante não é, portanto somente a

renda, mas a sua construção afetiva e pré-reflexiva montada por uma segunda natureza comum e que tende a fazer com que toda uma percepção do mundo seja quase que magicamente compartilhada sem qualquer intervenção de intenções e escolhas conscientes, e nunca explicitado, contudo percebido enquanto acordo pelos seus resultados práticos. Nesse sentido, os percursos, estilos de vida e projeções sociais aspiradas pelos jovens e jovens adultos residentes nas áreas classificáveis como periferia ou favelas situadas na RMBH são fortemente condicionados pelas tensões e conflitos sociais que subjazem as relações de classe no Brasil. Assim, a vida dura é uma condição histórica que define o lugar dessa classe na sociedade, seja como agricultores pobres no campo ou como favelados nas grandes cidades e os conflitos sociais que emergem nas periferias e não em outros lugares, aponta a profunda desigualdade social que demarca as experiências sociais nestes contextos.

As trajetórias analisadas nesta tese assim, são atravessadas pelo crescimento da violência na periferia, experiência de vida distinta das de jovens de classes médias e altas, como também, áreas urbanas mais prósperas e valorizadas. Desse modo, esse estudo foi realizado a partir de indivíduos de classes de baixo potencial econômico, contudo não se tem a pretensão de ligar crime e pobreza, de forma determinista. Tem-se a noção de que os crimes das classes mais altas não são identificados ou punidos no sistema de justiça seletivo do país, com isso, torna-se clara a ideia de que os estudos da área precisam ser expandidos. Outro ponto específico sobre o grupo de entrevistados ainda, é que estes têm muito menos chances de errar suas experimentações do que as juventudes de classe média e alta, pois as autoridades costumam ser bem mais rigorosas com os deslizes das juventudes negras, pobres e periféricas.

A escolha metodológica sobre as ferramentas de pesquisa, sobre perfil dos entrevistados, e sobre o tema geral dessa pesquisa se deu por partir da ideia de uma sociologia do cotidiano, realizada através de anos de estudo e análise dessa realidade social, que faz parte da vida da pesquisadora. Assim, em termos antropológicos, essa pesquisa trata-se de uma análise realizada por uma nativa sobre sua aldeia.

3. Sobre o processo de análise de dados

Os estudos de trajetórias foram utilizados em suas contribuições metodológicas, de forma a identificar novas formas de sociabilidade presentes nos contextos dinâmicos das periferias, evidenciando aspectos marcantes do cotidiano dos moradores desses

espaços, inclusive sobre os caminhos traçados pelos jovens através de suas relações diárias e inserção urbana na cidade. Mais recentemente, as trajetórias juvenis passaram a ser objeto de estudos que buscam entender as motivações e os contextos sociais em que essas são produzidas.

Mesmo as “trajetórias ioiô” (PAIS, 2001, pp 55), que são movimentos típicos da juventude atual nos interessaram - caracterizadas pela experimentação, a descontinuidade, a reversibilidade, oscilação ou imprevisibilidade, muito diferente dos modelos das décadas anteriores, que entendiam a juventude como uma transição para a vida adulta – como casos em que os jovens pararam de estudar, trabalharam informalmente, tiveram filhos, voltam a estudar, experienciaram o crime, e estabeleceram novas relações afetivas e assim por diante, em processos às vezes prolongados de experimentações. Essa ideia corrobora com a literatura da área da criminologia, que afirma que o caminho do crime não é tão linear, sendo comum, muitas vezes, caminhos de idas e vindas com relação a delinquência, ou seja, o indivíduo pode ir e voltar aumentando ou diminuindo seu delito ao longo do caminho para a desistência.

Com isso, essa pesquisa assume a perspectiva de que examinar o desenvolvimento dos indivíduos ao longo do tempo pode ajudar a destacar fatores de risco e eventos da vida que podem ser úteis para dar sentido a seus delitos e para pensar mais claramente sobre prevenção dos mesmos. Buscou-se compreender assim como um evento de vida se tornou um ponto de virada.

Nesse sentido, durante a análise de conteúdo, após uma leitura profunda de toda a transcrição dos dados para atingir a imersão e obter um sentido do todo, objetivou-se analisar tematicamente os dados em duas fases, onde a primeira fase consistiu na codificação dos eventos da vida, e a segunda fase consistiu na codificação dos pontos de virada. Os eventos foram então colocados no período de tempo – infância, adolescência e idade adulta – em que ocorreram ao longo do curso da vida, conforme a pesquisa qualitativa de Liles (2018) sobre mulheres homicidas. Assim, para a fase inicial da codificação dos dados, à medida que os eventos de vida foram encontrados nas transcrições, eles foram codificados com um nome de tema. De tal modo, se um entrevistado declarasse sobre o uso de drogas, por exemplo, os dados foram codificados com o nome do tema “uso de drogas” e outros detalhes desse evento foram adicionados para descrever seu contexto. Na continuidade, se houvesse a classificação do evento de vida como um ponto de virada pelo próprio entrevistado, o tema era codificado em formato diferente. Assim, na análise, os temas foram analisados utilizando os casos das

histórias de vida dos entrevistados que os evidenciavam como pontos de virada. A discussão que segue nos próximos capítulos, foi realizada a partir de categorias identificadas nessa análise.

Importante destacar ainda que neste estudo, buscou-se rigor, confiabilidade e transferibilidade dos dados, seguindo as recomendações de Creswell (2007) e Rodríguez *et al.* (2022). Para tanto, foi mantida uma descrição detalhada das histórias e uma relação próxima com os participantes, e além disso, os dados obtidos das histórias de vida foram usados para exploração básica e foram triangulados com outras fontes, como documentação legal, entrevistas e conversas informais com familiares dos entrevistados, pesquisas nas redes sociais, e outros, para melhorar sua validade e confiabilidade (MUSSON, 2004; FRAZIER, 1978). A triangulação envolveu a projeção simultânea de realidades múltiplas e contrastantes (DENZIN e LINCOLN, 2012). Durante os capítulos que seguem, foram utilizados também pequenos fragmentos de duas entrevistas realizadas com familiares e amigos dos entrevistados para enriquecer a análise.

Não se pode ignorar ainda que, sobre o conceito de pontos de virada, eles se constituem uma mudança no curso da vida, e que, por conseguinte, constituem também uma mudança na carreira criminal do indivíduo. Assim, não é o emprego, o casamento, o local de residência ou outras mudanças em si que provocam a desistência, mas sim as formas como tais mudanças, em determinadas circunstâncias, podem então provocar outras mudanças, teoricamente entendidas como centrais para o surgimento dos processos de desistência (CARLSSON, 2011). Ao adotar uma visão processual dos pontos de virada, levamos em consideração assim as mudanças no processo da delinquência.

Pesquisas sobre jovens infratores foram incorporadas à perspectiva do curso de vida para conceituar os conceitos como eventos de vida e possíveis pontos de virada, lugar onde vive, vitimização, uso de drogas, instabilidade familiar, paternidade, histórico criminal e marginalidade econômica entre outros. Seguindo os procedimentos de análise temática, os temas ou conceitos existentes foram então revistos. Após isso, foram comparados ao longo das histórias de vida dos entrevistados para identificar eventos de vida e pontos de virada.

Assim, buscamos estabelecer um diálogo entre diferentes tipos de fontes de informação, justamente entre bases de dados estatisticamente representativas e um conjunto de entrevistas em profundidade, o que tem sido muito utilizado nas ciências sociais ao longo de vários anos para alcançar uma maior integração de abordagens, métodos e níveis de análise.

4. Caracterização dos entrevistados

Para essa pesquisa foram entrevistados doze homens jovens e adultos. Desses entrevistados, 3 iniciaram e terminaram a carreira criminosa na juventude, 4 continuam na trajetória criminal até atualmente, e os outros 5 desistiram da carreira criminal na vida adulta, entre os 20 e 30 anos de idade. Os entrevistados afirmaram ter famílias compostas por mães, irmãos e apenas 3 contavam com o pai presente, 3 afirmaram que após o divórcio o pai se ausentou, 3 não conheceram o pai e outros 3 conheceram após adultos. Ainda 3 entrevistados relataram laços fortes com padrastos e avôs como figura paternal. Sobre a condição estudantil, 5 dos entrevistados estudaram até o ensino fundamental incompleto, outros 4 evadiram da escola no ensino médio, outros três completaram o ensino médio, sendo que um deles, estudou enquanto estava preso e, apenas um tinha graduação. Dentre os entrevistados, foram 4 entrevistados de cor branca e os outros, pretos e pardos.

Apenas 4 dos entrevistados não relataram sobre passagens pelo sistema socioeducacional e penitenciário, os outros 8 entrevistados relataram pelo menos uma passagem, sendo que alguns possuem histórico recorrente de prisões e ainda, um entrevistado ainda cumpria pena na condição de semiliberdade na data da pesquisa. A faixa de renda dos entrevistados, acompanha a média da cidade, até os 2 salários mínimos, com profissões como barbeiro, açougueiro, representante comercial, donos de pequenos negócios de assistência técnica, educador social, pintor, motorista de ônibus e tatuador.

É importante frisar que dos 12 entrevistados, 3 evadem da vida infracional ainda jovens, outros 3 continuam na vida adulta até a data da pesquisa e o restante dos entrevistados relataram a vivência da criminalidade durante juventude e vida adulta, sendo que mudaram a trajetória durante a vida adulta. Todos os entrevistados afirmaram terem se envolvido com a criminalidade antes da maioridade, e ainda, metade deles, antes mesmo dos 12 anos.

Segue uma simples caracterização sobre cada um dos entrevistados, lembrando que os nomes fictícios foram escolhidos aleatoriamente:

1. Neemias: O entrevistado 1 tinha 23 anos de idade na data da entrevista. Foi criado em Justinópolis pela mãe e avó, e tem 3 irmãos maternos. O seu pai foi ausente durante sua vida e só o conheceu aos 17 anos. É homossexual, esteve envolvido com o tráfico de drogas desde os 15 anos, tem duas passagens pela detenção sendo que ficou detido uma vez, quando menor, por dois dias e outra vez, por quase 2 meses. O irmão

mais velho teve problemas com drogas e foi envolvido com o crime, assim como outros familiares. Apresentou histórico de agressão pelo irmão. As entrevistas foram realizadas em 3 encontros presenciais em março de 2023, após isso também houveram conversas informais pelas redes sociais. Os dados foram triangulados via redes sociais, conversas informais com amigos e professores da escola em que estudou.

2. Esdras: Na data da entrevista tinha 21 anos, era casado e tinha uma filha pequena. Foi criado na região de Justinópolis, morava com pais e irmãos. Os pais se separaram e o pai se afastou da família, indo morar em outra cidade. Evadiu da escola no ensino médio, foi envolvido com drogas e o tráfico, teve uma detenção quando menor. Posteriormente com apoio do pai, com apoio da família que formou, e com boas oportunidades de trabalho, afirma sobre a desistência do crime. Sua entrevista foi realizada via telefone em março de 2023 e os dados foram triangulados via redes sociais, conversas informais com seus familiares, e com professores da escola que estudou.

3. Obadias: Na data da entrevista tinha 35 anos, homem pardo, casado, pai de 5 filhos, tinha estudado até a 8ª série. Relatou várias passagens pela polícia, episódios de brigas violentas com cunhado (irmão da esposa que era criminoso, mas atualmente alcoolista ficou a seus cuidados), polícia invadindo casa, de ter sido preso na frente dos filhos. Foi criado na região de Justinópolis, com pais e irmãos. Seus pais se divorciaram e o pai nunca mais foi visto. Seu irmão mais novo foi vítima de homicídio, os dois fizeram uso de drogas e iniciaram no tráfico, após evasão escolar, ainda adolescentes. Entrevista realizada em dois encontros, no mês de março e abril de 2023, dados triangulados com vizinhos e redes sociais.

4. Amós: O entrevistado 4 é da região do Veneza, tinha 34 anos na data da entrevista, era solteiro, morava com a mãe, teve pai ausente durante toda a vida, e tinha dois filhos que não moravam com ele, mas com quem afirmava manter contato regularmente. Evadiu da escola no final do ensino fundamental, esteve envolvido do tráfico por anos e afirma ter desistido dessa trajetória. Atualmente é educador social e era oficinairo do programa Fica Vivo. Sua entrevista foi realizada via telefone, por duas vezes, no mês de março de 2023, dados triangulados com profissionais que trabalham na mesma instituição que o entrevistado e redes sociais.

5. Habacuque: O entrevistado 5, tinha 45 anos na data da entrevista, atualmente é pastor evangélico, tem sua própria igreja, vários projetos de cunho social e de evangelização em cadeias. Casado, tem filhos e é da região do Centro de Ribeirão das Neves. Foi criado por pais, mas o pai se afasta da família após divórcio. Foi envolvido

com a marginalidade e com o tráfico de drogas por anos, mudou-se para São Paulo onde viveu por alguns anos mas continuou no tráfico de drogas e armas, até quando se converteu a religião e mudou a trajetória, voltando para Ribeirão das Neves. Entrevista pelo telefone em março de 2023 e dados confirmados por amigos, redes sociais, testemunhos gravados na mídia, além da presença da pesquisadora durante a realização de trabalho evangelista em julho de 2023.

6. Sofonias: O entrevistado 6 tinha 33 anos na data da entrevista, atualmente é açougueiro, missionário, casado e pai de 4 filhos. Foi criado com a família materna e nunca teve contato com o pai. Evangélico, faz trabalhos voluntários de assistência social a moradores de rua e famílias carentes, além de clínicas de recuperação. Foi gerente do tráfico na região do Centro de Ribeirão das Neves, e esteve envolvido com a criminalidade por cerca de dez anos. Relatou várias passagens pela polícia, prisões, troca de tiros com a polícia e problemas de gangues. Entrevista realizada pelo telefone em março de 2023 e dados confirmados por amigos, redes sociais, testemunhos gravados na mídia, além da presença da pesquisadora durante a realização de trabalho evangelista em julho de 2023.

7. Judá: O entrevistado 7 na data da entrevista tinha 45 anos, era casado e tinha 3 filhos, trabalha e canta rap gospel. Se envolveu com uso de drogas e criminalidade por anos, até se converter ao evangelho. Foi criado com pais e irmãos, evadiu da escola no ensino médio e é da região central de Neves. Entrevista realizada pelo telefone em março de 2023, além de conversas informais durante o mês de junho de 2023. Entrevista triangulada com amigos e redes sociais, e durante a realização de trabalho evangelista.

8. Zacarias: O entrevistado 8 foi entrevistado presencialmente no espaço da igreja em que faz parte na data da entrevista, onde tinha 36 anos, era casado, pai de dois filhos e cuidador de mais 3 afilhados. Foi criado pela mãe em São Paulo, que falece enquanto ele era ainda criança, quando vai morar com a avó materna, em Ribeirão das Neves, Justinópolis. Quando a avó falece passa a morar sozinho ainda jovem, evade da escola e passa a trabalhar para se sustentar. Conheceu pai na vida adulta. Se envolve com o uso de drogas e com o tráfico por anos. Se desliga da criminalidade após conversão. Dados triangulados com familiares, membros da igreja a qual faz parte e redes sociais.

9. Malaquias: O entrevistado 9 tinha 44 anos na data da pesquisa, era solteiro e sem filhos. Morava com a mãe, o padrasto, a irmã, e os três sobrinhos. Foi criado pela mãe na região do Justinópolis, e não teve contato com o seu pai. Passou muito tempo encarcerado, por vezes. Se envolveu com uso e tráfico de drogas ainda jovem e

juntamente com irmão, que foi assassinado. Atualmente cumpre a pena em semiliberdade, trabalha, e volta algumas vezes por mês para ficar em casa. Entrevista realizada presencialmente, na calçada de via pública, mediada por outro entrevistado, com isso o áudio da entrevista tem qualidade mediada, com atravessamentos de outras pessoas falando, cumprimentos, pessoas passando pela rua. Eu também estava um pouco nervosa e confusa, já que inicialmente ele não queria gravar a entrevista, resolvi partir das questões mais gerais, para tentar conseguir a confiança do entrevistado. No final, a entrevista foi finalizada com sucesso, com boas reflexões e teve a permissão para gravação de grande parte. Dados triangulados com familiares, vizinhos e reportagens.

10. Absalão. O entrevistado 10 tinha 37 anos na data da entrevista, era casado e tinha um filho. Foi criado por pais adotivos na região do Justinópolis, que foram bastante presentes, era religioso, se formou no ensino médio e teve envolvimento temporário na criminalidade quando jovem, mas tempos depois, após separação da primeira esposa, se envolveu novamente, quando foi preso. Atualmente afirma sobre saída da criminalidade, mudou de cidade e retomou sua vida religiosa. Entrevista realizada pessoalmente, na UFMG, com dados triangulados com familiares, vizinhos e reportagens.

11. Miquéias. O entrevistado 11 tinha 43 anos na data da entrevista, foi criado até os 17 anos na região central de Ribeirão das Neves, depois se muda para Justinópolis. Foi criado com pais e irmãos, e quando se envolveu com a criminalidade foi preso. Atualmente se converteu e é pastor evangélico, realiza trabalhos missionários em cadeias e outros projetos sociais. Entrevista realizada via telefone em abril de 2023 e depois em maio de 2023, em encontro presencial na casa do filho, em uma festa de família. Dados triangulados via redes sociais, com familiares e entrevista do filho.

12. Bartolomeu. O entrevistado 12 tinha 23 anos na data da entrevista, foi criado na região do Justinópolis e foi meu aluno durante alguns anos. Sua entrevista foi realizada pelo telefone em março de 2023 e em maio de 2023, tivemos encontro presencial em seu local de trabalho. Tem envolvimento com uso e tráfico de drogas, além de pichação. Foi criado pela família materna e teve pouco contato com o pai, e somente na vida adulta. Evadiu da escola quando se tornou pai e teve que trabalhar para manter a filha.

CAPÍTULO 6 – O LUGAR COMO INFLUÊNCIA PARA O CRIME

O objetivo deste capítulo é analisar a construção das trajetórias delinquentes de jovens e adultos moradores da cidade de Ribeirão das Neves (Minas Gerais, Brasil) por meio de um estudo exploratório e qualitativo. As histórias de vida foram desenvolvidas por meio da técnica de entrevista em profundidade, a partir de doze histórias de vida de homens que já tiveram ou ainda tem uma trajetória em conflito com a lei, durante a adolescência e juventude, e cujos perfis foram caracterizados no capítulo 5 dessa tese.

Com as informações qualitativas, investigou-se como esse grupo de homens entrelaçou suas diferentes trajetórias de vida ao longo da maior parte de suas vidas, tomando a trajetória criminosa como eixo de análise. Buscou-se aqui identificar os fatores de risco e as desvantagens concentradas que influenciam o grau de eficácia coletiva na vizinhança, assim como analisar a percepção dos entrevistados sobre as influências do lugar, bem como os pontos de virada especificamente relacionados às influências do local de moradia para a conformação das trajetórias criminais dos entrevistados.

1. Percepção dos entrevistados sobre a influência do local onde cresceram em sua trajetória criminosa

Quando os entrevistados dessa pesquisa foram questionados diretamente sobre sua percepção da influência do local onde cresceram em sua trajetória criminosa, alguns concordaram sobre essa contribuição. Eles relataram sobre a influência da exposição ao crime e também de uma cultura de criminalidade, de abuso de drogas, de violência e de outras formas de atividades ilícitas, que foram vivenciadas no contexto da vizinhança e que foram/são presentes na vida, de certa forma, de parte dos moradores da cidade.

Os entrevistados também afirmaram sobre como viver em meio a essa dinâmica influenciou nas suas escolhas de trajetórias criminais, conforme pode se observar nos trechos de entrevistas que seguem, corroborando com a literatura especializada (BENNETT e FRASER, 2000; BENNETT e MILLER, 2006; MILLER e BENNETT, 2015; BENNETT, 2017).

“E você acha que morar aqui te influenciou? Sim, muito. Porque a gente já era conhecido no bairro, minha família é antiga no bairro, todo mundo já conhecia a gente, a gente envolveu com pessoas do crime. Isso aí foi uma porta neh, Ai todo mundo conhecia a gente, era ‘Obadias’ pra cá, ‘Obadias’ pra lá, se

falar ‘Obadias’ todo mundo conhece. (...) *Você acha que morar aqui então te influenciou na época. Por que?* A minha moradia aqui... É porque aqui é tipo o lugar que eu nasci, né? Eu sou de São Paulo. Eu fui criado aqui. E aqui todo mundo conhecia a gente. Meus tios eram muito conhecidos aqui na região. E o que me influenciou, eu acho que foi isso. O lugar que você visita, de onde você vem. Onde você mora, quem te conhece. (...)”. (Obadias, entrevistado 3)

Com certeza absoluta, porque se eu não tivesse conhecido esse lado, vamos falar do seguinte, e se eu não tivesse conhecido esse outro lado? Eu basicamente seria um ser humano novinho, que não tinha perspectiva da novidade do mundo, mas talvez já teria dado algum passo a mais na minha vida. (...). Você pode ter uma boa educação, pode ter um bom futuro, mas onde você está, as pessoas que estão ao seu redor, elas vão dizer muito sobre você. (...). Então, eu imagino, né que essa coisa de morar, assim na periferia e tal, talvez influencie, né? (...). As pessoas que já, basicamente, vivem no limite do sobreviver pra miséria. E fica vendo televisão e basicamente não sei, o padrão que elas mesmas criam na cabeça, tá ligado? E aí, sei lá, a partir disso você cria raiva, cria inveja, cria desgosto das coisas e aí talvez você queira conseguir aquilo, né, e aí acredita que é por isso que se torna ruim a periferia. Por quê? Porque todo mundo da periferia tá na *meleca*. E basicamente quando todo mundo tá na *meleca*, com pensamento ruim, vai fazer *meleca* e vai ter um ciclo sem fim e já era. Então, basicamente sim, onde você é posto vai mudar muito a sua vida. (...) Eu já sabia que eu tinha que sair de onde eu tava e fazer algo diferente. Tanto é que eu quis muito mudar pra Esmeraldas, né? Porque eu sabia que onde eu tava, as pessoas com que meu tava, tava me levando pra algo ruim, por minha culpa. Mas as pessoas que eu socializava, basicamente...” (Esdras, entrevistado 2).

Sim. Porque nós fomos criados na dificuldade, era conviver com a falta, viver sem ter o que comer direito, comendo doação de padaria, pão dormido com aqueles ki-suco da época, não sei sua idade, não sei se você lembra disso. Meu filho nunca vai saber o que é isso ainda bem. Eu acho que sim porque não tinha muita oportunidade antes, não tinha essas coisas que o bairro tinha agora, a avenida, o ônibus passava ali era no cascalho, eu lembro. Não tinha essa coisa de ajuda nenhuma oportunidade para jovem, hoje em dia os meninos têm tudo, tem celular tem roupa vai dar tudo às vezes, eu acho que eles envolve por outras questões mesmo. Eles têm de tudo, não é igual nós, que era tudo simples. Tinha quase nada, vivia com quase sem o que comer, não tinha oportunidade hoje em dia eu vejo eles conversando aqui, se precisava ligar não sei para quem, muito status, muito isso né, mudou muito o bairro, melhorou muito, eu acho que sim o bairro influencia muito. (Sofonias, entrevistado 6)

“A minha formação foi em Neves. Eu mudei moleque pra Neves né? A personalidade que eu sou, o homem que eu sou hoje foi feito em Neves né? Então é minha cidade né? Então assim, eu sei onde eu morei né? Eu sei os lugares que eu passei, mas me conhecer foi em Neves. Então, amo muito o lugar onde eu vivo né? Gosto muito da minha quebrada também. Mas é, o que eu sou né? Vem das origens de Neves né? (...)”. (Judá, entrevistado 7)

“Por uma parte sim, por uma parte não, né? Por uma parte sim, por quê? Pelas consequências minhas, né, o meu refúgio foi o tráfico de droga. Certo? O bairro é bom. É um bairro bom. Se você for analisar, então, todo local é ruim de viver.” (Zacarias, entrevistado 8)

Desta forma, os entrevistados enfatizaram a influência do ambiente em que cresceram, assim como momentos decisivos relacionados às influências da residência local na formação de suas trajetórias criminais. O relato de Bartolomeu, que segue abaixo, também revela sobre uma vivência da sociabilidade do mundo que desempenhou um

papel importante para sua mudança de trajetória, corroborando com Feltran (2008) que analisa a coexistência entre modos de sociabilidade que fazem parte do cotidiano das famílias que residem em regiões favelizadas ou de grande vulnerabilidade social, em que há a presença de bocas de fumo, que demarcam fronteiras entre o “mundo do crime” e outras dinâmicas sociais convencionais. Essa observação de Bartolomeu e a pesquisa de Feltran enfatizam a complexidade das influências ambientais e sociais na vida dos entrevistados e como esses fatores moldaram suas trajetórias criminais. As dinâmicas do ambiente e as redes de sociabilidade desempenham um papel importante na compreensão das escolhas e experiências desses indivíduos, ilustrando a necessidade de considerar tais influências ao analisar o comportamento criminoso.

“Quando você fala, assim, que o lugar oferece crime, drogas e tal, assim, né aí você acha que o lugar que você morava e tal influenciou, assim, nessa coisa das drogas? Sim. Eu moro aqui na rua da biqueira, né? Então, querendo ou não, também as pessoas que a gente conhece aqui, mesmo sendo boas com a gente, amigas da gente, lá fora elas têm a vida delas, né? Tipo assim, meu tio mesmo, ele morreu aqui praticamente na rua da minha casa com vários tiros, quando era bem novo, porque ele era envolvido com tráfico de droga. Minha mãe também cresceu com o pessoal e, tipo assim, acabou envolvendo com o crime. Então, tipo assim, o círculo de amizade, o círculo de amizade, as pessoas da nossa própria família, tipo assim, esse é o exemplo que a gente tem, entendeu? É o que eu vi, é o que eu vivia. Muita gente, mesmo crescendo aqui, acaba não vendo isso. Mas eu sempre cresci, tipo assim, mais na rua, minha mãe sempre saiu muito, teve muita amizade, então acabava que eu via de tudo. Mesmo que o pai e a mãe da gente tenta não deixar a gente tão próximo disso, mas criança percebe as coisas, né? Então, assim, eu sempre fui muito curioso. Acaba que isso influenciou bastante no que eu via, na vivência, ao redor, entendeu? Tanto que eu quero muito que minha filha saia daqui de onde a gente mora pra ela não ter que crescer nessa vivência toda, entendeu? (...). Mas, mesmo assim, vendo isso tudo, aí você foi... Você começou a trilhar esse caminho, depois que você mudou, né? Sim, é. Até pelo tempo, né? Tipo assim, até hoje as vezes quero largar tudo, porque parece que não vai dar certo, entendeu? Tipo assim, igual eu falei, os meus clientes são tudo por aqui. Então, assim, às vezes a gente fica pensando, pô, mas por que meu amigo não tá tatuando comigo? Por que ninguém tá tatuando comigo? Mas, assim, o que eu percebi foi igual aquilo que eu falei, sobre onde eu moro, as pessoas que eu cresci ao meu redor, então tudo isso influencia, tudo é uma coisa só, entendeu? (...) Todas as vezes que eu tentei fazer alguma coisa, no final eu percebi que onde eu cresci, o que eu vi desde pequeno influenciou em tudo, na minha relação com as pessoas, no meu trabalho, nas coisas que eu gosto de fazer, entendeu? Tudo tem a ver com a minha vivência desde pequeno, entendeu?” (Bartolomeu, entrevistado 12)

Ainda sobre os relatos acima, pode-se perceber, de acordo com um dos princípios que orientam a perspectiva do curso de vida, que é a noção do ‘desenvolvimento ao longo da vida’, que, essa influência do espaço se dá durante a vida do indivíduo, gerando possibilidades da vivência de pontos de virada, já que a natureza e a extensão da exposição, assim como as experiências no contexto da vizinhança podem servir como um

veículo para os processos sociais tóxicos. (ELDER, JOHNSON e CROSNOE, 2003; BLANCO, 2011; BENSON, 2012; BLANCO e PACHECO, 2003).

2. Desvantagens cumulativas relacionados a condição do lugar e da vizinhança

Analisando as entrevistas realizadas para essa pesquisa, foram obtidos relatos sobre as desvantagens cumulativas relacionadas ao local de moradia dos respondentes. Essa ideia corrobora com Bennett (2017) que afirma que a experiência de viver em meio a fatores estressores, como a desordem da vizinhança por exemplo, pode se tornar para alguns indivíduos, um conjunto de desafios únicos e que podem ter um impacto negativo nas atitudes e comportamentos pró-sociais além de tender a atenuar a transição para os papéis e responsabilidades da idade adulta, e podem assim caracterizar as transações entre pessoa e ambiente. Também Gottfredson e Hirschi (1990) na teoria do autocontrole afirmam que a vizinhança pode influenciar os níveis de autocontrole também, dado o seu papel de socialização coletiva e controle social informal.

Esses relatos revelam a importância do contexto ambiental em que os entrevistados cresceram e se estabeleceram. Muitos deles migraram para Ribeirão das Neves, sendo alguns deles inclusive advindos de outros lugares da região metropolitana de Belo Horizonte ou do interior do Estado, em busca do tão desejado "sonho da casa própria", uma aspiração frequentemente associada à melhoria das condições de vida. Essa migração e busca por uma residência estável são comuns em áreas urbanas e periféricas, onde as oportunidades de habitação são difíceis. Esses movimentos destacam a relevância do ambiente residencial e suas dinâmicas na compreensão das trajetórias dos entrevistados, bem como a interseção entre as experiências pessoais e a estrutura social mais ampla. A análise desses relatos adiciona uma camada de complexidade ao estudo, demonstrando como as escolhas e os desafios enfrentados pelos entrevistados são influenciados por sua busca por moradia e estabilidade em um contexto específico.

“Ah, é uma história muito louca, porque o que acontece é, na época, eu era novinho, eu tinha 6 anos, minha mãe casou com o pai da minha irmã do meio. Aí foi a época que ele comprou o lote e juntou com ela e veio pra cá. A casa própria, né? É, só que tipo assim, aí você parou na sequência, aconteceu um monte de trem, né?” (Amós, entrevistado 4)

Sob esse aspecto, ao serem questionados sobre suas experiências de infância na cidade, os entrevistados dessa pesquisa descreveram um ambiente com elementos de desorganização social e falta de eficácia coletiva, e que atuaram em sentido contrário à

construção de ações coletivas, mesmo com a presença de fortes laços pessoais, minando assim a capacidade de eficácia coletiva da comunidade ou da cidade como um todo (SAMPSON, 2012). Nota-se falas sobre um ambiente caracterizado, muitas vezes, pela falta de normas consolidadas e pela ausência de controle social informal, concentração de diversos problemas tidos como desvantagens, como o desemprego, baixa renda, saúde infantil precária, falta de acesso a recursos institucionais, como escolas e outros centros de aprendizagem, bibliotecas, centros de saúde, áreas de lazer, cultura e outros, além da privação de recursos econômicos, como as que seguem.

“Ah, teve asfalto né? A pavimentação, água, luz. Antigamente era escasso né? As coisas assim. As ruas eram tudo de terra e era difícil você se locomover né? Então hoje chegou asfalto, chegou água, chegou luz. Antigamente a gente tinha que buscar água na bica né? Tinha uma mina lá, num certo lugar, onde todo mundo lavava a roupa e a gente buscava água pra fazer comida, fazer as coisas. Então, e geralmente a luz acabava constantemente, entendeu? ”. (Judá, entrevistado 7)

“Também, não tem o que fazer, né? Não tem o que fazer, não tem o que aprender, a não ser o que a gente já vê, né? Que é droga, crime, igreja, que também é uma coisa que não incentiva ninguém a nada, a não ser, tipo, assim, a fazer o bem, né? Isso dependendo da igreja que você vai. Mas, e até quando você conhece alguma coisa mesmo, tipo, o pixo, é... fica um pouco difícil, porque você percebe também que você não pode fazer o que a maioria dos outros pixadores estão fazendo, tipo assim, ir dar um rolê no centro, ou ter dinheiro pra comprar tinta pra fazer um grafite. Até quando você se descobre, as coisas continuam um pouco difíceis ainda, entendeu?” (Bartolomeu, entrevistado 12)

Vários fatores de risco que geram desvantagens cumulativas foram relatados nos bairros onde os entrevistados residiram ou residem e, que se ligam ao cenário de formação da cidade de Ribeirão das Neves, que teve sua expansão via loteamentos populares, precários e de baixo custo e que, com fraca legislação, permitiram, e em muitos casos, até a atualidade, seu povoamento sem condições básicas como asfaltamento, esgoto, energia, transporte público, falta de opções de educação e cultura para jovens e outros, que acabam por sua vez, por concentrar e acirrar os diversos problemas sociais. De tal modo, segundo esses relatos, também a erosão da infraestrutura da comunidade na esfera social e econômica age como uma grande contribuição para a desordem na vizinhança.

“(…), tem 27 anos que eu moro em Neves. Eu vim da Sumaré pra cá, com 6 anos. A gente foi, tipo assim, né, considerado uma liderança comunitária. Um dos fundadores do bairro, mesmo sendo criança, foi que chegou em primeiro, que não tinha ninguém, não tinha morador, não tinha nada. E através disso aí, várias coisas aconteceu na vida da gente, né? Crescendo sem pai, muita coisa, abraçamos o crime, mas graças a Deus, Deus deu oportunidade de tá fazendo

diferente. Na luta constante pra vida, pra todo mundo, ajudar todo mundo aí, que todo mundo é igual a nós mesmos, e é isso.” (Amós, entrevistado 4)

Outro ponto importante que foi observado nas entrevistas, é que alguns dos entrevistados afirmaram também sobre o fato de não terem o costume de sair da cidade e manterem suas atividades pela região. Isso ressalta um aspecto interessante das experiências dos entrevistados, já que as limitações de mobilidade geográfica podem ter um impacto significativo em suas interações e oportunidades. Ao optar por manter suas atividades predominantemente dentro da cidade e na região, eles podem estar sujeitos a influências específicas relacionadas ao ambiente local, que, por sua vez, podem moldar suas trajetórias de vida, inclusive as criminais.

Sobre o fato de residir em comunidades raciais e economicamente desfavorecidas, Wilson (1987), Sampson, Wilson e Katz (2018), Candipan e Sampson (2023) afirmam que existe uma tendência desta resultar no crescente isolamento desses grupos, pois eles têm tendência a ter menos laços sociais com indivíduos fora de sua comunidade e também sobre a relação do isolamento social com o estigma externo e interno, já que ele tende a corroer a coesão social da comunidade, dificultando o controle dentro da vizinhança, deste modo, reduzindo o nível de eficácia coletiva na comunidade. Esse isolamento tem sido associado pela literatura especializada da área a condições de discriminação e segregação, desigualdade socioeconômica e concentração de desvantagens, que acontecem devido a uma combinação de fatores como desemprego, pobreza, dependência de assistência pública, serviços públicos restritos, estigma racial, abundância de jovens, grande número de famílias chefiadas por mulheres, e outras características que se cruzam para produzir grandes estressores nas comunidades – aspectos esses que compõem sobremaneira, o cenário da cidade analisada. Deste modo, níveis reduzidos de eficácia coletiva resultam em aumento do medo do crime, que afeta por sua vez a eficácia coletiva da comunidade, criando ou reforçando assim um círculo de desvantagem (SAMPSON, 2012), tal qual se nota nessas falas a seguir.

“Aí você nem saía do bairro nessa época assim, não? Não, só aqui, ficava pela rua afora.” (Obadias, entrevistado 3)

“O bagulho é complicado, porque não saía daqui, só vivia isso aqui, só andava aqui, não tinha outras ideias, nada. Mas de outro lado também, eu que fui escolhendo errado, vamo supor assim. (Malaquias, entrevistado 9)

“Foi, sempre. Todo mundo era aqui, nossa senhora, ninguém sai daqui não. (...) Eu não gosto de trabalhar, não gosto de pegar ônibus, não gosto de sair daqui pra nada. Mesmo quando eu era linha frente pq eu fiquei 9 anos na linha

de frente mesmo, eu sempre fazia melhoria pros morador, levava um gás uma coisa que precisasse era cum nois mesmo. Se tinha briga nóis resolvia também. Mas tudo por aqui mesmo.” (Amós, entrevistado 4)

“(…), saía de Neves para alguns bailes pelo centro de BH, Vilarinho, nas quadras, muitos rolês em Neves mesmo, bailes, quadra, casarão. Mas muito em Neves mesmo, aqui pelo centro. Mas conforme fui envolvendo eu já tinha medo de sair, não podia ficar muito exposto, não podia sair sem arma. Já ia ficando mais reduzido e por aqui mesmo.” (Sofonias, entrevistado 6)

O envolvimento com a criminalidade aparece também como ponto negativo que diminui oportunidades sociais e retroalimenta um ciclo de pobreza. Isso, por sua vez, reforça os laços com o mundo do crime, que se torna uma das poucas alternativas disponíveis, como é exemplificado no relato do entrevistado Zacarias. Esse depoimento ilustra como a falta de oportunidades na comunidade influencia o percurso dos jovens. Zacarias, por exemplo, não conseguiu realizar o seu sonho de se tornar um atleta devido à falta de recursos e apoio. Isso evidencia a falta de investimento público na comunidade, o que dificulta a criação de oportunidades sociais para seus moradores, e também demonstra a falta do controle do nível público na comunidade. A falta de apoio para jovens talentosos, como Zacarias, perpetua um ciclo no qual o envolvimento no mundo do crime parece ser uma das poucas vias disponíveis para melhorar a situação financeira, independentemente das consequências associadas a esse caminho.

Se eu tivesse oportunidade antes, acho que eu não tinha nenhuma outra vida, só o esporte. Eu sempre quis, entendeu? Sempre quis, mas... Você acha que você não teve oportunidade assim, quando você era novo e tal? Não tinha essas coisas aqui? Não, não tinha. Aqui no bairro não tinha isso. E ninguém dava também. E ninguém dava, porque ficava com medo, né? Porque você já estava envolvido? Exatamente. Ficava com medo de acontecer alguma coisa. Mas certo mesmo. Certo mesmo, a pessoa tem que ficar com a si mesma. Né? E você entendia isso e lidava bem com isso? Eu nem ligava. Nem ligava. Vivia a minha vida. Eu queria nem saber dos outros. Eu vivia a minha vida. Eu vivia naquele mundo mesmo. Eu vivia naquele mundo mesmo. Tá? Eu vivia nesse mundo mesmo. Era eu, eu e eu. Tá bom. Eu sempre morei sozinho. Sempre fui criado sozinho. Então pra mim, nada que visse me abalava. Então eu já não ligava ... (Zacarias, entrevistado 8)

Nesse contexto, o território estudado foi caracterizado por vizinhanças com densos e frequentes laços sociais entre os moradores, mas que são marcadas também por uma limitada capacidade de controle social informal e, por conseguinte, tendem a concentrar crimes, conforme o paradoxo brasileiro da eficácia coletiva (VILLAREAL e SILVA 2006, RODRIGUES, 2006; MATTOS, 2019; RODRIGUES e OLIVEIRA 2012).

Assim sendo, a exposição crônica ao estresse urbano requer adaptação e resposta contínua, pois, exerce um efeito cumulativo que impacta negativamente os resultados de desenvolvimento social e as trajetórias pró-sociais do curso de vida (BENNETT e

MILLER, 2006). Por comportamentos pró-sociais, entendemos aqueles que são destinados a ajudar outras pessoas, caracterizadas por uma preocupação e empatia em relação aos direitos, sentimentos e bem-estar do próximo, e inclui uma ampla gama de ações, como ajudar, compartilhar, confortar e cooperar.

Para Bennett (2017) os recursos individuais podem determinar a maneira pela qual o terreno social dos espaços físicos influencia o estresse e a desordem. Com isso, a exposição crônica a estressores urbanos passa a ser um provável precursor para a aquisição de atitudes e comportamentos que minimizam os caminhos convencionais de realização e mobilidade social, em favor daqueles baseados na "código das ruas". Para esse autor, em outras palavras, os jovens que enfrentam estresses sociais e ambientais são mais propensos a considerar a criminalidade como uma alternativa viável. Os relatos de Zacarias e Malaquias, como apresentados a seguir, deixam claro que a ausência de fatores protetores contribuem para a intensificação da experiência de estressores no ambiente local.

Sim, sempre. Desde os meus 12 anos, né? Que eu vim de São Paulo. Que eu tinha perdido a minha mãe. Perdi a minha mãe com 12 anos, né? E ficava de casa em casa de parente. E não me adaptava em casa nenhuma, né? Como eu era sempre muito ativo, então eu era muito elétrico, não era aquele menino quieto, eu era bagunceiro, né? E ficava um mês, dois meses na casa de um parente e não aguentava e me mandava pra outro. Até a minha avó vir me buscar, porque eu morei na Rua A ali, ó. Daí eu fiquei com ela na Rua A, né? No bairro. Morreu ela, morreu meu avô. (...) Comecei a usar droga, comecei a fumar maconha, depois veio a cocaína, e... Aí, comecei com o movimento, com o tráfico de droga. (...). Larguei a escola, porque minha avó morreu, e eu sempre trabalhei de segurança, trabalhava de segurança na noite, só que eu trabalhava de segurança na noite e traficava à noite. Ou, se eu trabalhasse à noite, eu tomava droga dos caras que estavam vendendo, e vendia a droga dos caras. Até parar de trabalhar à noite e ficar só no tráfico de droga. Entendeu? Eu tinha dinheiro de dia, mas de noite eu não tinha mais nada. O que eu ganhava, eu gastava. Ganhava, gastava. Ganhava, gastava. Eu não via nada. Nunca via nada. Gastava em que que você fala? Porcaria. Droga mesmo. Droga mesmo. Bebida, cigarro que eu fumava, bebia. Entendeu? E na época que o pai e a mãe dela não eram convertidos, então eu já fui, como diz o outro, um alvo mais fácil ainda. Porque todo fim de semana era aquela bebedeira, a gastação. (...) Eu tinha tipo um ritual. Eu de manhã cedo, não lavava nem o rosto, não comia nada. Primeira coisa que eu fazia, era rolar um cigarro de maconha e fumar. Primeira coisa, primeira coisa, e ir pro mesmo lugar que eu ia todo dia. (...) A pessoa que fuma maconha, pra mim era um modo de escape. Como eu não tinha pai, não tinha mãe. As piores datas que tinha pra mim. Era o dia dos pais e o dia da mãe. O dia que eu sumia. O dia que eu ficava mal. E enfiava na cachaca, na droga. Era o dia que eu mais me afundava. Eu tentava esquecer isso. Porque eu via todo mundo comemorando. Com o pai, com a mãe, com a família. E eu não tinha ninguém. E não tinha ninguém pra conversar comigo. (Zacarias, entrevistado 8)

Ô, velho, tipo assim, ó, eu penso uma vez. Quando meus pais, eles separaram de vez, rolou uma treta muito cabulosa no meio, aí o que que rolou? Tipo, na hora sobrou só eu e meu irmão falecido na casa e mais ninguém, certo? Aí sabe o que que pega, assim, que tipo, da pessoa ir resolver a vida deles assim

e esquece que tem filho e tal. E pá, mas só que eu não culpo eles não, não tô culpando, porque eles estavam vivendo a vida deles, pra mim eu não tô nem aí não. Que eu tô firmão hoje, que tô tranquilo. Mas, tipo assim, aí teve um dia lá, que sabe o que é você olhar assim, no fogão, no armário, não tem nada pra você comer, e você ter 13 anos, 14 anos. E acostumado a ter tudo na mão, roupa lavadinha, comida na mesa, pela ordem? Aí você não ter nada, ficar dependendo, pedindo um vizinho um prato de comida. Só que o fato que isso aí rolou mesmo, você tá ligado? É ficção não, e é realidade. Então muitas vezes as pessoas julgam assim, olha, por aparência tem essas coisas, mas não comer um pouco de sal junto ali pra saber o que que é a realidade cada um mesmo, no dia a dia não. (Malaquias, entrevistado 9)

3. Sobre o crescimento da criminalidade violenta na cidade de Ribeirão das Neves

Um dos principais indicadores de desordem de uma vizinhança são níveis altos de crime e violência, e que é uma construção de nível de bairro que consiste em dinâmicas sociais e ambientais, como crime, criminalidade, abuso de substâncias, violência e outras formas de atividades ilícitas e que impactam negativamente os resultados do curso de vida dos seus moradores (BENNETT e FRASER, 2000; BENNETT e MILLER, 2006; MILLER e BENNETT, 2015; BENNETT, 2017). Portanto, juntamente com a constituição dos bairros da cidade de Ribeirão das Neves, os entrevistados afirmaram sobre o crescimento da violência e de homicídios, relacionados a conformação do tráfico de drogas que foi se instalando na região, como exposto no seguinte fragmento de entrevista:

“Vários, né? O X nós crescemos juntos. O Y teve problema. Quem mais lá do bairro? Nossa, foram diversos. Era amigão meus, o W que morreu. (...) Tinha um bar ali. (...). Aí uma menina tomou um tiro no peito ali e morreu. O W era da minha sala, nós éramos muito amigos. Morreu no tráfico também. Perdi Z há pouco tempo. Logo depois que eu saí do sistema. Os caras saíram lá do bairro, foram lá onde eu moro. A gente tinha passado junto... a sexta-feira ele foi lá em casa. Nós sentamos no passeio, conversando. Não sabia que ali foi à nossa despedida. No sábado pela manhã eles mataram ele. Assim, vários problemas. Vários.” (Absalão, entrevistado 10)

Nesse contexto, uma observação de Habacuque sobre a "ascensão que é uma ascensão social, marginal, cultural" destaca a complexidade da transformação que ocorreu na cidade em estudo, durante os anos finais da década de 1990 e início dos anos 2000. Esse período coincide com o loteamento e o início da ocupação dos bairros onde os entrevistados residiam. Tal cenário compõe a realidade que acontece em várias periferias brasileiras, fenômeno analisado também por Beato e Zilli (2012). Esses autores afirmam sobre a estruturação rápida e desordenada desses espaços urbanos e a falta de planejamento na oferta de bens e serviços essenciais. Além disso, destacam que a

precariedade de diversas naturezas se soma à ausência de mobilização da população, criando condições propícias para o desenvolvimento de atividades criminosas nesses locais.

“Minha família veio pra cá pensando que tava vindo pra Neves, que é interior, ano 90 e 92. Acaba tá vindo pra Neves, que é uma cidade que tava na ascensão que é uma ascensão social, marginal, cultural. *Então você acha que nessa época tava uma ascensão do crime em Neves também, né? Porque os bairros tão chegando, tá evoluindo, né?* A grande realidade, eu acho que os anos 90 e até meados de 2002, 2003, foi uma das piores épocas de Neves. Eu fui embora de Neves a primeira vez em 97, voltei em 99 e fui embora de novo em 2003. Em 2006, quando eu venho em Neves a rolê, eu tinha perdido mais de 20 parceiros, assassinados no crime aqui em Neves. Mais de 20 pessoas em 4 anos. Então assim, tô falando do meu bairro, do bairro ALFA, tô falando assim, ó. Fiquei 3 anos sem vir em Neves. Quando eu venho em Neves em 2006 pra passar o final de ano, eu tinha menos 20 pessoas pra visitar. Porque falava: “vou na casa de fulano”, “mataram, ó”, “o ciclano morreu”. O tiozinho do boteco, os meninos foram roubar, e mataram. A X do trailer, “mataram ela”. Então assim, foi uma época muito violenta. E eu entendo hoje que era processo de Deus, porque se eu não saio de Neves, na época que eu saí de Neves pra morar em São Paulo, com quase toda certeza, eu era mais uma vítima dessa estatística.” (Habacuque, entrevistado 5)

Esse cenário se alinha com a análise de Feltran (2008) que analisa um aumento da criminalidade violenta nas favelas e periferias do Brasil a partir dos anos 2000. Nesse período, passam a coexistir dois mundos, o convencional e o do crime, ambos legítimos como formas de vida nas periferias. Essa dualidade torna-se mais evidente nas gerações mais jovens, nascidas nos anos 1990, que enfrentam crises em áreas como trabalho, família, religião e mobilidade social, moldando seu processo de autopercepção enquanto ser social. Nesse contexto, a divisão entre o que era considerada parte do "mundo do crime" e a órbita convencional deixa de ser algo externo. Durante esse período, membros de famílias e associações são afetados pela presença de pessoas envolvidas com o tráfico de drogas, refletindo a expansão da cultura ligada ao crime. Assim, o “mundo do crime” passa a ser parte integrante da vivência cotidiana de grupos populacionais, não mais distante da realidade. Essa análise também evoca a reflexão de Sykes e Matza (1957), sobre parte da teoria da associação diferencial de Sutherland e da teoria da subcultura de Cohen. Essas teorias ressaltam que o mundo delinquente adota normas e valores distintos daqueles valorizados pela classe média em geral e pelos respeitadores da lei, em especial, e assim afirmam sobre as técnicas de neutralização são as definições favoráveis à violação da lei, que passam a ser frequentes nas trajetórias de desviantes.

A partir das entrevistas realizadas neste estudo, observamos que as regiões que foram alvo de novos loteamentos na cidade de Ribeirão das Neves passaram por uma reorganização ou estabelecimento do tráfico de drogas, o que resultou na propagação da

violência por toda a cidade. Essa reorganização do tráfico de drogas e a consequente disseminação da violência em novas áreas de loteamento tiveram um impacto significativo nas dinâmicas sociais e na vida dos moradores da cidade. Os trechos a seguir fornecem insights adicionais sobre como essa mudança afetou as comunidades locais e a experiência dos entrevistados no contexto desafiador em que se encontraram.

“E aí depois, quando veio o bairro Girassol, né? O loteamento, aí teve um boom de violência, assim, né? Sim. Teve muito, assim, não foi? Muito homicídio, né? Foi muito homicídio. E nessa aí, que o meu irmão morreu. (...), mas eu acho que se eu não tivesse mudado o meu jeito hoje, acho que eu não estaria nem aqui pra contar a história, né? O que eu creio, né, que morreu muita gente. (...) Quem andava com a gente aqui pra contar, e que tá vivo hoje eu posso contar nos dedos, né? Morreu muita gente. Nossa. Muita gente que eu falo é muita. Muita gente que eu falo é muita. Mais de 20. Quem andava com a gente, sabe? Minha história de vida é como se fosse um milagre mesmo hoje, eu acho.” (Obadias, entrevistado 3)

E aí muito novo eu tinha uns 12 anos, já comecei a envolver com a criminalidade que já era avançada na época. Já tinha o tráfico, já tava espalhado pelo bairro e pela região, e eu fui vendo no crime a oportunidade de ter alguma coisa no crime, buscar uma melhoria de vida. Porque querendo ou não, vai chegando gente, vai chegando os bairros, o tráfico também, porque muitas biqueiras, muita droga. Porque pra comprar uma coisa era difícil, meu avô tinha que trabalhar muito as vezes pra mim dar as coisas, uma calça, roupa, um tênis. Trabalha muito e ainda não comprava nada novo, era tipo de bazar. Aí eu fui ficando envolvido com o crime, comecei aos poucos me envolver, quando vi já tava envolvido, mas foi um processo, assim devagar no início. (Sofonias, entrevistado 6)

“Foi chegando o bairro Novo também. Isso. É porque aqui, olha só, como o Novo foi um bairro novo, então muitas pessoas de outros bairros que vieram refugiados de outras comunidades, entraram ali, e tem pessoas perigosíssimas ali, que ninguém sabe. Tá na casa boa, tá bem escondida, tá lá atrás, mas ninguém sabe quem que é a pessoa. E aqui não, aqui no bairro a gente conhece quem que é quem, que é dos antigos do bairro. Até esses novos que estão entrando ali, você sabe mais ou menos quem é. Mas lá você não conhece. E isso foi gerando guerra, né? Os caras vieram já de um outro histórico, de outra comunidade, então lá já tinha essa coisa de tiro, de matação, então eles começaram a trazer isso pra cá. E teve uma época que foi terrível. Foi, não podia passar de nove horas na rua. Você tinha toque de recolher, você tinha que ir embora dormir, você ficasse, tomava tiro. E nisso muita gente morreu, né? Morreu. E eu ficava a noite toda na rua. O que você fazia? Rodava de moto, fazendo segurança. Arrumava, subia lá pra cima, voltava, buscava droga, deixava droga, voltava. Fazia segurança do chefe, via o que estava acontecendo, dava notícia. Aí teve uma época que foi mais organizado, né? Não tinha ladrão. Não tinha ladrão de celular, esse pessoal, não tinha, por quê? Já tinha essa segurança. Se pegasse, eles matavam. Então todo mundo que vinha pra cá já sabia. Se roubasse aqui, e eles ficarem sabendo, ia atrás e cobrava. (...)” (Zacarias, entrevistado 8)

Nesse sentido, aparece com regularidade na pesquisa, a narrativa sobre como as trajetórias de vida se desenrolam em meio a transformações relacionadas à urbanização e ao crescimento demográfico da cidade, que estão intrinsecamente ligadas ao aumento da

criminalidade na região. O cenário de crimes e tráfico de drogas da região foi descrito pelos entrevistados de forma bastante fragmentada, desestruturada e independente da figura de lideranças fortes, pelo menos até o final da década de 1990 e início dos anos 2000, quando então, a partir desse ponto, esse cenário começa a se tornar mais estruturado. Consequentemente, a temática da violência e as referências a um universo criminal emergem como partes estreitamente relacionadas às mudanças nos campos estruturantes da vida cotidiana, que ocorrem em diversas partes da cidade. Corroborando com Feltran (2010), a criminalidade violenta estaria associada assim, nessa perspectiva, ao deslocamento em todo um mundo social. O entrevistado 5, Habacuque, ilustra esse processo de transformação em sua fala, conforme descrito a seguir:

“Conheço muitas pessoas, das antigas, um mucado já morreu, outros não moram aqui no bairro mais, eu trombo em outras quebradas, em outros rolês quando eu tô na pista, entendeu? (...). Hoje em dia, mudou o muito, né? Completamente. Não tinha arma, não tinha nada, não. Só briga na mão mesmo. No outro dia já tava trocando ideia. (...) O bairro era tranquilo, era tipo área rural, não tinha policiamento, não tinha criminalidade, se tinha era pouquíssimo mesmo, entendeu? Mas era pouca vizinhança aqui, e quem ia no som, brigava, era tudo conhecido, brigava num dia, num outro, já tinha que trombar por aqui, conversar. É, tinha gangue, turma, tinha um mano aqui, que ele era doidão na época, você deve lembrar do X ali, que era filho (...), e o Y (...), eles até mataram ele aí, esse Y, sô. Ele também era mó drogado, aí ele morava aqui, na rua Z, assim, perto desse som lá embaixo, ele morava naquela rua de trás ali, e depois ele foi morar lá em cima no bairro W. (...) Não, a parte da urbanização, se for olhar, isso aí melhorou bastante, só que a parte do desenvolvimento, né, o desenvolvimento traz as consequências, e quanto mais pessoas aglomeram, mais problema vai ter mesmo, na época que era menos a população aqui, era poucas, não era assim não, cresceu essa região nossa, aqui, entendeu? Então é muita treta, né? Começou a desenvolver demais aqui, cresceu os habitantes, vir pessoas de vários lugares, que nem aqui, você pode procurar aqui, é poucos que nasceu aqui em Neves mesmo, se você for diferenciar aqui, os natos mesmo, daqui de Neves e os forasteiros de outro lugar, eu acho que estão passando já, viu? Porque esse loteamento é dos anos 2000, né? 2000 começaram a vender, mas que começou mesmo, foi tipo 2006, 2007, já começou a ter casa. Deu uma evoluída, isso aí chama desenvolvimento também, né? Então, você acompanha. Quanto mais pessoas... Mas os problemas crescem. Aí os problemas vêm junto, hein? E isso vem as coisas boas e ruins também.(...) (Malaquias, entrevistado 9)

A eficácia coletiva, conforme a definição de Sampson, Raudenbush e Earls (1997), contribuiria para inibir a ação violenta na área, se convertida em disposição para intervir, atuando coletivamente contra o problema, e assim fazendo a população se sentir mais segura ao ocupar os espaços disponíveis para lazer, circulação e vigilância natural, por exemplo. Nesse sentido, o cenário narrado pelos entrevistados, se mostra inverso a essa definição, ou seja, trata-se de um espaço onde a desordem e o crime são entendidos como manifestações produzidas por um mesmo mecanismo causal, que é a perda da

capacidade coletiva da comunidade de exercer o controle social em seus limites, o que na perspectiva da eficácia coletiva explica as diferenças entre o nível de segurança e ordem nos bairros. Assim, a ausência de eficácia coletiva causa desordem e o crime emerge como parte da ausência de controle social da comunidade (SAMPSON, RAUDENBUSH e EARLS, 1998; SAMPSON, RAUDENBUSH, 1999).

O relato anterior mantém uma relação com a análise realizada por Beato *et al.* (2009), na qual os autores destacam um estágio inicial de estruturação das atividades criminosas no território brasileiro. Isso não se refere apenas ao tráfico de drogas, embora esteja intrinsecamente entrelaçado, e que tem uma lógica mais societária do que econômica, o que leva a que muitos episódios de guerras entre gangues e grupos criminosos sejam por motivos banais ou vinganças, retaliações, conflitos, trocas de tiros, traições, crueldades e chacinas de diversas naturezas. Além disso, de acordo com Beato *et al.* (2009), os fatores sociais também desempenham um papel na criação das condições para a eclosão da violência. Isso inclui a presença de famílias desestruturadas, gravidez precoce, tempo limitado na escola, além alcoolismo e uso de drogas, que criam igualmente o contexto para o surgimento de gerações de jovens com supervisão insuficiente, cujos familiares têm controle limitado sobre seus comportamentos. Nesse contexto, as entrevistas informaram sobre confrontos entre gangues e questões relacionadas ao tráfico de drogas que frequentemente resultaram em violência na região, como descrito nos fragmentos de entrevistas que seguem.

“É, é violento, né? Era violento, sempre foi violento, né? Então, assim, teve um período que teve uma matança meio generalizada, né? Os meninos, teve duas facções, né? Sevilha A, Sevilha B, e a do Rosaneves, onde é o comando lá, né? Com os novos comandos que queriam, um queria tomar o comando do outro, né? E isso aí gerou muita morte, né? Gerou muita morte e tudo. E aí, é, tipo de sentido, vou por de duas, três ruas pra cima da minha casa e tudo, a gente não podia ir. Se passasse, pra bala, era inimigo, entendeu? Era, foi um período muito perigoso que teve, né? Foi muitos mortos achados dentro de cisterna, foi muita gente que morreu mesmo, entendeu? Dentro do tráfico mesmo, gangues, entre eles mesmo se mataram, né? Foi uma coisa, foi um período muito difícil, né? Mas muitos sobreviveram, né? E eu sou um sobrevivente, graças a Deus. Mas eu perdi muitos camaradas também. Infelizmente, né?” (Judá, entrevistado 7)

“E nisso aí, eu fui só me afundando, até eu parar de trabalhar à noite, eu conheci minha esposa, só que aí eu me envolvi com o pessoal (...), na época que estava uma guerra aí, uma tiraída, nessa época eu estava aí também. (...) O bairro ficou violento, matavam por pouca coisa. A toa. A toa matavam. Só de olhar, e se o cara olhasse pra mulher do outro, dava de noite, se encontrasse, já era. Né? (...). Não tem tanto porque agora o chefe não está aí mais, né? E no caso, por que que acontece? Porque ele queria o domínio só para ele. Ele queria dominar a região toda. Então, não é assim por só. Não tráfico de droga não. Pode ter 300 bocas. Entendeu? Mas querendo ou não, vai sempre ter guerra.

Sempre um vai caçar a guerra com o outro. E ele não. Ele queria ter uma coisa só. E aí que trouxe muita guerra. Que trouxe muita guerra. Porque as pessoas não iam aceitar ser submisso. Entendeu? Muitos iam por quê? Pelo medo. Mas outros não. Outros não. Aquele velho ditado, atrás de um morro, tem morro.” (Zacarias, entrevistado 8)

A influência da implantação de várias penitenciárias no território de Ribeirão das Neves também foi relatada por um entrevistado como fator relevante na compreensão da dinâmica da cidade. Além de criar um estigma negativo que afeta a imagem da região, a presença dessas instituições prisionais também é vista como um fator que contribui para a disseminação do crime na área. O relato do entrevistado lança luz sobre as complexas interações entre fatores sociais, econômicos e estruturais que moldam a realidade de Ribeirão das Neves.

“É (*meus pais*), achavam que Neves era roça nos anos 90. Neves é interiorzinho de Belo Horizonte, “Venda Nova já tá ficando violenta, vão pra Neves”. Só que chega em Neves, pô, Neves tem 7 presídios hoje. A população carcerária de Neves hoje é 10 mil presos. Uma grande parcela dos familiares desses presos mudam pra Neves pra poder ficar perto. Então, tipo assim, quando eu mudo pra Neves, a grande periferia de Neves, a grande maioria era familiar de preso. A grande maioria tinha mudado pra cuidar dos presos e vivia de tráfico, vivia de crime também. Então, tipo, não foi uma boa escolha vir pra Neves Na verdade, vir pra Neves só acrescentou mais.(...) Hoje não, as cadeias já estão estabelecidas e tal. Mas no início dos anos 90, sim. Porque é o tempo de 90 pra cá, construir mais quatro cadeias em Neves. Então tem uma cadeia de meio que de tratamento psiquiátrico, tem mais um em frente a Dutra Ladeira, atrás da PAN, tem uma outra. Então, tipo assim, essa população carcerária de Neves hoje é ladeira 10 mil presos. Você imagina quantas pessoas vêm visitar, de um mês, 15 dias. Tem gente que não vem de longe, já muda pra cá. Então hoje não, mas nos anos 90 a influência era muito grande das cadeias. Muita gente saía da cadeia e não ia embora, ficava vivendo aqui em Neves. O cara sai de cadeia, veio do tráfico, ele ia fazer o que nas quebradas de Neves? Quantos amigos nós perdemos aqui, morreram de guerra com os caras que saíam da cadeia? Quantos caras que saíam da cadeia e vêm viver aqui perto e o bairro era da hora, não tinha problema? E depois que o cara mudou pra quebrada, o tráfico começou a brotar. Fala em 91, 92, 93. *Porque aí a galera ia levando o tráfico de drogas*. O cara vivia do tráfico, o cara vai 5, 6 anos, sai da cadeia. Não tem pra onde ir. Já tem um monte de amigo que fez a sua influência, tá de saidinha... Nós conhecemos muitos caras, muitos caras que vêm pra cá e ficam morando pelos fundão aqui, fundão do Rosaneses, fundão do Neviana, fundão do Barcelona, do Santinho, que eram as áreas que estavam em evolução, no fim da cidade. *É, tipo os loteamento novo, né?* Sim, aonde um lote é barato, aonde um barraco é barato, aonde uma invasãozinha é barato, entendeu? Então por ali o bairro tá começando, o cara vem com sua experiência, do Cafezal, do Taquaril, o cara veio do interior, o cara veio de outro estado, então ele se estabelece ali. Não tem ninguém pra frear ele marginalmente. Hoje não, hoje o crime se organizou, hoje não é mais bagunçado. Os caras saem de cadeia, os caras pedem bênção nas quebradas. Mas nos anos 90, não.” (Habacuque, entrevistado 5)

Cabe ainda ressaltar que a questão da implantação das cadeias na cidade sempre foi um debate público local, que teve pouco ou nenhum apoio dos cidadãos. Para Lanfear

(2022) um efeito da eficácia coletiva de uma comunidade pode se estender também em relação ao ambiente construído, o que não acontece na cidade estudada, pois mesmo que a implantação de cadeias fosse algo indesejado pelos moradores, os mesmos não foram eficazes para tornar a cidade inelegível para tão ação.

Outro ponto importante que surgiu na análise das entrevistas, foi que ao serem questionados sobre sua relação com a vizinhança, os entrevistados descreveram sobre a falta de eficácia coletiva das comunidades. Além disso, mencionaram a presença de locais na cidade onde armas, drogas e grupos de jovens envolvidos em atividades ilegais eram uma realidade. Uma observação relevante é que, em alguns relatos, também há uma certa idealização na relação entre traficantes e a comunidade, como uma forma de justificativa de sua ação, sem considerar adequadamente a forma como sua ação leva ao aumento da tensão, divisão, da “sociabilidade violenta” (MACHADO DA SILVA, 2004). Esses elementos, por sua vez, minam a coesão social da região.

“Eu vou te falar uma coisa que eu escuto muito de moradores, ‘o sistema é falho demais, mas o crime não’. O crime é certo e certo e o errado é cobrado. Os moradores têm noção que se for roubado vai ter com quem recorrer, se eu posso voltar do meu serviço e descer do meu ponto de ônibus e ir para minha casa porque tem gente observando... no dia que eu fui roubado não tinha uma viatura perto. Então o sistema é falho, os moradores uns não, alguns sim, preferem correr atrás do crime para ajudar para resolver os problemas é o que tem ali naquele momento é o que elas sabem que vão dar resposta, por mais que seja errado, por mais que seja doloroso... é o que eles acham que eles vão ter ali o apoio que eles precisam, naquele momento. O marido vai lá e agride a mulher eles vão lá e resolvem, com a polícia vai lá e debocha da mulher e fala tá lá porque gosta, não sabe o proceder não sabe como a pessoa é não entende que muitas donas de casa passa aquela dependência porque não tem uma economia boa, não consegue sair de casa tem filhos, acham que é safadeza que gostam de apanhar, e já escutei bastante isso falando para minha mãe, falando eles queriam que a gente sáísse que deixasse o lote para o meu irmão, mas e a gente? As pessoas do crime tem um mantra, que é sempre respeitar morador. Eu acho que respeitando a gente recebe respeito, então quando eu mexia, sempre me respeitava me cumprimentavam, qualquer problema vinham atrás de mim, eu sempre resolvia, era telefone roubado, que se aparecer lá a gente segurava e devolvia.” (Neemias, entrevistado 1).

“Sobre o tempo que você ficou envolvido o que os vizinhos falavam? Alguém intervinha? Eu vou te falar com você viu, eu não sou dessas pessoas, assim... Eu não ligo pro que os outros falam. Eu fazia meu corre ali e não ligava, não tinha essa noção. Ninguém tinha coragem de falar nada com nós. Mas também quando precisava, os morador vinha pedindo favor neh, então nós tava ali. Nunca tive denúncia nem nada. Nunca tive. Era suave demais. Malandrão grande mesmo botava todo mundo pra correr, mas bandido safado porque se fosse alguém grande, tava ferrado hoje em dia...(...) Você fala e eles respeitam, então? Sim, tem que respeitar. Nós num era pouca coisa não, eu era linha de frente do tráfico, era nove anos, o povo tudo me conhece, até hoje se precisar nós resolve, porque ja fiz muita coisa aqui.” (Amós, entrevistado 4)

Juntamente com as condições sociais deterioradas do local, a provisão de justiça e as organizações encarregadas de implementá-la localmente tornam-se também um problema social, o que de acordo com Beato e Zilli (2012), compõe uma das dimensões da desigualdade e que são por vezes negligenciadas pelas análises sobre a provisão de serviços públicos, cenário descrito por alguns entrevistados. Essas narrativas incluem relatos sobre ações políticas truculentas que ocorrem na região. Os entrevistados destacaram episódios em que a atuação da polícia foi caracterizada por abordagens agressivas e arbitrárias, o que contribuiu para uma atmosfera de tensão e desconfiança na comunidade. Esses eventos, aliados a outros fatores, desempenham um papel importante na complexa dinâmica da criminalidade e da violência na cidade.

“A polícia sempre chegava regaçando, até hoje. Nunca gostei, na minha cabeça nunca fez coisa boa pra nós, só batia... já vi cada coisa, cepando os muleque, sem dó. Nunca fizeram coisa pra nois, o exemplo não tinha. Pra você ver, atualmente a festa das criança (...) Apareceram depois perguntando nós, fazendo a ficha, acho que era pra levar nome que ajudou só pode, mas não fizeram nada, porque não tinha denúncia. Que denúncia que ia ter de festa de criança, num sábado com sol quente, de dia, de manhã, começou 09 horas foi até de tarde. Que denúncia que tinha. Pra você ver, nunca fizeram nada de bom, nunca teve exemplo bom.” (Amós, entrevistado 4)

Zacarias, o entrevistado número 8, compartilha detalhes sobre como usava seu conhecimento do bairro e do ambiente para ocultar questões ilícitas e evadir-se das ações policiais. Seu relato lança luz sobre a habilidade de adaptação de indivíduos envolvidos em atividades ilegais, que exploram suas redes de familiaridade com o ambiente local para evitar a intervenção das autoridades. Essas estratégias, como as descritas por Zacarias, demonstram a complexidade das interações entre a criminalidade, a comunidade e a aplicação da lei na região.

“E assim, nessa época, vocês tiveram problema com a polícia? Tivemos. Mas eu nunca fui preso, acredita? Não tem meu nome sujo, nunca fui preso. Os policiais sabiam de mim e tudo. Tinha até policial que chegava e me dava toque. Aqui, ó. Não sei se você já ouviu falar dele, mas é o X. Ele era um cara matador famoso aí, ó. É, na época. E nessa época eu traficava, eu ficava ali no bar. Ele sentou do meu lado, assim, um dia. Eu não conhecia ele. Eu não sabia. Aí ele pegou e falou comigo assim, falou assim, “ah, você que é fulano de tal?” Eu falei “sou”. Aí ele pegou e falou comigo assim, aqui ó. “Vou te falar to vendo que você é uma pessoa boa, sai fora disso. Antes que complica mais você.” (...) Graças a Deus, nunca fui preso. Eu não me limpei. Nunca fui preso. Fizeram operação, uma vez, tentaram chegar lá em casa, mas não achava nada. Por quê? Colocava na fazenda. Eu guardei na fazenda. É onde eu ficava mais, né? É, que você andava tudo ali e sabia tudo. Sabia onde estava tudo.” (Zacarias, entrevistado 8)

Outros entrevistados afirmaram sobre se utilizar do estigma negativo e dos preconceitos, relacionados a questões de gênero e da sujeição criminal (MISSE, 2010) e que perpassa por vezes a ação policial, como forma de driblar a polícia.

“Mas por que você acha que não tomou o pulão antes? Não sei, mas eu sempre tive esse meu estilo de andar, eu também tinha um truque né, passou perto eu já mostro que eu sou homossexual, de jeito que eles desconfiam menos, o preconceito ajuda. Eu acho que a gente tem que ser assim o preconceito não está aí, então vamo usar ao nosso favor... não dessa maneira né mas, mas era o único jeito. Eu posso acreditar que isso me ajudou bastante. Mas eu também sou uma pessoa que sei muito bem olhar no fundo dos seus olhos e mentir se eu quiser. Então a todo momento, que rolava, passou perto então olhava dentro dos olhos deles. Se quando um ali não tava devendo nada ficou nervoso e sai andando eles iam atrás deles. Então era a inteligência, nós sempre tivemos inteligência nós nunca caímos, então ele sempre gostava muito da gente, entrando dinheiro saindo dinheiro o dia inteiro. O dia inteiro era aquela movimentação, era a galinha dos olhos de ouro deles. Só que aí um dia né a sirene toca, e eu perdi R\$ 15.000 em droga. A polícia levou tudo, me levou, além de eu ter sido preso gastando com advogado e até hoje... Então eu falo isso não é vida boa não, não aconselho.” (Neemias, entrevistado 1).

“Era um negócio assim, quando a gente ia fazer algumas coisas, eu era mente pensante. Então, se chegasse com a roupa não adequada, eu não deixava ir. Se você não trocasse de roupa, você não ia, de jeito nenhum. Boné? Nem pensar. Porque são coisas que atraem os olhares da segurança pública. Eu não queria isso, eu queria sentar em um lugar, e sentar, como qualquer pessoa, uma pessoa comum. Eu não queria estar ali com o foco de... “Olha, aquilo ali a qualquer momento a gente pode ter uma surpresa.” De jeito nenhum. Então, eu era a mente pensante de muitas das coisas que ia fazer. E se eu tratasse alguma coisa, a gente sentava aqui, tratava aqui pessoalmente, porque eu não falava em telefone, portanto não fui pego em grampo, eu não falava em telefone. E amanhã, se você me ligava, perguntava qualquer coisa, eu não te atendia, porque a gente já tinha combinado um dia antes. Eu não falava no telefone sobre esse tipo de assunto.” (Absalão, entrevistado 10)

Durante uma conversa informal para triangulação dos dados da entrevista de Absalão, um vizinho afirmou inclusive que *“quando ele foi preso, tinha uma bíblia em cima do painel do carro dele, ele disfarçou muito bem e por isso o choque geral quando ele foi preso”*.

Todo esse contexto, dialoga com o processo de consolidação de uma “subcultura da violência” e também de uma forma de “sociabilidade violenta”, analisados por Paes Manso (2005) e Machado da Silva (2004) respectivamente. Esses dados remontam também a clássica teoria da subcultura da criminologia (COHEN, 1955), e que surge no contexto estudado, marcado por disputas entre vizinhos em função da pouca ou nenhuma regulamentação fundiária, pela presença precária e violenta do Estado, pela falta de provisão democrática dos serviços de justiça, pela baixa consolidação normativa e escassez de recursos, serviços e infraestrutura. Tudo isso compõe as fronteiras de tensão a qual a tese de Feltran (2008) se refere, onde o ‘mundo do crime’ e outras dinâmicas

sociais convencionais convivem diariamente na vida social das periferias urbanas pós anos de 1990.

Dentro desses contextos, a naturalização do uso da violência como um meio para obter recursos, resolver conflitos e até mesmo como um mecanismo de mediação nas relações sociais é uma ocorrência comum e que acaba contribuindo para a conformação de um código moral, comportamental, valorativo e relacional. Os entrevistados relatam a influência de uma cultura de criminalidade e marginalidade que os envolveram em trajetórias criminosas, propagando símbolos, valores e ideias que reforçam uma visão do crime como algo positivo.

Inclusive, no fragmento da entrevista de Habacuque logo a seguir, fica exposta a influência da indústria cultural na subjetividade da juventude periférica. Esse é um tema que merece uma exploração mais aprofundada em estudos subsequentes, uma vez que a estetização da criminalidade pode ser bastante complexa. Além disso, esse aspecto evoca as teorias clássicas de Burgess e Akers (1966), que afirmam que estímulos sociais, como a mídia, desempenham um papel importante no aprendizado de comportamentos desviantes, pois chamam a atenção para aspectos proeminentes da sociedade.

(...) Nossa, essa ideia de ideologia marginal faz todo sentido. É, porque, na verdade, é uma construção psicológica, né, e eu digo que eu acabo sendo fruto dessa construção psicológica na junção de dois fatos, um fator, que era a influência da música, a influência do gangsta rap, a influência da cultura hip-hop marginal da época, que pra muitos do rap, do hip-hop, é uma saída, é uma oportunidade, pra outros é uma decadência. É a mesma coisa do cara que escuta música sertaneja demais, vivendo um momento da sua vida pessoal ruim. A música sertaneja não é uma música que agrega, é uma música que traz peso sobre o sofrimento pessoal do cara. *Manda o cara beber pra resolver os problemas, né?* É, ele vai escutar a música, e fala que a mulher traiu o cara e foi embora com o outro. Então aquilo não vai trazer paz pra ele, vai alimentar o ego dele. É a mesma coisa do cara que escuta reggae demais e é maconheiro. Ele acaba colocando no reggae a desculpa da maconha. É igual a pessoa que era, a menina de 14, 15 anos, tá começando a descobrir a sexualidade e o funk, entendeu? E também essa coisa do gangster rap, assim, essa coisa... E também essa coisa do gangster rap, assim, essa coisa.... Hoje em dia eu vejo isso assim, né? *No rock and roll também tem uma coisa muito anticristo, niilista.* Sim, a influência do heavy metal, do metal, do rock.... Sim, a pessoa acaba colocando ali, aprendendo com uma cultura.... Então é justamente isso que eu tô falando. Eu tava numa fase onde naturalmente uma criança de 14, 15 anos sem uma boa influência de família, ela é automaticamente assediada pelas ruas. Pelo vício de droga, bebida, sexo, rolê, a balada, as pessoas mais velhas.... Então quando você, junto a essa fase de idade, você conhece um estilo musical que te dá todo o suporte àquilo.... Tinha lá o Jumbo Dog Doc, os Dr. Dree, Dreezy, o Tupac... os caras que falavam que viviam do crime e que viver do crime era bacana, e aí no crime tem um monte de puta, no crime tem um monte de droga, no crime tem um monte de arma, só via os cara se dando bem, os carro dahora. Porém, na época que eu me converto, em 2008, a grande realidade que eu me deparei olhando pra trás foi que o maior ícone do gangsta rap, Tupac, tinha sido assassinado. O seu maior rival gangster rap, que é o Notorious B.I.G., tinha

sido assassinado. O Jay-Z, que é o pai do gangster rap da WWA, tinha morrido de AIDS. Entende? E o Sabotage tinha sido assassinado aqui no Brasil. Então quando você começa a olhar a nata da história, da base da música que eu curti, não tinha sucesso. Não tinha sucesso. No fim era só desgraça. Aí você vai que Tim Maia...no, rock and roll. Vai lá no lá no Renato Russo, você vai no Chorão... Então você acaba vendo que é uma grande influência que a música tem sobre a sociedade, que ela não é positiva, ela é negativa.” (Habacuque, entrevistado 5)

“ Mas você acha que assim, e aí antes, né? A influência da sua família e tal, de ter filhos, isso não impediu também que você entrasse pra isso? Não, impediu, né? Mas é porque até então você não tá voltado pra valores de família, você tá voltado pra valores de quem quer se dar bem, né?” (Miquéias, entrevistado 11)

Assim, conforme a apresentação da realidade da cidade que analisamos aqui, seu cenário compõe um contexto de desorganização social e que afeta, de várias formas, a conformação de trajetórias dos indivíduos que vivem nesse espaço.

Dialogando também com outros autores da sociologia brasileira que teorizam sobre o fenômeno social que acontece nas periferias urbanas brasileiras, que passam por um processo de “acumulação social da violência”, em termos muito semelhantes aos que Michel Misse (2008, p. 379) definiu para a realidade do Rio de Janeiro, e que é análogo a uma “síndrome” que envolve uma “circularidade causal acumulativa” de fatores. Um deles é o que o autor denomina “sujeição criminal”, uma espécie de internalização subjetiva do estigma social de criminoso que acomete muitos dos jovens que crescem nesses ambientes forjados pela proximidade com o “mundo do crime”. Dessa forma, de acordo com esse autor, observa-se que o processo de constituição da paisagem urbana de Ribeirão das Neves, com seus indicadores sociais, falta de planejamento, estigmatização negativa, migração e exclusão social e outros, que se aproximam dessa ideia.

De acordo com Beato e Zilli (2012), esses fatores sociais também são importantes para a criação de condições que favorecem a eclosão da violência. Em territórios historicamente violentos, nos quais a normatividade é pouco consolidada e os serviços de justiça são precariamente proporcionados de forma democrática, episódios de agressão, desavenças e conflitos, como na cidade de Ribeirão das Neves, muitas vezes adquirem características de problema privado, devendo ser resolvido sem a interveniência de autoridades públicas e, em muitos casos, por meios violentos.

De tal modo, nos termos de Machado (2008), apesar do entendimento popularresco sobre a sociabilidade violenta como algo inerente aos infracionais e aos territórios periféricos, não se nasce um portador de sociabilidade violenta, contudo esta é apreendida ao longo de trajetórias familiares, escolares, comunitárias, ou seja, é o acúmulo de

experiências que podem conduzir a um engajamento nessa forma de vida, ou seja, trata-se de um processo social, o qual busca-se analisar nesse estudo.

Assim, o lugar, entendido como um princípio fundamental da teoria da desorganização social e da eficácia coletiva emerge como um fator determinante no que diz respeito ao surgimento de comportamentos ilícitos. Bairros sobrecarregados pelos desafios da pobreza, desemprego, abandono escolar e instituições sociais em declínio são frequentemente considerados menos capazes de cultivar um senso de eficácia coletiva, especialmente quando faltam redes sociais formais e informais robustas (SAMPSON e GROVES, 1989). Como resultado, indivíduos que residem em bairros marginalizados podem se ver imersos em um ambiente sociocultural que valida comportamentos imprudentes e arriscados, incluindo a violência e a criminalidade (SAMPSON e WILSON, 2005). Nesse sentido, as entrevistas realizadas neste estudo reforçam essa ideia, ao analisar as trajetórias de vida de jovens e adultos que vivem na cidade.

Outros estudos desse campo de conhecimento afirmam que dados os processos sociais tóxicos e as características ecológicas de muitos bairros socialmente desordenados, as ramificações, seja tanto de curto quanto de longo prazo, sugere a exposição repetida à violência e devem ser consideradas como um determinante social importante. Portanto, a extensão em que a desordem no ambiente e a exposição crônica ao estresse urbano afeta os resultados do desenvolvimento social também pode ser influenciada pela qualidade de recursos individuais, como o apoio da família, amizades, oportunidades de emprego e outros. Esses recursos variam para cada indivíduo e sua trajetória de vida, sendo uma fonte potencial de variação, dependendo da frequência e gravidade dos encontros e interações estressantes.

Nas entrevistas realizadas nesta pesquisa, foram relatadas mudanças na organização do crime na cidade, seguindo as tendências nacionais de uma maior estruturação das organizações criminosas e do tráfico de drogas. Essas mudanças também foram associadas a uma redução na taxa de homicídios, de acordo com autores da literatura de criminologia (NIVETTE e PERES, 2021). Essa dinâmica sugere uma transformação na natureza do crime e da violência na região, refletindo as evoluções mais amplas do cenário criminal do país.

(...) Foi muito homicídio. E nessa aí, que o meu irmão morreu. Só que o meu irmão foi um caso mais diferenciado. Meu irmão, ele.... Acho que ele pegou um carro do rapaz que estava morando aqui de aluguel e ele era traficante, sabe? Aí no caso, ele fez justiça com as próprias mãos, mas...no crime, o que ele fez foi errado. Porque tinha que ter conversado com todo mundo, sabe?

Você tomar uma decisão hoje no crime, você tem que conversar com todo mundo, todo mundo envolvido, né? E ele não teve essa ideia de falar com todo mundo. Por isso que ele matou e foi embora, fugiu. Inclusive, hoje ele nem é vivo mais. (Obadias, entrevistado 3)

“E hoje em dia? Você acha como que tá isso? Você acha que mudou, Neves continuou violenta assim? Cara, não. A grande realidade de 2005 pra cá, não só Neves. Eu falo de situação Brasil. O país mudou muito. Porque o crime se organizou. As facções tomaram conta do país (...). Hoje não é bagunçado, não é ‘cada um faz o que quer’ mais. Minas Gerais tem uma influência muito mínima do crime organizado. Mas o crime de Minas, o crime das comunidades da Grande BH, de Belo Horizonte em si, o alto escalão do crime, ele aprende muito com o crime organizado de São Paulo e Rio de Janeiro. Os caras não se facionam, os caras não se organizam criminalmente, como São Paulo e Rio de Janeiro, mas eles estabelecem nas suas regiões, onde eles dominam, um pouco da visão que funciona lá fora. Então, tipo assim, não é mais assim, qualquer um ‘faz o que quer’. (...) Parou de morrer, como matava antigamente. O que gerava morte? A briga por espaço, por região, por esquina, por bairro, ponto de droga. Hoje já não tem essa guerra toda por causa de ponto de droga, porque acaba sendo uma família só, uma banca só, um cara só, pilotando regiões. (...) E você acha que Neves é assim? O Brasil é assim, né? Hoje a gente não fala de Neves, a gente fala como funciona o crime no Brasil. Isso é geral. Não é mais como era antigamente, cada um começava a vender droga na sua esquina, e quando vinha outro cara, você dava tiro no cara, e o cara saía pra outra esquina. Aí o cara chegava em outra quebrada, dava um tiro nele, ele tinha que matar... Porque aqui acontecia isso. Quando eu fui embora, mais ou menos na época de 2000, 2003, 2002, era morte demais, porque matavam um, assumiam a quebrada, vinha outro, matava e assumia a quebrada. Entende? Até chegar um povo que falou “a partir de agora é assim, e é nós”. (Habacuque, entrevistado 5)

Os relatos dos entrevistados dessa pesquisa destacaram a falta de controle social advindo dos três níveis diferenciados de ordenamento social, que são do nível privado, paroquial e público, estudados por Hunter (1985). Essa ausência de controle social afeta a busca pela ordem social na cidade estudada. A falta de eficácia e harmonia entre os setores privado, paroquial e público contribui para uma lacuna na regulação e na promoção da ordem, e essa lacuna é notável nas experiências e trajetórias de vida dos entrevistados. Esta observação enfatiza a importância da colaboração e da ação coordenada entre esses diferentes níveis de ordenamento para promover um ambiente social mais estável e seguro na cidade.

Ah, teve asfalto né? A pavimentação, água, luz. Antigamente era escasso né? As coisas assim. As ruas eram tudo de terra e era difícil você se locomover né? Então hoje chegou asfalto, chegou água, chegou luz. Antigamente a gente tinha que buscar água na pica né? Tinha uma mina lá, num certo lugar, onde todo mundo lavava a roupa e a gente buscava água pra fazer comida, fazer as coisas. Então, e geralmente a luz acabava constantemente, entendeu? Mas hoje tem asfalto, tem água, tem luz. Não, não acaba água, não acaba luz né? Mas antigamente era mais constante as coisas. (Judá, entrevistado 7)

Não tinha uma atividade, não tinha nem lugar de jogar bola, nada igual um Fica Vivo, esses projetos assim. Era o cenário, pobreza, não tinha quem cuidar, porque meus pais quando chegaram, compraram lote aqui, não tinha mais

ninguém por perto. Era só nois. E ainda continua tudo difícil mas melhorou muito. Aí no Fica Vivo nós da ideia pros muleque mais novo, eu consegui tirar de usar droga lá, tem que respeitar, ninguém faz isso mais. (Amós, entrevistado 4)

Neste ponto, é possível compreender a percepção dos entrevistados de que o controle de nível público na cidade se tornou mais legítimo ao longo do tempo, em grande parte devido à melhoria na urbanização e um aumento na presença policial, bem como outras ações do poder público em geral. A melhoria da urbanização e um aumento na presença policial desenvolveram para essa percepção, tornando o controle do nível público mais eficaz na regulação da ordem e da segurança na cidade. Além disso, de acordo com os relatos dos entrevistados, houve melhorias na infraestrutura da cidade ao longo do tempo, resultando em um maior leque de opções para atividades de lazer e cultura. Essas melhorias na infraestrutura e na oferta de atividades são descritas como elementos importantes para as mudanças nas trajetórias de vida dos entrevistados. A disponibilidade de mais opções de atividades de lazer e cultura proporcionou alternativas positivas para ocupar o tempo e a energia, afastando-os de ambientes e comportamentos associados à criminalidade. Esses relatos ilustram como a evolução das condições urbanas e da ação pública pode impactar significativamente a dinâmica social de uma cidade e, consequentemente, a vida de seus habitantes.

4. Considerações finais sobre o capítulo

Após revisar a literatura especializada na área e desenvolver um modelo conceitual teoricamente embasado, que busca explorar os efeitos da desordem na vizinhança nas trajetórias de vida de jovens e adultos da cidade de Ribeirão das Neves, nesse ponto do estudo, objetivou-se identificar e analisar a extensão em que a desordem da vizinhança e a exposição crônica a estressores urbanos impactam o desenvolvimento individual dos indivíduos entrevistados, em uma tentativa de entender a influência do lugar sobre as trajetórias criminais, bem como, a forma em que a exposição a esses fatores pode influenciar atitudes e comportamentos.

Buscou-se relacionar aqui, estressores distais com seus efeitos proximais na vida dos entrevistados. Assim, os participantes do estudo informaram sobre sua percepção do local onde vivem ou viveram para conformação de suas trajetórias criminais. Alguns concordaram abertamente e ainda descreveram um ambiente com elementos de desorganização social e falta de eficácia coletiva. Do mesmo modo, foram analisados

pontos como a tendência de isolamento do grupo estudado, a provisão de justiça, e questões sobre sociabilidades violentas presentes no espaço.

Os apontamentos dessa análise demonstram que as trajetórias de vida dos participantes dessa pesquisa, foram perpassadas pela formação da cidade de Ribeirão das Neves, e que se expandiu por meio de loteamentos populares, precários e de baixo custo. Os relatos destacam como esse cenário influenciou as trajetórias individuais de diversas maneiras e também descrevem o crescimento da violência e das taxas de homicídios na cidade, associados à transmissão do tráfico de drogas na região. Além disso, os entrevistados mencionam a coexistência de dois mundos sociais, um convencional e outro relacionado ao crime, que passou a fazer parte da dinâmica local. Essa dualidade se tornou uma característica marcante do ambiente em que viveram e influenciou suas experiências de vida.

É fundamental ressaltar que os bairros e a cidade são compostos por uma variedade de entidades sociais, incluindo indivíduos, famílias, escolas, locais de culto e muitas outras esferas que interagem de maneiras complexas entre si. Isso torna difícil separar os efeitos da vizinhança dos efeitos de outros domínios sociais. No entanto, diversos fatores na atmosfera foram consistentemente identificados como prejudiciais ao estresse social e ambiental. Dessa forma, pobreza, densidade populacional, falta de planejamento urbanístico, deterioração física, altas taxas de crime e violência e outros, são fatores de risco bem estabelecidos na vizinhança estudada que geram desvantagens cumulativas e que coletivamente, compõem o cenário de desorganização social.

Dessa forma, dialogando com outros autores do campo de conhecimento examinado, a análise das entrevistas apontou ainda para a utilidade da perspectiva teórica ecológica pode ser expandida na análise sobre o desenvolvimento social de indivíduos, pois os cursos de vida podem ser determinados também uma função das características ecológicas da vizinhança. Contudo, cabe lembrar que esses fatores ambientais são analisados como parte de um processo multifacetado, e nunca como o único determinante social.

No próximo capítulo serão apresentados fatores de risco e pontos de virada que desempenharam um papel importante na formação das trajetórias de vida e da delinquência do grupo de entrevistados, juntamente com suas análises.

CAPÍTULO 7 – PONTOS DE VIRADA E TRAJETÓRIA DELINQUENTE

Este capítulo tem por objetivo analisar a construção das trajetórias delinquentes de jovens e adultos moradores da cidade de Ribeirão das Neves (Minas Gerais, Brasil) por meio de um estudo exploratório e qualitativo. A literatura especializada da área abordou diversos fatores de risco relacionados ao início e persistência na criminalidade, que variam desde aspectos situacionais e contextuais até questões mais psicológicas. Assim, por meio da análise interpretativa de conteúdo, obtivemos categorias de pontos de virada e mecanismos socioestruturais do território periférico da cidade de Ribeirão das Neves (Minas Gerais, Brasil) que impactaram a vida de jovens contribuindo para a consolidação de uma trajetória de vida criminosa e que corroboram com autores da área.

Esses eventos desencadeadores do início dessas trajetórias criminais nem sempre são simples de compreender. Todos eles, quando perguntados declaram motivos que configuraram pontos de virada do início das trajetórias criminais. Além dos motivos declarados como responsáveis pelo ingresso dos jovens em trajetórias criminais, também foram identificados durante as narrativas, outros eventos que impulsionaram a entrada para tal. Esses eventos podem ser cumulativos aos eventos ditos como motivadores, onde a somatória das significações desses eventos propiciou o início das trajetórias criminais. Em outros casos, podem trazer elementos muito mais significativos e com desdobramentos subjetivos mais importantes do que o próprio evento assinalado pelo jovem como o motivador.

Após uma análise inicial da condição do local e da vizinhança, conforme discutido no capítulo anterior, esta seção avança para examinar outras categorias de eventos que surgiram durante as entrevistas. A figura número 3 fornece uma representação visual dos marcos temporais na vida dos entrevistados, ajudando a organizar essas dimensões de forma lógica. Espera-se com isso, ter uma organização coesa mínima que se assemelhe com o desenvolvimento do curso de vida dos jovens participantes deste trabalho, e que aparecem de forma bastante cíclica, e em formato cronológico, embora essa organização temporal não implica que essas dimensões estejam restritas a períodos de idade, pois na vida cotidiana elas se misturam e coexistem, já que não necessariamente uma dimensão tem que deixar de ser parte do curso de vida para que outra possa surgir, e também, estas dimensões surgiram de forma mais expressiva em alguns cursos de vida do que em outros, como será discutido em detalhes nas subseções a seguir.

Figura 3. Ciclo de trajetórias de vida e pontos de virada



Fonte: Elaboração pela autora.

Com base na análise dos dados, é possível identificar que as trajetórias de vida dos entrevistados são influenciadas por várias características do ambiente e estão marcadas por uma série de desafios desde a primeira infância. A falta da presença paterna é uma característica recorrente e que pode ter tido impacto no desenvolvimento emocional e social desses indivíduos. O desempenho escolar da maioria dos entrevistados foi classificado como fraco, resultando frequentemente em evasão. Grande parte desses entrevistados associou-se à pares negativos e iniciaram o uso de drogas na idade precoce, o que pode indicar uma busca por pertencimento ou uma forma de lidar com problemas pessoais. O uso de drogas frequentemente levou à associação com o tráfico de drogas e, posteriormente, ao envolvimento em outros tipos de crimes, o que apareceu como um desdobramento comum nessas trajetórias.

À medida que se envolveram mais profundamente no mundo do crime, os entrevistados contaram sobre a busca por ganhos financeiros, status e reconhecimento dentro desse ambiente, o que retroalimentou suas carreiras criminais. As trajetórias de vida estudadas foram marcadas também por perda de pessoas importantes, passagens pela detenção, sofrimento de vários tipos de violência traumáticas e que desempenharam um papel importante em suas trajetórias. No entanto, a maior parte desse grupo de entrevistados optou por desistir da carreira criminosa em algum momento. A conversão religiosa na igreja evangélica se mostrou fundamental nesse processo de mudança para esse grupo de entrevistados, e que tem como consequência marcante, o fortalecimento de laços com o casamento e família. Essa análise destaca a complexidade das trajetórias de vida desses entrevistados, que frequentemente envolve uma série de desafios e escolhas ao longo do tempo.

Em suma, as trajetórias de vida dos entrevistados refletem uma interconexão complexa entre fatores socioestruturais, desafios pessoais e eventos críticos ao longo do tempo. A influência do contexto de ambiente, marcada pela desorganização social e falta de eficácia coletiva, desempenhou um papel significativo no início como na extensão de suas trajetórias criminais, mas essas trajetórias são influenciadas por uma série de outros elementos, como problemas familiares, evasão escolar, envolvimento com pares negativo e uso de drogas.

Para oferecer uma visão mais clara dessas trajetórias, ao final do capítulo, foi elaborado um quadro de análise com base na proposição de Blanco e Pacheco (2003), que leva em consideração suas histórias de vida, idades e os principais pontos de virada

identificados nas entrevistas. Esse quadro ajuda a ilustrar as trajetórias dos entrevistados e como diferentes eventos e decisões moldaram suas vidas ao longo do tempo.

1. Fatores de risco e pontos de virada relacionados a problemas familiares e desempenho escolar

Questões acerca da família apareceram como uma temática recorrente durante as entrevistas e de suma importância para entender o curso de vida dos jovens analisados. As famílias dos entrevistados se apresentaram de forma muito diversa e com diferentes configurações, e foram retratadas como um grande ponto de referência dos jovens, principalmente nos relatos da primeira infância, mas que vai perdendo protagonismo à medida que os mesmos vão se envolvendo nas atividades ilícitas. Contudo a família volta a ocupar papel central nas narrativas, a partir do momento em que os entrevistados afirmam sobre os caminhos da desistência, principalmente após a conversão religiosa, que marca a retomada dos laços com os familiares.

A influência de bons relacionamentos familiares têm sido tem sido amplamente estudada como um componente central no desenvolvimento de atitudes e comportamentos pró-sociais entre as crianças. Diversos estudos, como os recomendados por Myers *et al.* (2018), Galinari, Vicari e Bazon (2019), e Maruschi, Estevão e Bazon (2014), destacam a importância dos relacionamentos familiares na prevenção de comportamentos desviantes e na promoção de trajetórias mais positivas na vida dos jovens.

De acordo com as teorias que embasam essas pesquisas, como as de Hunter (1985) e Laub e Sampson (1997), a família desempenha um papel crucial como um mecanismo de controle social informal. Hunter (1985), entende que as famílias possuem certo controle social informal e que podem se colocar como um mecanismo central de inibição do ato infracional, intrinsecamente relacionado tanto ao enfraquecimento dos laços sociais quanto a capacidade de exercício do controle no nível privado. Para Laub e Sampson (1997) o laço social está relacionado ao apego e compromisso gerado na relação entre pais e filhos, assim, nessa abordagem, o enfraquecimento ou a proximidade dos laços sociais na adolescência e na idade adulta pode explicar comportamentos infracionais. O enfraquecimento desses laços, muitas vezes relacionado a fatores ambientais de desorganização social, pode tornar os jovens mais propostos a se envolverem em comportamentos infracionais.

Conforme se pode observar na concepção de Laub e Sampson (1997), os laços emocionais de apego estão necessariamente conectados com as formas de controle e o monitoramento, o que facilita a ligação entre a família e a sociedade. Por outro lado, os autores afirmam que a estrutura social tende a influenciar diretamente nos processos sociais de funcionamento da família e, de modo específico, no controle social exercido por esta, sendo que os fatores ambientais de desorganização social se colocam como um desses fatores de influência. Do mesmo modo, outros fatores podem incidir diretamente nos mecanismos de controle social da família, como a instabilidade e a presença de relações marcadas por violências, tanto físicas como simbólicas.

A teoria do autocontrole de Gottfredson e Hirschi (1990) destaca a importância dos pais na formação do autocontrole das crianças. Os pais desempenham um papel fundamental no monitoramento, na proteção do comportamento desviante e no ensino de que o esforço será recompensado. Quando as famílias são fragilizadas, como descrito por alguns dos entrevistados dessa pesquisa, acontece o processo inverso, onde os pais não conseguem desencorajar o comportamento criminoso pois não sabem, muitas vezes, como reagir ao desvio dos filhos, já que carecem de autocontrole. Os sinais de ausência de autocontrole, como impulsividade, insensibilidade, busca de riscos e falta de preocupação com o futuro, podem contribuir para a ocorrência de comportamentos desviantes.

Por conseguinte, dialogando com a literatura especializada da área, nessa pesquisa, os entrevistados elucidaram processos de socialização familiar, por vezes, problemáticos, com a presença de violências, seja ela física ou simbólica, e também com a falta de supervisão dos pais, entre outros pontos, que impulsionaram a uma sociabilidade violenta nas relações familiares. Neemias, o entrevistado 1 por exemplo, afirma sobre a trajetória do irmão mais velho, que ao se envolver com o uso e o tráfico de drogas, era violento com ele e com seus parentes, gerando vários episódios problemáticos para a família.

Mas tudo começou com o meu irmão. Meu irmão começou a se envolver com droga. (...), Mas eu lembro que eu e minha mãe deitava, nós esperávamos os passos do meu irmão para saber qual de nós dois ia apanhar... A última vez que o meu irmão colocou a mão na gente eu estava com dezessete anos, né? Eu lembro que ele bateu no meu peito num dia (...) eu virei e falei assim, se você colocar a mão em mim ou na minha mãe, eu sou homem pra colocar a mão em você também. Foi dito e feito. Ele quebrou dois cabos de vassoura na minha mãe, surtado de droga por remédio. E eu tive que dar uma facada nele, para parar ele. (...) tenho lei Maria da Penha contra o meu irmão. Entrou eu, minha mãe e a ex-mulher dele. (...). Aí então hoje em dia as pessoas falam, nossa você

está cheio de tatuagens, que lotou, mas eu amo minhas tatuagens, mas poucas pessoas sabem que as tatuagens são pra tampar minhas cicatrizes que meu irmão foi deixando no meu corpo durante essa trajetória toda, né? (Neemias, entrevistado 1).

A família desempenha um papel fundamental na socialização dos indivíduos, transmitindo valores, normas e comportamentos. No entanto, como indicado pelos relatos dos entrevistados, a família também pode ser um ambiente onde os jovens têm seu primeiro contato com comportamentos desviantes e episódios de violência. Essa dicotomia entre valores tradicionais e comportamentos desviantes é uma característica comum em muitos contextos, conforme explicado por Feltran (2008).

Os relatos dos entrevistados evidenciaram a complexidade das experiências familiares, com alguns membros da família acompanhando uma vida considerada comum e outros envolvidos em atividades ilícitas. Essa dicotomia entre o "trabalhador" e o "bandido" reflete a divisão de papéis e identidades que podem ser observadas em famílias e comunidades. Essa dicotomia também é expressa a ideia de “cidadãos de bem” versus seu oposto (FELTRAN, 2008). Essa complexa interação entre a família, os valores tradicionais e os comportamentos desviantes ilustra a necessidade de abordagens holísticas na compreensão das trajetórias de vida dos jovens, considerando não apenas fatores familiares, mas também fatores ambientais, sociais, econômicos e culturais. Seguem alguns relatos de diferentes entrevistados sobre episódios de violências envolvendo seus familiares:

Minha irmã, ela é doida (...) já foi presa por surtar com minha mãe. Realmente louca, tipo louca. Se ela não tomar o remédio dela, ela realmente fica louca. Você vê como a minha família é muito produtiva. Mas eu amo todos. Só que ela também já foi no ponto também de colocar a mão na minha mãe. Hoje em dia ela não faz mais isso, ela surta, ela grita, antigamente, mas coloca a mão na minha mãe, mas ela foi presa por colocar a mão na minha mãe. Eu posso discutir com a minha mãe, eu posso ter problemas com ela na casa da minha mãe, mas a mão nela eu nunca coloco. (Neemias, entrevistado 1).

(...) meus irmãos, a gente brigava muito e aí minha mãe fora, nessa época o pai da minha irmã, meu padrasto, no caso também, aí a gente ficava assim na rua, porque brigava muito e eu ficava fora de casa e também nós era muito pobre não tinha nem o que comer, na rua eu fazia meus corre e conseguia comer fazer algum dinheiro. Aí foi indo e eu ficava na rua, aprendendo com a rua que tem muita coisa boa, mas muita coisa ruim pra ensinar. (Amós, entrevistado 4)

Porém, eu não via unidade entre pai e mãe, eu não via o resultado da fé deles como família, saca? Aos 14, 15 anos eu vejo uma desgraça dentro de casa, uma falta de unidade, uma rivalidade entre pai e mãe que acaba, tipo, rompendo aquela credibilidade de família, de religião e de fé. Nessa época a rua me assume, a rua me oferece tudo que minha família nunca ofereceu, e eu vou embora pro crime, vou viver o que o mundo me ofereceu. (Habacuque, entrevistado 5)

‘A família de vocês é muito bonita’. É, nós é fechado, mas pra chegar nesse ponto aí não foi fácil, não, foi a trancos e barrancos (...) (Malaquias, entrevistado 9)

Os relatos de violência como uma forma de tentativa de controle por parte de pais e familiares destacam a complexidade das dinâmicas familiares e as tentativas de lidar com comportamentos desviantes, como o uso de drogas. Tais experiências podem refletir sobre a preocupação e o desejo de correção por parte dos pais e familiares diante do comportamento problemático de um membro da família. No entanto, a violência pode contribuir para mais conflitos e tensões familiares. O entrevistado 1, Neemias, relata sobre tentativas de correção da família com relação ao irmão, no início de sua trajetória de uso de drogas, o que demonstra a tensão e o conflito dentro da família. O relato do entrevistado Esdras sobre ter sofrido violência por parte do pai como uma tentativa de correção pelo uso de drogas aponta para a maneira como a violência pode ser usada como uma forma de controle e violência em resposta ao comportamento desviante.

Depois disso nossa família desandou mais ainda, porque meu tio faleceu. Ele amava o *meu irmão*. Um dia ele chegando do serviço encontrou o *meu irmão* na janela do quanto dele usando droga, fumando maconha. Ele pulou a janela e começou. Eu lembro desse dia certinho, minha avó gritou, nós morava no fundo, minha mãe não sabia o que tava acontecendo. Nós subimos correndo e tava meu tio batendo no meu irmão. Ninguém entendeu. Foi a primeira confusão no nosso lote, no lote da nossa família, daí foi só desandando. Era polícia todo dia, era espada de samurai que meu irmão pegava para o meu tio, era aquelas madeiras grandes, aquelas vigas de telhado que meu irmão pegava para o meu tio, era o meu tio que descia a mão no meu irmão. (Neemias, entrevistado 1).

Meu pai sempre me julgou muito, sempre me espancou porque eu fumava maconha. (Esdras, entrevistado 2).

Outro ponto importante que surgiu nas entrevistas foi sobre a continuidade intergeracional do crime. As pesquisas apontam para a influência significativa de que o histórico criminal e o encarceramento dos pais podem ter sobre o comportamento de seus filhos. Autores da área afirmam que famílias e filhos de prisioneiros podem experimentar múltiplas dificuldades após o encarceramento dos pais, incluindo separação traumática, solidão, estigma, arranjos instáveis de creche, pais ausentes, renda reduzida e mudanças de casa, escola e bairro, além do que, filhos de pais encarcerados muitas vezes têm vários eventos estressantes na vida, antes do encarceramento dos pais (MURRAY *et al.*, 2012). Murray, Farrington e Sekol (2012) realizam uma revisão sistemática de quarenta estudos sobre o comportamento antissocial infantil após o encarceramento dos pais e afirmam que

os estudos mais rigorosos mostraram que essa condição está associada a um maior risco de comportamento antissocial das crianças. Também no formato de influências intergeracionais, como para Thornberry *et al.* (2003) que realizaram estudo prospectivo de 3 gerações onde examinaram o nível de continuidade comportamental e o papel da desvantagem econômica e dos comportamentos parentais como elos mediadores, ou seja, a pesquisa também destaca a continuidade intergeracional nos padrões de comportamento, incluindo o comportamento antissocial.

Essas descobertas enfatizam a importância de fornecer apoio adequado às crianças com pais encarcerados e abordar questões de desvantagem econômica, bem como oferecer recursos para ajudar as famílias a enfrentar essa situação de forma mais eficaz. Também é fundamental considerar que as experiências de crianças com pais encarcerados podem influenciar significativamente suas trajetórias de vida, incluindo seu envolvimento em comportamentos antissociais. Entender essas dinâmicas é essencial para desenvolver estratégias e políticas que ajudem a interromper o ciclo da delinquência intergeracional e apoiem o bem-estar das crianças em famílias afetadas pelo encarceramento dos pais.

Nessa perspectiva, algo recorrente encontrado nas narrativas dos sujeitos entrevistados dessa pesquisa foi sobre o envolvimento de familiares com a criminalidade.

(...) *meu irmão* era aquele irmão, por Deus que está no céu. (...) Então eu acho que foi o que mais desestabilizou a gente. Porque nenhum de nós tinha pai, nenhum de nós quatro. (...) mas de nós três, ele era o homem da casa. O homem caiu. O homem desviou. O homem tava colocando a mão na mãe. O homem tava colocando a mão na gente. Ele bateu em mim, bateu na minha irmã. Aquilo tudo... decepção. Decepção. É uma história grande. (Neemias, entrevistado 1).

(...) nós somos em três, eu, minha irmã mais velha e meu irmão que era o caçula e que faleceu. O nome dele era (...). Ele morreu aqui nessa rua de trás, (...). Morreu no crime, a tiros. Em 2005, dia 12 de fevereiro. (...) Eu era de menor, fui envolvido no crime. Depois eu fui sair do crime e meu irmão era de menor, continuando no crime. (Obadias, entrevistado 3)

Teve um tempo que eu fui morar em BH, com minha madrinha no Suvaco das cobras (...) Eu era novo, tinha rolado um problema com minha irmã, aí o namorado dela, meu cunhado, levou tiro, junto com os amigos lá do bairro mesmo, e aí a gente foi morar lá. Mas por um tempo, depois eu voltei de novo pra cá. Eu tinha uns 15 anos. (...) (Amós, entrevistado 4)

(...) E depois eu dou uma afastada, quando eu comecei a namorar com minha esposa hoje, porque a família dela toda, em si, é de comunidade. A família dela toda ali, ó, o sobrinho, o primo, tudo ali é traficante da Pedreira Pedro Lopes. Entendeu? (Zacarias, entrevistado 8)

Meu tio mesmo era uma péssima pessoa na rua, mas com a gente ele era bom. Então, tipo assim, essa é a vivência que eu tive (...) (Bartolomeu, entrevistado 12)

Ainda sobre a continuidade intergeracional do crime, uma série de teorias examinou a questão e de uma perspectiva mais ampla do curso de vida, esse ramo de pesquisa conecta-se bem com o princípio de vidas vinculadas e com a questão de por que a desigualdade em torno de uma multiplicidade de dimensões relacionadas ao assunto tende a ser reproduzida em gerações sucessivas (ELDER *et al.*, 2003; SIVERTSSON *et al.*, 2021). Contudo, pelo que se sabe sobre o crime e o curso da vida, a sequência normativa é aquela em que os anos de pico da delinquência se esgotaram antes dos marcadores adultos de emprego estável, casamento e formação familiar. No entanto, para alguns, a transição para a paternidade não se alinha com a cessação do delito, e os filhos desses pais podem ser considerados um grupo particularmente vulnerável no que diz respeito às condições de educação e subsequente envolvimento no crime. Assim, várias teorias criminológicas sustentam que as experiências da infância ou adolescência exercem um efeito direto e de longo prazo na adaptação posterior à vida porque a experiência ocorre durante um período de desenvolvimento sensível da vida, sendo que as bases para o desenvolvimento do crime podem já estar operando na primeira infância, ligadas às desvantagens de um ambiente onde a criminalidade é naturalizada.

Assim, embora existam razões teóricas sólidas para acreditar que a exposição ao comportamento criminoso dos pais e ao contato com a justiça criminal está de alguma forma relacionada causalmente com o delito subsequente da criança, a revisão sistemática realizada por Sivertsson *et al.* (2021) localizou um conjunto de limitações metodológicas a esse respeito. Para resumir, há necessidade de mais escrutínio empírico no que diz respeito aos mecanismos envolvidos na produção da continuidade intergeracional no crime. Embora várias teorias criminológicas nesse contexto postulem um significado causal para a exposição ao delito criminal dos pais e ao processamento da justiça criminal, também há razões para acreditar que grande parte dessa associação é explicada por fatores de antecedentes familiares. Os poucos estudos experimentais que avaliaram essa associação são inconclusivos, e há uma necessidade adicional de avaliar explicações alternativas plausíveis usando desenhos de estudo e métodos capazes de controlar confusão familiar não medida (SIVERTSSON *et al.* 2021).

De outro lado, o fato de crescer em famílias monoparentais constituídas, seja por divórcio ou morte dos pais ou ainda por ser nascido de um único pai e o envolvimento com a criminalidade são analisados por Kroese *et al.* (2021). Os autores abordam uma lacuna que existe na literatura especializada existente sobre famílias monoparentais e

delinquência juvenil, e afirmam que essa relação é muito mais complexa do que muitas vezes se supõe e ainda que, as pesquisas futuras devem prestar mais atenção à diversidade na composição das famílias monoparentais, até porque na contemporaneidade esses arranjos têm acontecido cada vez mais.

Por sua vez, as teorias do controle social já sugeriam que os adolescentes tendem a participar do crime, entre outras questões, porque carecem de fortes vínculos afetivos com seus pais, pois nesse sentido, pois esse fraco vínculo poderia estimular os filhos a passar mais tempo em ambientes criminogênicos do que com os pais. Na versão revisada da teoria do controle social, Gottfredson e Hirschi (1990) sugerem que fortes níveis de apego são difíceis de manter quando um dos pais está ausente.

A paternidade aparece de várias formas como influência para a trajetória de vida dos entrevistados dessa pesquisa. Sobre o abandono paterno, um entrevistado quando perguntando sobre a infância afirma, em tom de naturalização do abandono paterno que: *“Normal, mãe batalhadora, pai ausente, né? Fui criado com ela, minha vó, mais dois irmãos”* (Neemias, entrevistado 1). Nesse sentido, dos entrevistados dessa tese, apenas 3 dos 12, relataram sobre a presença do pai em sua trajetória. Outros seis entrevistados afirmaram nunca terem tido convivência com o pai, sendo que três desses relataram sobre tentativas de reaproximação na vida adulta. Assim, percebe-se na maioria das falas entrevistados dessa pesquisa, a ausência do pai, em ao menos parte do curso de vida dos mesmos o que impacta negativamente no provimento de recursos materiais e imateriais, necessários ao desenvolvimento desses adolescentes e jovens. Segue alguns fragmentos das entrevistas sobre esse assunto.

Conheci meu pai com 17 anos. (...). Então eu não tenho problema com meu pai. Mas eu vivo é “Bença pai, tudo bem pai, te amo pai, precisando de alguma coisa”. Ok, de boa. Meu pai é evangélico, só que eu acho ele muito forçado, porque ele fica assim “ô meu filho abençoado”, mas no sentido de pagar uma coisa que já passou, de querer pegar aqueles 17 anos que ele não passou comigo e me enfiar assim. (...). Eu não sabia como reagir eu fiquei feliz só que, eu sou uma pessoa que eu tenho tanta cicatriz não só no corpo, mas emocionalmente no coração que eu posso falar eu conheci meu pai com 17 anos eu tô com 23 anos e eu até hoje não tenho meu pai próximo como um pai. (...) ele não pode ter acertado como um pai mas ele acertou comigo demais como pessoa, não é qualquer dia que você conhece o menino de 17 anos, homossexual, que é seu filho. (...) (Neemias, entrevistado 1).

Eu fui criado pela minha mãe mesmo, nunca tive notícia do meu pai, nunca conheci. Não sei se foi porque minha mãe tinha mágoa mais aí nunca fomos atrás, ela falava que ele sempre soube onde a gente morava, mesmo endereço a vida toda e aí se quisesse ele poderia ter vindo saber de nós, mas nunca veio. Talvez seja uma coisa assim neh, que eu ainda possa resolver, de Deus colocar

no meu coração, mas eu nunca fiz, nunca fui atrás dele. (Sofonias, entrevistado 6)

Achei meu pai agora depois de 36 anos. Através do pastor. (...) Aí a gente reencontrou a esposa dele, não queria aceitar não, achou que era golpe, né? (Zacarias, entrevistado 8)

Meu pai, só por telefone. Agora depois de velho que a gente convive mais. Mesmo assim, convive mais ou menos, né? Acostumei sem ele, agora... Viver sem ele mesmo. (...). Até hoje me perturba, viu? Até hoje. Até hoje isso aí me atrapalha um pouco. Tanto que tem que ser mais próximo agora, pra resolver os problemas. (...) Pai e filho mesmo, bem cru mesmo, só o básico. E as vezes eu ia pra casa dele, mas nem era aquela coisa toda não. Eu passava mais tempo com a minha madrasta mesmo. (Bartolomeu, entrevistado 12)

Os relatos dos entrevistados evidenciaram como o interesse dos pais pode desencadear mudanças significativas nas trajetórias de vida e no ambiente familiar. Do mesmo modo, três entrevistados afirmaram que após o divórcio, seus pais se tornaram ausentes, fragilizando sobremaneira as famílias, marcando um ponto de virada negativo em suas trajetórias, e um processo de normalização da indiferença se conforma, como pode-se ver nos fragmentos que seguem:

(...) por volta dos 13, meus pais se divorciaram. Meus pais, eles sempre brigavam muito, por coisas diferentes, iam e voltavam. Eu mesmo contei umas 13 vezes que eles voltaram. E aí decidiram se divorciar, e meu pai ficou mais distante. A minha família sempre foi muito liberal, em questão de beber, namorar, faça o que quiser - desde que esteja dentro da lei. Porém, meu pai sempre foi um pouco mais das rédeas. Então meu pai não estando lá, e talvez eu tenha ficado triste, eu comecei a fumar maconha, a fumar cigarro, e a beber também, mas já bebia, né? E aí, eu comecei a conhecer pessoas novas, pessoas diferentes, que estavam no mesmo convívio, no mesmo hábito, e que na perspectiva que nós tínhamos, basicamente, vai ajudar o outro, estava todo mundo sempre drogado e feliz. (Esdras, entrevistado 2).

Meu pai sumiu, desde os meus doze anos de idade, a gente não sabe se tá vivo ou se está morto. Não sabe que que perdeu o filho, não sabe que é avô. *E você acha que isso marcou vocês?* Bastante. Porque quando a gente morava com meu pai e minha mãe a gente não tinha envolvimento. A gente tinha até medo de criminoso. Na família da gente nunca teve isso. Mas com a separação mesmo a gente foi se bandeando até envolver mesmo. (Obadias, entrevistado 3)

E aí você falou que seu pai te deu o sermão e tal, então ele era presente? Não, a questão não é que ele era presente, a questão é que era uma situação fora do normal, né. Eu tinha levado uma faca pra matar um cara na escola. Então não é que ele era presente, ele teve que se fazer presente, porque só ele resolvia isso na época. Ele ou minha mãe, mas na época minha mãe, sei lá, estava ocupada, tinha outros compromissos, e acabou meu pai indo lá. Portanto, foi mais ou menos a mesma época que meu pai foi embora de casa. (...) *E isso te marcou?* Sim, porque na realidade a gente já mudou pra Neves, vindo de Venda Nova (...) por divergência mesmo do meu pai e minha mãe. (...) Então ele já começa a ficar meio depressivo, junto com os desgastes da família, junto com o relacionamento dele que já não estava bacana, junto com os filhos que já estavam na adolescência e já trazia problemas pessoais também pra ele, acabou resultando no divórcio dele. Meu pai acabou indo embora de casa, eu tinha 15, 16 anos. Alguns anos depois meu pai acaba sendo vítima de violência

urbana, (...). O que já era pejorativo, o que já era negativo pela falta de socialização, de afeto do lado paterno, com o divórcio, com a sua ida embora, com o assassinato, meu pai já abre um rombo maior na minha mente, na história ali, né. (Habacuque, entrevistado 5)

O relato de Habacuque demonstra como os problemas familiares influenciam suas escolhas, assim como a separação dos pais, e também a ausência e depois a morte do pai, que aparece como um ponto de virada para maior aprofundamento de sua carreira criminosa. Também no relato do mesmo entrevistado pode-se observar como a sociabilidade da rua e do mundo do crime vai preenchendo o espaço da família.

Então, cara, a minha caminhada na rua, ela sempre foi envolta a marginalidade, né, a diferença é muito grande entre a criminalidade e a marginalidade. Eu, paralelo, por causa da música, por causa do rap, que é uma influência bem urbana, e a gente escutava uma linha chamada 'Gangster Rap', que é bem marginal, narrando o cotidiano marginal, criminal, isso acaba aguçando ali os desejos de viver no dia a dia, aquilo que você escrevia nas músicas, ou que você escutava. Como eu falei, minha mãe sempre trabalhou, meu pai sempre fez os corres dele, por mais que a gente não tinha unidade de pai e mãe como família, eles eram responsáveis da questão de cuidar, de alimentar, de vestir, esses bagulhos. Porém, o meu desprazer, a condição familiar e a condição urbana, a condição social, me leva ao ápice de droga, de criminalização, de marginalidade, porém, quando eu desando de verdade, que começa ali, envolta aquilo que ia trazer problema para minha mãe, polícia, inimigo, tentativa de homicídio, tentar me matar, eu tentar matar os outros, isso já era meados de 2003, por aí, bem no ano que meu pai morreu, eu decidi ir embora para outro estado, né. Eu saio daqui de Neves em 2003, 2004, e vou embora para X, onde eu vivi quase 20 anos, sei lá, eu voltei agora em 2018. E onde que tudo desfecha a minha vida, né, porque eu vou embora para X em 2004, e aí desando de X, tipo assim, através dos novos amigos, da nova oportunidade, dos novos sonhos, começo a crescer demais na música, através do rap, porém isso não traz retorno financeiro, morando longe, morando em outro estado, e aí vem a ideia de faccionar, de usar as alianças que a gente tinha na rua através da música, os parceiros, a gente sendo preso através do rap e o acesso fácil à criminalidade, usar isso para encontrar seus amigos para poder se beneficiar financeiramente. É onde eu decido andar, começar a trazer droga para o Belo Horizonte, né, porque traz arma, traz droga, e nesse esquema de aliciação ao tráfico, eu me converti em evangelho, que é um ápice muito louco da minha história. Porque uma das pessoas que eu fui em busca de arma, para mandar arma para o Belo Horizonte, ele tinha se convertido em evangelho e tinha saído da criminalidade, e eu não sabia, né. (Habacuque, entrevistado 5)

Assim sendo, para parte do grupo de entrevistados, a partir da separação dos pais e do rompimento dos vínculos com a figura do pai, houveram relatos sobre mudanças na configuração de seus núcleos familiares, sendo que passam a se organizar enquanto família monoparental¹⁴ feminina, em que a responsabilidade do provimento familiar fica

¹⁴ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), família monoparental é aquela constituída por um adulto responsável familiar, do sexo masculino ou feminino, tendo ao menos um filho ou outra criança ou adolescente sob sua responsabilidade, com a presença ou não de outros adultos na mesma unidade doméstica.

a cargo da mãe ou então, na configuração da família reconstituída, com o padrasto, ou ainda, quando outros familiares assumem o papel da paternidade ou supervisão dos filhos, como avôs e tios. Contudo, nem sempre tal estratégia foi uma garantia de cuidado efetivo. Seguem alguns relatos sobre essa realidade:

(...) Meu avô fazia tudo por mim, me levou pra trabalhar com ele. Era como um pai mesmo, o que eu sabia era ele que ensinava. Tanto que meu avô me registrou como filho, minha avó como minha mãe e minha mãe como minha irmã, no registro é o nome dele. Quando era pequeno assim não fazia falta porque tinha meu avô neh. Ele era tudo pra mim, ele que me ensinou tudo, me dava conselho e fazia tudo pra mim. Ele era carroceiro, mexia muito com cavalo, antes tinha muito isso aqui. Fazia questão de mim demais, quando não tinha um cavalo pra ir nas festas, nos rodeios, porque as vezes as tias iam, aí ele já ia lá e comprou o cavalo só pra me fazer gosto, no dia da festa. Por isso eu não senti falta mesmo de pai pq eu vivia atrás dele, trabalhava com ele com as carroça neh. Éramos muito ligados. (Sofonias, entrevistado 6)

Sim, sempre. Desde os meus 12 anos, né? Que eu vim de São Paulo. Que eu tinha perdido a minha mãe. Perdi a minha mãe com 12 anos, né? E ficava de casa em casa de parente. E não me adaptava em casa nenhuma, né? Como eu era sempre muito ativo, então eu era muito elétrico, não era aquele menino quieto, eu era bagunceiro, né? E ficava um mês, dois meses na casa de um parente e não aguentava e me mandava pra outro. Até a minha avó vir me buscar, porque eu morei na Rua A ali, ó. Daí eu fiquei com ela na Rua A, no bairro. Morreu ela, morreu meu avô. (Zacarias, entrevistado 8)

Eu não conheço, nunca vi meu pai. Nunca, nunca. Só que isso não me abala não, tá ligado? Não, porque tipo assim, eu penso uma coisa, quando você faz uma coisa pra pessoa, você faz é porque você gosta, porque você quer, sem compromisso. Agora você exigir sentimentos, não tem como você comprar (...) Tinha apego com o pai da minha irmã neh, mas também depois que separaram ele fica pra lá. (Malaquias, entrevistado 9)

Assim, nestas configurações familiares, a protagonista dos cuidados e responsabilidades que sempre aparece, é a mãe dos entrevistados. Contudo, sobre o relacionamento dos entrevistados com suas mães, foram relatadas situações de conflito e rebeldia, o que levou alguns deles para um caminho de independência. A falta de supervisão, muitas vezes condicionada à configuração familiar e econômica, propicia um espaço temporal na rotina dos adolescentes onde eles acabam estabelecendo relações e executando comportamentos sem um crivo crítico de um adulto responsável, o que enfraquece os mecanismos de controle que a família dispõe. Estes aspectos dificultam a regulação efetiva sobre o comportamento das crianças e adolescentes.

Eu posso discutir com a minha mãe, eu posso ter problemas com ela na casa da minha mãe, mas a mão nela eu nunca coloco. (...) minha mãe me deixou com uma televisão e com uma cama na minha casa só, eu tinha 17 anos (...) (Neemias, entrevistado 1).

Porém, minha mãe não tinha consciência de nada que eu fazia porque nesse período da vida, não sei porquê, mas eu não me dava muito bem com ela. A

gente sempre foi muito igual. Parecia que sempre dava choque. Agora a gente sabe lidar. Mas antes eu não tinha muito interesse e não dava muita satisfação. E ela também, ficava muito triste, obviamente, por ser mãe. Mas não tentava me segurar. Já tentou internar, fazer tudo mais. Mas não conseguiu... Porque eu estava numa situação crítica. (Esdras, entrevistado 2).

Também foi recorrente assim, que nessa nova configuração familiar monoparental feminina, onde a mãe adentra o mercado de trabalho para obter renda para garantir o sustento familiar, a condição de cuidado único do seu núcleo familiar, assumida pelas mulheres, acaba por acentuar a situação de vulnerabilidade social, uma vez que, além das questões financeiras, inserir-se no mercado de trabalho formal nem sempre é possível e, nesse caso, resta apenas a possibilidade de tentar a inserção no mercado informal de trabalho, que oferta baixos salários e condições precárias de trabalho. Dessa forma, as configurações familiares, juntamente com os fatores ambientais e econômicos, impedem que haja um adulto responsável pela vigilância das crianças e adolescentes o todo tempo. Quando as pessoas responsáveis por esta vigilância necessitam trabalhar fora de casa para garantir o sustento familiar e não tem condições de terceirizar essa vigilância, seja pela rede de apoio ou pela contratação de profissionais específicos para essa tarefa, os adolescentes passam muitas horas do dia com autonomia suficiente para enfraquecer o controle exercido pela família. Outra vulnerabilidade social que se apresenta nessa realidade é a falta de suporte no cuidado com seus filhos, e que é alimentada pela ausência políticas públicas, como escolas integrais e creches, como descrito nas falas a seguir.

Mas pelas condições difíceis a gente fica tudo meio largado assim, todo mundo trabalhando, as tias mais nova que cuidava assim, mas eram muito novas também. Quando vieram a descobrir da escola, demorou tempos... (Sofonias, entrevistado 6)

Eu saí da escola porque quando minha mãe e meu pai separou, a gente voltou pra casa da minha avó. (...). Ai a gente voltou pra casa da minha avó, minha mãe trabalhava, morava no caso, 'de favor' neh. E aí a gente estudava e minha mãe trabalhando fora, a gente morando de favor, aguentando algumas humilhações sabe. A gente foi e saiu da escola, e a gente saiu da escola e foi onde a gente envolveu muito, com a separação do meu pai e da minha mãe a gente envolveu muito, nesse crime aí, eu e meu irmão.. (Obadias, entrevistado 3)

Os relatos acima demonstram que os mecanismos de controle começaram a falhar muito antes da entrada em trajetória infracional e essa falta de supervisão, prevaleceu. A análise do papel de controle familiar envolve muita complexidade pois os fatores se combinam de formas diversas. Alguns entrevistados relataram a importância do papel das mães como fator de correção, proteção e também sobre suas tentativas de impedir ou

afastá-los da trajetória de uso de drogas e do crime. O que se observa também na narrativa desses entrevistados sobre sua trajetória familiar é que, apesar dos conflitos oriundos da relação mãe e filho, o vínculo com a mãe permanecia fortalecido em alguns casos, justamente por esses jovens, que tem muitas vezes a ausência da figura do pai em sua vida, ocuparem o lugar deste como figura masculina e, por muitas vezes, ser aquele que também iria prover o sustento familiar.

Os relatos dos entrevistados destacam como a separação dos pais pode levar a diferentes configurações de núcleos familiares, incluindo famílias monoparentais femininas e famílias reconstituídas. Assim, em famílias monoparentais femininas a mãe se tornou a figura principal responsável pelo sustento e pela supervisão dos filhos após a separação dos pais. Essas famílias monoparentais femininas enfrentam desafios adicionais, uma vez que a mãe assumiu papéis múltiplos. Outra configuração que surgiu foi a das famílias reconstituídas, com a presença de padrastos. A dinâmica das famílias reconstituídas pode variar amplamente, essas mudanças podem influenciar o ambiente familiar e o relacionamento entre os filhos e os padrastos. Alguns participantes mencionaram que outros membros da família, como avós e tios, assumiram papéis importantes na supervisão e no cuidado dos filhos. No entanto, nem sempre isso garante um ambiente familiar estável e de apoio. Esses relatos ressaltam a importância da adaptabilidade das famílias diante das mudanças nas configurações familiares. O tipo de configuração familiar após a separação dos pais pode influenciar o apoio emocional, a supervisão e a orientação que as crianças recebem. Compreender essas dinâmicas familiares é fundamental para identificar os desafios enfrentados pelos jovens em suas trajetórias de vida e desenvolver estratégias de apoio adequadas.

Durante as entrevistas dessa pesquisa, fica claro que a maioria dos entrevistados são, desde muito jovens, expostos a situações de vulnerabilidades como pobreza, evasão escolar, paternidade, cultura de criminalidade, uso de drogas e falta de supervisão da família.

Aí você foi ficando na vibe de parar de estudar e seus pais já tinham separado nessa época? Já. É, acho que com 13. E eu fiquei morando no mesmo lugar com minha mãe, minhas irmãs (...) Foi basicamente nessa época. Porque aí eu comecei a me aliciar com pessoas que tinham um pensamento errado... Você pegava ônibus e saía do bairro, sua mãe era de boa? Igual eu falei, minha família sempre foi liberal. Você tem ideia? Eu lembro de uma irmã minha com 13 anos de idade e minha mãe deixou ela namorar em casa. Muito melhor, porque ela está sob supervisão, vai ter certeza que é uma boa pessoa, mas eu não conheço nenhuma pessoa que faria isso. Então minha mãe sempre foi muito tranquila, muito de boa. Se quiser fazer, pode fazer o que quiser. (Esdras, entrevistado 2).

Em lugares onde o tráfico de drogas se instala, a carência material dos moradores, por vezes, os transforma em alvos mais fáceis para serem cooptados por meio de estratégias paternalistas dos traficantes, como empregados ou, na maioria das vezes, pela violência ou pela ameaça da violência. Nesse sentido, o entrevistado 4, Amós, afirma sobre a falta do papel de paternidade em sua vida, o que fez com que os traficantes tivessem um lugar de ‘exemplo’ na sua trajetória:

(...). Então era isso, esse era o cenário, igual de muita história por aí, filho sem pai, pobreza, sem opção, ficava dia inteiro na rua e aí quando vi já era, quando vi já tava inteiro nisso, não tinha jeito. Aí fui aprendendo muita coisa, o exemplo que tinha era dos caras. Os moradores precisavam de ajuda, os cara mais velho ajudava, tinha briga de casal, o cara batia na mulher, ia nos cara, cê cresce vendo aquilo ali neh. O cara que me ensinou o dono da boca antigo, hoje tá morto até, mas eu aprendi com ele a festa das crianças, depois eu fiz sozinho e quando eu envolvi com política, e deixei de por minha cara, pra ajudar na equipe da mulher (candidata a vereadora) aqui, eu não abri mão disso, um cargo de assessor e da festa das crianças, que isso é importante demais mano. E seu pai, não ser criado com ele, isso te marcou muito? Ahh então... de rocha mesmo? Pra ser sincero até certa parte da vida acho que sim. Até quando tinha uns 15 anos, depois fui aceitando mesmo sabe. Por que se tivesse ele teria sido mais fácil talvez, mas não tem como saber. Sumiu no mundo. Então é muito doido porque eu não imagino como que ele conseguiu fazer isso, porque eu não consigo me imaginar sem meus filhos. Não tem como não. Eu fico doido demais. Fico em cima, to sempre pegando trazendo pra cá. Pago pensão certinho, faço onda, dou presente. Quero que tenham vida melhor, muito melhor que a que eu tive. (Amós, entrevistado 4)

Houve relatos de entrevistados sobre a dificuldade de seus pais e responsáveis em manter o controle sobre eles, assim como sobre suas estratégias para fugir desse controle, como descrito nos fragmentos de entrevista abaixo.

O bagulho é complicado, porque não saia daqui, só vivia isso aqui, só andava aqui, não tinha outras ideias, nada. Mas de outro lado também, eu que fui escolhendo errado, vamo supor assim. É da pessoa mesmo. (...) Mas só que é um fator, você imagina como que é, você mesmo falou, 13 anos, aí você é acostumado na vida ali, que você tem um pai e uma irmã dentro de casa, rígida, daquele naípe, aí de uma hora pra outra eles vão e separam, você tá ligado? Você vai e fica num mundo aqui perdido assim. (...) Aí muita amizade, muita coisa. Fui trabalhar pra ajudar em casa e aí também fui vender droga ne, fui envolvendo com essas coisas desde novo. Daí foi só envolvendo, caldo grosso, até não ter mais jeito. Aí que minha mãe foi mudar do bairro pra ver se nós melhorava, porque tinha meu irmão também neh, tá ligado? E ela tinha namorado, confusão dela com meu padrasto na época. Juntou tudo. Aí piorou tudo depois. Aí voltamos pra cá. Eu fiquei fora, muito tempo, morando em outro lugar (referência sobre a cadeia). Achava que tinha nascido pra aquilo, que não ia ter chance e aí voltei de novo e de novo. (Malaquias, entrevistado 9)

Á toa, não escutava ninguém, você mesmo já foi de me dar conselho, minha mãe. Só pensava em ficar na rua, usar droga.(...) Pra minha família? Eu sempre tentei manter no off, né? Mas eu comecei a chegar de madrugada com a mão

toda de tinta, aí não tem como esconder, né? (...) E ela sabe, tipo assim, quando ela viu você fumando assim e tal? É, ela descobriu quando? Foi bem no começo, bem, bem, bem... Assim que eu comecei a fumar, a pixar assim, minha mãe soube já. É porque eu não sei esconder muitas coisas, eu sou bem escancarado mesmo, assim, não estou nem a escutar muita coisa não, porque... É, foi muito cedo mesmo, ela tudo descobriu rápido. (...) Então, assim, eles sempre souberam que não adiantava muito falar muita coisa comigo não, que independente do que falassem, eu ia continuar fazendo. (Bartolomeu, entrevistado 12)

A preocupação da família em afastar os jovens do mundo do crime é muito mais complexa do que apenas o risco da atividade ilegal em si, mas também sobre tudo o que ela traz consigo, como perigos, modos de sociabilidade e práticas associadas ao mundo do crime, quando se vive em um contexto de vulnerabilidade, em que há a presença de bocas de fumo e modos de sociabilidade do mundo do crime (FENTRAN, 2008). Os entrevistados contaram que suas famílias experimentaram sofrimento devido ao envolvimento deles com a criminalidade. A descoberta de que um membro da família está envolvido em uma trajetória infracional pode ser angustiante e desafiadora para as famílias. Inclusive, a descoberta da trajetória infracional marca muitas vezes, um ponto de virada para a família e responsáveis pelos jovens. Pode representar a conscientização da incapacidade de controlar a vida dos filhos e a necessidade de buscar alternativas para lidar com essa situação. Após a descoberta do envolvimento em trajetórias criminais pelas famílias, os relatos foram sobre esforços destes, no sentido de reaver o controle, mas essas tentativas muitas vezes se mostraram ineficazes. Isso pode levar à desestruturação dos núcleos familiares ou à ampliação do processo de desestruturação, como pode-se analisar nos relatos que seguem. Esses relatos ilustram como o envolvimento em atividades criminais não afeta apenas o indivíduo envolvido, mas também tem repercussões significativas em suas famílias.

Minha mãe tadinha, nessa época era muito magra, muito mesmo, trabalhava demais, teve uma vida difícil. Quando viu já era. Só sofreu, eu amo minha mãe demais. Mas o que que pega, quando eu fiquei envolvido mesmo... Eu saí da casa da minha mãe e aluguei uma casa pra mim, pra guardar as minhas coisas porque eu tinha a consciência que não podia colocar minha família em risco. E aí minha mãe quando percebeu já tava todo envolvido. Foi acontecendo, muito natural, vivia aquilo ali neh, só ficava com os cara, aí é envolve mesmo. (Amós, entrevistado 4)

Minha família foi ficando triste com aquilo. Meu avô então, achava que não tinha me criado pra aquilo, decepção. Minha mãe falou até que 'eu era barrigada perdida', cê ouvia aquilo e só enchia de mais raiva. (Sofonias, entrevistado 6)

Uai, sofrimento porque família nenhuma quer é isso, né? Eu sempre fui um cara querido, entendeu? As pessoas sempre gostaram de mim (...) As pessoas queriam me ver bem, entendeu? Mas eu mesmo não queria me ver bem, eu

achava que estava zuado, eu. Zoar, aí tudo, curtir, é assim que estava legal, né? Então, assim, meio que aprisionado também, né? Eu queria sair, mas eu não conseguia, já estava aprisionado, né? Então, não ficava de serviço nenhum, começava a fazer um projeto, eu desistia, desanimava de tudo, né? (Judá, entrevistado 7)

A maioria dos entrevistados afirmaram também que a entrada para o crime aconteceu, por vezes, de forma processual, demorando um tempo para que se consolidasse. Essa observação torna-se crucial para entender o desenvolvimento das trajetórias criminais. Ou seja, os entrevistados não se tornam criminosos de um dia para o outro, trata-se, contudo, de um fenômeno social que vai se construindo ao longo do tempo, de acordo com influências de diversas esferas da vida social, e de acordo com a idade, bem como se relaciona também com a perda de controle das famílias e das instituições a quais o jovem faz parte.

Aí eu fui ficando envolvido com o crime, comecei aos poucos me envolver, quando vi já tava envolvido, mas foi um processo, assim devagar no início. Foi uns dois anos, mais ou menos. Ainda ficava meio aqui, meio ali, era tudo muito escondido, hoje em dia pessoal não esconde nada de droga, crime nada mais não. Esses meninos novos ostentam mesmo, vejo aqui na rua da minha casa, esses meninos novos são diferentes, mostra tudo mesmo, pra todo lado tá assim. E aí cê vai conhecendo um, outro, e outro e começa andar junto e vai fazendo parte daquilo, cada vez mais. Começa muito com esse status, poder, fama que o crime mostrava. (...) Aí eu sempre digo que tudo que você se envolve, desenvolve. O crime vai mudando, vai tendo oportunidade, e eu fui aproveitando, seguindo o fluxo. Então as coisas foram acontecendo e chegaram em outro patamar. E eu fui também, acompanhei, mudei a cabeça mesmo. Aí cheguei a ser o gerente, porque o crime é igual uma empresa neh, tem várias funções, várias importâncias e hierarquia. E aí também um problema atrai o outro, quando a criminalidade toma conta do lugar, começa a ter lei de não poder roubar dentro das comunidade e tal. Aí aqui teve o decreto “quem roubar vai morrer” e aí foi ficando tudo muito violento, morreu muita gente, tem poucos dessa época pra contar história. Matava por pouco mesmo, pra dar exemplo, pra mostrar que tinha ordem ali. E com isso também foi gerando muita polícia no lugar, muita polícia no pé, muito homicídio e muito problema e eles sabiam quem eram a gente. Não sei como, mas sabia tudo, de todos ficava em cima. E aí nisso, eu, quando eu tinha 17 anos, teve uma cena que eu fui preso (...) Mas eu não mudei não. Não foi o suficiente. Logo depois, ali mesmo eu já fiz contatos, fui conhecendo mais gente e mais gente. (Sofonias, entrevistado 6)

No começo foi aos poucos, assim, né? Aos poucos. A medida que eu fui... O meu campo, como eu sempre fui viajando muito, eu conheci pessoas que eram envolvidas. E aí me fizeram proposta e foi onde eu acabei aceitando. (Absalão, entrevistado 10)

Quando os entrevistados foram indagados diretamente sobre os fatores que os influenciaram a ter uma trajetória delinquente, as respostas foram multifatoriais. Para alguns dos entrevistados inclusive, infância começou com uma instabilidade familiar e de relacionamento e que perdurou por toda a vida. Entre outros pontos, apareceram questões

sobre a fragilização de suas famílias nos relatos, como pode-se analisar no próximo fragmento de entrevista.

Saí da escola e no meu tempo de escola eu ficava pra rua. Aí na rua você conhece um ou outro que fuma um baseado, aí você fuma também. Aí daqui a pouco você não tem dinheiro para você usar. Aí tem que fazer alguma coisa pra ter dinheiro. Aí a gente foi envolvendo, envolvendo e vendendo droga. Na época não tinha asfalto, era o córrego, no brejo ali. Não tinha acesso de carro, aí a gente envolveu com um rapaz lá e começou a vender droga. Até porque não tinha dinheiro, então a gente virou uns traficantezinhos, eu e meu irmão. (...). Eu acho mais que foi no momento que a gente estava fragilizado, na separação do meu pai e da minha mãe, a situação da gente não era das boas, né? E a falta da minha mãe, também não participou muito da nossa criação, ela trabalhava muito, a gente ficava pra rua afora. Acho que o que influenciou foi a amizade, sim. Com certeza. (...) A gente era fragilizado demais, com a separação dos pais, aí parente maltratava. Saía de noite, quando voltava não abriam o portão, aí a gente voltava pra rua. Aí ficava neh. Não trabalhava, não estudava... não tinha nada no bairro. (...) E a nossa amizade que a gente tinha também, todo mundo era envolvido, né? Então, quer dizer, influenciou muito. (...) A gente tinha uma gangue naquela época, era a turminha que tinha aqui no brejo. E a gente pixava, muro, corria de polícia. Nessa vida e com o passar do tempo, a gente conheceu a droga. Naquela época que a gente morou aqui, bem antes, a gente nem via falar muito em droga. (Obadias, entrevistado 3)

Sobre o núcleo familiar dos entrevistados, 4 eram solteiros e ainda residiam com seus familiares na mesma casa ou no mesmo lote, e os outros 8 eram casados na data da entrevista, sendo que 4 deles estavam no segundo casamento. Dialogando com tal cenário, ainda outro ponto importante que foi observado nessa análise de dados, é que a qualidade dos relacionamentos afetivos influenciou na entrada ou reentrada no crime (também na desistência do crime). Tal realidade vai de encontro aos estudos de Wallace *et al.* (2020) onde afirmam que a formação e dissolução de parcerias afetivas são pouco estudadas, embora o impacto da qualidade dos relacionamentos conjugais e românticos sérios esteja associado a entrada no crime. Para esses autores, o casamento encoraja a desistência, mas a forma como as transições após a formação e a dissolução conjugal, impactam os resultados da reentrada, não tem sido comumente estudado.

Assim, esse ponto importante sobre relacionamentos familiares aparecem nas entrevistas dessa pesquisa, onde casamentos e relacionamentos problemáticos, assim como o divórcio, influenciaram alguns entrevistados para a entrada e ou reentrada no crime. Os entrevistados mencionaram que casamentos e relacionamentos problemáticos em suas famílias muitas vezes resultam em instabilidade e disfunção em suas vidas. Conflitos conjugais, abusos e tensões nos relacionamentos podem criar um ambiente estressante que afeta qualidades o bem-estar dos entrevistados.

Um cigarro aqui e tal, um baseadinho aqui, outro ali, tudo e tal. E aí, eu comecei tudo, né, um cigarro aqui e tal, um baseadinho aqui, outro ali, tudo e tal. E aí, eu comecei tudo, né, com 14, 14, é, 14 anos, nesse corre louco. Aí, com 17, 18, foi quando eu comecei a namorar, sério, né, mas já tava fumando, já era, já tinha vendido droga, já tava vendendo droga já no bairro, né? E aí, foi quando eu casei, né, quando eu casei, e aí, parei tudo. Aí, mudei minha vida, parei, tudo, tava com a menina e tal, tava de boa, meu filho nasceu, tu falou que não vou mexer com nada agora, vou ficar tranquilo e tal, aí, de boa. Aí, veio a decepção, casamento, decepção, a gente ficou 4 anos, né, e aí, é, aí veio a fraqueza, né? Aí, quando vem a fraqueza, aí o diabo vem de bandeja, né? E aí, eu fui usufruindo de tudo e me aprisioneiei, né? Então, é, e aí, não conseguia me reerguer, né? Por causa, assim, da fraqueza, do casamento, decepção e tudo tal, mas querendo fazer algo, mas fazia tudo da forma errada, né? Então, esse foi o início de tudo. (Judá, entrevistado 7)

Alguns dos entrevistados relataram também uma continuação da instabilidade familiar e de relacionamentos afetivos após se casarem. Quatro entrevistados experimentaram o divórcio e alguns o descrevem como ponto de virada negativo em sua trajetória.

E você foi pai aos 16 anos, e aí você casou e tal, ou não? Não, não. Na verdade sim, ela é engravidou né, que é a mãe do meu primeiro filho. A gente, os pais dela, ao descobrir que ela tava grávida, meio que mandaram ela embora de casa. Ela vai embora de casa. Ela vai pra casa de alguns parentes, e quando eu fico sabendo, quando ela me fala da questão da criança, que ela escondeu a gravidez inteira, e ela me passa essa caminhada aí que tava grávida, minha primeira atitude aos 16 anos é falar, pô, vou assumir, vou morar junto. Não porque existiu um amor, um sentimento, mas porque, pô, velho, é meu filho que nasceu, eu não vou ficar passando uma mulher pra rua fora, vai ser minha mulher. E empolgado, né, tudo empolga um adolescente aos 16 anos de idade. E a gente vai viver junto, né. A gente tenta ali, eu acho que durante uns 8 anos, tenta, né, essa aliança de convivência. Nós temos depois mais dois filhos, e a história se resume até, acho que, dois mil e pouco. A gente rompe de vez os laços de relacionamento. Mas no resumo, com três filhos (...) Aí a gente começa, trabalhava na obra, né, construção civil, Belo Horizonte, paralelo a isso, as caminhadinhas de rua, mas muito irresponsável, né, 16, 17 anos, não tinha compromisso com nada dentro de casa, eram só o básico mesmo dentro de casa, e o padrão de vida não muda, né. Por isso até aqui, nunca teve sucesso na questão família. Não tinha educação de pai, não tinha sido, não tinha visto uma história de família dentro de casa, de unidade, e a gente acaba repetindo aquilo no nosso dia a dia. E acaba não sendo um bom marido, acabo não sendo um bom pai, e isso aí, às vezes, só desgraça, né, vai só trazendo problema de visão, e paralelo a isso, a música, né, apaixonado por música, e lutando atrás dos meus sonhos da música. E, ah, mas é a mesma história, a mesma história que viviam meu pai e minha mãe, eu comecei a viver, ele é partir de 16, 17 anos. Sem unidade familiar, um monte de briga, briga, briga, briga, briga, e nasce um filho. Briga, briga, briga, briga, e nasce outro filho, e aí você já sabe o que é. (Habacucque, entrevistado 5)

O caso do entrevistado 11, Miquéias, se mostra interessante também, pois o próprio afirma ter se envolvido por causa dos ganhos financeiros advindos do trabalho no tráfico, contudo, na triangulação dos seus dados a partir de uma entrevista com um de seus filhos, este afirma sobre a influência do casamento que seu pai vivia na época.

Segundo ele “*Meu pai, ele começou recebendo dinheiro dos caras, do tráfico tipo assim, de laranja. (...) Aí foi empolgando. E o dinheiro ia entranhando, naquela época de querer status e tal. Isso aí foi em 2009, 2010. Ele tava casado e a minha madrastra queria de tudo neh. Só do bom e do melhor. A roupa, as melhores coisas. Ele gostava dela. Aí, tipo, foi empolgando. Aí, por fim, começou a envolver com uns caras que, tipo assim... Você via, quando ia lá, (...) você via que era diferenciado, corrente de ouro e tudo mais*”.

Entre os entrevistados dessa pesquisa, dez deles eram pais de um ou mais filhos e metade deles, tiveram o primeiro filho antes dos 18 anos. Alguns entrevistados também interrompem sua trajetória pela paternidade, mas o que não impede posteriormente do retorno para a criminalidade. Ser pai pode fornecer às pessoas que cometem crimes uma nova identidade possível e uma nova rotina, mas a paternidade também pode ser estressante, especialmente nas circunstâncias difíceis em que muitos dos participantes dessas pesquisas viveram e, portanto, não os fizeram cessar.

Eu estava com o quê? Com 19 para 20, meu filho estava para nascer, o menino estava para nascer. O menino, não, veio numa época da vida da gente bem, bem conturbada, sabe? Aconteciam vários estragos. (Zacarias, entrevistado 8)

Outro ponto importante dessa análise se relaciona com o desempenho escolar dos entrevistados, já que a escola é uma das instituições sociais mais importantes para conformação das trajetórias de vida dos indivíduos na contemporaneidade. Com isso, o que se percebe sobre as histórias de vida dos entrevistados é que, quanto menor a capacidade de controle informal exercido pelas famílias, pior é o desempenho escolar dos entrevistados. Os núcleos familiares que sofrem com as consequências das características da vizinhança, acabam mais fragilizados com o envolvimento dos jovens com as drogas e criminalidade. As famílias que enfrentam consequências das características negativas da vizinhança, como a presença de drogas e criminalidade, acabam mais fragilizadas na tarefa de proporcionar um ambiente propício para o aprendizado dos jovens. Isso pode refletir no desempenho escolar, uma vez que a instabilidade e o estresse em casa podem afetar a concentração e a motivação dos jovens na escola. A busca por pertencimento a grupos de pares negativos e atividades ilícitas pode resultar em evasão escolar e baixo desempenho acadêmico. A análise do desempenho escolar dos entrevistados revela uma interação complexa entre a qualidade do ambiente familiar, as características do ambiente e o envolvimento em comportamentos de risco, como o uso de drogas e a criminalidade.

Assim, alguns entrevistados dessa tese relataram possuir forte vínculo com a escola e os estudos e, até chegam a concluir o ensino médio, mas a maioria, devido à vulnerabilidade social familiar, existente na sua trajetória desde a primeira infância, não aderem aos estudos e possuem apenas algumas passagens pela escola. De tal modo, no que se refere à trajetória escolar dos 12 entrevistados desse estudo qualitativo, a maioria não concluiu o ensino médio. Dos entrevistados, somente 3 concluíram o ensino médio, sendo que um deles concluiu o ensino médio na prisão e apenas um entrevistado afirmou possuir curso superior. O entrevistado 11, Miquéias, relatou que quando foi preso cursava graduação tecnológica e interrompeu o curso, e logo após sair da prisão e se converter ao cristianismo, se formou em Teologia com vistas a exercer o trabalho missionário. Assim, dos 12 entrevistados, 5 evadiram da escola no ensino fundamental e 4 no ensino médio.

A evasão escolar aconteceu com parte dos entrevistados e foi justificada por vários motivos, se mostrando de forma processual, de acordo com os relatos, já que o desinteresse pela escola surge também pela pouca importância atribuída a educação em seus grupos sociais.

O problema, é que nessa época que eu estudei *no colégio X*, eu estava basicamente na pior fase da minha vida, onde eu não dava interesse para educação, para estudo. Para mim não tinha tanto valor. Então, eu frequentei o *colégio X* basicamente 3 semanas e fui expulso por falta. Antes disso, eu estava na Cidade dos Meninos, no centro de Neves. Então, eu não fui também, fiquei matando aula. (Esdras, entrevistado 2).

A escolaridade limitada dos entrevistados desta pesquisa está intrinsecamente relacionada também ao contexto de suas famílias. Muitos viveram em lares onde a ênfase na educação era reduzida, geralmente em famílias de trabalhadores com pouca tradição no que diz respeito a uma cultura de estudos. Em virtude disso, suas trajetórias escolares frequentemente careciam de importância e investimento, devido à situação de desequilíbrio, vulnerabilidade e à falta de supervisão das famílias. Nesse cenário, segundo as entrevistas, as famílias desestruturadas não conseguiram exercer controle de nível informal sobre seus filhos, que tenderam a ter desempenhos escolares fracos, levando ao abandono da escola sem nenhuma consequência para os mesmos.

Sim, estudei numa escola do bairro e depois fui pra Cidade dos Meninos, assim, o pouco tempo que estudei porque eu larguei também, muito novo na sexta série. Falava que ia pra escola e não ia nada, fui faltando até não ter jeito mais. E a escola e a família não fizeram nada quando você saiu? Mas pelas condições difíceis a gente fica tudo meio largado assim, todo mundo trabalhando, as tias mais nova que cuidava assim, mas eram muito novas também. Quando vieram a descobrir da escola, demorou tempos. Porque eu

saia da escola pra ir mas não ia, então demorou tempos. Era tudo precário, não tinha um telefone assim, quem tinha telefone era quem tinha condições, não tinha como as tias das escola avisar. Quando mandava bilhete a gente mesmo assinava, juntava com os mais velhos que já tinham maldade e assinava pra gente aí eles nunca ficavam sabendo. E onde você ia? Eu ia pra casa de um amigo meu, que a mãe e o padrasto dele ficavam fora o dia inteiro, trabalhando e ele ficava sozinho. Aí também muitas vezes a gente ia andar pela região, roubar manga dos vizinhos, ia nadar na lagoa aqui atrás do bairro que antes era limpa e era muito comum o povo nadar lá., Santa Martinha, Santinho e essa região toda, ia muita gente por lá e nós ia também. Aí saia de casa de manhã pra escola e chegava depois do almoço, ou quando estuda a tarde, saia arrumado de casa e voltava quase de noite. Aí quando descobriram foi aquele couro, mas não adiantou. (Entrevistado 6) aílton

Outro ponto importante que aparece nas entrevistas e se liga a questão da evasão escolar e que acontece de forma precoce com parte dos entrevistados dessa pesquisa, se relaciona com a influência de pares de amizades que não valorizam ou decidem também desistir da escola.

Porque você foi perdendo o interesse pela escola? Basicamente. Vamos colocar duas pessoas, eu tenho dois amigos. O A é o meu melhor amigo, e o B é meu amigo. Se eu passo mais tempo com o B, o B vai se tornar o meu melhor amigo. E basicamente, não sei se você já ouviu algo relacionado, mas você é a soma das cinco pessoas que estão ao seu redor e da grande maioria. Então quanto mais você se socializa com pessoas que não tem perspectiva de futuro e não querem sair do mesmo lugar, mais você ficará. Essa é minha perspectiva... (Esdras, entrevistado 2).

Também, o início da trajetória na criminalidade surge como fator importante para o afastamento da escola, por múltiplos fatores, como por exemplo devido a brigas de gangues no território, onde os jovens ficam mais restritos aos lugares que podem acessar, dentre eles, a escola.

Sim eu estudei até a oitava série ne, antigamente era assim aí depois saí. Porque era aqui no bairro aí depois tinha que mudar de escola aí já tinha guerra com os cara de outro bairro e aí nao podia ficar indo e vindo assim não, porque se não dava problema. Eu era muito esquentadinho e tinha arrumado problema com os cara do San Genaro e na escola do Florença que também é mais perto assim neh, não podia boiar porque antes tinha muito tumulto, no meio das brigas de gangue, cada bairro, cada lugar não podia ficar envolvido muito não. Com isso eu parei de estudar e aí fui envolvendo cada vez mais. (Amós, entrevistado 4)

Mas eu nunca fui muito ‘pá’ de escola, né? Na realidade. A bagunça não deixava de passar de ano. Eu ali na região de Venda Nova eu fiz até a quarta série, até a terceira série eu acho. E Neves aqui eu fiquei mais uns quatro anos na escola e depois parei de estudar. Aqui, Neves, eu fiquei até a quinta série. Eu fiquei uns dois anos na quinta série. Parei de estudar no meio do ano. Na época eu já estava começando a delinquência, né? Vamos falar nesse sentido. E aí tive problema na escola. Acabei me afastando da escola por esse motivo e nunca mais. Cara, na realidade aquela era a história, né? Pai com seus problemas pessoais, mãe com seus problemas pessoais. Uma luta diária pra manter-se casados, sustentar a casa. Então tipo assim, o tempo que sobrava pra poder acompanhar os filhos era tipo o mínimo, né? E por mais que

acompanhassem, ainda tinha aquela história. A gente não dava muita atenção pro que pai e mãe falavam, né? Na realidade, fui expulso da escola aí por causa de um problema pessoal, briga. Levei uma faca pra poder arrumar um problema na escola. Pegaram a faca, teve polícia. Aí vai pai, vai mãe. Só depois disso aí, tipo assim, todo mundo meio que cansou dessas, saca? Dessa insistência. Porque não tinha mais resultado. Eu não tinha mais prazer na escola. E aí acabaram focando mais nos irmãos que tinham prazer. Portanto, os dois formaram. Continuaram estudando, foram bem-sucedidos na vida e tal. E eu parei com o que eu mais vou ter na escola. Ah, entendi. E aí você tomou trauma e a galera da escola foi atrás de você? Não, não. Naquela época, nada. Naquela época eu parei de estudar e ficava na porta da escola. Todo dia e a noite eu ficava na porta da escola, que era o movimento da época, né? (...) Meu pai falou um monte na minha cabeça e por consequência desse tumulto todo, houve um desprazer muito grande de continuar na escola. Aí eu não voltei na escola mais, assim, a escola nunca foi meu forte, né. (...) (Habacuque, entrevistado 5)

E no segundo ano eu peguei e desisti da escola, já tava fazendo coisa errada e aí a mulher engravidou, do meu filho, aí eu tive que trabalhar e tal, outras coisas. E não consegui conciliar trabalho com família, né? (...) eu tentei manter uma responsabilidade, e achando que tava fazendo certo e acabou não sendo, me prejudicando, porque eu não concluí os meus estudos, né? Fui até o segundo ano, no segundo grau faltava um ano pra concluir, né? E eu não acabei não concluindo e dei sequência na vida, aí não retornei à escola mais. (Judá, entrevistado 7)

Quando você saiu da escola, a escola não falou nada? Ou sua família? Não, porque o que acontece? Eu estudava lá no X, né? (...). Nessa época aí, minha mãe faleceu, eles perderam o contato. Eles acharam que eu tinha ido embora. Então, a escola em si não veio atrás. Entendeu? E eu também não tinha cabeça. Foi dessa época que você saiu da escola? Foi. Aí eu não tinha cabeça pra estudar. Ou eu trabalhava ou eu morria de fome. (Zacarias, entrevistado 8)

Mas eu estudei só um pouco, larguei novo, até a sexta série. Eu formei na cadeia neh. Era o que tinha pra matar o tempo lá dentro, então eu fui e fiz. Saí da escola. Eu fui trabalhar também, fui tipo pra vida louca também, entendeu? (Malaquias, entrevistado 9)

(...) Eu fui expulso duas vezes. Não, fui expulso a primeira vez, na segunda vez eu fiz dezoito anos, peguei minha transferência. Sim, eu não terminei não, não deu tempo não. (...) Filho, namoro, trabalho, tretas. Só loucura. (Bartolomeu, entrevistado 12)

Alguns dos entrevistados descreveram suas experiências escolares como predominantemente negativas, desde o início de sua trajetória acadêmica. Essas experiências frequentemente estiveram associadas à evasão escolar e desempenharam um papel crucial no impulso de suas carreiras criminosas.

As narrativas dos entrevistados destacaram que o ambiente escolar muitas vezes era marcado por problemas, como violência entre alunos, falta de estrutura, desinteresse por parte dos professores, e a sensação de que a escola não oferecia oportunidades reais de crescimento ou desenvolvimento pessoal. Essas experiências iniciais de evasão, muitas vezes, coincidem com o início do envolvimento com pares que tinham ligações com atividades criminosas. Consequentemente, o afastamento da escola e a entrada em redes

sociais relacionadas ao crime se desenvolve para a construção de suas trajetórias criminais. Essa desvinculação da educação formal também os deixou mais suscetíveis à influência do mundo do crime, já que não estavam ocupados com atividades legítimas e produtivas. Assim, o desempenho escolar deficiente e a evasão não foram suficientemente coibidos, permitindo que uma espiral negativa de sua trajetória criminosa se consolidasse.

(...). Aí eu não voltei na escola mais, assim, a escola nunca foi meu forte, né. Eu acho que a forma de, e não só na época que eu estudava lá nos anos 90, mas até hoje, a forma de se ministrar a educação é muito distinta, escassa, né. Não gera prazer. A rua te gera muito mais prazer do que a própria escola. Você acaba tendo referências, tendo maior prazer, mais intimidade, acrescentando um maior nível de conhecimento na rua, no ambiente urbano, social, periférico, do que na própria escola, então, tipo... E foi o resumo disso, né, porque eu nunca estudei, nunca voltei a estudar. Hoje, particularmente, tenho um salário igual ao dos meus irmãos, tipo assim, o que eu aprendi, aprendi no dia a dia. E aqui é o lado da história, a escola não te ensina a crescer financeiramente. A escola te doutrina a ser mais um que o sistema manipula, né. (Habacuque, entrevistado 5)

Com isso, aparecem nos relatos, a forma como o espaço escolar também serviu para alguns como local de iniciação do uso de drogas, assim como, para associação com pares infratores, o que possui forte conexão com relações que são constituídas no território onde viviam e onde estabeleceram amizades. A evasão escolar pode ter como consequência a possibilidade de um aumento da vulnerabilidade do jovem, ainda mais quando, em alternativa à escolarização, este não consegue uma inserção satisfatória no mercado de trabalho, o que é tanto mais provável, quanto mais ele possua poucos anos de escolaridade. A baixa escolaridade diminui as chances de se conseguir empregos com boas remunerações e ainda, tende a aumentar a possibilidade de viver na pobreza (BAZON, SILVA, FERRARI, 2013).

Pesquisas da área afirmam que a conduta infracional se manifesta sob determinadas formas de inadaptção, como também pode se desenvolver ou ser potencializada pela experiência negativa de escolarização. Várias teorias criminológicas são consistentes com a expectativa de que experiências escolares negativas contribuem para o comportamento criminoso. Estudos como Maruschi, Estevão e Bazon (2014), Galinari, Vicari e Bazon (2019), dentre outros, consideram a marginalização educacional do adolescente como um caminho etiológico na associação entre risco cumulativo na infância e comportamento criminoso. A trajetória educacional foi capturada nos estudos citados por indicadores como baixo desempenho acadêmico, fraco vínculo escolar e baixas aspirações educacionais. De acordo com Bazon, Silva e Ferrari (2013) em pesquisa sobre adolescentes brasileiros em conflito com a lei, esses apresentaram dificuldades nos

ambientes escolares, em um contexto mais geral de problemas relativos à educação, onde a escola também parece não ter apresentado recursos para atendê-los adequadamente e, com isso a relação entre juventude, infração e escola, de acordo com esses autores, deve ser mais estudada, nesse sentido inclusive, levando-se em conta para essa análise, a percepção que o próprio adolescente tem desse processo.

2. Fatores de risco e pontos de virada relacionados a associação com pares e uso de drogas.

Outro ponto importante dessa análise, se trata da construção dos laços de amizade dos entrevistados, pois os laços sociais construídos e estabelecidos durante a adolescência e início da idade adulta podem ter efeitos diferentes nas trajetórias delineadoras dos trajetos dos indivíduos. Um dos princípios da teoria desenvolvimental do curso de vida diz respeito a ideia de vidas vinculadas, pois nossas vidas estão ligadas à vida de outras pessoas, no sentido de que as mudanças e eventos da vida das pessoas ao nosso redor podem ter um impacto em nossas próprias trajetórias. Assim, as transições individuais frequentemente envolvem transições na vida de outras pessoas, como demonstrado pela dinâmica da família, onde uma das dimensões mais estudadas inclui o aspecto de análise da transmissão e relações intergeracionais. Com isso, também faz parte deste princípio o interesse em analisar as relações entre amigos, colegas, vizinhos, entre professores e alunos, e outros (ELDER, JOHNSON e CROSNOE, 2003; THORNBERRY, *et al.* 2003; BLANCO, 2011; NICO, 2011; BENSON, 2012).

Nessa perspectiva, como exemplo, tem-se a pesquisa de Maruschi, Estevão e Bazon (2014), que pesquisam a exposição de um grupo de adolescentes em conflito com a lei aos fatores contextuais/situacionais, relacionados à amigos por exemplo, e que foram apontados como fortemente associados à persistência da conduta criminal. Já Farrington (2002) e Galinari, Vicari e Bazon (2019) examinam variáveis como pares de mesma idade como fatores de risco para trajetórias criminais.

Também Sutherland (1940) na Teoria da Associação Diferencial afirma que as práticas criminais são socialmente construídas através de processos de aprendizagem onde os motivos, impulsos e racionalizações estariam no nível agregado, e dizem respeito ao compartilhamento de formas de ver o mundo de grupos de pessoas que favorecem o desenvolvimento de padrões de comportamento criminoso em detrimento de grupos que fomentam padrões de comportamento não criminosos. Segundo o autor, os indivíduos

tendem à prática do crime quando são expostos a definições favoráveis ao crime mais cedo na vida, de maneira frequente, por um longo tempo e por meio de fontes que eles respeitam. Também não se pode deixar de afirmar que uma questão comum tanto à associação diferencial como ao aprendizado social, se trata da associação com pares desviantes, que é indispensável para viabilizar a imitação já que o aprendizado decorre da associação, e de forma que assim acontece a projeção do comportamento na atitude dos pares – que tem centralidade dentro das redes de relacionamento e compõem um elemento explicativo do comportamento desviante nessa perspectiva. A associação diferencial seria uma teoria que pontuaria muito a questão do crime específico, enquanto o aprendizado social ajudaria a entender a trajetória desviante ao enfatizar a condição operante dada por reforços positivos ao delito, reforço negativo, estímulos aversivos e perda de recompensas.

Nessa perspectiva, a forma como os jovens do estudo se relacionam com seus pares antes do início dos atos infracionais e como essa relação se modifica no desenvolvimento da trajetória infracional, são importantes para auxiliar no entendimento deste processo. Nesse sentido, corroborando com outros autores da área, as amizades ganham importância para a adesão à infração, para o grupo dos jovens que saíram de casa, e também para os que não saíram da casa de suas famílias, como também a associação com os amigos para a formação de grupos para infração e que aparece como padrão entre as narrativas analisadas.

A vez que eu tive passagem pela polícia, foi literalmente porque eu estava do lado de uma pessoa que fez uma coisa errada. Então, eu sou cúmplice de ter feito algo (...). Eu fui preso porque eu tinha um amigo que fazia as mesmas coisas que eu, na época. E aí a gente, teve um certo belo dia, a gente saiu e eu tinha R\$30 para comprar um chinelo, minha mãe tinha me dado. Isso eu devia ter uns 15 ou 16 anos. E aí eu fui lá nessa loja, eu tinha o chinelo em mente, encontrei o chinelo, o chinelo não cabia no orçamento que eu tinha, eu devolvi o chinelo, coloquei ele no lugar. Nesse mesmo tempo, esse meu amigo foi lá, achando que não tinha ninguém vendo ele, pegou um outro chinelo qualquer - abre parênteses - era um chinelo com o valor mais baixo possível, era uma havaiana branca com listrinha da bandeira do Brasil, deve custar R\$20,00, tá ligado? E enfiou dentro da roupa, pra ninguém ver e saiu andando. Ele saiu andando, algumas pessoas foram atrás dele, outras vieram atrás de mim, porque eu entrei com ele, estava com ele, possivelmente eu estava compactuando com o que ele estava fazendo. (Esdras, entrevistado 2).

Cara, tinha 14, 15 anos. Já comecei a conhecer a linha do rap, a música também. E frequentava os bailes. Então, já, tipo assim, já tinha uma linha de amizade bacana. Uns amigos bacanas, uns amigos da hora, uns mais já envolvidos com a marginalidade e tal. Mas nessa época, pra 14, 15 anos, foi tudo muito junto, né? Porque foi a época que eu comecei a mexer com música, foi a época que eu conheci o rap, foi a época que eu comecei a usar droga, foi

a época que nasceu minha primeira filha, quando eu tinha 16 anos. (Habacuque, entrevistado 5)

Nessa pesquisa, a influência do ciclo de amizades dos entrevistados aparece de forma importante para o início de suas trajetórias criminais. Nesse sentido, além de acontecer atrelada a perda de controle da família, acontece também pelo início do uso de drogas, como pode-se notar nas falas selecionadas a seguir.

O que fez com que eu desse esse pause na minha vida? E o que isso mudou o curso da minha vida, pra dar esse pause de uns três ou quarto anos e virar um vagabundo, sendo que eu vim de uma boa família, sempre tive boa educação e nunca me faltou nada? Sei lá, foi um fato de eu fumar maconha e me aliciar com pessoas erradas. (Esdras, entrevistado 2).

Sim, uma boa parte. Eu não falo assim, olha, “ah, amigo me influencia, não, amigo me influencia, não”, mas influencia sim. Mas como que você acha que te influenciou? Vamos dar um exemplo. Às vezes você não bebe, né? Aí você anda com uma turma de pessoas que bebem. Aí hoje a pessoa te oferece, você fala, “não, não quero não”. Amanhã te oferece, “não, não quero não”. E a turma toda bebe. Depois da manhã a pessoa te oferece, “não, não quero não”. Aí numa hora você chega com um problema familiar, um problema de qualquer coisa, que você tá chateado, isso, a pessoa fala, não, “bebe só um golinho aí pra você relaxar e tal”. A pessoa vai falar, “só um golinho vai fazer, vai dar, vai dar só um golinho, né?” Dá nada pra mim, como diz, né? Aí você entra, né, vai falar assim, “não, beleza, só um golinho só hoje?” E é a mesma coisa. Ah, vou fazer esse corre aqui hoje, você vai ganhar, “quantos você ganhou aqui? 30 mil? Pô, doido, eu ganhei 30 mil, fiz nada.” (Miquéias, entrevistado 11)

Eu ficava muito atoa, na casa de um amigo meu, nós gostava de rimar, não sei se você lembra que eu fazia umas poesia e tal. Aí a gente ficava rimando o dia inteiro e ele gostava de fazer letra. Aí um dia eu falei com ele, ‘ô mano, vamos pixar?’ Era de dia. Aí eu falei assim, pixador gosta de pixar no lugar alto, mano, vamos lá na caixa d’água do Viena vamos pixar lá. A primeira pixação minha já foi no alto. Aí um dia na porta da escola, tinha um menino lá fumando, é o X, talvez você até lembra dele. Ai, lembro! Nossa, o que aconteceu com aquele menino? Esse maldito tomou um tiro há dois dias atrás, você acredita? Um tiro de raspão, tava na rua de bobeira. Ce acredita? (...) Aí, tipo assim, ele, por causa dele, que eu comecei a, tipo assim, a querer pixar mesmo, e fazer a letra. Porque um dia eu tava na porta da escola, e eu vi ele fazendo um letring, num caderno, tipo assim. (...) Foi por causa dele mesmo. Literalmente, porque eu vi as letras que ele fazia, e falei, mano, nunca vi ninguém fazendo isso. Como que alguém usa um canetão, e faz isso aí que você tá fazendo? Eu falei, ‘eu tenho que aprender’. E depois disso aí, eu nunca mais parei. (Bartolomeu, entrevistado 12)

Ainda, nessa pesquisa, de acordo com as entrevistas realizadas, a entrada no mundo do crime permitiu, para parte do grupo de entrevistados, uma certa especialização em atividades ilegais. Esse processo de especialização ocorreu à medida que esses jovens adquiriram experiência, muitas vezes com o apoio de seus pares, para se aprofundarem em suas práticas criminais.

A experiência adquirida no mundo do crime incluiu conhecimento sobre como realizar atividades ilícitas de maneira mais eficaz e discreta, bem como estratégias para evitar a detecção pela polícia. Muitos mencionaram que, à medida que continuavam em suas trajetórias criminais, tornavam-se mais habilidosos em suas ações criminosas, como tráfico de drogas, roubos, furtos e outras atividades ilícitas. Essa especialização permitiu que eles maximizassem suas finanças. No entanto, é importante observar que essa especialização também os envolve cada vez mais no mundo do crime, criando um ciclo difícil de quebrar.

E eu tinha lá, três amigos. Desses três amigos, a gente frequentava uma casa do outro, sempre fumava uma maconhazinha e ficava feliz. E aí, a gente conhecia diversas outras pessoas, porque se você é um bêbado e mora na praça, você vai conhecer dez milhões de pessoas. A gente acabou conhecendo várias outras pessoas, alguns de nós confiaram em outras pessoas, e, do nada, surgiu a responsabilidade de guardar produtos ilícitos dos maus, digamos assim, pra ter noção do que era aqui, na casa de um amigo. Aí, sempre, todo dia, a gente sempre estava lá na casa desse meu amigo, sempre, todo dia, ia lá os caras para poder buscar paradas, porque os caras tinham que vender a parada, e a parada estava guardada lá dentro. E aí, a gente, no caso, não vamos falar que sou eu, teve a brilhante ideia de montar a própria lojinha, porque, basicamente, não sei como estão suas experiências de relatos, mas, basicamente, cada lugar você tem uma boca de fumo, e essa boca de fumo é da favela, e se você vender ali, abrir uma concorrente ali, provavelmente você vai conhecer Jesus Cristo ou o Satanás. E aí, eu fiquei com a brilhante ideia, que a gente tinha acesso a baixo custo, e gostava de sair para caramba. Então, a gente sempre, a gente ia para Savassi, para alguns outros lugares bem diferentes de onde a gente morava, porque a gente era diferente, a gente queria conhecer gente diferente também. Nesses lugares, digamos, eventos como o rap, coisas assim. Vamos ver o que tem para fazer, e vamos fazer o rolê. É, basicamente isso. Então, não vamos botar a culpa no rap. Não tem nada a ver.... Não, não. *É só para entender o seu rolê. Você saía, então, do Justinópolis, aqui, e ia para os roles de rap?* Exato. E aí, com todo mundo lá, geralmente, todo mundo gosta das mesmas coisas, né? Todo mundo gosta de fumar uma macoinha, ficar tranquilo, sem muita dor na cabeça. E aí, lembra que eu te falei que se você abre uma concorrência no lugar, você acaba sendo morto. Mas, num evento, não tem uma pessoa que toma conta do que ele quer. Não vai conseguir fazer isso. E justamente por isso, a gente se aproveitava disso para poder fazer uma graninha. (...). Eu sabia que o que eu estava fazendo era errado. Isso sempre foi claro. (Esdras, entrevistado 2).

Sim, mas também não mudei, piorou mais. Ali as amizades levou a aprofundar mais ainda. Eu ficava naquela, se mudar, queria mudar, depois não queria. Tipo me sabotava, pensava, como um cara sem estudo, com esse passado, cheio de problema ia mudar. Não ia ter chance. No fundo eu mesmo nem queria sair, e então fui colocando limitações para sair e então eu saí mais maduro, vai amadurecendo, vai virando homem, e aí ali eu arrumei foi muitos contatos, muitas redes, o conhecimento de arma e droga, e de comprar mais droga, fui pegar no canal. (Sofonias, entrevistado 6)

Saí do bairro. Aí.... Viajando a trabalho. Conheci um aqui, conheci outro ali. E acabou entrando uns recursos a mais. E eu comecei a entrar no tráfico de droga. Assim... Eu não mexia em biqueira. Coisa pouca, era só quilo. Trazia pra alguns, trazia pra mim. E o conhecimento foi ficando maior. A gente já ia direto

pro Paraguai, na roça. Pra olhar como que tava, plantação, preparo. Tava por lá. Eu já fiquei lá cerca de 20 dias direto. Acompanhando ali e tal. Tinha mercadoria com proposta pra trazer e mercadoria da gente. À medida que eu fui trazendo pra uns, ia trazendo pra mim. (Absalão, entrevistado 10)

Outro ponto importante nessa análise, se relaciona com o uso e o tráfico de drogas. Os entrevistados, relataram que viviam em condições de vizinhança caracterizadas pela pobreza e desordem, o que contribuía para maior desestabilização de seus núcleos familiares, e que por sua vez, influenciou a perda da capacidade de controle sobre os filhos. Nesse cenário, os entrevistados afirmaram que acabaram piorando os rendimentos escolares, até evadirem e durante esse processo se juntaram a pares negativos, onde iniciaram o uso de drogas, e conseqüentemente se envolveram com o tráfico de drogas.

Assim, a maioria dos entrevistados dessa tese relataram sobre o uso de drogas, como álcool, maconha e cocaína. Vários estudos analisam a influência do uso de drogas para conformação de trajetórias criminais (GALINARI, VICARI e BAZON, 2019; KREAGER *et al.*, 2016). Também, estudos identificaram ligações entre as características ecológicas da vizinhança e a sintomatologia do trauma, depressão, ansiedade, ideação suicida e abuso de substâncias e grupos que vivem em ambientes de desorganização social (BENNETT e MILLER, 2006). Ainda, apesar de alguns estudos relatarem que não foi possível confirmar a relação entre comportamento criminoso e uso de drogas em adolescentes, outros estudos indicam que adolescentes em conflito com a lei não só têm um risco aumentado para o álcool mas também para uso de drogas (KOMATSU e BAZON, 2018). Também Akers *et al.* (1995) afirma sobre uso de drogas que as definições sobre elas são aprendidas por meio da imitação e do reforço social por membros dos grupos aos quais se está associado e, uma vez aprendidas, essas definições servem como estímulos discriminativos para uso ou abstinência. Assim, o jovem se associa a colegas usuários, aprende definições favoráveis ao uso da substância e, em seguida, faz uso da droga. Para esse autor, quanto menor a supervisão parental, maior a chance de uso de substâncias e uma vez já usando essas substâncias, as reações dos pais não fazem mais diferença, ou seja, os pais perdem o controle.

Nesse sentido, a maioria dos entrevistados dessa pesquisa relatou ter iniciado uso de drogas ainda muito jovens. Além disso, muitos destacaram a estreita relação entre o consumo de drogas e o envolvimento no tráfico, já que, para alguns, o uso de drogas se tornou um fator motivador para entrar no tráfico de drogas como uma forma de sustentar o vício. Isso resultou em uma entrada gradual no mundo do crime, à medida que obteve a venda de drogas para financiar o próprio consumo e, posteriormente, para obter lucro.

Muitas vezes também, o uso de drogas com os amigos foi dito como fator decisivo para o desenvolvimento da trajetória e carreira infracional, como nos próximos fragmentos de entrevistas evidenciam.

O uso de drogas, especialmente aquelas ilícitas, representa uma dimensão crítica nas histórias de vida dos entrevistados. Muitos deles experimentaram drogas, como maconha e cocaína, em idades precoces, geralmente durante a adolescência. A influência de amigos e colegas que também usaram drogas teve um papel significativo na trajetória de vida desses jovens. Muitos deles mencionaram que começaram a usar drogas em grupo, e essa atividade compartilhada reforçou os laços sociais entre eles. No entanto, à medida que continuaram a usar drogas e a se envolver em atividades criminosas, esses grupos de pares se tornaram cada vez mais importantes em suas vidas, proporcionando apoio, incentivo e camaradagem à medida que enfrentavam desafios e riscos crescentes. Esses relatos destacam a complexa interação entre o uso de drogas, o tráfico de drogas e a influência de amigos na formação das trajetórias criminais dos entrevistados.

(...). É, quem envolve com droga, vende droga, né? Então, você tá no meio de pessoas, né? Então, andava armado e tudo e tal, tinha confusão. Não cheguei a matar ninguém, assim, diretamente, né? Mas indiretamente, praticamente sim, que a gente arquitetava, né? Algo do tipo, né? Ah, fulano tá devendo, tem que matar e tudo e tal. De uma certa forma, você não aperta o gatilho, mas você incentiva aquela pessoa a apertar o gatilho, então, você consequentemente, no meu ver, você tá fazendo parte disso aí também, né? Então, no meio de convívio, a gente maquinava muito isso, né? (...) E hoje canto até hoje, mas só que nesse percurso aí, eu fiquei 15 anos sem cantar. Eu fiquei 15 anos sem cantar devido ao uso de droga, álcool, né? Então eu matei meu sonho, no meio desse corre aí, entre drogas, entre bebedeiras, entre vidas mundanas. (Judá, entrevistado 7)

Comecei a usar droga, comecei a fumar maconha, depois veio a cocaína, e... Aí, comecei com o movimento, com o tráfico de droga. (...). Larguei a escola, porque minha avó morreu, e eu sempre trabalhei de segurança, trabalhava de segurança na noite, só que eu trabalhava de segurança na noite e traficava à noite. Ou, se eu trabalhasse à noite, eu tomava droga dos caras que estavam vendendo, e vendia a droga dos caras. Até parar de trabalhar à noite e ficar só no tráfico de droga. Entendeu? Eu tinha dinheiro de dia, mas de noite eu não tinha mais nada. O que eu ganhava, eu gastava. Ganhava, gastava. Ganhava, gastava. Eu não via nada. Nunca via nada. Gastava em que que você fala? Porcaria. Droga mesmo. Droga mesmo. Bebida, cigarro que eu fumava, bebia. Entendeu? E na época que o pai e a mãe dela não eram convertidos, então eu já fui, como diz o outro, um alvo mais fácil ainda. Porque todo fim de semana era aquela bebedeira, a gastação. (Zacarias, entrevistado 8)

Pesquisas da área afirmam sobre como o apoio instrumental dos pais pode ser um fator de proteção na vida de crianças e adolescentes, e que serve para reduzir os riscos do uso de drogas e álcool (MYERS e TURANOVIC, 2018). Nesse sentido, dialogando com

essa literatura especializada, alguns entrevistados dessa pesquisa afirmaram sobre a fragilização emocional pelo contexto familiar conturbado, a perda de controle dos pais e a forma como esse cenário os impulsionou a escolha pelo uso de drogas.

(...) Eu tinha tipo um ritual. Eu de manhã cedo, não lavava nem o rosto, não comia nada. Primeira coisa que eu fazia, era rolar um cigarro de maconha e fumar. Primeira coisa, primeira coisa, e ir pro mesmo lugar que eu ia todo dia. (...) A pessoa que fuma maconha, pra mim era um modo de escape. Como eu não tinha pai, não tinha mãe. As piores datas que tinha pra mim. Era o dia dos pais e o dia da mãe. O dia que eu sumia. O dia que eu ficava mal. E enfiava na cachaça, na droga. Era o dia que eu mais me afundava. Eu tentava esquecer isso. Porque eu via todo mundo comemorando. Com o pai, com a mãe, com a família. E eu não tinha ninguém. E não tinha ninguém pra conversar comigo. (Zacarias, entrevistado 8)

Ocorreram relatos também que demonstravam a naturalização do uso de drogas para alguns entrevistados, como descrito nesse fragmento de entrevista a seguir.

Meu pai sempre me julgou muito, sempre me espancou porque eu fumava maconha. Mas depois de um tempo, eu consegui mostrar para ele que isso não influenciava no que eu fazia, ou no que eu deixava de fazer. (...). Então você sabe que as pessoas falam que ah, não, eu bebi, por isso que eu fiz isso, não faço isso, eu não bebi. Para mim isso não existe não, velho. Para mim, é tudo da sua mente e tal. Tanto é que você já fumou maconha, mas você fica em estado natural, porém mais relaxado. Você pode ficar com preguiça, mas não é isso que vai fazer você deixar de fazer as coisas. Se você deixar de fazer as coisas, vai ser você. (Esdras, entrevistado 2).

Durante as entrevistas, houve relatos de entrevistados sobre a prática de violências e crimes, além de uma sociabilidade violenta que foi associada ao uso de drogas e bebidas alcoólicas.

(...). Aconteceu até uma situação uma vez que eu ia cometer um homicídio lá em casa. Teve uma briga lá com a faca, foi quando eu perdi esse movimento aqui. Esse dedo meu ficou pendurado aqui, ó. Ele abriu daqui, aqui (Mostra o dedo com as marcas). Ficou pendurado. E quem me socorreu? O vizinho. O pastor. O vizinho e o pastor. O pastor e a pastora me levaram lá naquele hospital em Venda Nova ali (...). A mulher ainda ficou até com medo de mim. Eu perdi o movimento desse dedo porque ela não costurou direito. Ela não ligou os nervos, não. Ela costurou de medo, pra mim ir embora. Ela estava com medo de mim. Do jeito que eu tava. Por quê? Você estava bravo? Tava, tava drogado, cheio de álcool na cabeça. Foi isso. (Zacarias, entrevistado 8)

Destacam-se aqui relatos de entrevistados que diferenciavam o uso e o tráfico de drogas, ou seja, alguns afirmaram que somente traficavam e não faziam/fazem uso de drogas. Tal fato, para alguns dos entrevistados, foi descrito como fator positivo para cargos no tráfico de drogas, pois, segundo eles, conta como fator positivo para sua entrada

no mundo do tráfico, por gerar mais respeito, confiabilidade e maior procura por parte das organizações criminosas, já que não ofereciam perigo de consumir a mercadoria.

Eu não me envolvo com drogas de usar, eu fumo maconha uma vez na vida e outra na morte, mas eu não sou de usar. Eu era muito de vender. Na semana eu tirava R\$1000 de lucro para mim porque eu não uso. Então os olhos de todos cresceram em cima de mim, e do meu pessoal né, porque a gente dá muito dinheiro, porque a gente não usa, a gente não derrama, então eles não proibiram a gente de sair, mas era tanto dinheiro que a gente não queria sair. E eu vou te falar uma coisa, eu acho que eu fiquei 7 anos nisso sem sequer tomar um pulão, mas no dia que eu fui preso eu perdi tudo. (Neemias, entrevistado 1).

Nunca tinha problema nenhum, não gostava de droga, só bebia. Na verdade, eu nunca gostei de droga, né? Nunca fui de usar droga. É tanto que quando eu envolvia as pessoas que eram do meio, falavam assim, “não, fulano é bom porque fulano não mexe com droga”. Eles não gostam que o cara aqui mexe com droga. É vender a droga, ganhar o dinheiro, mas mexer não, entendeu? É porque o cara vicia e já não tem mais responsabilidade, né? (Miquéias, entrevistado 11)

Sendo assim, todos os entrevistados dessa tese relataram, de diversas formas, como as suas trajetórias foram perpassadas pelo tráfico de drogas - como vendedores autônomos, ligados a uma boca ou a facções - a maioria também relatou outros crimes, como recepção, agressão, depredação de patrimônio público, formação de quadrilha, porte de armas e outros crimes. Durante as entrevistas desta pesquisa, ficou evidente que o tráfico de drogas se tornou uma atividade mais constante nas vidas dos entrevistados. Isso ocorreu não apenas quando eles saíram das casas de seus familiares e precisaram buscar recursos para garantir sua subsistência financeira, mas também quando alguns deles formaram novas famílias. Alguns relataram que apoiaram o envolvimento em atividades relacionadas ao tráfico de drogas mesmo quando trabalharam em atividades legais, mantendo, assim, uma dupla função em suas vidas.

Mas e antes? Você já estava desanimado com a ideia da igreja? Não estava. Eu vivia uma vida dupla. Na verdade, eu estava numa duplicidade. Por isso que para muitos foi uma surpresa muito grande quando passou a reportagem que eles me pegaram, e aquilo que noticiaram rolou no WhatsApp e tudo mais. (Absalão, entrevistado 10)

O tráfico de drogas foi descrito como uma fonte de renda, especialmente em bairros marcados pela desigualdade e falta de oportunidades econômicas. Essa motivação financeira levou vários deles a aderir ao tráfico de drogas, tanto como uma fonte primária de renda, quanto como uma maneira de complementar seus ganhos em empregos formais.

O tráfico de drogas, em muitos casos, foi uma resposta à falta de oportunidades econômicas em suas comunidades, proporcionando uma maneira de obter recursos financeiros necessários para enfrentar os desafios do cotidiano.

3. Fatores de risco e pontos de virada relacionados a influência do ganho de dinheiro, status, fama e proteção

De acordo com outros autores da área, e conforme as entrevistas dessa tese, os ganhos financeiros aparecem como um dos principais motivos para o envolvimento dos entrevistados com a criminalidade.

De acordo com a Teoria da anomia, as sociedades que não regulam o comportamento dos indivíduos tendem à criação de sujeitos anômicos e o comportamento antissocial é determinado por convenções sociais, mas também pela estrutura de classes sociais, que delimita quais são os meios socialmente disponíveis para alcance dos bens de consumo. Como há um excesso de ênfase no que a pessoa possui, em detrimento do que ela é, há uma enorme pressão para a “inovação” entre os mais pobres. Assim, se a promessa de mobilidade social ascendente não se satisfaz, então, não há ganhos em perseguir os meios socialmente legítimos e assim, os fins justificariam os meios (MERTON, 1938). Já nas revisões da teoria da tensão, como na Teoria Geral da Tensão (AGNEW, 2007), o sucesso financeiro não é o principal objetivo dos adolescentes atuais, pois eles têm uma variedade de objetivos e compromissos, o que inclui também os de classe média. Assim, os indivíduos já que são mais focados em benefícios de curto prazo, em detrimento dos de longo prazo, tem incapacidade de administrar bem o tempo e a frustração é devida ao bloqueio do comportamento que busca a realização de certos objetivos. O bloqueio se transforma assim em uma fonte de tensão importante pois frustra e pode levá-lo a fuga para atividades ilegais ou violentas. Para Agnew (1985, p. 152), a delinquência seria maior quando as aspirações fossem altas e as expectativas baixas, e as subculturas são específicas porque respondem à tensão da frustração.

Seguindo a teoria da tensão, os principais fatores de energização que virtualmente levam a um potencial antissocial elevado e de longo prazo, são os desejos por bens materiais, status entre pessoas íntimas, excitação e satisfação sexual. No entanto, essas motivações só levam a altos níveis de potencial antissocial se métodos antissociais para os satisfazer forem habitualmente escolhidos (FARRINGTON, 2003). Pesquisas como de Farrington (2002), Thornberry *et al.* (2003) e Galinari, Vicari e Bazon (2019) também

analisaram que variáveis ligadas a questões econômicas se mostraram relevantes ao cometimento de atos infracionais.

Nesse sentido, corroborando com autores da mesma linha, houveram relatos dos entrevistados nessa pesquisa, sobre a grande influência dos ganhos financeiros obtidos devido ao envolvimento com a criminalidade.

A gente acha que vai conseguir paz tendo dinheiro, então você vai para o crime, você busca dinheiro do crime, você compra um carro bacana, tendo um carro bacana, você tem uma mina da hora, tendo uma mina da hora, você tem um rolê, você acha que a sua vida é construída a partir de valores materiais, na realidade, porém é mentira, né. Quando você assusta que você está ali envolvido até os pescoços com um monte de problema, com inimigos, é polícia, é dívida, as mulheres que estão ao seu redor não amam, ela está ali por status, os amigos falam que são seus amigos, só atacam você (...) (Habacuque, entrevistado 5)

(...) O pai dela (esposa) era dono de um bar na quebrada e eu frequentava muito esse bar e tinha bastante dinheiro porque na época passava muito dinheiro na minha mão. E então chegava no bar e mandava fechar o bar para festa, passava noite lá, perguntava pra ele quantas caixas de cerveja tinha, se tinha uma, duas três, deixava tudo pago e às vezes gastava 500 ou 1000 reais numa noite (...) E aí então eu frequentava o bar do pai dela, gostava de lá e ele sabia que nós era do crime, já nessa época, já tava envolvido, já andava armado a gente ia para lá e ele guardava os revólver da gente, droga, para ficar lá tranquilo. (Sofonias, entrevistado 6)

Não tinha nada a ver com a vida que eu vivia, né? Na verdade, foi querer algo que assim, no natural, talvez se eu fosse ter, eu ia demorar alguns anos. E aí as propostas é sempre de muito dinheiro. O tráfico é um negócio assim que... A maior parte das pessoas que se envolvem nisso é justamente por causa do dinheiro. A proposta é muito boa. E hoje, pra pessoa estudar e ter um trabalho bom, que você tem um salário assim, a altura do que era pra ser. É muito complicado. É difícil. Algumas pessoas não têm estudo, mas tem o auxílio do tráfico. Porque sempre te chama pra perto. Sempre te propõe valores que assim, a princípio é surreal. (...) mas vamos colocar aí 1.400 reais. Aí você chega. 1.400 reais você vai fazer em quase um dia. A média hoje, você trabalhar aí pouco, você vai fazer 500 reais no dia. Então é um negócio assim muito surreal. Você fala assim, “poxa, eu trabalho um mês inteiro e ganho 1400 e com os descontos vai cair pra 800 e pouco”. Aí eu vou e pego e vou fazer um serviço desse daí. Eu trabalho 12 horas e posso folgar 12. Se eu trabalhar 12 e no outro dia eu vou e trabalho de novo, trabalho de novo, trabalho de novo. Quanto que eu já ganhei? Então essa proposta foi o que me atraiu. Entendeu? Essa proposta foi o que me atraiu. Eu comecei com um serviço que de 9 horas fazia 10, 15 mil reais. 9 horas. (...). É um negócio que é muito, muito atraente. Por esse motivo, foi que eu mudei a trajetória da minha vida e entrei aí. (Absalão, entrevistado 10)

Quando os entrevistados foram indagados diretamente sobre os fatores que os influenciaram a ter uma trajetória delinquente, as respostas foram multifatoriais. Os ganhos materiais e financeiros apareceram como ponto importante.

Nem eu sei porquê, porque eu não preciso, minha mãe nunca deixou faltar nada. Mas eu acho que como meu irmão foi preso, eles viram que tipo assim,

já tinha a pessoa ali formada era só dar a mercadoria e o dinheiro ia continuar girando. E adolescente com 16 anos, 15, se eu não me engano, entrando dinheiro, aceitei. Eu vou te falar o que eu acho é que ninguém influencia ninguém, eu acho que a gente atrai o que é bem parecido com a gente. Se a gente tem muita amizade com aquela pessoa errada é porque você se identifica, não é a pessoa que está te influenciando, você gosta do que a pessoa faz. Você tem o poder de falar não. Eu falo que hoje em dia eu fumo maconha. Mas eu fui começar a fumar depois dos 18 anos, eu cansei de ir pra baile, as pessoas me oferecer, minha roda de amigos me oferecer e eu dizer não. (Neemias, entrevistado 1).

Assim, foi possível observar nas entrevistas que o tráfico de drogas se mostrou um meio mais rápido de se alcançar a independência financeira, de poder adquirir os produtos da moda, usados pelos traficantes e divulgados por meio de exaustivas campanhas publicitárias nos meios de comunicação, fazendo despertar desejos que demorariam mais para serem satisfeitos pelos meios legais. Nas entrevistas realizadas nessa pesquisa, a condição vulnerável foi relatada como fator importante para entrada no crime.

Além dos ganhos financeiros, o envolvimento com a criminalidade proporciona outros tipos de ganhos que o tornam atraente para muitos, mesmo sendo uma escolha problemática. Esse aspecto, amplamente observado na literatura especializada da área e também evidenciado nas entrevistas desta pesquisa, é multifacetado e envolve aquisição de respeito e proeminência. Nesse sentido, respeitabilidade e proeminência também podem ser arrolados como mecanismos de atração que esse tipo de grupo exerce sobre jovens de comunidades tradicionalmente violentas (ZILLI, 2004). Os entrevistados compartilharam experiências que destacaram a grande influência do status e do respeito adquiridos ao se envolverem com a criminalidade. Para alguns, a associação com o mundo do crime elevou sua posição social dentro de suas comunidades. Aqueles que adquiriram confiança, astúcia ou poder na administração do crime frequentemente gozaram de um certo grau de admiração ou respeito entre seus pares. O respeito adquirido por meio do envolvimento com a criminalidade não se limita apenas ao âmbito local, mas também se estende a outras áreas da vida dos entrevistados. Essa atração pelo status e respeito, obtido por meio da criminalidade, aparece como um dos fatores importantes para a persistência das trajetórias criminais. A sensação de pertencimento, o reconhecimento e a admiração de pares e membros da comunidade, muitas vezes, complexificam o abandono do crime para os jovens, mesmo quando reconhecerem os riscos e as consequências associadas a ele.

Esses meninos novos ostentam mesmo, vejo aqui na rua da minha casa, esses meninos novos são diferentes, mostra tudo mesmo, pra todo lado tá assim. E aí cê vai conhecendo um, outro, e outro e começa andar junto e vai fazendo parte daquilo, cada vez mais. Começa muito com esse status, poder, fama que o crime mostrava. Na época, eram pessoas ‘famosas’ assim neh, era o máximo ser do crime, ter respeito, quem vendia droga era os cara que tinha mais conceito, mais conhecido. E também ao mesmo tempo cê começa a fumar, depois a maconha, e vai indo. Sexo, mulheres, dinheiro, tudo te atrai. Mas o respeito era muito. Então aquilo foi me seduzindo. Foram uns dez anos nessa vida. Aí cê vai conhecendo gente, adentrando mais as ideias, vendendo uma coisa, guardando outra, umas coisa pequena. (Sofonias, entrevistado 6)

Porque acaba que, quando você entra nesse mundo, você avança um pouco mais do que você está esperando. Por mais que você queira... “Não, só vou entregar essa mercadoria aqui pra você, você vem com o meu dinheiro e pronto”. Não é assim. Você tem alguns problemas, você começa a ter dor de cabeça, você precisa de receber, você quer receber. E isso daí já vem trazendo problemas pra frente, você precisa resolver. Se você era uma pessoa sem coragem, você passa a ter mais coragem. Se você era uma pessoa que não tinha respeito, você passa a ser respeitado. É outro ponto muito interessante também, que tem muita gente que procura o crime por fatores de respeito. Você acha que isso influenciou muito? Muito, muito. Tem muita gente que, às vezes, cresceu, nunca teve respeito, foi pessoas que foram muito assim, zoadas, aquela coisa toda. Sempre as pessoas pegaram o pé e quando teve oportunidade, ela entra e fala, “agora aqui, quero ver se mexer comigo aqui agora”. Isso é real? Real. A gente conheceu muito, na linguagem direta, muito bunda mole, que entrou e ficou respeitadíssimo, porque matava pra ver cair. É um fator que tem muita gente que entra e busca isso daí. Além da condição financeira, o respeito. Isso também te atraiu? Não, porque eu não andava na roda dos caras. Eu nunca fui de ficar com eles. Nunca encontrei nos lugares que eles queriam. Sempre tinha que ser onde eu queria, onde eu já tinha ido, observado antes, para depois marcar com eles, para a gente ter certos tipos de conversa. (...). pra molecadinha, influencia. Menina, tem muita menina que gosta desse tipo de cara. Eu acho que é o funk que canta muito. Então o que que acontece? É... Você vai, ó. Você olha uma menina que às vezes você tá afim. E... Você acha bonita ali, te atrai. Mas você não tem condição de chegar perto dela. Ela puxa aqueles negócios e aí acaba que você arruma um outro meio. Eu vou pra lá, porque eu sei que aquele quadro ali é o lado que tem demais. Demais. É o que você mais encontra, as meninas novinhas, assim, nesse mundo. Você vê que não tem estrutura nenhuma pra nada. Nem pra acompanhar ninguém. Então tem muitos também que entram, assim, por causa disso. É status, você tá entendendo? Você tem poder. Você tem respeito. Você tem poder, você tem respeito. Dinheiro. Cordão de ouro. Tênis. Você tá entendendo? Agradece, né? Olha, repara. Começa a buscar. Você vai encontrar. Os tênis. Eu quero usar tênis de mil. Eu uso perfume importado porque eu gosto de perfume importado. Não é porque eu ouço em música. Falar 212, não é por causa disso. Eu uso perfume cortado porque eu gosto. Mas essa molecadinha, tem muitos que é influenciado. Tem gente que você falar 212, ele sabe que é um perfume, mas se você mostrar ele o perfume, ele vai ler lá 212, mas ele não tá nem ligando uma coisa que aquele perfume é o que fala lá. Aí o cara fala uma garrafa de whisky, ele bebe porque é uma garrafa que fala o funkeiro que tá no auge, tá falando essa garrafa. Então, eu quero na festinha ou na mesa onde que eu tô, que tenha essa garrafa. Repara que os meninos que curtem o baile, eles passam na distribuidora, no supermercado, compra. Faz questão de levar de bar do Brás, porque não é normal chegar lá. “Nós estamos bebendo isso”. Então, o lugar te proporciona muito isso. Se você não tem, você entra no tráfego. Aí automaticamente você já quer começar. “Eu quero um tênis desse, eu quero um cordão assim, eu quero meu cabelo cortado, disfarçado dessa forma aqui, eu quero beber isso. E minha roupa, eu tenho que tá com símbolo da Lacoste mostrando.” Então, te traz muita coisa, entendeu? Mas se

você não tiver uma mente blindada, se você tiver opinião própria, aí você entra e acaba que não consegue sair. Porque isso é pra poucos. Essa experiência que eu tô tendo aqui em contar pra você é pra poucos. (Absalão, entrevistado 10)

Dinheiro. A vida toda eu sempre trabalhei, nunca mexi com nada A vida toda eu sempre trabalhei, nunca mexi com nada errado não. Mas a ganância, pelo dinheiro, foi sempre. Mas sempre alguns caminhos que eu acho que você não deveria ir, entendeu? (...) Ah, você fala na época que eu envolvi? É. A ganância. Não, só eu como maioria, se você for num sistema prisional e fizer uma pesquisa de muitos caras com muita família boa, família excelente, você vai perguntar e cara vai te falar o mesmo ponto que to te falando aqui. (...) É, o dinheiro que você demoraria aí 5, 6 meses pra ganhar, um ano, você ganha por uma semana. É. Aí você vão por isso até na estação, assim, duvidado, apertado, aí você tem vontade de trocar um carro, alguma coisa aí, eu via, às vezes, você vai trocar seu carro, você vai lá e faz, dar uma viajada, faz isso, faz isso, aí não é que dá nada não, assim. (Miquéias, entrevistado 11)

Nessa perspectiva, Zaluar (2014) afirma sobre essa realidade relacional de desigualdade de poder projetada, de forma que jovens oriundos de territórios vulneráveis e violentos precisam assumir o etos da masculinidade para se juntar às quadrilhas de traficantes e, assim, interiorizar o etos guerreiro, com a exacerbação da hipermasculinidade que passa a impregnar os territórios onde vivem e onde estabelecem suas relações sociais. Nesse cenário, as crianças e os adolescentes crescem com a ideia de que o uso ostensivo de armas de fogo se torna um sinônimo de poder e, desse modo, concebem que a conquista do respeito no território e dentro do tráfico de drogas será atingida pelo manejo destas, para punir e vingar seus inimigos.

E disso tudo o maior perigo que eu vejo é o status, a fama, o respeito que isso tudo gera, porque eu vi que eu tinha um nome que era um bem respeitado. Eu era tratado como rei, praticamente alguém importante assim no bairro, uma região com todo mundo falava quando eu chegava era o 'x' lá falava até do Rosaneves. Você chegava nos lugar assim as pessoas te davam as coisas, ela tratava bem. E aí a gente ia muito em baile aqui da região, até com minha esposa também né. E aí nessa época turbulenta de muito tumulto, muita morte, até no casarão mesmo e a gente ia e era aquela coisa, eu chegava com minha esposa e com mais os amigos assim, com as mulheres e o povo abria passagem, um negócio cabuloso, complexo. O crime é complexo e todo mundo olhando, todo mundo respeitando, como se fosse uma pessoa importante mesmo né, isso tudo era muito bom, ficava engrandecido. Gostava e aquilo tudo ia gerando ilusão e também tem a parte do dinheiro que eu não vou negar, o dinheiro também ainda mais para região, para aquela época tanto dinheiro, pra quem foi criado com quase nada. (Sofonias, entrevistado 6)

Na verdade, a rua começa a suprir algumas necessidades que no dia a dia a gente não tinha. Afeto, unidade, você acaba tendo mais resposta afetiva dos caras da rua, das meninas da rua, você já conhece álcool, você já conhece droga, você já conhece autoridade através de um revólver, através de conquista, né. Cada coisa que você consegue na rua, no seu dia a dia, dentro da sua casa, que ninguém nunca teve, pra você é um degrau, né. É utopia, na verdade. A longo prazo você vai entender que é uma escalada desgraçada, um

bagulho que vai te levar pro retrocesso, mas naquele momento é algo que te supri, é algo que te encoraja. (Habacuque, entrevistado 5)

Outro ponto que merece destaque é que um dos entrevistados dessa pesquisa, Neemias, relata que ser envolvido com o tráfico de drogas garantia respeito e proteção com relação a sua homossexualidade, em vários espaços que frequentava, inclusive na escola.

Mas eu sou um menino favelado, tatuado, homossexual. A vida não da mole não. Eu tive que me armar. (...) Tem estudantes cruéis, a primeira vez que eu entrei nessa escola enfiaram minha cara dentro do vaso. Era o trote da escola. Até hoje minha irmã ri quando me enfiaram na lata de lixo. (...) Eu enfrentei tanta coisa em 2022, que na minha época de escola eu era muito ruim, eu era ignorante, eu era soberbo, eu fazia minhas coisas por baixo do pano, mas algumas pessoas viam eu maltratando os outros por causa da posição que eu tinha, ninguém batia de frente comigo. (...) Eu falo, eu achava lindo, eu achava esse poder lindo. Esse comando, todos na escola sabia sim, não sabiam o poder que eu tinha, mas que eu tinha alguma coisa envolvida. Nunca sequer escutei uma piadinha “gay”. (...) (Neemias, entrevistado 1).

Durante as entrevistas dessa pesquisa pode-se observar as idas e vindas das trajetórias criminais dos entrevistados. Assim sendo, a maioria dos entrevistados afirmou sobre a combinação entre atividade criminosa com algum tipo de emprego episódico que, embora nem sempre fosse um trabalho no setor formal, não era ilegal. Também, muitas vezes, mesmo em trabalhos formais ou afirmando não se envolver mais com o crime, a triangulação das entrevistas e nas próprias falas, percebe-se que o tráfico de drogas - tanto como vendedores autônomos, quanto subordinados a bocas - e outras infrações, ainda faziam parte de sua vida, assim transitando por vidas duplas. Isso demonstra que os pontos de virada analisados acontecem, muitas vezes, de forma processual na trajetória dos entrevistados, sendo que algumas são ainda marcadas por descontinuidades.

4. Fatores de risco e pontos de virada relacionados a influência da perda de pessoas importantes do ciclo de convivência e passagem pela detenção

Em meio a contextos tão estigmatizantes, a vida dos jovens e adultos entrevistados nessa pesquisa aparece marcada por desigualdades, violências e mortes, principalmente após sua entrada no mundo do crime. De acordo com o relato de dois entrevistados, a morte de um irmão levou ao seu retorno para a trajetória do crime, e que demarcam pontos de virada em suas trajetórias.

Aí a esposa engravidou. Aí eu tinha 18, a esposa tinha 16. Aí eu fiquei mais tranquilo. Eu estava trabalhando no x. Eu era chapista lá. Aí o meu irmão

morreu e eu saí. Aí eu fiquei meio assim...Inclusive eu peguei até um acerto lá, comprei uma arma, sabe? Para mim vingar o meu irmão. Aí...O rapaz também ficou sabendo, né? Que no dia em que o meu irmão morreu, eu falei com os policiais que eu ia correr atrás, que não adiantava... Eles podiam me prender. Eles falaram, você vai me prender aqui. Eu ia correr atrás, né? Nossa, mãe... Até hoje a gente sente a morte dele. Inclusive a minha mãe. Eu fui avisar ela, né que ela tinha falecido. Ela tinha acabado de chegar da igreja. Foi tenso. Mas só que o que que acontece? Aí eu peguei esse acerto meu, comprei uma arma pra me vingar da morte do meu irmão. Só que a minha mãe, a esposa, me deu muito conselho. Aí eu fui pra outro estado, voltei pra lá, na casa dos parentes meus, né? Aí fiquei lá três meses, não aguentei também, não. Voltei pra cá de novo. Tinha neném já... Eu tava sozinho, a esposa tava aqui com a mãe dela. A mãe dela passando mal, meu irmão sozinho. O cara já tava trabalhando lá. A empresa até boa, né? Só que eu não aguentei não, fui embora pra cá. Aí envolvi de novo. De novo, nessa época? Aí eu envolvi de novo, com droga também, de novo. Aí eu fui comprar na mão do rapaz. Três quilos, eu acho. Só que o rapaz já tava no grampo, sabe? Já tava sendo investigado pela polícia. Aí eu fui cair no grampo também. Ai a polícia veio estourou aqui em casa, e que me levou. Inclusive eles colocaram, eu como participação do grupo deles lá, sabe? (Obadias, entrevistado 3)

Tem certas coisas na vida que é marca pra sempre. Tinha 17 anos, novo demais. Aí eu revoltei mais ainda, voltamos pra cá, não queria conviver mais lá, aí também envolvi foi mais. (Malaquias, entrevistado 9)

Outros entrevistados afirmam sobre como a perda de outros familiares e pessoas próximas marcaram negativamente suas trajetórias, levando ao uso de drogas e envolvimento com a criminalidade, marcando pontos de virada em suas trajetórias.

Primeiro, eu não tinha pai. Eu não tinha mãe. Então, eu não tinha freio. Ninguém botava freio. Não, eu fazia o que eu queria, a hora que eu queria. A maioria das minhas amizades eram essas pessoas. Eu não tinha amizades com outras pessoas, né, que tinham condição melhor. Primeiro, como você falou, eu sempre cara fechada. Então, eles não tinham comunicação comigo. Eles achavam que eu ia fazer alguma coisa. Eu não tinha comunicação comigo. É, mas eu era sempre afastado. E como eu perdi minha avó, perdi minha mãe, então, eu sempre fui mais fechado. Eu só era mais aberto com as pessoas que eu tinha mais contato. Mais próximo. Até pra rir. Era só com as pessoas que eu tinha mais contato. Ao contrário, pra mim, como diz o outro, não fedia e nem cheirava. Passava pra mim...eu nem ligava. (Zacarias, entrevistado 8)

Porque nessa época foi quando eu comecei a fumar e, tipo assim, eu perdi muita gente. Perdi meus avós primeiro, aí depois perdi meu tio, depois perdi meu avô. Era, tipo assim, são pessoas que me ajudou na formação do meu caráter, tipo assim, totalmente, entendeu? Eram pessoas que eu amava muito, muito próxima. E a real é que eu nem sei o que isso causou em mim, porque quando tudo isso aconteceu, eu meio que sempre.... Nunca demonstrava, entendeu? Eu me dopava fumando muito, ou tomava chá de camomila, esse trem assim, pra não pensar no momento. Então, agora que eu tô vivendo isso, entendeu? Vivendo o luto, parando pra pensar em tudo que já aconteceu, então a real é que eu não sei o que isso tudo causou em mim, entendeu? (Bartolomeu, entrevistado 12)

A morte de pessoas próximas é um evento que muitas vezes leva os indivíduos a compensar suas escolhas e comportamentos, inclusive no contexto de uma trajetória criminosa. Nesse sentido, a perda de amigos, familiares ou entes queridos pode servir como um ponto de virada importante nas vidas dos entrevistados, fazendo com que reflitam sobre o impacto de suas ações e busquem uma mudança.

Então quando eu novo mataram meu amigo. Eu tinha 15 anos. Era meu melhor amigo nós fazia tudo junto, era antigo do bairro também. Perdeu pro crime. E aí depois disso, exatamente quinze anos depois, eu enterrei o irmão dele, desse mesmo mano. Ou seja, passou tanto tempo e as mesmas histórias e nós enterramos o irmão do cara, de tiro, mesma coisa, no bairro x. Eu já tava triste, revoltado com o sistema neh. (Amós, entrevistado 4)

E quando no dia do meu aniversário que eu saí, completando um ano que eu saí daqui, assassinaram meu irmão no dia do meu aniversário, um ano depois certinho, aqui no bairro. E Deus já estava me preparando para isso sabe, ele já tinha me mostrado em sonho o lugar que ia acontecer, várias vezes e falou que eu ia perder uma coisa e depois ganhar outra muito importante e eu sem entender. (Sofonias, entrevistado 6)

Durantes as entrevistas, o medo da própria morte aparece de várias formas durante a trajetória de vida dos relatos dos entrevistados, e para alguns, compõe pontos de virada importantes para o processo de mudança de trajetória de vida. Seguem relatos sobre inveja, medo dos concorrentes pertencentes a dinâmica do tráfico de drogas e também sobre a perda de pessoas importantes.

E aí a gente foi vivendo aquilo ali até quando eu fui largar em 2014 né. Mas foi muito complexo isso tudo aí, muito dinheiro, muita intriga, muita morte, muito problema, muita perda, vi muita coisa. Quando a gente ia nos bailes mesmo ficava o grupo separado dos homens e das mulheres, e aí as mulheres começaram a comentar com a minha esposa e ela me contava sobre o povo crescer no olho mesmo, com inveja, olho gordo e também foi acontecendo traição. Às vezes eu tava na roda ali e vi aquilo acontecendo e saía pensando ‘nossa se esse mano tá fazendo isso agora, porque que também não vai fazer comigo’. (Sofonias, entrevistado 6).

Na verdade, a dor e o sofrimento e a solidão... Isso é... Eu falo, né? Eu costumo dizer que a dor, o sofrimento, a solidão, a enfermidade, entendeu? Ela nos aproxima de Deus. Porque é um momento que a pessoa tá sozinha, é um momento que não tem ninguém pra te ajudar. E você sentiu isso nesse momento? Senti. E 90% senti isso. (...) E você vê que muitas vezes é porque nesse pior momento da vida de muitas pessoas, você tá sozinho. (Miquéias, entrevistado 11)

Outro ponto importante para essa análise, trata-se da passagem pela detenção. Uma das funções sociais da pena é garantir que os indivíduos criminosos parem de delinquir, tal debate compõe um campo de estudos de grande importância para as ciências que estudam o crime. Atualmente pesquisadores da área analisam experiências de

detenção para interrupção da trajetória infracional e de acordo com os relatos dessas pesquisas, passar pela detenção influencia a trajetória dos entrevistados de várias formas, seja para o aumento do capital social para a maior especialização no crime e também como fator de impulso a desistência da trajetória criminal. As pesquisas da área também sugerem que a rotulagem gerada pelo sistema de justiça criminal ajuda a aumentar a prática de crimes devido aos seus efeitos na estabilidade do emprego e no desemprego dos indivíduos delinquentes (FARRINGTON, 2003; SAPORI, CAETANO e SANTOS 2020). Esse ponto da análise remonta também aos pressupostos clássicos da teoria da dissuasão, relacionados ao cálculo racional de custos e benefícios do crime, e os elementos do processo punitivo, que são a certeza, celeridade e severidade, e que potencializam a dissuasão.

Apenas 4 dos entrevistados dessa pesquisa não relataram sobre passagens pelo sistema socioeducacional ou penitenciário. Os outros 8 entrevistados relataram pelo menos uma passagem, sendo que alguns possuem histórico recorrente de prisões e ainda, um dos entrevistados ainda cumpria pena na condição de semiliberdade na data da pesquisa. Os motivos das prisões eram relacionados principalmente ao tráfico de drogas, também roubo e agressão, em menor número. Dialogando com outros autores da área, a passagem pelo sistema prisional surge como fator marcante na trajetória de alguns dos entrevistados dessa pesquisa, seja para acúmulo de capital social para o crime ou como ponto de reflexão para a desistência. A passagem pelo sistema penitenciário também conta com relatos de vivência de violências.

O que acontece no sistema prisional ninguém mostra, ninguém conta. É feriado, só tá a gente, os detentos, aquilo vira um inferno. É luz apagando, toalha molhada e caixa jogada na nossa cabeça, é porrada, e soco no olho, é gente pedindo socorro porque tá cego. Eu escutei, depois deles bater em nois tudo, o menino pedindo socorro porque ele não conseguia enxergar. Os dois olhos inchado tomou soco no olho. (...) Então pra você ver o caos que lá é, a confusão, o perigo que lá é. As pessoas estão lá para serem reabilitadas, mas isso realmente tá funcionando? As pessoas tão melhorando ou voltando mais vezes lá. (...) você sabe que eu não sou uma má pessoa. Fiz escolhas ruins, fiz. Erradas, sim. Prejudiquei quem, eu. Fui jogado com assassinos, estupradores. (Neemias, entrevistado 1).

Depois disso eu fiquei preso também outra temporada, muito problema com polícia, várias vezes. Outra vez eu fiquei um ano e quatro meses, aí a cadeia ali eu acho que é pra quem quer mudar de vida. E aí eu pensei em mudar, é um lugar de reflexão, cê fica ali isolado, a dor é tão grande que você fica anestesiado. E aí isso te mudou, te marcou? Sim, mas também não mudei, piorou mais. Ali as amizades levou a aprofundar mais ainda. Eu ficava naquela, se mudar, queria mudar, depois não queria. Tipo me sabotava, pensava, como um cara sem estudo, com esse passado, cheio de problema ia mudar. Não ia ter chance. No fundo eu mesmo nem queria sair, e então fui colocando limitações

para sair e então eu saí mais maduro, vai amadurecendo, vai virando homem, e aí ali eu arrumei foi muitos contatos, muitas redes, o conhecimento de arma e droga, e de comprar mais droga, fui pegar no canal. (Sofonias, entrevistado 6)

Os relatos de entrevistados também demonstram algumas trajetórias de idas e vindas do sistema prisional, que reverbera no debate sobre o efeito de dissuasão do sistema carcerário atual. Assim, durante esse processo, houve relatos sobre uso de drogas, cometimento de mais crimes, e também sobre o aprofundamento das relações com pares delinquentes, dentro do sistema carcerário e todas essas conexões visando a sobrevivência no sistema, acaba gerando mais consequências negativas para suas trajetórias. Paradoxalmente, o sistema prisional, em vez de cumprir seu propósito de correção e ressocialização, muitas vezes contribuiu para a intensificação das conexões dos entrevistados com o mundo do crime. Nesse sentido, a passagem pelo sistema carcerário compõe um ponto de virada na vida dos entrevistados, como se pode analisar nesses fragmentos de entrevistas a seguir:

E aí nisso, eu, quando eu tinha 17 anos, teve uma cena que eu fui preso (...) Foi porque eu troquei tiro com a polícia e eu dei tiro e acabou acertando um policial e aí foi aquilo tudo, eles vieram com tudo, com polícia, helicóptero e tudo. (...) Mas eu não mudei não. Não foi o suficiente. Logo depois, ali mesmo eu já fiz contatos, fui conhecendo mais gente e mais gente. E entre 2007 e 2011 eu fiquei ativo mesmo, agravou a situação fiquei envolvido com tudo mesmo. Depois disso eu fiquei preso também outra temporada, muito problema com polícia, várias vezes. Outra vez eu fiquei um ano e quatro meses, aí a cadeia ali eu acho que é pra quem quer mudar de vida. E aí eu pensei em mudar, é um lugar de reflexão, cê fica ali isolado, a dor é tão grande que você fica anestesiado. (Sofonias, entrevistado 6)

Outro ponto importante que surgiu durante as entrevistas e que condiz com a literatura especializada, foi sobre a escolha de se unir a uma facção criminosa dentro do sistema carcerário e que marca sobremaneira a trajetória desses indivíduos nessa fase de seu curso de vida. Nesse ponto, pode-se analisar como se tornar criminoso é sobre sustentar a realização de certos comportamentos, o que só acontece se forem mantidas as contingências que levam a essas ações, de acordo com a Teoria criminológica do aprendizado social. Assim, o sistema carcerário brasileiro, tomado pelas facções, geram o ambiente repleto de possibilidades de aprendizado do comportamento criminal ou aprofundamento desse, e que é resultado de imitação, de definições favoráveis a conduta e da associação a pares criminosos. A estabilidade do comportamento criminoso é, portanto, mais provável quando um indivíduo está inserido em um ambiente social onde a má conduta é reforçada e onde a associação diferencial com definições pró-criminais e

padrões de comportamento está prontamente disponível.” (BURGESS e AKERS, 1966 p. 769), conforme os relatos a seguir:

E outra coisa, é... Eu fui integrante, batizado, da maior organização criminosa da América Latina e a que mais cresce no mundo, que é o PCC. Eu fui integrante. (...) Mas também me ajudou muito quando eu tava lá. Porque é organizado mesmo. Eu recebia pouca visita por causa da distância. Pra mim que era sozinho tinha ajuda. Tinha trezentos reais. O comando me ajudava, mandava coisa, pela esposa dos outros. Um cara forte que me chamou. (...) Aí pegou contato e tal e esposa dele foi visitar entrou em contato com minha família, dava notícia, levava as coisas, mandava pelo correio. Às vezes blusa de frio, uma coisa que tava precisando. Porque o Estado não manda nada. Então é tudo bem organizado, eles te dão apoio. É sério mesmo neh. O Comando é organizado mesmo, lá tem de tudo, tem político, tem polícia, tem tudo. (...) E aí não tinha muito o que fazer, a toa, às vezes você conversa e distrai e aí muita droga. Porque eu nunca fui de usar droga. Cheguei lá, negava, negava. Tinha um cara lá que sempre falava “Um baseadin aí irmão, baseadin, baseadin” e eu sempre negava. Um dia eu falei “passa essa desgrama pra cá então” e fumei. Aí todo mundo assustou. Aí foi, maconha, LSD, menos cocaína, porque eu fumei e deitava na rede e dormia até no outro dia. Era mais pra dormir, dormi quase dois anos numa rede porque dava pra virar, mexer. Porque lá dormem de dois no colchonete, imagina, dois cara. Não dá pra mexer. Complicado demais, aí não tinha eu fui pra rede e até acostumei, achava melhor porque dava pra mexer. Tinha dia que dava um trago assim, pra ficar com aquela sensação de tontura pra ver se deitava e pelo menos fechava o olho, passava a fome, e dormia, passava o tempo, dia após dia. (...) Mas eu assim sempre fui muito discreto, conversava com todo mundo e tal. Todo mundo assustou quando souberam que eu fazia parte, que eu era irmão. Porque era um dia que tinha que ler umas coisas lá, mensagem de cima ne, aí o cara lá me pediu pra ler, porque ele sabia que eu tinha boa leitura. Aí quando fui lá tinha gente que assustou. Fui ganhando visibilidade, muita gente também não gostou. Tinha um ex irmão, que era muito chegado mas mudou, virou inimigo, eu pensei que ia ter que matar ele quando saísse mas ele foi morto pela polícia numa saída. Tinha que fazer coisas que eram muito ruins também. Quando eu entrei fui testado. Mas tinha que fazer. (...) Então usava como dava pra sobreviver ali no meio e fui entrando no meio daquilo ali mesmo, era o que tinha. (...). Mas certo ponto ali, eu esqueci disso, esqueci que tinha vida além daquilo. Achei que não tinha mais nada a perder. Aí tinha que fazer as coisas mesmo sem querer, ou então eu que no lugar. Não tem paz. É a parte ruim. Eu recomecei do zero e perdi muito, mas agora eu tenho paz. (Absalão, entrevistado 10)

Não. Eu era gandaieiro, minha filha. Era gandaieiro, quebrava tudo. Mas aí o que aconteceu? Aí eu comecei a mexer com baile funk. Numa certa época da minha vida, aproximadamente em 2009, né? Acabou eu enturmando com os caras do tráfico, entendeu? E acabou eu me envolvendo. Aí acabou eu indo preso e acabou aceitando Jesus na cadeia, no sistema prisional. (...). Quando eu fui preso, eu fui entender o buraco que eu tinha entrado, né? Até então eu nunca tinha sido preso, né? Isso foi em que ano? Isso foi em 2011. Aí você tinha duas opções. Ou você se aprofundava mais pra dentro do crime, ou você ia pra Jesus e fazia uma nova trajetória, só que livre, né? Como eu nunca fui ligado a crime nenhum, porque o meu negócio era dinheiro, eu preferi ir pra Jesus, né? Porque eu falei, pelo menos Jesus vai me dar paz nesse tempo que eu vou tirar a cadeia, né? E acabou eu indo, gostando. E eu me tornei pastor, né? (Miquéias, entrevistado 11)

A gangue pode ser vista como uma gama de mecanismos interacionais e processos normativos promovidos pela união dos membros visando a formação da identidade

coletiva. O pertencimento a gangues criminais implica em processos de aprendizado social pois demanda associação aos pares desviantes, implica em imitação e, depois, da absorção das justificativas sobre cometimento de delitos e tende a ser tanto mais duradoura quanto maior o benefício percebido, o que inclui também o prestígio e menor os custos (LEVERSO e MATSUEDA, 2019).

O encarceramento de muitos entrevistados trouxe à tona uma série de temores e impactos negativos em suas vidas. Além do medo da violência e da perda de liberdade, o medo de entrar em conflito com facções ou grupos dentro das prisões era uma preocupação real para eles. Além disso, o encarceramento teve efeitos negativos em suas relações familiares. Muitos expressaram a dificuldade de manter vínculos com seus filhos e a mãe de seus filhos enquanto estavam na prisão. As visitas nas prisões eram muitas vezes insuficientes para manter um relacionamento saudável com suas famílias, e a separação causava sofrimento tanto para eles quanto para seus entes queridos. Esses relatos enfatizam os impactos adversos do sistema prisional e como o medo do encarceramento e suas consequências desempenham um papel importante na tomada de decisões dos entrevistados sobre suas trajetórias criminais.

Até que chegou no dia 15 de fevereiro de 2022, eu não sei o que rolou lá pelo jeito era algum feriado ou alguma coisa que a cadeia estava vazia, e tinha visita (...) fizemos o procedimento e a minha cela era a primeira, que era mais fácil de se precisar falar alguma coisa, pela minha situação era mais fácil, me tirar para ir na assistência social era mais fácil, aí o bate cela chegou, eu levantei e tirei minha blusa e saí de costas, agachei em frente a porta, a luz tava em cima de mim. E eu consegui ver o reflexo eles. Entraram na minha cela na hora que eles saíram eu só escutei o barulho PAAA nas minhas costas, eu era o primeiro, eu gelei, eu pensei o que é isso, na hora que eu olhei para cima, a luz tava refletindo a sombra dele e eu vi ele preparando outra toalhada molhada para dar na minhas costas. Na hora que eu levantei tentei entrar para a cela rápido, aí pegou outra na minha nuca. Molhada, encharcada, na minha nuca, acho que estava fazendo 35 dias que estava lá. Eu nunca chorei nenhum desses dias e aí meus olhos encheram de lágrimas. Mas aí eles fecharam o lugar que eu te falei que eu colocava a cabeça para fora, aí as lágrimas rolaram porque o que eles estavam fazendo com os meninos não era normal (...) E aí eu perdi 10 kg em um mês e 10 dias, eu perdi uns 10 kg (...) (Neemias, entrevistado 1).

E aí é a sua mudança de novo, de sair e não continuar. Por quê? Porque a situação que eu passei dentro do sistema, em vista da vida que eu tinha, que foi sempre uma vida muito aberta. Livre, pra viajar, pra curtir, pra fazer o que eu queria. Hoje, se eu for pegar o mapa do nosso país, eu só não conheço o Acre. Nunca fui no Acre. No resto dos estados eu já fui em todos. Muitos aqui com a Universidade Federal, muitos com a PUC, com a UNBH. Congresso, eu já viajei demais. Pra cantar, pra não sei o que, pra trabalhar. Pra tudo, mas a maior parte foi trabalhando. Então, daí você tá vivendo uma vida assim, como se você estivesse lá no auge. Daí a pouco, você entra dentro do quarto da sua casa. Você só tem a porta, você já não tem a janela. Você tem a televisão e a porta trancada. Com horário pra abrir e com horário pra fechar. Você sai hoje, 8 horas da manhã, vai lá na varanda da sua casa, fica lá olhando pela grade o sol

até as 11. Você só vai sair amanhã, vai te trancar às 11 horas. Você só vai sair de dentro do seu quarto amanhã, às 13 e voltar às 16. Então... essas maleficências aí foi o que foi me fazendo não voltar mais. (Absalão, entrevistado 10)

A teoria da rotulação (BECKER, 2018) analisa como ocorrem os processos de seleção e filtragem, primeiro, no policiamento e, depois, no sistema de justiça criminal e também sobre os efeitos da rotulação, que é a estigmatização, e tende a transformar o sujeito em mais propenso a um novo registro, empurrando-o para carreiras desviantes. Assim, uma vez rotulado pelo sistema de justiça criminal, o sujeito é forçado a uma carreira desviante, pois a pessoa se torna aquilo que dela se espera, como uma profecia que se auto cumpre. Do mesmo modo, a acusação pode ser entendida como um ponto de virada, pois produz uma série de ajustamentos pessoais e sociais e restringe as redes de sociabilidade e as próprias interações dos sujeitos, e a estigmatização transforma a representação do eu na vida cotidiana, criando uma identidade deteriorada.

5. Fatores de risco e pontos de virada relacionados a desistência da trajetória criminal – “Jesus perdoa tio”.

“Sou grato pelas balas que não me acertaram, pelas algemas que meu pulso não acorrentaram, pelas grades que não me cercaram. Sou filho falho, fui resgatado e os meus pecados pagos na cruz do calvário, pra seguir em frente, os manos crente, chapa quente e rima consciente. Os livramentos, tive vários. Deus no controle sempre, cuidando dagente. Ouvi o chamado, hoje homem renovado, lavado e remido, pelo sangue fui comprado, cumprindo o “Ide” com amor, na rima vou que vou, na satisfação. É rap cristão, é embaçado e pesado, é fruto de oração, com joelho no chão clamando pela vida dos irmãos. Hoje em Cristo abençoado sou, guiado pelo espírito. Deus é fiel... Eu sei, vivi desse lado, mas hoje tô aqui, querendo te ver sorrir... Ele tem poder, eu não vi, eu vivi, se tú não acredita em milagre, cê tá ouvindo a voz de um” (Gratidão”, Danielzin MV, 2020)

Eu hoje ando assim nos pés do senhor, mas lembro nas antiga quando tudo começou. Irmão, foi bem do nada e já escapou o amor. Perdeu a mente pra droga, o corpo pro terror. Agora anda assim, esperando o fim. Se auto-destruindo, com a morte te rondando, enfim só vim dizer que eu amo você e se depender de mim tua angústia vai ter fim, por que? Porque eu tô na graça do Senhor e a oração do justo vale muito em seu favor. Eu hoje aprendi que o importante é saber viver e que o verdadeiro amor, transcende e supera toda a dor. (“A oração do justo”, Cela Êfeso, 2012)

Nessa parte do texto, destacam-se os processos e os pontos de virada que marcaram a saída do mundo do crime de parte dos entrevistados da pesquisa realizada. Várias questões foram citadas como influencia para tal mudança de ação, como a

melhoria do lugar de moradia, a mudança de ambiente, a redução de ciclo de amizades, o medo do afastamento da família e de amigos, a recolocação ou a entrada para o mundo do trabalho, também a participação em programas do governo relacionados a prevenção da criminalidade, foram citadas como reforço positivo para a saída do mundo do crime, entre outros.

No entanto, dos doze entrevistados dessa pesquisa, oito deles afirmaram sobre a desistência do crime, sendo que sete afirmaram sobre a influência de motivos religiosos para esse ponto de inflexão, sendo que a conversão ao cristianismo aparece como o ponto mais importante para a virada da trajetória dos indivíduos pesquisados.

A conversão de indivíduos que tiveram uma carreira anterior no tráfico e no crime, traz apontamentos sobre um caminho que tem sido cada vez mais comum nas periferias brasileiras, em que os mundos do crime e da religião se relacionam das mais variadas formas. Como evangélicos, são englobadas diversas igrejas com aproximações e semelhanças quando a forma de se organizar e também sobre sua teologia. Designam tanto o conjunto das igrejas protestantes, as chamadas congregações “históricas” assim como as igrejas pentecostais, sejam as clássicas, neoclássicas ou neopentecostais (MACHADO e GOUVÊA, 2022). Nesse sentido, entende-se que “evangélico” é uma categoria “nativa”, ou um rótulo identitário por meio do qual, se demarcam fronteiras de identidade, incluindo-se ou não determinados segmentos no interior do grupo, de acordo com aquele que dele se utiliza, no constante processo pelo qual se desconstroem e se refazem identidades e remete a um conjunto de características que traçam um perfil relativamente bem definido de um grupo que engloba um número cada vez mais significativo de pessoas no Brasil¹⁵ e no mundo (MONTES, 2012, p. 30, apud MACHADO e GOUVÊA, 2022).

Dessa forma, o contato com pessoas que já eram religiosas e com seus exemplos de conversão apareceram como ponto importante de influência dessa mudança de trajetória, de acordo com os entrevistados, marcando pontos de virada em suas trajetórias.

Aí então, enterrar o irmão do seu amigo te fez mudar? Também neh, muitas histórias iguais e aí um dia eu fui fazer um corre entrei no carro com um mano, peguei carona, tava indo fazer um corre, guardar umas coisa e tal. Tinha uma pastora amiga dele no carro, que me falou umas coisas de Deus e aquilo ali foi uma semente no meu coração neh. Então aí você foi pra igreja? Então, eu não tinha essa cabeça. Não tinha nada de religião não. Assim, sempre acreditei em

¹⁵ Destarte, os últimos dados do IBGE relacionados à religião no Brasil mostraram que a religião cristã evangélica é a que mais cresce em todo o país. Em 2010, os evangélicos brasileiros atingiram a marca de 42,3 milhões de fiéis, representando 22,2% da população nacional, com crescimento de 61,75% desde 2000.

Deus, mas nunca foi assim não. Não essa mente, não tinha mudado a mente. Aí depois de um tempo eu fui largando, converti e hoje eu não vou na igreja mais não, tem uns dois anos eu acho, mas eu me digo assim, evangélico. (Amós, entrevistado 4)

Os testemunhos de mudança de trajetória de vidas vindos de pessoas próximas aos entrevistados também ganham destaque como ponto importante para seus próprios processos de mudança, e se tornam pontos de virada importantes para o processo de desistência da carreira criminal.

(...) É onde eu decido andar, começar a trazer droga para o Belo Horizonte, né, porque traz arma, traz droga, e nesse esquema de aliciação ao tráfico, eu me converti em evangelho, que é um ápice muito louco da minha história. Porque uma das pessoas que eu fui em busca de arma, para mandar arma para o Belo Horizonte, ele tinha se convertido em evangelho e tinha saído da criminalidade, e eu não sabia, né. E eu vou atrás desse cara para negociar arma, e a gente começa a conversar, eu tinha um respeito muito grande por ele, pela história dele no crime, eu conheci ele de outros passados, já há alguns anos, e quando ele me fala que ele tinha largado o crime, e agora estava na igreja, aquilo meio que me chapa o pescoço também. (...) Então quando eu conheço esse cara e esse cara me narra, que estava vivendo algo novo, porque ele falava “mano, eu tenho vivido uma experiência com Deus que eu nunca vi na minha vida, porque eu não preciso mais do crime para me sustentar, eu não tenho mais medo de ser preso ou de ser morto por alguém, e Deus tem moldado a minha história, tem feito com que eu me abandone um pouco dos vícios, das drogas, das mulheres, do dinheiro”. E eu, e aquele assunto ali, eu falei, “mano, mas é o que eu queria para a minha vida, mano”. (Habacuque, entrevistado 5)

E aí um mano meu que andava junto, a gente era que nem unha e carne, andava de moto, ficava para cima e para baixo, ele saiu, converteu né. Virou crente. Aí ele foi na minha casa, me contou testemunho dele que era muito legal, e eu gostei do exemplo dele mesmo sabe, de sair, de conseguir sair e ficar tranquilo, e aquilo tudo na minha cabeça. (Sofonias, entrevistado 6)

Isso. E mais, fazendo a coisa errada ainda. Porque sempre andava armado e sempre com droga. Sempre, né? Aí até quando que, do último Evento Gospel que teve (no bairro), o pastor começou a evangelizar a gente, né? E começou a fazer trabalho de libertação na casa. *Mas você deixou?* Porque, o que acontece, a V que é a minha cunhada mais nova, hoje ela tá afastada da igreja, né? Foi um pilar para que todos da casa convertessem. Ela ia para a igreja sozinha, ela buscava. (...) Através da minha esposa eu tava vendo diferença nela e a vida que a gente vivia não tava já boa. Aí o pastor começou aí, né? Fez um trabalho de libertação lá em casa. Eu não acreditava em espírito, e fez um trabalho de libertação lá em casa. Eu não acreditava em espírito, essas coisas assim. (...) Foi nesse dia que aconteceu esse trabalho de libertação lá em casa que eu converti, na sala de casa. (Zacarias, entrevistado 8)

Outro importante achado dessa pesquisa também, de acordo com as entrevistas selecionadas, foram sobre os relatos que informaram sobre a conversão religiosa durante a detenção, onde tiveram contato com a fé evangélica pentecostal. Ordinariamente, grupos externos ligados ao evangelismo implantam igrejas dentro dos presídios e centros de detenção no país, ou então fazem visitas regulares para realização de cultos de

evangelismo para os presos, seja para os que não são crentes ou para os presos que se reúnem em culto a Jesus Cristo nesses espaços e, a partir do processo do discipulado com os presos, atuam para a conversão de novos indivíduos, tanto como para a manutenção do processo daqueles que já se converteram e ainda, para o retorno daqueles que já tiveram de alguma forma contato com a religião anteriormente a detenção.

Inclusive, quando eu estava preso, eu.... Essa última cadeia minha foi no Seresp, de Betim. A esposa falava comigo, que o advogado falava com ela assim, “olha se você tomar pouco ainda, vai tomar uns 30”. Porque a quadrilha era pesada. Porque os pessoal, eles colocaram que eu era envolvido no tribunal do crime e tal, um tanto de coisa. Aí o advogado falava assim, olha, você tomar pouco ainda. (...) Eu sou muito fiel a Deus. E batizei lá, no Ceresp de Betim. Eu batizei dentro da cadeia. A Universal vai lá. Aí você tem a opção de ir pro sol ou ir pro culto. Então, peguei.... Eu levantava de madrugada fazia jejum, pra mim sair. Pra ver se Deus me livrava desse fardo aí pesado. (...). Na verdade, eu conheci a Universal na rua, mas lá na cadeia, eu conheci mesmo, verdadeiramente. Eu fui batizado lá na cadeia. E Deus me surpreendeu, porque... Eu não fui condenado. (Obadias, entrevistado 3)

Também surgem relatos de entrevistados que já tiveram trajetórias ligadas a religião, mas que foram marcados pela reaproximação da religião já dentro do sistema carcerário.

Conheci outras pessoas do estado de X. É... Pastores, pessoas que iam lá pra pregar pra gente. Aquilo também falava muito, mexia muito. Uma das coisas que me marcou muito foi no dia 25 de dezembro, o guarda abriu, assim, a gaiola pra entrar a visita. Era uma visita pastoral, que tinha ido lá justamente pra pregar, porque era dia de semana, eu tava sentado, sem camisa, assim, e tinham os colegas, e eu falei, “gente, eu vou ali assistir o culto desse cara, e aconselho vocês irem, e eu falei, hoje eu vou fazer uma campanha aqui pra todo mundo ir assistir esse culto”. Mesmo estando no mundo totalmente oposto. Eu falei, assim, “um cara desse merece o respeito nosso porque ele largou a família dele numa data dessa pra vir aqui pregar por lixo da sociedade. Então um cara desse merece a gente ir lá assistir”. E todo mundo foi assistir naquele dia. (Absalão, entrevistado 10)

Os entrevistados descrevem um processo de metanoia e mudança de pensamentos motivados pela religião, como importante no processo de conversão e que os leva a sair do mundo do crime.

O pastor falou que a minha história é muito boa mesmo, né? E tem mais coisas, né? Mais coisas ruins, né? Então e, as coisas que a gente fazia, quando estava no mundo errado. Covardia, né? A gente pede perdão, a gente fez todos os dias, né? Mas sem a consequência. Dessa vida errada, você faz, você é feito. É, né? Infelizmente, um abismo atrai outro. Entendeu? (Zacarias, entrevistado 8)

Eu acredito muito nisso, porque eu fui marginalizado, como eu te disse, eu não fui um cara criminoso. Eu fui um cara marginal. Eu flertei com a marginalidade desde 10 anos de idade. Na virada de chave da minha vida, que eu vou usar 20 anos de experiência marginal pra transferir pra criminal, Jesus me pega. Jesus me pega na transição. Jesus me busca na negociação da saída de um cara marginal, vagabundo, pra um cara que ia colocar 20 anos de experiência

marginal pra trabalhar pro crime, pra servir o crime. Saca? Eu fico imaginando, você já imaginou se eu fosse, você já imaginou se eu mandasse as primeiras, segundas e terceiras cargas de droga e de arma pra Belo Horizonte? Um dia um cara falou comigo, “cara, você tá mandando droga e arma pra cidade que seus filhos estão crescendo.” Entendeu? Então, eu hoje, a gente trabalha no resgate de alma. Na conversão de pessoas, na influência de pessoas que socialmente são muito de violência, muito criminosos, que tem sangue na mão, que tem ódio no coração, que tem vingança no coração. (Habacuque, entrevistado 5)

Durante o processo de conversão, os entrevistados afirmaram que se aproximaram da visão cristã, aparecendo então novos ou outros entendimentos dos dogmas religiosos e também dos principais ensinamentos da religião, como perdão dos pecados, salvação, transformação em nova criatura, principalmente após o batismo, e outras, que aparecem como pano de fundo central para a mudança do curso de vida.

O cara me chamou pra ir na igreja. Parceiro. Eu falei “Igreja eu, presto pra nada, maconheiro, caloteiro, vagabundo, vou na igreja fazer o que na igreja?” Ele falou “Jesus te perdoa tio”. Então eu falei “se Jesus me perdoa eu vou lá”. Assembleia de Deus, aquela igreja dos irmão dos bigodão, dos ternão, cara fechada. E eu falei ‘To chegando’. Falei “Senhor Jesus, sou maconheiro, mentiroso, caloteiro, sem vergonha, nem eu acredito em mim. Se o Senhor acreditar em mim, muda minha vida”. A oração sincera não tem limite, você sabia disso? (...) . (Habacuque, entrevistado 5)

Nessa perspectiva, passar a fazer parte de uma comunidade religiosa se mostra como um ponto de virada importante, por permitir e reforçar essa “ressocialização”, tornando o indivíduo, parte de uma comunidade, e que por meio das expectativas de aprendizagem social, as percepções e comportamentos dos pares que fornecem mecanismos para a mudança perceptiva e de ação, acabam reforçando os laços do indivíduo com a religião. Os entrevistados relataram sobre o processo de buscar fazer parte das comunidades religiosas após a saída do crime, como forma de dar continuidade ao processo de mudança de trajetória. Passam a fazer parte de sua rotina assim, as idas a igreja, orações, jejuns e outros rituais que promovem o envolvimento e maior aprofundamento na religião e nos seus rituais, assim, o fato de passar a maior parte do tempo envolvido nas atividades eclesiais reforça sua nova identidade e consolida a nova visão de mundo.

(...) Porque quando eu tô ali dentro do meu quarto, morando num quarto 2x2, vindo de um divórcio, quebrado, família desacreditada, com um monte de droga pendente na rua, com arma pra mandar pra Belo Horizonte, um monte de cara no rap esperando, porque eu tinha um grupo gravando um CD, eu abro mão de tudo pra sentar no último banco de uma cadeira de igreja, mano. Eu abro mão de tudo. Eu falei pra Jesus: “Eu só quero o senhor, mano. Eu não quero mais nada. E aí eu abro mão das mulheres, da droga, do rap, do dinheiro, do crime, tudo”. E começo a frequentar só aquela igrejinha. Toda, três vezes

por semana. E escutando Jesus. E isso move o céu. Porque Deus percebeu verdade em mim. Portanto que um ano depois, num culto de garagem, um pastor fala assim, “ô, Deus se alegrou da sua atitude quando você abriu mão do seu sonho pra viver o sonho dele. E agora ele manda você voltar a cantar rap. E Deus me mandou gravar o seu CD”. E eu chorei dentro da garagem. (Habacuque, entrevistado 5)

E eu comecei a ir a igreja e aí eu saí do tráfico mas eu não saí da droga. Aí eu bebia muito e eu usava muita droga e teve um dia que de noite, muita cocaína e bebia muito e um dia chorando de noite eu falava com Deus: “Deus Me tira disso porque se eu não sair disso, se o senhor for Deus de verdade, o senhor vai me transformar e vai me tirar disso ou senão eu vou virar o pior traficante de todos.”. Eu lembro disso, de noite chorando e minha esposa assim dormindo, eu lá usando droga e um tempo depois um pastor lá do bairro W, que era bom demais e me revelou, ele veio me trazer a palavra que as minhas orações não tinham caído no vento. Foi muito emocionante assim. Lá no bairro W comecei a ir na igreja conhecer mesmo andar com outras pessoas, mudar de pessoas, mudar os lugares, conhecer a Deus, eu tive experiências que eu não consigo nem te relatar, não consigo te contar como é que foi, só eu e Deus mesmo, porque foi muita coisa. (Sofonias, entrevistado 6)

(...) aí você vai passando por umas etapas, né? Obreiro você vira diácono, diácono você vira missionário, missionário você vira pastor. É tipo uma carreira. Na verdade, a igreja pentecostal, assim, eles te dão o cargo por desenvolvimento, né? Quanto mais você mostra que você está mais buscando, fazendo a obra ali com mais amor, com mais vontade, elas vão te classificando, né? Então eu cheguei a um ponto que eu fui levantado como pastor, fui rugido como pastor, mas eu vi que eu não tinha conhecimento, eu tinha conhecimento de obra, de fazer a obra, de pôr a mão na massa, não teórico, não de estudar a Bíblia, entendeu? Então eu fui estudar, eu formo agora teologia, agora em final do mês agora, tem dois anos que eu fui estudar. (Miquéias, entrevistado 11)

A igreja e suas lideranças aparecem como figuras importantes de acolhimento, quebra de preconceitos e ajuda persistente no processo de “ressocialização” de acordo com alguns entrevistados. Os relatos também afirmam sobre o processo moroso da conversão, com recaídas e novas tentativas, e a ajuda da comunidade religiosa se mostra como algo muito importante.

Já. Quando eu saí de lá, eu ia muito na igreja, eu ia na igreja de vez em quando. De vez em quando eu ia na igreja crente, e de vez em quando o pastor lá, o pastor era muito gente boa, e faziam as orações pra mim lá, eu me sentia confortável, no momento que eu ia lá de vez em quando. Quando eu saí, eu falei assim, “pô, vou lá pra aquela igreja, que o pastor lá é gente boa”, aí eu fui pra lá. Chegou lá, eu falei com ele, “eu queria ser obrigado, querendo envolver com a obra”, aí ele falou, “então você veio no local certo”. E ele acreditou em mim, me deu uma oportunidade. Na hora que muito poucas pessoas estão te dando aquela oportunidade, aí um que leva e te deu, você já fica mais receptivo, né? Entendi. Então você acha que a igreja foi fundamental nesse seu processo de mudança de trajetória depois de novo? Sim. Se não fosse ela, eu acho que tinha dado tudo ruim novamente. (Miquéias, entrevistado 11)

E eu não tinha ninguém. E não tinha ninguém pra conversar comigo. Aí a pessoa que conversou comigo foi ele (o pastor), que sentou e bateu um papo, ninguém nunca sentou e conversou comigo assim. Aí... daí pra lá. Eu fui colocando na minha mente que não dependia disso pra comer, nem pra viver. (...).Fiquei cinco anos. Até quando eu converti, né? Graças a Deus, já vou fazer nove anos já. Porque eu sou vizinho do pastor. E nessa época se eu estivesse

em casa, como eu tinha muita droga, eu vendia na porta de casa, eu vendia em casa. Então se eu estivesse lá em casa, toda hora parava carro lá. Carro, moto, toda hora, toda hora, toda hora. Pra pegar droga, toda hora. E quando a gente cismava de fazer churrasco em partes, falava que era churrasco, mas ninguém comia. Só mexia com droga. O pastor ficava ali em cima, orando por mim. E eu sem saber de nada. E eu xingava ele. Todo ano eu peço perdão pra ele. Por isso, é. Ele ficava orando pra mim lá. Ele sempre foi um amigão meu (...). Aí ele sempre tentou, devagarzinho. Aconteceu até uma situação uma vez que eu ia cometer um homicídio lá em casa. Teve uma briga lá com a faca, foi quando eu perdi esse movimento aqui. Esse dedo meu ficou pendurado aqui, ó. Ele abriu daqui, aqui (MOSTRA O DEDO, AS MARCAS). Ficou pendurado. E quem me socorreu? O vizinho. O pastor. O vizinho e o pastor. (Zacarias, entrevistado 8)

A nova identidade de crente pode ser entendida como um fato social total (MAUSS, 1988), no sentido de proporcionar mudanças em todas as esferas da vida do indivíduo convertido. Assim, foram descritas mudanças nas identidades dos entrevistados, como também mudanças de pares, ao abandono das drogas e outras. Também a forma de ver o mundo se modifica, e toda a história pessoal é revista, reavaliada e ligada a religião, sendo que passam a ser entendidas como provas de fé, provações, formas de se chegar a Deus, e tudo sendo permissão de Deus. Todo o linguajar também muda, aderindo aos jargões bíblicos, como se pode ver em todas os trechos das falas selecionadas nessa análise.

E eu movimentava muito dinheiro, muita coisa. Teve um dia que eu tive um problema com um cara aqui perto mesmo, fui lá resolver e fui sem arma achei que tava tudo certo, e na volta, ele talvez com medo de tudo que eu representava, do nome, do que poderia acontecer, me deu um monte de tiros, alvejou e nisso, Deus é bom demais, porque eu falo que esse foi um processo muito espiritual. Ali Deus me livrou e um tiro só acertou na minha coxa que passou de um lado e saiu no outro. Um tempão depois um pastor amigo meu falou comigo que Deus permitiu que eu fosse machucado porque eu gostava de machucar, porque já tinha machucado muita gente, para sentir aquela dor porque eu gostava disso eu precisava passar por aquilo naquele momento e então isso foi mudando a minha cabeça. (...) Foi o que eu fiz, treinei o cara para ficar no meu lugar durante uns 30 dias, depois eu fui embora. Muito de Deus sair desse jeito conseguir sair desse jeito assim. E aí nessa época eu fui embora fui morar no bairro X, em 2010. Minha tia morava lá, aí o marido dela falou que ia me ensinar a profissão, que ele é açougueiro, aí foi me ensinando e eu aluguei uma casa. Essa casa foi tão de Deus, porque ele preparou uma casa muito boa (Sofonias, entrevistado 6)

(...) “E esse final de semana eu vou ficar com os crente aí, porque se eu sair pela rua, eu sei o que eu ia arrumar. Porque era só por o pé na rua que eu já sabia. Ficar com os crente é ótimo, né?(...) Onde a palavra do Senhor fala em Mateus 11, 28, Vinde a mim todos que estais cansados e sobrecarregados que eu vos aliviarei. Essa foi a palavra que falou comigo naquele dia. E eu coloquei tudo diante do Senhor, né? E hoje tem seis anos, seis anos que eu sigo ao Senhor e lá pra cá. A gente vem passando por provações aí, mas as provações nos faz entender que o Senhor é por nós, né? E é isso. (Judá, entrevistado 7)

A perspectiva de futuro e de reconstrução de vida geradas pela religião proporcionam uma perspectiva de futuro nos entrevistados, além de gerar uma missão

que se relaciona com o trabalho evangelístico. Um ponto forte da crença dos pentecostais evangélicos é que há sempre a possibilidade de mudança para o “bandido”, uma vez que ele “aceite Jesus em sua vida”. Após a conversão religiosa, o evangelho gera perspectiva de reconstrução de sua trajetória como ligada a missão individual, e que está ligada a difusão da religião.

Ah, foi bem gratificante, né? É! Bem gratificante! Agora a gente passa muita dificuldade, né. Agora a gente passa muita dificuldade, né, porque o pessoal da cadeia põe muito obstáculo para a gente entrar para fazer o trabalho dos presos. Mas, assim, é muito gratificante você chegar no pavilhão, pregar para cem empresado, que Jesus transformou a sua vida, Jesus mudou, porque a mesma coisa que Ele fez na minha vida, a mesma coisa que Ele fez na minha vida, Ele pode fazer na vida daqueles que estão ali. E até o preso mesmo, ele diz assim, “pô, se Deus fez na vida desse cara, o que Ele não pode fazer na minha?” Entendi. E quando você chegou lá para fazer isso, para fazer a primeira vez assim, o que você pensou? Ah, passou um filme, né? A primeira vez passou um filme. “Rapaz já estava aqui sendo humilhado, apanhando, agora estou vendo aqui, os pessoal estão me chamando de senhor, e me chamaram de capeta, desgraça, demônio”. (Miquéias, entrevistado 11)

Então, eu hoje, a gente trabalha no resgate de alma. Na conversão de pessoas, na influência de pessoas que socialmente são muito de violência, muito criminosos, que tem sangue na mão, que tem ódio no coração, que tem vingança no coração. Entende? São pessoas que, quando uma dessas aceita Jesus e vem pra igreja, a gente não tá mudando a vida só dela. Através do evangelho, da palavra, do testemunho, nós estamos com a graça de Cristo mudando a vida dela, da família dela, das vítimas, das pessoas que seriam vítimas dela na sociedade. Entende? É em cadeia a reação, né? Eu tenho 14 anos de convertido, 10 anos de ministério. Nossa. Sei lá, cara, eu acho que o número de pessoas que aceitaram Jesus ultrapassa 20 mil pessoas em 10 anos de obra. Eu prego 3 vezes por semana. Saca? São muitas as pessoas que aceitam Jesus como salvador. É lógico que várias delas se desviam, várias delas não têm compromisso. Mas de cada mil pessoas que aceitam Jesus ali no projeto de um ano... (Habacuque, entrevistado 5)

Então tem 10 anos que eu sou crente e hoje em dia eu participo do projeto ‘Somos Um’ que é um projeto missionário, eu fui conhecendo a igreja participando virando membro e aí eu trabalho lá entregando marmita pela cidade inteira por Neves, Justinópolis faço toda a rota até chegar em Venda Nova e encontrei um pastor daqueles bom mesmo, muito bom e aí a gente faz trabalho missionário, ele não me cobra nada para mandar o povo para lá para casa de recuperação né. Eu tenho quatro filhos e a minha esposa, eu vivo muito bem pela graça de Deus que me tirou, me deu honra, hoje em dia eu vivo na glória da segunda casa feliz com Deus ajudando outras pessoas. Porque antes era conhecido por coisas ruins e o povo aqui, que nem queriam que os filhos andassem comigo, hoje em dia, porque eu voltei pro Bairro B neh, eles me chamam para conversar, para dar um conselho, para ajudar quando estão vivendo alguma coisa errada, enfim a glória da segunda casa. (Sofonias, entrevistado 6)

Deste modo, a conversão religiosa aparece como uma forma de mudar a trajetória dos indivíduos marcados pelo rótulo criminal, e com ele todos os seus estigmas negativos e sujeição criminal (MISSE, 2010) e então, refazer essa identidade de forma positiva. Assim, após a conversão religiosa, a reconstrução de sua trajetória de vida se torna um

exemplo positivo e que ganha respeito dos pares, e muda a visão da sociedade sobre eles. Suas trajetórias de vida, assim, nos ajudam a compreender um fenômeno social mais amplo, que consiste em uma das principais formas de interseção entre religião e criminalidade: a conversão dos chamados “ex-bandidos” (TEIXEIRA, 2009).

Hoje eu sou referência pra muitas pessoas, né? Sou referência no bairro, referência hoje, eu sou conhecido como homem de Deus no bairro, né? Isso não tem preço, né? Pela identidade que eu tinha e porque ninguém queria estar perto, né? Todo lugar que eu estava antes, todo mundo sabia o que tinha, né? Tudo ia gerar e tudo e tal, né? Então, as pessoas não queriam estar perto de mim, mesmo sabendo quem eu era, né? Não queria estar perto porque não trazia boas coisas, né? (Judá, entrevistado 7)

Entendeu? Hoje eu trabalho com... Eu tenho esse trabalho meu voluntário na cadeia, eu trabalho com casa de recuperação, eu vou lá cortar o cabelo dos caras, então muitas vezes eu arrumo emprego pra alguns, né? Aconselho outros, ajuda um com a cesta básica, ajuda um com remédio, ajuda um com dinheiro. (Miquéias, entrevistado 11)

O processo de conversão e saída do mundo do crime gera estranhamento e descrédito da sociedade, como parte do processo de reconstrução de uma identidade social, de acordo com os entrevistados. A nova identidade de crente fica disponível então para avaliações da sociedade, sendo que o processo dessa mudança da carreira do bandido para a carreira do crente, é descrito então, como cheio de preconceitos e desconfianças, que acabam se tornando, obstáculos para a nova trajetória e/ou, reforços para a decisão, afinal nas provas que a identidade do crente é forjada.

Quer dizer, todo mundo conhece a gente. Hoje tá mais tranquilo, né? Com a fama que a gente tinha. Apesar que a fama não sai da gente. A gente ainda chega a ser desacreditado com muita gente, sabe? A gente tem que provar que a gente... A gente não tá envolvido mais, né? O passado da gente condena não é? (Obadias, entrevistado 3)

Então, isso tudo é um processo, né? Comecei a viver, comecei a tentar modificar, mudar as coisas, né? Então, igual quando eu cheguei no serviço, eu trabalhava no Ceasa, né? Eu já cheguei de manhã, aí os caras já olhou pra mim e falaram assim, “tem alguma coisa diferente em você, mano. E nós queremos isso aí que você tem”. E tal, tipo assim, aquela vergonha de falar que eu era crente e tudo e tal, né? Então, os caras sempre me esperavam pra me chegar com droga, com álcool, com o que quer que seja e tudo e tal. Eles já esperavam. E os caras, “E aí, Judá Põe um desse aí pra nós aí”. Eu falei, “mano, não tem nada.” Eles “Que não tem, rapaz, olha só pra você ve, você tá diferente, mano, Você tem uma coisa diferente.” Mas era o brilho do Espírito Santo, os caras não entendiam aquilo, né? Naquele momento. “Me dá um cigarro aí”, eu falei, “não tem cigarro, não, não”. “Não tem cigarro? Você tá louco mesmo, você fumar até o cigarro todo”. “Não, mano, não tem”. Os caras... “Não, tem um aqui, ó, vamos pôr um pra nós aqui e tal.” Eu falei “não, não quero não, mano”. “Mano, você tá travado demais”, os caras não entendiam. Até que eu falei, “mano, eu sou crente agora”. Os caras rolaram no chão de tanto rir. “Tá doido, tá doido mesmo, não tem condição, olha o que que esse cara tá falando”. (Judá, entrevistado 7)

Entendi. E pra sua família depois, como é que foi a notícia da sua conversão? No começo elas estavam muito desconfiadas, sabe? Eu prego até isso lá na cadeia, porque as pessoas elas veem muita mentira, ouvem muita mentira da sua boca, igual no meu caso que eu escondia tudo o que eu fazia, então as pessoas não acreditam no começo, elas falam, “Será? Será que é?” Porque isso é da sociedade, isso é da sociedade que a gente vive, a nossa cultura é essa. Entendeu? Mas as pessoas, elas também plantam pra ser assim, quem mentiu tanto, como é que vai acreditar de um dia pra noite? Então é um processo, você tá entendendo? As pessoas passam a te observar, pra ver se realmente teve mudanças, se realmente vai mudar. Então é o dia a dia que vai mostrar que você mudou ou não. (Miquéias, entrevistado 11)

Outro ponto importante, que aparece nas entrevistas desse grupo é que, se durante a caminhada rumo ao crime, os entrevistados tenderam a se afastar da família e amigos, após a conversão, o processo é exatamente o contrário, pois ocorre uma reaproximação da família, do casamento e da paternidade. De acordo com os entrevistados, a influência da família e dos amigos significaram um importante ponto de virada em sua carreira criminal, influenciando sua desistência.

Entendi. E aí depois, o fato de ter filhos, da família, isso influenciou também? Sim, influencia, né? Porque a partir do momento que você aceita, se coloca na posição de ser um cristão, você percebe que é uma coisa que você começa a ter uns valores primordiais, que é amar seu próximo, amar sua família, e em meio de tanta dificuldade que você passou, você vai ver ali que a sua família pode ter um monte de defeito, mas não te abandonou, entendeu? (Miquéias, entrevistado 11)

Outro ponto que chama atenção quanto a alguns entrevistados da pesquisa, é que mesmo não tendo a figura paterna presente, se tornam, pós mudança de vida e saída do mundo do crime, em pais presentes. Assim, em alguns casos ser pai ou assumir a paternidade real, passou a representar uma reordenação da vida, tendendo a diminuir as transgressões à lei e buscando cumprir suas responsabilidades paternas como tentativa de reparar intergeracionalmente suas próprias infâncias.

É, e você fica na cola deles? Sim. Eu sou o pai que eu não tinha. Mudei a minha história. Isso, tô do lado deles até sempre. Graças a Deus. Vai ficar melhor ainda, se Deus quiser. Pois é. A gente tá lutando pra isso. (Obadias, entrevistado 3)

Então você é o pai que você não teve? Nossa, demais, graças a Deus. Eu fico doido, vou atrás mesmo, mando mensagem sempre. Dou conselho, falo o que o pai precisa falar. (Amós, entrevistado 4)

Portanto, eu não quero essa vida para mim, nem para o meu filho. Então, por isso que, de vez em quando, eu sou meio linha dura, mas... Ah, então você é linha dura? Ao mesmo tempo, eu converso muito com ele. Mas ao mesmo tempo, eu estou.... Até os amiguinhos dele. Eu tenho que saber com quem ele está andando, onde ele mora, entendeu? E eu nunca escondi nada dele. Sempre soube o meu testemunho de vida. O que eu já usei, o que eu fiz, entendeu?

Sempre. Deixar aberto. Deixar aberto. Entendeu? Entendi, né? Mas é muito legal, né? Porque, tipo assim, como você não teve esse exemplo de paternidade... Eu tento passar para ele. Mostrar para ele. Porque hoje é pior (...). (Zacarias, entrevistado 8)

Dessa forma, pode-se analisar aqui que a paternidade iniciou importantes transformações subjetivas e afetivas que levaram a mudanças de perspectiva, prioridades e orientação para o futuro. No entanto, essas mudanças subjetivas aparecem acompanhadas de outras, seja pela conversão religiosa, ou pela capacidade de sustentar a si mesmo ou à família com renda legal. Embora a paternidade não seja uma panaceia, tornar-se pai ou retomar a paternidade real atuou como um importante ponto de virada em direção à desistência e motivador de mudança para alguns dos entrevistados.

6. Considerações finais do capítulo

Esse capítulo buscou analisar os principais fatores de risco e pontos de virada, assinalados pelo grupo de entrevistados dessa pesquisa, como importantes para a conformação de sua trajetória criminal.

Os grandes fatores de risco são inicialmente ligados aos problemas familiares, onde a perda do controle social informal dos pais sobre os entrevistados acontece por vários motivos, também a existência de um cenário de famílias que viveram episódios de brigas e violências, separação dos pais, e a ausência da figura paterna, são apontados. Os relatos dos entrevistados evidenciaram como o interesse dos pais pode desencadear mudanças significativas nas trajetórias de vida e no ambiente familiar. Foram comuns casos sobre os pais ausentes após o divórcio, que teve um impacto negativo nas famílias e nas relações parentais. Também esse contexto levou a fragilização das famílias, tornando os entrevistados mais suscetíveis a influências negativas e um ambiente instável. Outro ponto apontado foi sobre a "normalização da indiferença" dos pais em relação aos filhos. Esse processo sugere que, ao longo do tempo, a falta de envolvimento e apoio parental se tornou uma parte comum na vida dos entrevistados. Esses relatos destacam a importância das relações familiares na vida das crianças e jovens, e dessa forma, a ausência dos pais pode afetar o desenvolvimento emocional e social das crianças, contribuindo para trajetórias de vida mais desafiadoras. Compreender essas dinâmicas se torna fundamental para oferecer apoio adequado às famílias que enfrentam situações de desenvolvimento problemático e para fornecer recursos que possam ajudar a fortalecer as relações familiares, mesmo em situações difíceis.

Também os fatores de risco e pontos de virada relativos as influências de amizades foram analisadas, sendo que a associação com os amigos para a formação de grupos para infração e uso de drogas, aparece como impulsionador da entrada para o crime. A influência do uso de drogas para conformação de trajetórias criminais apareceu também nos relatos dessa pesquisa, e que aconteceu de forma precoce, e também a relação entre o consumo e o tráfico de drogas foi salientada. Conectados a esse grupo de fatores, aparecem aqueles riscos relativos a influência da escola e do desempenho escolar, sendo que o início da trajetória no crime surge como fator importante de afastamento da escola.

Houveram relatos sobre a grande influência de pontos de virada relacionados ao ganho de status, respeito e bens materiais que tiveram acesso com a criminalidade. A passagem pelo sistema penitenciário e a morte de pessoas importantes do ciclo de convivência aparece como influencia tanto para reforço, como para desistência da trajetória criminal. A desistência da trajetória criminal dos entrevistados desse grupo, foram ocasionadas principalmente pela conversão religiosa.

Nesse sentido, a conformação das trajetórias criminais aparece como fenômenos multifacetados, sendo que suas motivações e causas se misturam na realidade social. As categorias elencadas aqui, ajudam no entendimento e análise do fenômeno social e corroboram com a literatura especializada, seja nacional e internacional. Assim, a exposição precoce a múltiplos fatores de risco e desvantagens cumulativas presentes no território estudado, além de aprofundados por este, foi relatado nas entrevistas dessa pesquisa.

Após toda a análise, como forma de complementar e gerar uma melhor visualização dos perfis dos entrevistados e suas trajetórias de vidas, construiu-se um quadro de análise baseado na proposição de Blanco e Pacheco (2003), considerando suas histórias de vida, idades e os principais pontos de virada que foram apontados nas entrevistas. Tais autoras utilizam tal recurso para melhor exploração das fontes de informação qualitativas e quantitativas para a análise dos princípios norteadores da abordagem do curso de vida. Assim, foi confeccionado um quadro ilustrativo sobre os principais pontos de virada da vida das entrevistas, para facilitar a análise.

Curso de vida e pontos de virada informados pelo grupo de entrevistados - 1ª PARTE: 01 a 23 anos de idade

idade do entrevistado																																		
NOME FICTÍCIO, IDADE E ANO DE NASCIMENTO	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23											
Neemias, 23 2000	RN	PA							BF	SV					TC	TC	TC	SV	BF	UD	TC	TC	TC	TC	DT	SV	TC							
Esdras, 21 2002	RN										MR	BF	DP	PA	SF	TC	SV	TC	DT	TC	EE	TC	MS	SF	TC	TC	MR	P	C		X	X		
Obadias, 35 1988			MR									DV	PA	TC	EE	UD	BF	SV	TC	TC	TC	†	P	TC	MR	TC	DT	TC	P	TC	TC	BF	>>>	
Amós, 34 1989						MR									TC	BF	TC	†	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	>>>	
Habacuque, 45 1978							TC	TC	TC	TC					MR	BF	TC	EE	UD	TC	PA	TC	PA	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	>>>
Sofonias, 33 1990	MR											TC	EE	TC	E	TC	TC	TC	TC	DT	TC	TC	C	TC	DT	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	>>>
Judá, 44 1979											MR				TC	UD	TC	TC	TC	EE	TC	TC	E	C	P								>>>	
Zacarias, 35 1988												MR	†				EE	†	TC	UD	TC	TC	C	P	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	>>>
Malaquias, 44 1979	RN											EE	TC	DP	TC	TC	TC	TC	MR	TC	TC	TC	†	TC	DT	TC	DT	TC	DT	TC	DT	TC	DT	>>>
Absalão, 38 1985	RN	PA															E	TC	TC	TC	TC	TC									C	P	>>>	
Miquéias, 43 1980	RN																MS	MR														P	>>>	
Bartolomeu, 23 2000	RN													CR	CP	TC	UD	TC	E	TC	†	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	

LEGENDA

TC

Trajetória criminal

MR

Mudança residencial

UD

Uso de drogas

EE

Evasão escolar

DT

Detenção

DP

Divórcio dos pais

SF

Falta de supervisão familiar

PA

Pai ausente

CP

Conhece o pai

BF

Brigas na família

SV

Sofre violências

MS

Mora sozinho

†

Morte de familiar/amigo

C

Casamento

P

Paternidade

CR

Conversão Religiosa

D

Divórcio

RN

Natural de Ribeirão das Neves

E

Emprego

X

Anos não vividos ainda

Curso de vida e pontos de virada informados pelo grupo de entrevistados - 2ª PARTE: 24 a 45 anos de idade

	idade do entrevistado																					
NOME FICTÍCIO, IDADE E ANO DE NASCIMENTO	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45
Neemias, 23 2000	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Esdras, 21 2002	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Obadias, 35 1988	P DT TC	TC DT	TC	TC	TC	TC	TC	TC DT DT CR	E	TC	TC	TC	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Amós, 34 1989	TC	TC	TC	TC DT	TC E	TC E	† CR	E				x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Habacuque, 45 1978	TC	TC	TC † MR	TC	TC	TC DV	TC	CR										MR				
Sofonias, 33 1990	E										x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Judá, 44 1979	P DV † TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC C P	TC	TC	TC	TC	TC	TC	CR				x
Zacarias, 35 1988	TC BF SV	TC CR					CP						x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Malaquias, 44 1979	TC	TC	TC DT	TC DT	TC DT	TC DT	TC DT	TC	TC	TC	TC C DT	DT	DT DV	DT	DT	DT	DT	DT	DT	TC E TC E		x
Absalão, 38 1985	TC DV	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC	TC DT SV	TC DT	TC	DT	CR			x	x	x	x	x	x
Miquéias, 43 1980			C	P	TC	TC	TC	TC	TC	TC DT CR			DT	DT	DT						x	x
Bartolomeu, 23 2000	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

LEGENDA

TC

Trajetória criminal

MR

Mudança residencial

UD

Uso de drogas

EE

Evasão escolar

DT

Detenção

DP

Divórcio dos pais

SF

Falta de supervisão familiar

PA

Pai ausente

CP

Conhece o pai

BF

Brigas na família

SV

Sofre violências

MS

Mora sozinho

†

Morte de familiar/amigo

C

Casamento

P

Paternidade

CR

Conversão Religiosa

D

Divórcio

RN

Natural de Ribeirão das Neves

E

Emprego

X

Anos não vividos ainda

CAPÍTULO 8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como foco trajetórias criminais de um grupo de jovens e adultos de uma cidade periférica de Minas Gerais (Brasil) e os principais mecanismos socioestruturais do território periférico da cidade de Ribeirão das Neves (Minas Gerais, Brasil) que contribuíram para tal. Assim sendo, nesta parte das considerações finais, busca-se retomar algumas das questões centrais que nortearam todo o processo de construção dessa tese, assim como, os possíveis desdobramentos deste estudo, as limitações teórico-metodológicas e também uma agenda de pesquisa que tem por objetivo compreender mais sobre trajetórias de criminalidade.

Este estudo assumiu a perspectiva de que examinar como o desenvolvimento dos indivíduos ao longo do tempo pode ajudar a destacar fatores de risco e eventos da vida que foram importantes para a vivência de uma trajetória criminal. De tal modo, trata-se de uma tentativa de avanço epistemológico ao buscar a combinação de duas abordagens da sociologia da criminalidade para análise do fenômeno das trajetórias criminais— a teoria desenvolvimental do curso de vida e a teoria da desorganização social e eficácia coletiva – e que faz parte de um movimento teórico de estudos sobre criminalidade urbana no Brasil, que têm florescido com grandes expectativas de debates teóricos mais elaborados, seja por aplicações empíricas de teorias ou métodos e que se complementam no intuito de tentar abarcar um conjunto de fenômenos sociais atuais, onde os métodos tradicionais de coleta e análise de dados são, a cada dia, renovados e aprimorados.

Nesse sentido, tentou-se uma integração teórica visando o aprimoramento da explicação e da compreensão da articulação das teorias ecológicas sobre a criminalidade urbanas em comunidades e vizinhanças com as teorias desenvolvimentais do curso de vida. Uma agenda mais geral das duas teorias e desenhos de pesquisas tem por objetivo geral o exame de como estrutura e atributos individuais interagindo podem produzir os resultados esperados em um projeto de unir abordagens micro e macrosociológicas. Assim buscou-se apontar como a teoria da desorganização social e eficácia coletiva pode ser aprimorada com o uso da teoria desenvolvimental do curso de vida, pois as abordagens deixam espaço para uma ligação entre o comportamento humano individual e a estrutura social.

Com isso, nesse estudo a teoria da desorganização social é frequentemente referenciada para explicar a relação entre as características ecológicas da vizinhança,

como pobreza e desemprego, e as altas taxas de crime e violência, particularmente em ambientes urbanos, contudo, a utilidade dessa perspectiva teórica pode ser expandida para também abordar o desenvolvimento social individual, ou seja, a natureza do desenvolvimento social específico, incluindo o funcionamento familiar, relacionamento com os pares, vínculo com a escola, realização educacional, participação da força de trabalho, envolvimento com crimes, e outros, também pode ser uma função das características ecológicas da vizinhança. Assim, a presente discussão propõe os determinantes sociais das trajetórias de curso de vida como um modelo conceitual exploratório e, de acordo com o princípio central da teoria da desorganização social, a localização física (residencial) é entendida também como um fator determinante importante nos resultados do desenvolvimento social. Acredita-se então que isso seja particularmente verdadeiro para indivíduos situados em comunidades e bairros em dificuldades, o que sugere uma agenda de pesquisa. Nesse sentido, essas afirmações não induzem ao entendimento de que características individuais ou outras não sejam importantes, mas sim que, as características individuais estão sujeitas a, e influenciadas por características ecológicas generalizadas da vizinhança. (BENNETT e MILLER, 2006; BENNETT, 2017)

Um direcionamento principal nesse estudo foi que o espaço pode funcionar também com um fator relevante de influência para a conformação de trajetórias criminais. Em sua forma objetiva, nosso argumento é que espaços desorganizados socialmente e que conseqüentemente não possuem ou tem pouca eficácia coletiva, geram influências para indivíduos na construção de uma carreira de crime, tanto como outros fatores, considerados ‘pontos de virada’, e que mudam a trajetória de indivíduos. Nesse sentido, de acordo com as sólidas evidências internacionais acerca de fatores de risco específicos associados ao desenvolvimento da conduta delituosa no período da adolescência e juventude, vários fatores se mostraram significativos no contexto sociocultural brasileiro estudado, sendo que o estudo gera apontamentos sobre fatores ambientais e ecológicos específicos, que se constituem como pontos de virada importantes para tal.

Esse estudo foi uma tentativa de elucidar a importância de explorar a multiplicidade e a especificidade do contexto dos processos ao tentar entender as mudanças no delito e na entrada para o crime. Assim como em outros trabalhos empíricos realizados anteriormente para o Brasil, observou-se aqui uma significativa influência de fatores sociais e ecológicos, discutidos pela teoria da desorganização social e eficácia coletiva, sob o comportamento criminoso. Observou-se que os proxies da desorganização

social e baixa eficácia coletiva, afetam a criminalidade positivamente, bem como outras variáveis. Buscou-se nesse estudo então, identificar desvantagens cumulativas e pontos de virada que tenham relação com a extensão em que a desordem da vizinhança e a exposição crônica a estressores urbanos impactam o desenvolvimento individual dos jovens e adultos estudados, em uma tentativa de analisar como essa exposição influencia atitudes e comportamentos para a conformação de trajetórias criminais. Nas falas dos entrevistados o contexto de desorganização social dos lugares que residiam se materializa por meio da própria descrição que eles fornecem de suas comunidades de origem, assim, no capítulo 6, ficou claro que o indivíduo percebe que o lugar como fundamental para o desenvolvimento de sua trajetória delinquente. Corroborando com Bennett (2017) nota-se que os estressores sociais podem estar ligados a resultados ruins de desenvolvimento social, aparecendo nessa pesquisa fatores como pobreza, mobilidade residencial, desemprego, fraca capacidade de negociar objetivos sociais e de desenvolvimento como características integrantes da desordem de bairro, assim como outras variáveis relacionadas ao funcionamento familiar problemático, relações com os pares já usuários de drogas ou com trajetórias delinquentes, uso de drogas geralmente muito precocemente, fraco vínculo escolar, necessidades financeiras e opção por status e fama advindos do crime.

Ademais, os resultados encontrados neste trabalho estão em consonância com os achados teóricos e empíricos tanto da literatura especializada nacional, quanto internacional. Dessa forma, para os indivíduos estudados, prevaleciam grupos de fatores contextuais/situacionais de risco, inicialmente relacionados à família e escola, pois juntamente com o contexto ambiental, os problemas familiares, a exposição a violências e o baixo controle informal marcaram suas trajetórias, influenciando para que seu desempenho escolar fosse fraco, e que tendeu a evasão escolar de forma muito precoce. Conectados a essa realidade, foram detectados fatores de risco ligados a conexão com pares negativos que levava ou impulsionava ao uso e/ou tráfico de drogas, também em idade precoce. Após isso, os entrevistados afirmaram sobre experimentar ganhos financeiros, bem como status e reconhecimento dentro do mundo do crime, o que retroalimentava suas carreiras criminais. As trajetórias de vida estudadas foram marcadas também por perda de pessoas importantes, passagens pela detenção, sofrimento de vários tipos de violência traumáticas sendo que então, a maioria dos entrevistados dessa pesquisa optaram pela desistência da carreira criminal. A conversão religiosa na igreja evangélica se mostrou fundamental nesse processo de mudança para esse grupo de entrevistados, e

que tem como consequência marcante, o fortalecimento de laços com o casamento e família.

O conceito de pontos de virada teve grande importância nessa pesquisa já que ajudaram a esclarecer sobre o curso de vida complexo e dinâmico de qualquer indivíduo, e assim foram utilizados para identificar os processos que se mostraram mais importantes quando se tratou de mudanças com relação a cursos de vida delinquentes e também relacionados a desistência do crime.

É importante afirmar ainda que processos de mudança individual para um curso de vida delinquente ou para sua desistência são complexos, e muitas vezes envolvem processos múltiplos e específicos do contexto, o que não tem sido muito explorado nas pesquisas especializadas no tema ou ilustrado em casos empíricos. Foi evidenciado nessa pesquisa então que os processos que envolvem os pontos de virada parecem ser tão importantes de entender quanto o próprio ponto de virada – com todo o cuidado para não cair na armadilha de isolar qualquer evento ou sequência de eventos do contexto social circundante. Com isso, buscou-se explorar os processos de mudança do curso de vida de um grupo de indivíduos para a criminalidade, com a ajuda do conceito de pontos de virada, por meio de entrevistas de histórias de vida realizadas, tentando fazer uso das possibilidades intrínsecas à investigação qualitativa. Ficou evidenciado também, como os processos desenvolvimentais do curso de vida e os pontos de virada que surgem dentro deles são muitas vezes interdependentes uns dos outros, surgindo em circunstâncias muito específicas do contexto e que precisam ser estudados e compreendidos em profundidade.

Os pontos de virada e desistência, se manifestam por vezes na vida dos indivíduos de forma gradual, e essa complexidade por sua vez, se torna difícil de captar com métodos quantitativos, mas que pode ser apreendida de forma mais abrangente e adequada com o uso de instrumentos qualitativos. Assim, análises qualitativas se mostraram importantes para interpretar, analisar e compreender as mudanças os pontos de virada dos cursos de vida delinquentes, além de ajudar a identificar os processos que parecem ser mais importantes do que outros nesses processos.

Desse modo, numa perspectiva desenvolvimental, diferentes trajetórias da conduta infracional são possíveis e dependem da exposição dos adolescentes e jovens a fatores de risco que sustentam o comportamento. O trabalho contínuo na identificação dos fatores de risco e de proteção associados a criminalidade são insumos-chave para as estratégias de prevenção e intervenção focadas na redução da participação e dos estilos crônicos de crime, e consequentemente, avaliar se esses programas são eficazes e de outro

lado também, para analisar o efeito do comportamento criminoso e sua influência em diferentes domínios da vida como educação, emprego e saúde física. A dinâmica nesses vários contextos e o potencial para a violência juvenil são guiados por normas sociais e culturais sobre a violência, mas também apresentam oportunidades de prevenção e intervenção da violência.

Desse modo, entender o processo desenvolvimental que resulta em um padrão de comportamento envolvendo a prática persistente de atos infracionais na juventude não é uma tarefa simples, mas é indispensável à proposição de políticas e programas de prevenção em meio a indivíduos considerados vulneráveis, bem como àqueles que já apresentam o problema. Sendo assim, a análise realizada nesse estudo se torna importante pois pode fornecer pistas à elaboração de políticas públicas de prevenção primária e secundária na área da segurança pública, por exemplo, basear o desenvolvimento de metodologias de avaliação e de intervenção jurídico-sociais. Para Bazon *et al.* (2011) embora haja progressos, muitos são, ainda, os desafios a serem enfrentados visando à instalação de condições apropriadas de aplicação e de execução das medidas socioeducativas para adolescentes e jovens em conflito com a lei, como a necessidade de referenciais teórico-metodológicos específicos, suficientemente robustos, testados para a nossa realidade, com capacidade de orientar as ações de intervenção jurídicas e psicossociais, inclusive para que sua eficácia possa ser avaliada no plano individual, no caso de cada indivíduo beneficiado, bem como no societário, ligando-se com às políticas públicas desenvolvidas.

A contribuição desse projeto de pesquisa para o conhecimento científico e para as políticas públicas de prevenção consiste em proporcionar uma maior compreensão sobre as trajetórias delinquentes de jovens e adultos inseridos em contexto de vulnerabilidade e desorganização social e falta de eficácia coletiva. Por tratar-se de um tema interdisciplinar essa pesquisa pode gerar apontamentos importantes para várias áreas do conhecimento como a Sociologia Urbana e a Criminologia do curso de vida, assim como produzir resultados que possam auxiliar nos debates sobre combate à criminalidade juvenil, uso e tráfico de drogas para juventudes, assim como contribuir para o campo das políticas públicas voltadas para prevenção da criminalidade, em prol da cidadania e de uma cultura da paz e da não-violência.

A partir da pesquisa realizada, também surgem reflexões sobre seus limites. Pesquisas futuras devem examinar melhor como as diferentes dimensões da desorganização social impactam a capacidade de ação coletiva da comunidade e

consequentemente, o curso de vida dos indivíduos. Da mesma forma, é importante o estudo sobre quais tipos de armadilhas ou exposição a sanções judiciais podem alterar os padrões subsequentes do delito, também sobre os motivos que mantêm e o que afasta as pessoas de trajetórias criminais, assim como o tipo de dados necessários para identificar melhor tais marcadores e processos. Estudos com maior número de indivíduos e mais diversificados também, como mulheres por exemplo, devem ser implementados para o teste de hipóteses. Além disso, o tamanho da unidade de análise utilizada aqui, (uma cidade) pode ser muito grande para detectar a extensão dessa influência nas trajetórias criminais, já que de acordo com Nivette e Peres (2021), estudos recentes sobre o crime em microlocais sugerem que os segmentos de rua são a unidade de análise ideal para entender a concentração do crime nas comunidades e ainda, análises mais localizadas das tendências espaciais e temporais dos homicídios podem ser capazes de destrinchar melhor os complexos fatores macro e micro que contribuem para dinâmicas criminais.

Ainda, sobre o tema da desigualdade social que apareceu muito nessa pesquisa como influência para os processos de mudança no delito em uma interação entre o indivíduo e a comunidade social mais ampla. Entende-se que a maneira como os indivíduos vivenciam as estruturas sociais e as instituições sociais, bem como sua capacidade percebida de fazer transições entre elas, depende muito de sua localização passada e presente em estruturas sociais de desigualdade, baseadas em classe, raça, gênero e outros. Os entrevistados do estudo realizado aqui, foram um grupo de homens urbanos relativamente jovens e de baixa renda. Dessa forma, explorar os pontos de virada e a desigualdade social ao longo dessas dimensões é uma área importante para pesquisas futuras, como também investigar questões relacionadas a desigualdades raciais. Esse estudo não teve ênfase na questão de raça e etnia, e que talvez por ser uma questão normalizada de sua realidade; não representou um ponto de virada para os entrevistados.

A criminologia desenvolvimental e do curso de vida, gerou relevantes estudos empíricos, mas não pode ser considerada pronta e acabada (ELDER, 1985; FARRINGTON, 2003; MCGEE *et al.*, 2021; BLANCO, 2011; NICO, 2011; BENSON, 2012). Diversas dúvidas e controvérsias ainda persistem em seu âmbito, principalmente na sua utilização (bem recente) no contexto brasileiro, merecendo aprofundamentos, com isso esse trabalho se torna de grande relevância teórica para o campo da sociologia da criminalidade.

Esse estudo mostra-se uma importante contribuição para o estudo do crime na sociedade brasileira, contudo, mesmo entrevistando indivíduos de classes de baixo

potencial econômico, não se tem a pretensão de ligar crime e pobreza, de forma determinista. Tem-se a noção de que os crimes das classes mais altas não são identificados ou punidos no sistema de justiça seletivo do país. Sendo assim, os resultados desse estudo demonstram como trajetórias de vida de jovens e adultos moradores de espaços desorganizados socialmente podem ser influenciadas, entre outros fatores, para uma virada no sentido da criminalidade, sendo que leva-se em conta que as trajetórias juvenis analisadas nesta tese são atravessadas pelo cenário de crescimento da violência na periferia, experiência de vida distinta das de jovens de classes médias e altas, como também, áreas urbanas mais prósperas e valorizadas. Por tudo isso, torna-se clara a ideia de que os estudos da área precisam ser expandidos.

Indubitavelmente esse trabalho está longe de ter esgotado a discussão pretendida, mas muito mais do que isso, nesta tese foi defendida uma série de reflexões sobre possibilidade diversas e dificuldades várias sobre o desenvolvimento e fortalecimento da sociologia do crime no Brasil, bem como sugestões para uma renovação de uma agenda de pesquisa sobre o crime e a criminalidade urbana. A ecologia urbana representada pela teoria da desorganização social e eficácia coletiva, já reconhece a necessidade de uma atenção teórica e metodológica de compreender como os laços sociais operam como os mecanismos sociais dentro e entre vizinhanças urbanas e suas ligações com a criminalidade local e a sua complementação com conceitos vindos da teoria desenvolvimental e do curso de vida, se mostra como um passo inicial para uma reflexão sistemática sobre seu uso na sociologia aplicada à realidade das vizinhanças urbanas contemporâneas.

Durante as entrevistas dessa pesquisa, surgiu também um importante material para análises sobre o processo de desistência e que são incorporados a tese como parte de uma agenda de pesquisa posterior. Assim, nessa pesquisa, os pontos de virada que apareceram como importantes para a desistência do crime do grupo de entrevistados compostos por homens jovens e adultos moradores de periferia, são: a melhoria das condições do lugar de moradia, como infraestrutura, opções de lazer e cultura, programas governamentais; a influência positiva da família e amigos, assim como de relacionamentos afetivos, a paternidade, a mudança de ciclos de pares, a perda de familiares ou amigos próximos para a criminalidade, experiências de detenção, oportunidades de reinserção no mercado de trabalho, participação em programas governamentais, e principalmente a influência da conversão religiosa cristã evangélica que tem crescido por todo país, principalmente em suas periferias. Há uma afirmação que se pode fazer com bastante confiança,

parafraseando Peter Berger, pois ‘arriscam-se muito aqueles que negligenciam o fator religioso em suas análises das questões contemporâneas’, (BERGER, 2001, pp. 9). E esse é um ponto importante que aparece também como agenda de estudos futuros dessa temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Sérgio. A violência na sociedade brasileira. Juventude e delinquência como problemas sociais. *Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade*, n. 2, 2010.

AGNEW, Robert. Reflection on “A revised strain theory of delinquency”. *Social forces*, v. 91, n. 1, p. 33-38, 2012.A

ALMEIDA, Lucélia Oliveira. A influência dos pressupostos da teoria da ecologia criminal da escola de Chicago para a elaboração das ações de segurança pública para o centro histórico de Salvador. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Direito. Dissertação de Mestrado, 2015.

KERS, Ronald L. et al. Social learning and deviant behavior: A specific test of a general theory. In: *Contemporary Masters in Criminology*. Springer, Boston, MA, 1995. p. 187-214.

ALVES, Daniel Garcia. Ecologia Urbana, vitimização repetida e crime: uma análise dos homicídios na RMBH. 2013. 80 f. Monografia (Especialização em Gestão Estratégica de Segurança Pública) – Academia de Polícia Militar de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

AMORIM, Camila Gabriel Meireles. Encontros e (des)encontros: estudo sobre as trajetórias infracionais de meninos e meninas de forma comparada. Tese de doutorado. PUC MG, Belo Horizonte 2022.

ANDRADE, Luciana Teixeira; MENDONÇA, Jupira Gomes. Explorando as consequências da segregação metropolitana em dois contextos socioespaciais. *Cadernos Metrópole*, v. 12, n. 23, p. 169-188, 2010.

AZEVEDO, Daniel Araújo de; SALGADO, Nayara de Amorim. Policiamento comunitário na Polícia Civil de Minas Gerais: Notas sobre uma tentativa de mudança organizacional. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 13, p. 849-872, 2021.

BANNISTER, Jon; O’SULLIVAN, Anthony; BATES, Ellie. Place and time in the Criminology of Place. *Theoretical Criminology*, v. 23, n. 3, p. 315-332, 2019.

BARROS, Alice de Almeida; LIMA, Suzanna Flávia Cordeiro de. Coesão social e eficácia coletiva: Reflexões sobre loteamento fechado. *Revista Projetar-Projeto e Percepção do Ambiente*, v. 3, n. 3, p. 137-149, 2018.

BAUER, A., HAMMEERTON, G., PARK, J., MURRAY, J., HAN, Y., MATIJASEVICH, A., HALLIGAN, S., FAIRCHILD, G. (2021). The protective effect of neighbourhood collective efficacy on family violence and youth antisocial behaviour in two South Korean prospective longitudinal cohorts. *Research on child and adolescent psychopathology*, 1-13.

BAZON, M. R., KOMATSU, A. V., PANOSSO, I. R., & ESTEVÃO, R. (2011). Adolescentes em conflito com a lei, padrões de comportamento infracional e trajetória da conduta delituosa: um modelo explicativo na perspectiva desenvolvimental. *Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade*, n. 5, 2011.

BAZON, Marina Rezende; SILVA, Jorge Luiz da; FERRARI, Renata Martins. Trajetórias escolares de adolescentes em conflito com a lei. *Educação em revista*, v. 29, p. 175-199, 2013.

BEATO, F.; CLAUDIO, C. Determinantes da criminalidade em Minas Gerais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, p. 74-87, 1998.

BEATO, F.C. C., ASSUNÇÃO, R. M., SAILVA, B. F. A. D., MARINHO, F. C., REIS, I. A., & ALMEIDA, M. C. D. M. (2001). Conglomerados de homicídios e o tráfico de drogas em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, de 1995 a 1999. *Cadernos de Saúde Pública*, 17(5), 1163-1171.

BEATO, Cláudio; ZILLI, Luís Felipe. A estruturação de atividades criminosas: um estudo de caso. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, p. 71-88, 2012.

BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2008.

BENNETT JR, M. Daniel. Neighborhood disorder, urban stressors, and street codes: A model for exploring social determinants of life-course trajectories. *Urban Social Work*, v. 1, n. 2, p. 89-103, 2017.

BENNETT, M. D., & FRASER, M. W. (2000). Urban violence among African American males: Integrating family, neighborhood, and peer perspectives. *Journal of Sociology and Social Welfare*, 27(3), 93–117.

BENNETT, M. D., & MILLER, D. B. (2006). An exploratory study of the Urban Hassles Index: A contextually relevant measure of chronic multidimensional urban stressors. *Research on Social Work Practice*, 16, 305–314.

BENSON, Michael L. *Crime and Live Course – An Introduction*. Routledge, 2nd Edition. 2012

BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião e Sociedade*, v.21, n.1, 2001, p.9-23.

BLANCO, Mercedes. El enfoque del curso de vida: orígenes y desarrollo. *Revista Latinoamericana de población*, v. 5, n. 8, p. 5-31, 2011.

BLANCO, Mercedes; PACHECO, Edith. Trabajo y familia desde el enfoque del curso de vida: dos subcohortes de mujeres mexicanas. *Papeles de población*, v. 9, n. 38, p. 159-193, 2003.

BOONSTOPEL, Sarah. “Não é mais sobre mim”: paternidade e mecanismos de desistência entre homens em situação de risco. *Journal of Developmental and Life-Course Criminology*, v. 5, p. 335-365, 2019.

BRASIL, Atlas. Atlas do desenvolvimento humano no Brasil, 2013. Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/2864. Consultado em: 02 de junho de 2020.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Departamento de Informática do SUS. Disponível em: <http://vigilancia.saude.mg.gov.br/index.php/vigilancia-do-obito/>. Acesso em: 18/04/2022.

BRITO, Fausto. Mobilidade espacial e expansão urbana: o caso da região metropolitana de Belo Horizonte. Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu, 1997.

BURGESS, Robert L.; AKERS, Ronald L. A differential association-reinforcement theory of criminal behavior. *Social problems*, v. 14, n. 2, p. 128-147, 1966.

BURSIK, Robert J., Jr. and GRASMICK, Harold G. 1993. *Neighborhoods and Crime: The Dimensions of Effective Community Control*. New York: Lexington.

CARLSSON, Christoffer. Using “turning points” to understand processes of change in offending: Notes from a swedish study on life courses and crime. *British Journal of Criminology*, v. 52, p. 1-16, 2012.

CAMPOS, P. R. O Município de Ribeirão das Neves: um bairro popular em um centro metropolitano. 2009. 188p. Dissertação, UFMG, Minas Gerais.

CANDIPAN, Jennifer; SAMPSON, Robert J. Diverging trajectories of neighborhood disadvantage by race and birth cohort from childhood through young adulthood. *Plos one*, v. 18, n. 4, p. e0283641, 2023.

CARDOSO, Gabriela Gomes et al. Curso de vida de jovens homicidas. 2022. Curso de vida de jovens homicidas. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Minas Gerais. 2022.

CARNEIRO, Leandro Piquet. Políticas Locais de Segurança Pública: o Desafio do Controle da Desordem. Instituto de Relações Internacionais. Universidade de São Paulo (USP) Março, 2012

CATALANO, Richard F.; HAWKINS, J. David. *The social development model: a theory of antisocial behavior*. 1996.

CEBRID/UNIFESP - Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas. (2004). V Levantamento Nacional Sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras. Recuperado: 20 dez 2011. Disponível em: <https://www.cebrid.com.br/wp-content/uploads/2004/04/V-Levantamento-Nacional->

sobre-o-Consumo-de-Drogas-Psicotr%C3%B3picas-entre-Estudantes-do-Ensino-Fundamental-e-M%C3%A9dio-da-Rede-P%C3%BAblica-de-Ensino-nas-27-Capitais-Brasileiras-2004.pdf. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

CENSO, I. B. G. E. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 01 de junho de 2020.

CENSO, I. B. G. E. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/ribeirao-das-neves.html> . Acesso em: 01 de junho de 2020.

CENSO ESCOLAR 2018, I. B. G. E. "Disponível em:<<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/ribeirao-das-neves.html>>." Acesso em 01 de junho de 2020.

DEEPASK, Portal - O mundo e as cidades através de gráficos e mapas (2017). Disponível em: <<http://www.deepask.com/goes?page=ribeirao-das-neves/MG-Confirma-taxa-de-homicidios-no-seu-municipio>> Acesso em 01 de junho de 2020.

CERQUEIRA, Daniel; LOBÃO, Waldir. Determinantes da criminalidade: arcabouços teóricos e resultados empíricos. Dados, v. 47, p. 233-269, 2004.

CHAMBERLAIN, Alyssa W.; HIPPI, John R. It's all relative: Concentrated disadvantage within and across neighborhoods and communities, and the consequences for neighborhood crime. Journal of Criminal Justice, v. 43, n. 6, p. 431-443, 2015.s

COHEN, Albert K. Meninos delinquentes; A cultura da gangue. 1955.

CORNISH, Derek B.; CLARKE, Ronald V. Crime as a rational choice. In CULLEN, Francis T.; AGNEW, Robert. Criminological theories: Past to present. Los Angeles, 2006. Pp. 421-425

COSTA, Marcela Menezes e SILVA, Bruno Thadeu Rodrigues. Ribeirão das Neves: o hip-hop no mapa. In: Ribeirão das Neves: pesquisa cultura e novos tempos 1.ed. [livro eletrônico] / organização Guidyon Augusto. – São Paulo: Estúdio Aspas, 2021.

CRESWELL, John W. Uma introdução à pesquisa de métodos mistos. Lincoln, Nebraska, EUA: Universidade de Nebraska, p. 23, 2007.

CRUZ, Wilson Jose Antônio da. Os entraves para o surgimento da eficácia coletiva: um estudo de casos em um aglomerado de Belo Horizonte. 2010.

CUNHA, Marcela Brandão. Possíveis relações entre percepções de violência dos alunos, clima escolar e eficácia coletiva. Educação e Pesquisa, v. 40, n. 4, p. 1077-1092, 2014.

CUNHA, A. V. da. Redes sociais, efeitos da vizinhança e criminalidade: o capital social e a eficácia coletiva como mecanismos explicativos da violência urbana / Ailton Vieira da Cunha. – Recife: Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós Graduação em Sociologia, Recife – PE, 2014 (2014a).

CULLEN, Francis T.; AGNEW, Robert. The Chicago School. Criminological theories: Past to present. Los Angeles, 2006. Pp. 86-114

DENZIN, Norman K. Biografia interpretativa. Sábio, 1989.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Manual de investigación cualitativa. Barcelona: Gedisa, 2012.

EDIN, Kathryn; NELSON, Timothy Jon; PARANAL, Rechelle. Fatherhood and incarceration as potential turning points in the criminal careers of unskilled men. Evanston, IL: Institute for Policy Research, Northwestern University, 2001.

ELDER, G. H. Jr. Perspectives on life course. Ithaca, New York. Cornell University Press. 1985.

ELDER, Glen H.; JOHNSON, Monica Kirkpatrick; CROSNOE, Robert. The emergence and development of life course theory. In: Handbook of the life course. Springer, Boston, MA, 2003. p. 3-19.

FRAZIER, C. E. (1978). The use of life-histories in testing theories of criminal behavior: Toward reviving a method. Qualitative Sociology, 1(1), 122-142.

HIRSCHI, Travis; GOTTFREDSON, Michael. Substantive positivism and the idea of crime. Rationality and Society, v. 2, n. 4, p. 412-428, 1990.

HIRSCHI, Travis. On the compatibility of rational choice and social control theories of crime. The reasoning criminal: Rational choice perspectives on offending, p. 105-118, 1986.

GUERRA, A. M. C., MARINHO, F. C., SILVA, A. C. D., & LELLES, A. L. X. (2019). Sobre a transdisciplinaridade em ato na pesquisa científica: aspectos metodológicos para discussão acerca da investigação sobre “curso de vida e trajetória delinquencial de jovens e adolescentes”. Psicologia em Revista, 25(1), 348-364.

FARRINGTON, David P. Explaining the beginning, progress, and ending of antisocial behavior from birth to adulthood. in Joan McCord (ed.), Facts, Frameworks and Forecasts: Advances in Criminological Theory, Vol. 3. New Brunswick, N.J.: Transaction 1992

FARRINGTON, David P. Developmental and life-course criminology: Key theoretical and empirical issues-the 2002 Sutherland Award address. Criminology, v. 41, n. 2, p. 221-225, 2003.

FARRINGTON, David P. Origens do comportamento antissocial na infância. Clinical Psychology & Psychotherapy: An International Journal of Theory & Practice , v. 12, n. 3, pág. 177-190, 2005.

FELTRAN, Gabriel de Santis. O legítimo em disputa: As fronteiras do “mundo do crime” nas periferias de São Paulo. Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 1, n. 1, p. 93-126, 2008.

FELTRAN, Gabriel de Santis. “Crime e castigo na cidade: Os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo”. Caderno CRH (UFBA), vol. 23, pp. 59-73, 2010.

FOUCAULT, Michel; DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder. Microfísica do poder, v. 17, p. 69-78, 1979.

GALINARI, Lais Sette; VICARI, Iris Daniela Arruda; BAZON, Marina Rezende. Fatores associados ao cometimento de atos infracionais na adolescência. Psico, v. 50, n. 4, 2019.

GALLO, E. A. G., MENEZES, A. M. B., MURRAY L. A. D. D., WEHRMEISTER, F. C., GONÇALVES, H., & BARROS, F. (2016). Vitimização por crime na infância e adolescência segundo registros oficiais: coorte de nascimentos de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, 32.

GALLO, E. A. G., MOLA, C. L., WEHRMEISTER, F., GONÇALVES, H., Kieling, C., & MURRAY, J. (2017). Childhood maltreatment preceding depressive disorder at age 18 years: a prospective Brazilian birth cohort study. Journal of affective disorders, 217, 218-224.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

GOMES, Janaína Damaceno; SOUZA, Rafaela Goltara. “RIBEIRÃO DAS TREVAS”? O skate dando um ollie nos algoritmos dominantes sobre a cidade de Ribeirão das Neves-MG. Revista Observatório, v. 6, n. 4, p. a6pt-a6pt, 2020.

GOTTFREDSON, Michael R.; HIRSCHI, Travis. Uma teoria geral do crime . Stanford University Press, 1990.

GUERRA, A. M. C., MARINHO, F. C., SILVA, A. C. D., & LELLES, A. L. X. (2019). Sobre a transdisciplinaridade em ato na pesquisa científica: aspectos metodológicos para discussão acerca da investigação sobre “curso de vida e trajetória delinquencial de jovens e adolescentes”. Psicologia em Revista, 25(1), 348-364.

HAUSEMER, Bruna; SALGADO, Nayara de Amorim. Distribuição socioespacial dos homicídios na cidade de Belo Horizonte (MG) nos anos de 2008 a 2013: Notas sobre especificidades e o aumento da sensação de insegurança. Novos Olhares Sociais, v. 1, n. 2, p. 188-208, 2018.

HAUSEMER, Bruna; SALGADO, Nayara de Amorim; SILVA, Bráulio Figueiredo Alves. Requalificação urbana e dinâmica criminal: estudo de caso do programa Centro Vivo em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Estudos de Sociologia, v. 26, n. 51, 2021.

HIRSCHI, Travis; STARK, Rodney. Hellfire and delinquency. Social Problems, v. 17, n. 2, p. 202-213, 1969.

HUNTER, Albert. "Private, parochial and public social orders: the problem of crime and incivility in urban communities". In: SUTTLES, G.; ZALD, M. (Orgs.). *The challenge of social control*. Norwood, NJ: Ablex Publishers, 1985, p.230-242.

IDEB, Portal. "INEP. Resultado Brasil." (2017). Disponível em <<https://www.qedu.org.br/>> Consultado em 02 de junho de 2020.

IDEB, Portal. "INEP. Resultado Ribeirão das Neves." (2018). Disponível em <<https://www.qedu.org.br/cidade/1918-ribeirao-das-neves/ideb/>> Consultado em 02 de junho de 2020.

IDEB, Portal. "INEP. Resultado Ribeirão das Neves." (2019). Disponível em <<https://www.qedu.org.br/cidade/1918-ribeirao-das-neves/ideb/>> Consultado em 02 de junho de 2020.

KERLEY, Kent R.; XU, Xiaohe; SIRISUNYALUCK, Bangon. Self-control, intimate partner abuse, and intimate partner victimization: Testing the general theory of crime in Thailand. *Deviant Behavior*, v. 29, n. 6, p. 503-532, 2008.

KOMATSU, André Vilela; BAZON, Marina Rezende. Fatores de risco e de proteção para emitir delitos violentos: revisão sistemática da literatura. *Perspectivas em Psicologia*, v. 22, n. 1, p. 180-206, 2018.

KOROTCHENKO, Stan; ANDERSON, Kim M. Community-Based Participatory Research: How Residents of a Small Low-Income Racially Homogenous Disadvantaged Neighborhood Perceive the Effects of Poverty Stigma, Community Disorder, & Feelings of Unsafety on Health. 2020.

Kreager, D., Ragan, D. T., Nguyen, H., & Staff, J. (2016). When onset meets desistance: Cognitive transformation and adolescent marijuana experimentation. *Journal of developmental and life-course criminology*, 2(2), 135-161.

KROESE, J., BERNASCO, W., LIEFBROER, AC, & ROUWENDAL, J. (2021). Crescer em famílias monoparentais e o envolvimento criminal de adolescentes: uma revisão sistemática. *Psicologia, Crime e Direito*, 27 (1), 61-75.

LANDSHEER, Johannes A.; VAN DIJKUM, CJ. Trajetórias de delinquência masculina e feminina da pré à adolescência média e sua continuação na adolescência tardia. *Adolescence*, v. 40, p. 729-748, 2005.

LANFEAR, Charles C. Collective efficacy and the built environment. *Criminology*, v. 60, n. 2, p. 370-396, 2022.

LAUB, John H.; SAMPSON, Robert J. Integrando dados quantitativos e qualitativos. *Métodos de pesquisa de curso de vida: abordagens qualitativas e quantitativas*, p. 213-230, 1998.

LAUB, John H.; NAGIN, Daniel S.; SAMPSON, Robert J. Trajetórias de mudança na ofensa criminal: bons casamentos e o processo de desistência. *Revisão sociológica americana*, p. 225-238, 1998.

LAUB, John H.; SAMPSON, Robert J. Começos compartilhados, vidas divergentes: meninos delinquentes até os 70 anos. Harvard University Press, 2006.

LEBLANC, Marc. A generic control theory of the criminal phenomenon: The structural and dynamic statements of an integrative multilayered control theory. In Terence P. Thornberry (ed.). *Developmental Theories of Crime and Delinquency*. (Advances in Criminological Theory, Vol. 7. 1997) New Brunswick, N.J.: Transaction.

LEBLANC, Marc. The Offending Cycle, Escalation and Descalation in Delinquent Behavior: A Challenge for Criminology. *International Journal of Comparative and Applied Criminal Justice*. Spring 2002, Vol. 26, N° 1, 2002.

LEVERSO, John; MATSUEDA, Ross L. Gang organization and gang identity: An investigation of enduring gang membership. *Journal of quantitative criminology*, v. 35, n. 4, p. 797-829, 2019.

LILES, Alessa. (2018). The Life Course of Female Homicide Offenders: The Context of Turning Points. *Journal of Qualitative Criminal Justice & Criminology*.

LUZES, C. A., e SANTOS, H. L. R. (2014). Violência urbana e teoria ecológica do crime: contribuições para a compreensão do fenômeno criminal na cidade de Maceió. *Revista de Estudos Criminais*, 12(52), 215-244.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. Sociabilidade Violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil Urbano. *Sociedade e Estado*, vol. 19, n. 1. Brasília, jan-jun, 2004.

MACHADO, Igor Suzano; GOUVÊA, Gustavo Moulin. De traficante a pastor: Uma análise da conversão religiosa de traficantes do Bairro da Penha em Vitória (ES). *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 15, p. 349-377, 2022.

MANSO, Bruno Paes. O homem X: uma reportagem sobre a alma do assassino em São Paulo. Editora Record, 2005.

MARANDOLA JR, Eduardo; DOS SANTOS, Francine Modesto. Percepção dos perigos ambientais urbanos: efeitos de lugar ou falácia ecológica? *Anais*, p. 1-23, 2016.

MARINHO, Marco Antônio Couto. Vida social na marginal: trajetórias juvenis na periferia metropolitana de Belo Horizonte. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016.

MARTINS, R. C., GONÇALVES, H., BLUMENBERG, C., KONSGEN, B., HOUVESSOU, G. M., CARONE, C., Gil, D.; LAUTENSCHLAGER, P.; WEHRMEISTER, F.; MENEZES, A., MURRAY, J. (2022). School performance and young adult crime in a Brazilian birth cohort. *Journal of developmental and life-course criminology*, 8(4), 647-668.

MARTINS, T.; BAUER, A.; MATIJASEVICK, A.; MUNHOZ, T.; BARROS, A.; SANTOS, I.; RODRIGUES L.; MURRAY, J. (2023). Early risk factors for conduct

problem trajectories from childhood to adolescence: the 2004 Pelotas (BRAZIL) Birth Cohort. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 1-15.

MARUSCHI, Maria Cristina; ESTEVÃO, Ruth; BAZON, Marina Rezende. Conduta infracional na adolescência: fatores associados e risco de reincidência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 66, n. 2, pág. 82-99, 2014.

MATTOS, Márcio Julio da Silva. Eficácia coletiva e vitimização: singularidades de controle social no Distrito Federal. Tese (doutorado)—Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, 2019.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Lisboa: Edições 70; 1988.

MAZEROLLE, Paul; MCGEE, Tara Renae. Understanding Offending Across the Life-Course: Current Theories and Conceptions. *Journal of Developmental and Life-Course Criminology*, v. 6, n. 2, p. 153-157, 2020.

MCGEE, T. R., WHITTEN, T., WILLIAMS, C., JOLLIFFE, D., & FARRINGTON, D. P. (2021). Classification of patterns of offending in developmental and life-course criminology, with special reference to persistence. *Aggression and Violent Behavior*, 59, 101460.

MERTON, Robert K. Social structure and anomie. *American sociological review*, v. 3, n. 5, p. 672-682, 1938.

MILLER, D. B., & BENNETT, M. D. (2015). Continued development of the Urban Hassles Index: Evolving examination of urban adolescent stressors. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 33(4), 327–335

MISSE, Michel e cols. Sobre a construção social do crime no Brasil. Acusados e acusadores: estudos sobre ofensas, angústias e incriminações. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

MOFFITT, Terrie E. Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: a developmental taxonomy. *Psychological review*, v. 100, n. 4, p. 674, 1993.

MOFFITT, T. E. (2006). Life-course-persistent versus adolescence-limited antisocial behavior. In D. Cicchetti, & D. Cohen (Eds.), *Developmental psychopathology: Risk, disorder, and adaptation* (2nd ed., pp. 570–598). New York: Wiley.

MORENOFF, Jeffrey D.; SAMPSON, Robert J. Crime violento e a dinâmica espacial da transição de bairro: Chicago, 1970-1990. *Forças sociais*, v. 76, n. 1, pág. 31-64, 1997.

MUSSON, G. (2004). Life histories. In C. Cassell & G. Symon (Eds.), *Essential guide to qualitative methods in organizational research* (34-44). Thousand Oaks, CA: SAGE.

MURRAY, Joseph; FARRINGTON, David P.; SEKOL, Ivana. Children's antisocial behavior, mental health, drug use, and educational performance after parental

incarceration: a systematic review and meta-analysis. *Psychological bulletin*, v. 138, n. 2, p. 175, 2012.

MURRAY, Joseph; FARRINGTON, David P. Parental imprisonment: effects on boys' antisocial behaviour and delinquency through the life-course. *Journal of Child Psychology and psychiatry*, v. 46, n. 12, p. 1269-1278, 2005.

MURRAY, Joseph; DE CASTRO CERQUEIRA, Daniel Ricardo; KAHN, Tulio. Crime and violence in Brazil: systematic review of time trends, prevalence rates and risk factors. *Aggression and violent behavior*, v. 18, n. 5, p. 471-483, 2013.

MURRAY, Joseph et al. Risk factors for antisocial behavior in low-and middle-income countries: a systematic review of longitudinal studies. *Crime and justice*, v. 47, n. 1, p. 255-364, 2018.

MYERS, W., LLOYD, K., TURANOVIC, J. J., & PRATT, T. C. (2018). Revisiting a criminological classic: The cycle of violence. *Journal of contemporary criminal justice*, 34(3), 266-286.

NAGIN, Daniel S.; LAND, Kenneth C. Age, criminal careers, and population heterogeneity: Specification and estimation of a nonparametric, mixed Poisson model. *Criminology*, v. 31, n. 3, p. 327-362, 1993.

NICO, Magda Lalanda. Transição biográfica inacabada: Transições para a vida adulta em Portugal e na Europa na perspectiva do curso de vida. 2011.

NIVETTE, Amy; PERES, Maria Fernanda Tourinho. Social Disorganization and Urban Homicide Rates: A Spatial-Temporal Analysis in São Paulo, Brazil 2000 to 2015. *Homicide Studies*, p. 10887679211010883, 2021.

NGUYEN, Holly; LOUGHRAN, Thomas A. On the measurement and identification of turning points in criminology. *Annual review of criminology*, v. 1, p. 335-358, 2018.

NÓBREGA JR, José Maria. Teorias do crime e da violência: uma revisão da literatura. *BIB-Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, n. 77, p. 69-89, 2014.

NÓBREGA JR, José Maria; ZAVERUCHA, Jorge; ROCHA, Enivaldo. Homicídios no Brasil: revisando a bibliografia nacional e seus resultados empíricos. *BIB-Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, n. 67, p. 75-94, 2009.

NORONHA, V. (2010). Pensando sobre políticas públicas de lazer para juventudes em contextos de vulnerabilidade social: contribuições a partir de pesquisa em Ribeirão das Neves. Belo Horizonte: Editora, Belo Horizonte: Editora, 2010. 176 p.

OBSERVATÓRIO, de Favelas. Índice de Homicídios na Adolescência. Disponível em: <http://of.org.br/apresentacao/>. Acesso em: 18/10/2022

OLIVEIRA, Patrícia Correia de. Coesão social, eficácia coletiva e criminalidade: o caso de Santo Amaro. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

OLIVEIRA, Leonardo Corrêa. A viabilidade da emancipação do distrito de Justinópolis da cidade de Ribeirão das Neves (Minas Gerais, Brasil) sob uma perspectiva econômico-financeira. Monografia/ Gestão Pública. Instituto Federal de Minas Gerais, 2021.

OLIVEIRA, L. C. P. Trajetórias infracionais na adolescência. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais 2020

OLIVEIRA, L. C. P., MOREIRA, J. D. O., SILVA, B. F. A. D., MARINHO, F. C., & SOUZA, J. M. P. D. (2019). Curso de vida, adolescentes e criminalidade: Uma leitura a partir do PIA. *Psicologia & sociedade*, 31.

OLIVEIRA, Valeria Cristina de. Revisão sistêmica da teoria da desorganização social: Um estudo sobre vitimização em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Curitiba. 2009.

PAIS, José Machado. Ganchos, tachos e biscates. Jovens, trabalho e futuro. Porto: Ambar, 2001.

PAIXÃO, A. L. (1991). Recuperar ou Punir?: Como o estado trata o criminoso. v. 21.

PARK, R. E. and BURGESS, E.W. 1984 [1925]. *The City: suggestions for the Investigation of Human Behavior in the Urban Environment*. Chicago: University of Chicago Press.

PATERNOSTER, Ray et al. The causal impact of exposure to deviant peers: An experimental investigation. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, v. 50, n. 4, p. 476-503, 2013.

PELEGIO, Maria Sofia Figueiredo. De Chicago ao Distrito Federal: a possibilidade de aplicação de preceitos e projetos de escola sociológica e criminológica de Chicago às favelas candangos. Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, 2015

PIQUERO, Alex R. “We study the past to understand the present; we understand the present to guide the future”: The time capsule of developmental and life-course criminology. *Journal of Criminal Justice*, p. 101932, 2022.

REIS, José Guilherme Almeida; BARROS, Ricardo Paes. Desigualdade salarial: resultados de pesquisas recentes. *Distribuição de renda no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, p. 69-81, 1991.

RODRIGUES, Corinne D.; OLIVEIRA, Valéria Cristina. Medo de crime, integração social e desordem: uma análise da sensação de insegurança e do risco percebido na capital de Minas Gerais. *Revista Teoria & Sociedade*, v. 2, pág. 156-184, 2012.

RODRÍGUEZ, M. N. T., BAZÁN, C. M., PARDO, X. M., BENÍTEZ, M. G. P., DELGADILLO, C. A., Díaz, D., & BÁEZ, R. S. (2022). Fatherhood among adolescents in conflict with the law: A family systemic approach. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 20(1), 10.

ROLIM, Marcos. Desistência do crime. *Sociedade e Estado*, v. 33, p. 829-847, 2018.

ROSE, Dina R.; CLEAR, Todd R. Incarceration, social capital, and crime: Implications for social disorganization theory. *Criminology*, v. 36, n. 3, p. 441-480, 1998.

SALGADO, Nayara de Amorim. 'A pedra não para': um estudo sobre a crackolândia na cidade de Belo Horizonte/MG. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, v. 20, n. 1, p. 268-293, 2013.

SALGADO, Nayara de Amorim. Cartografias da pedra: estudo sobre os circuitos de consumo de crack no bairro da Lagoinha, região central de Belo Horizonte (Minas Gerais Brasil). 2017.

SALGADO, Nayara de Amorim. O processo de ocupação territorial da cidade de Ribeirão das Neves (RMBH) – Notas sobre o impacto socioambiental. V simpósio do Instituto de Ciências Sociais – meio ambiente e direito à vida, Belo Horizonte, 27 out. 2016.

SALGADO, Nayara de Amorim. Metropolização e desigualdades: Notas sobre a dinâmica de crescimento populacional e a produção do patrimônio cultural da cidade de Ribeirão das Neves (MG-Brasil). *Revista Ensaio*, v. 10, p. 50-71, 2017.

SALGADO, Nayara de Amorim; SILVA, Bráulio Figueiredo Alves. Estudo sobre o bairro Lagoinha em Belo Horizonte (MG-Brasil). Entre a tradição, a decadência e a crackolândia: “crônica de uma morte anunciada?”. *Novos Cadernos NAEA*, v. 21, n. 3, 2018.

SALGADO, Nayara de Amorim; SILVA, Bráulio Figueiredo Alves. Territórios urbanos do uso de crack em Belo Horizonte–Minas Gerais, Brasil–Uma análise da “Cracolândia” sob as perspectivas ecológicas do crime. *Análise Social*, v. 55, n. 4 (237, p. 808-832, 2020.

SALGADO, Nayara de Amorim e ELIZIO, Thárcio. “Ensaio sobre Ribeirão das Neves e as políticas públicas”. In *Ribeirão das Neves: pesquisa cultura e novos tempos* 1.ed. [livro eletrônico] / organização Guidyon Augusto. – São Paulo: Estúdio Aspas, 2021.

SAMPSON, Robert J.; GROVES, W. Byron. Community structure and crime: Testing social-disorganization theory. *American journal of sociology*, v. 94, n. 4, p. 774-802, 1989.

SAMPSON, R. J., & LAUB, J. H. (1993). *Crime in the making: Pathways and turning points through life*. Harvard University Press.

SAMPSON, R. J.; LAUB J. H. – A Life Course Theory of Cumulative Disadvantage and Stability of Delinquency – In *Advances in Criminological Theory*, Vol. 7 edited by Terry Thounberry (Developmental Theories of Crime and Delinquency, Transaction 1997).

SAMPSON, Robert J.; MORENOFF, Jeffrey D.; EARLS, Felton. Além do capital social: Dinâmicas espaciais de eficácia coletiva para crianças. *Revisão sociológica americana*, p. 633-660, 1999.

SAMPSON, Robert J.; RAUDENBUSH, Stephen W.; EARLS, Felton. Neighborhoods and violent crime: A multilevel study of collective efficacy. *science*, v. 277, n. 5328, p. 918-924, 1997.

SAMPSON, Robert J.; RAUDENBUSH, Stephen W.; EARLS, Felton. Neighborhood Collective Efficacy--: Does it Help Reduce Violence?. US Department of Justice, Office of Justice Programs, National Institute of Justice, 1998.

SAMPSON, Robert J.; RAUDENBUSH, Stephen W. Systematic social observation of public spaces: A new look at disorder in urban neighborhoods. *American journal of sociology*, v. 105, n. 3, p. 603-651, 1999.

SAMPSON, Robert J.; WILSON, William Julius; KATZ, Hanna. Reavaliando “Rumo a uma teoria de raça, crime e desigualdade urbana”: Desafios novos e duradouros na América do século XXI. *Revisão de Du Bois: Pesquisa em Ciências Sociais sobre Raça*, v. 1, pág. 13-34, 2018.

SAMPSON, Robert J. Networks and neighbourhoods. *Demos Collection*, p. 155-166, 2004.

SAMPSON, Robert J; LAUB, John H. A Life-Course View of the Development of Crime. *Annals of the American Academy of Political and Social Science* 602. 12-45. 2005.

SAMPSON, Robert J. Great american city. In: *Great American City*. University of Chicago Press, 2012.

SANTOS, Thiago Narciso dos. Penitenciária José Maria Alkimin como uma importante memória de Ribeirão Das Neves. In: *Ribeirão das Neves: pesquisa cultura e novos tempos* 1.ed. [livro eletrônico] / organização Guidyon Augusto. – São Paulo: Estúdio Aspas, 2021.

SAPORI, Luís Flávio; CAETANO, André Junqueira; SANTOS, Roberta Fernandes. A reiteração de atos infracionais no Brasil: o caso de Minas Gerais. *Revista Direito GV*, v. 16, 2020.

SCHEIDT, Alisson Renan, BORLOTTI, Monica Aparecida, KUZMA, Edson Luis Kuzma. Índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM) no Brasil: um relato da desigualdade entre educação, renda e longevidade. XXXI Congresso Alas, 2017.

SCHINKEL, Marguerite. Rethinking turning points: Trajectories of parenthood and desistance. *Journal of developmental and life-course criminology*, v. 5, n. 3, p. 366-386, 2019.

SILVA, Bráulio Figueiredo A. da. 2004. Coesão Social, Desordem percebida e Vitimização em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Dissertação de mestrado, Programa de Sociologia, UFMG.

SILVA, B. F. A., e MARINHO, F. C. Ecologia Urbana e Crime: análise comparativa entre Minas Gerais e França. 2015.

SILVA, M. A. e SALGADO, N.A. Diagnóstico sobre evasão escolar no Município de Ribeirão das Neves. Conselho Municipal da criança e do adolescente de Ribeirão das Neves. 2020.

SILVA, M. A. e SALGADO, N.A. “Juventudes” na cidade periférica e participação política: um estudo de caso do Coletivo Semifusa de Ribeirão das Neves, Minas Gerais – Brasil. In Ribeirão das Neves: pesquisa cultura e novos tempos 1.ed. [livro eletrônico] / organização Guidyon Augusto. – São Paulo: Estúdio Aspas, 2021.

SILVA, Marcos Antonio e SALGADO, Nayara de Amorim. “Juventudes” na cidade periférica e participação política: um estudo de caso do Coletivo Semifusa de Ribeirão das Neves, Minas Gerais – Brasil. Ribeirão das Neves: pesquisa cultura e novos tempos 1.ed. [livro eletrônico] / organização Guidyon Augusto. – São Paulo: Estúdio Aspas, 2021.

SILVEIRA, Andréa Maria. A prevenção de homicídios: a experiência do Programa Fica Vivo no Morro das Pedras. *Educação e Realidade*, v. 33, n. 02, p. 163-176, 2008.

SIVERTSSON, Fredrik; CARLSSON, Christoffer; HOHERZ, Andreas. Is there a long-term criminogenic effect of the exposure to a paternal conviction during upbringing? An analysis of full siblings using Swedish register data. *Journal of Quantitative Criminology*, p. 1-21, 2021.

SYKES, Gresham M.; MATZA, David. Techniques of neutralization: A theory of delinquency. *American sociological review*, v. 22, n. 6, p. 664-670, 1957.

SHAW, Clifford R. e MCKAY, Henry D. (1942), *Juvenile Delinquency and Urban Areas*. Chicago, University of Chicago Press.

SHERMAN, Lawrence W.; GARTIN, Patrick R.; BUERGER, Michael E. Pontos quentes do crime predatório: atividades rotineiras e a criminologia do lugar. *Criminologia*, v. 27, n. 1, pág. 27-56, 1989.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. Não matará: desenvolvimento, desigualdade e homicídios. Editora FGV, 2008.

SOUSA, E. A. Alternativas públicas não estatais para a provisão de habitação popular: o caso do Bairro Metropolitano. 2002. Dissertação, PUC - MG.

SOUZA, Joseane. A Expansão Urbana de Belo Horizonte e da Região Metropolitana de Belo Horizonte: O Caso Específico do município de Ribeirão das Neves. Tese de doutorado, 2008. Cedeplar/UFMG.

SOUZA, Joseane; BRITO, Fausto Reynaldo Alves. A expansão urbana de Belo Horizonte e da RMBH em direção ao Vetor Norte Central, nos períodos 1986 - 1991 e 1995 - 2000. Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu, MG, Brasil, 2008.

SOUZA, Jessé. A ralé brasileira: quem é e como vive. Civilização Brasileira, 2022.

TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. A construção social do “ex-bandido”: Um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009

TONUCCI FILHO, João; FREITAS, Daniel Medeiros de. Planejamento metropolitano e grandes projetos urbanos: concepção e descaminhos da política de novas centralidades na RMBH. Cadernos Metrópole, v. 22, p. 61-84, 2019.

TÔRRES, Marina Abreu. Quando o ônibus não passa: transporte e exclusão social em Ribeirão das Neves. Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 23, 2018.

THRASHER, F. M. (1927). The Gang: A Study of 1313 Gangs in Chicago. Chicago, IL: University of Chicago Press

THORNBERRY, Terence P; KROHN, Marvin. The development of delinquency: An interactional perspective. In Susan O. White (ed.). Handbook of Youth and Justice. New York: Plenum. 2001

THORNBERRY, TP, FREEMAN-GALLANT, A., LIZOTTE, AJ, KROHN, MD, & SMITH, CA (2003). Vidas ligadas: A transmissão intergeracional do comportamento antissocial. Jornal de psicologia infantil anormal, 31 (2), 171-184.

VIDAL, Jamille Cristinne Guimarães. Fatores criminógenos: um estudo da favela Santa Luzia em Brasília à luz da escola ecológica de Chicago. Monografia curso direito. Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, 2014.

VILLARREAL, Andrés; SILVA, Bráulio FA. Coesão social, vitimização criminal e risco percebido de criminalidade em bairros brasileiros. Forças sociais, v. 84, n. 3, pág. 1725-1753, 2006.

WEISBURD, David; GROFF, Elizabeth R.; YANG, Sue-Ming. A criminologia do lugar: segmentos de rua e nossa compreensão do problema do crime. Oxford University Press, 2012.

WEISBURD, David; FARRINGTON, David P.; GILL, Charlotte (Ed.). O que funciona na prevenção e reabilitação do crime: Lições de revisões sistemáticas. Springer, 2016.

WILSON, W. J. (1987). *The truly disadvantaged: The inner city, the underclass, and public policy*. Chicago, IL: University of Chicago Press

YODANIS, C. and GODENZI, A. (1999), 'Male violence: the economic costs. A methodological review', "Proceedings of the Seminar on Men and Violence against Women, Strasbourg, 7 and 8 October 1999", EG/SEM/VIO (1999) 21, pp. 117-128.

ZALUAR, Alba. Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 12, p. 29-47, 1997.

ZALUAR, Alba; RIBEIRO, Ana Paula Alves. Teoria da eficácia coletiva e violência: o paradoxo do subúrbio carioca. *Novos estudos CEBRAP*, p. 175-196, 2009.

ZILLI, Luís Felipe. Violência e criminalidade em vilas e favelas dos grandes centros urbanos: um estudo de caso da Pedreira Prado Lopes. Dissertação de mestrado em Sociologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Minas Gerais, 2004.

ZILLI, Luís Felipe; BEATO, Cláudio. Gangues juvenis, grupos armados e estruturação de atividades criminosas na Região Metropolitana de Belo Horizonte. *Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, p. 73-110, 2015.

WASELFISZ, J. J. (2007). Mapa da violência 2007 – Mapa da Violência dos municípios Brasileiros. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/is000008.pdf>. Acesso em: 18/06/2020.

WASELFISZ, J. (2013). Mapa da violência 2013 – Homicídios e juventude no Brasil. Rio de Janeiro: CEBELA/FLACSO Brasil. Disponível em: <https://www.esteio.rs.gov.br/documents/SMSMU/Mapa%20da%20Violencia/Mapa%20da%20Violencia%202013.pdf>. Acesso em: 18/06/2020.

WASELFISZ, J. (2015). Mapa da violência 2015 – Adolescentes de 16 e 17 anos no Brasil. Disponível em: <https://issuu.com/participatorio/docs/mapaviolencia2015>. Acesso em: 18/06/2020.

WALTERS, Glenn D. Low self-control, peer rejection, reactive criminal thinking, and delinquent peer associations: Connecting the pieces of the crime puzzle. *Journal of Developmental and Life-Course Criminology*, v. 2, p. 209-231, 2016.

WALLACE, Danielle et al. Reincidência e relacionamentos: Examinando o papel dos relacionamentos, transições e qualidade do relacionamento no reencarceramento. *Journal of Developmental and Life-Course Criminology*, v. 321-352, 2020.

APÊNDICE

Roteiro de entrevista

1. Esboço do roteiro para entrevista em profundidade com jovens

DADOS PESSOAIS E FAMILIARES

1. Nome, idade.
2. O que faz atualmente (trabalha, estuda...)
3. Com quem mora?
4. Quantas pessoas trabalham em casa?
5. Informações sobre os pais.
6. Local de residência: (Rua e Bairro)
7. Quem é principal responsável por sua família?
8. Qual sua cor?
9. Qual a sua religião? Já teve?
10. Qual a escolaridade da família?
11. Qual a situação de atividade do responsável pela sua família.
12. Qual a profissão do responsável pela sua família.

INFÂNCIA

13. Como foi a infância, de uma maneira geral?
14. Relembrar como era sua vida antes da entrada na escola.
15. Como seus pais participavam de sua vida na infância?
16. Que tipo de apoio, acompanhamento eles davam?
17. Como era a relação com os irmãos?

TRAJETÓRIA ESCOLAR

18. Em quais escolas estudou? (Quais as dependências? Particular/estadual/municipal)
19. Repetiu de ano?
20. Durante o Ensino Fundamental/Médio como você avalia a sua experiência escolar?
21. Como era sua relação com os amigos, professores?
22. Você trabalhou enquanto estudava no Ensino Médio? Em quê? Como era? Fale um pouco dessa experiência de trabalhar e estudar.
23. Quais motivos da desistência da escola?

24. Quer voltar a estudar?

CONDIÇÃO JUVENIL

25. Para além da escola, o que você gostava/gosta de fazer?

26. Fale-me um pouco sobre os seus amigos. Onde você os conheceu?
(escola, bairro, outros espaços)

27. Namora? Para onde costuma sair? Com quem?

28. O que gosta de fazer no seu tempo livre?

PLANOS FUTUROS

29. O que você planeja para este ano?

30. O que você planeja para o próximo ano?

31. Como você se vê daqui a dez anos?

32. Quais são suas estratégias para conseguir alcançar estes objetivos?

DROGAS E CRIME

33. Já sofreu discriminação? Quais, como?

34. Já sobre violência? (Polícia, família, crime, outros)

35. Já fez uso de algum tipo de droga? Qual? Com que frequência? Porque?

O que sua família achava disso?

36. O uso de drogas atrapalha ou modifica sua vida?

37. O uso de drogas influencia na trajetória de vida? E na trajetória escolar?

38. Como custeia o consumo de drogas?

39. Se envolveu com grupos criminais? Como influenciou sua vida? Como influenciou seus estudos? Como influenciou a relação com a família? O que sua família achava disso?

40. Já foi preso ou detido?

41. Já se envolveu em brigas?

42. Pensou em parar com essas atividades?

43. Valeu a pena se envolver com o crime e drogas?

44. O que seus amigos acham disso? Sua família? Namorad(o/a)?

RELAÇÃO COM A CIDADE

45. Há quantos anos mora na cidade de Ribeirão das Neves?

46. Frequenta os espaços públicos da cidade de Ribeirão das Neves?

47. Com que frequência vai a Belo Horizonte?

48. Já sofreu preconceito por morar aqui em Ribeirão das Neves?

49. Quais as coisas boas e as coisas ruins de morar em Ribeirão das Neves?

50. Se pudesse sair da cidade de Ribeirão das Neves, se mudaria?
51. Quais as dificuldades de viver em Ribeirão das Neves?
52. Ribeirão das Neves é uma cidade violenta?
53. Já perdeu amigos ou familiares em Ribeirão das Neves?
54. A polícia age igual ou diferente de outros lugares em Ribeirão das Neves?
55. Tem parentes residentes na vizinhança?
56. Frequência com que visita e é visitado pelos vizinhos.
57. Qual o nível de confiança nos vizinhos? Considera-os prestativos?
58. Participam de alguma organização (formal ou não) na cidade?
59. Se visse algum tipo de crime (vandalismo ou jovens fugindo da escola), teria coragem de intervir? Como?